



# PELA JANELA DO TEMPO

Fernando Antônio Dias  
dos Reis Junior

Volume 1

Fernando Antônio Dias dos Reis Júnior

PELA  
JANELA  
DO  
TEMPO

Volume 1

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Reis Júnior, Fernando Antônio Dias dos  
Pela janela do tempo : volume 1 / Fernando Antônio  
Dias dos Reis Júnior. -- Ribeirão Preto, SP :  
Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto, 2023.

ISBN 978-65-998084-5-6

1. Memórias 2. São Joaquim da Barra (SP) -  
História 3. São Paulo (Estado) - História I. Título.

23-158189

CDD-981.61

**Índices para catálogo sistemático:**

1. São Joaquim da Barra : São Paulo : História  
981.61

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Esta edição conta com o patrocínio da Usina Alta Mogiana e integra o Projeto Plano Anual 2021/2022: Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto, código 31117, do ProAC ICMS – Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa

Todos os direitos desta edição estão reservados e protegidos pela Lei 9.610/98 à  
**FUNDAÇÃO DO LIVRO E LEITURA DE RIBEIRÃO PRETO**  
Rua Prof<sup>o</sup> Mariano Siqueira, 81, Jd. América | Ribeirão Preto | SP | (16) 3911.1050

[www.fundacaodolivroeleituarp.com](http://www.fundacaodolivroeleituarp.com)

1ª edição

# SUMÁRIO

10

Agradecimentos

12

Prefácio

14

Apresentação

20

Pioneiros Joaquinenses

25

Bem-vindos a São Joaquim da Barra

28

E já se passaram dois séculos

31

1896 | Manoel Damásio Ribeiro,  
o baluarte do progresso joaquinense

41

1898 | Neste sertão

47

1901 | A primeira capela do povoado

57

1902 | Do carro de boi ao trem de ferro

	71
1903   Um lugar para o eterno descanso	
	82
1909   O início das movimentações sociopolíticas	
	87
Do querosene ao dínamo	
	97
1914   A igreja do Padre Pontes	
	106
1916   São Joaquim progredia	
	110
1917   Sob qualquer chapéu, há uma cabeça política	
	126
Gafanhotos e Jaburus	
	135
1918   Ô abre alas, que eu quero passar	
	138
1919   As primeiras casas bancárias	
	152
José Casemiro da Silva Leça	

157

Os loucos anos de 1920

168

1927 | Nosso jardim

173

Nosso antigo coreto

177

1928 | A instalação da comarca

189

1929 | Jacinta das cabritas

195

Década de 1930 e as revoluções

210

1936 | Rolandro Boldrin, o ilustre filho joaquinense

217

1940

227

A igreja da Lapa

231

Lapa, o marco de uma tragédia

237

A Santa Casa de São Joaquim

	241
1950   Década de 1950, os anos dourados de São Joaquim	
	251
A estação rodoviária	
	262
Um casal que ensinou o povo a rezar	
	268
O crepúsculo de uma administração exuberante	
	278
1964   Grupo da Lapa	
	283
1951   Uma miss entre nós	
	289
1952   O roupeiro Santa Rita	
	299
1964   Toda diferente é uma igreja	
	313
1967   São Joaquim, a "Capital da Soja"	
	318
Devolve o santo, Boy!	
	324
2011   O centenário da paróquia São Joaquim	



## AGRADECIMENTOS

Esta ciência humana chamada História sempre cultivou, em mim, um grande carinho, desde os primeiros tempos, ainda pequeno, sentado nos bancos da escola. Talvez, inconscientemente já houvesse essa predileção, que viria a aflorar neste despretenso trabalho.

A sensação de dever cumprido é tão profunda, que não conseguiria descrevê-la nessas linhas. Por mais que tentasse, seria inútil. É um misto de alegria e satisfação, desgastes físico e mental, recompensados neste momento. E hoje, ao preencher estas linhas, há uma extensa e maravilhosa abonança!

A abonança, a que me refiro, não é a de lançar mais um livro, mas, sim, dos amigos que criei nesses anos de pesquisa. E quantos amigos. Gente de primeira! Agradeço de todo o meu coração às pessoas que contribuíram com depoimentos, fotos, histórias, para que este livro chegasse até às suas mãos.

Aos amigos de igreja, trabalho, convívio e rede social. Verdadeiros amigos, que não ouviram outra coisa sair de minha boca que não fossem

## AGRADECIMENTOS

as histórias contidas neste livro. Hoje entendem minha ausência. A causa está neste amontoado de histórias aqui perpetuadas.

À família do professor Lúcio de Oliveira Falleiros, que confiou a mim a tutela de todo o seu acervo histórico.

Agradeço também à minha família, aos meus pais, irmãos, que sempre apoiaram, incentivaram e compreenderam, em todos os momentos, meus isolamentos, minhas ausências, principalmente nas festas de família. E, hoje, há outro motivo para agradecer, minha sobrinha Maria Clara, fiel ajudante desta obra.

Obrigado a vocês, meus amigos. Espero que tenham uma boa leitura e que também possam viajar pelo passado, assim como fiz quando projetei cada página desta obra.

Aos meus antepassados, que também passaram pelas portas da Estação Mogiana e aqui projetaram seus sonhos de um futuro melhor.

*O autor*

## PREFÁCIO

Prefaciар um livro é sempre uma honra, para quem recebe o convite, ou é designado a fazê-lo. Ao mesmo tempo, é tarefa de grande responsabilidade, porque o prefácio é o texto que antecede o que foi escrito pelo autor; deve, portanto, despertar a curiosidade do leitor sobre a história, a pesquisa, os poemas, o romance, os contos.

Pois este Pela janela do tempo, tem de um tudo, como dizem na boa e saborosa língua do povo: história, pesquisa, contos, poemas, todos relacionados à formação e ao desenvolvimento da cidade de São Joaquim da Barra/SP, também minha terra natal, assim como do autor deste livro.

Fernando Antônio Dias dos Reis Júnior, o tão querido Fernandinho, desde criança, era conhecido na comunidade católica da cidade como um garoto frequentador assíduo dos eventos da igreja, especialmente na capela da Lapa, onde dormia no colo da avó. Daí, para ganhar o apelido de Fernandinho da Lapa, foi um passo. Foi assim que o conheci, e assim o chamo até hoje, quando ele não é mais um garoto, e se tornou, oficialmente, o novo historiador da cidade.

## PREFÁCIO

É com esse que sigo, agora. Como todos os que conheceram o saudoso professor Lúcio Falleiros, como seus alunos, ou não, Fernando também era seu admirador. O gosto pela pesquisa, por escrever histórias sobre pessoas e a cidade, os aproximou. Ambos, católicos fervorosos, tinham muito assunto para trocar. Em pouco tempo, o pupilo tornou-se assistente do velho mestre, e o ajudava nas pesquisas. E assim seguiram, até o final da vida do professor, que lhes passou o bastão, os livros, os documentos históricos valiosíssimos.

Agora, nasce um novo livro sobre a cidade, que perpassa as janelas do tempo, dos tempos – reconta o antigo –, faz a ponte com o novo, acrescenta informações a fatos já relatados, com narrativas interessantes sobre personagens históricas e populares. Até visitas ao cemitério integram seu trabalho atual, para levantar curiosidades típicas do recinto – defuntos milagreiros, túmulos virados.

E, inquieto, já prepara o próximo projeto, que será uma enciclopédia joaquinese, narrando o antes, o agora e deixando as reticências para o depois, e a quem quiser dar continuidade ao primoroso, árduo e valioso trabalho de contar a história da cidade.

Aos jovens que possam ter algum interesse, ainda que discreto, pela obra, leiam um bom conselho: deixem seus celulares e tablets desligados, e façam uma imersão nesta leitura. Conhecerão a identidade original da cidade onde nasceram, seus fundadores, a geografia inicial, e, certamente, identificarão nomes e pessoas que têm a ver com suas próprias histórias; verão como era o tempo em que seus avós e bisavós eram crianças. Vale a pena!

Aos leitores, boa viagem, neste túnel do tempo, produzido por infindáveis letras e palavras primorosamente organizadas por Fernando, o queridíssimo Fernandinho da Lapa, católico, beato, filho fiel de Nossa Senhora, pianista, e também um maluquinho que poucos conhecem. Eu o conheço desde 2011, quando nossos caminhos se cruzaram nas comemorações dos cem anos da paróquia de São Joaquim – eu, um ET; ele, figura fácil na comunidade católica. E demos certo!

*Rita Lopes Teixeira*

## APRESENTAÇÃO

Foi um hiato de quase 12 anos, desde o último lançamento, naquele dezembro de 2011, celebrando o primeiro centenário da paróquia São Joaquim. Ainda é muito viva, na memória, aquela tarde de 22 de dezembro, com os convites distribuídos, presenças confirmadas, às vésperas do Natal, em plena praça Sete de Setembro, tudo como imaginado. A ideia inicial era realizar dentro da Igreja matriz, pois o livro contava a sua história, e nada mais justo do que celebrar essa ocasião no lugar sagrado, porém, à época, não foi autorizado pelo vigário paroquial.

Tenda montada, tapetes, som, iluminação, decoração e livros nos expositores, e a histórica imagem de Nossa Senhora das Graças, na mesa em que eu daria autógrafos. Tudo impecavelmente organizado, para aquela noite especial. Até a banda Lyra União e Trabalho foi convidada para abrilhantar a ocasião.

Só não contávamos com a brusca mudança do tempo. O céu de São Joaquim ficou escuro como se Deus estivesse num daqueles dias

## APRESENTAÇÃO

zangados, quando mandou um dilúvio. Fazia tempo que o céu não ficava bravo daquele jeito. Cinco da tarde e já escuro? De fato, era um fenômeno estranho, para o mês de dezembro, talvez uma mensagem ou um presságio que foge da compreensão humana. A ventania levantou muita poeira sobre a cidade e não foi só a poeira levantada.

Naquele pandemônio, ouvia-se muita gritaria; a estrutura que abrigaria a noite de autógrafo inflou e ficou suspensa feito um balão; em fração de segundos, tudo havia sido arrastado pelo vento. Tenda retorcida como uma bola de papel; livros para todos os cantos da praça; e, para o chão, fomos eu e a imagem de Nossa Senhora, que me valeu do livramento de não ter sido prensado entre as ferragens.

As nuvens, que passaram por cima da Igreja Matriz, formavam como aquelas trombas d'água que caem das cabeceiras de rio, fazendo estrago tamanho; o que nos restou foi sentar-nos nas escadarias da Igreja Matriz e chorar. O que não contávamos é que, depois da tempestade, apareceriam muitas pessoas, de todos os cantos da praça, para ajudar a recolher o que havia se espalhado.

E como deveria ser desde o início, o lançamento foi realizado dentro da Igreja Matriz, após a missa de Santa Rita; mesa colocada ao lado do presépio, mesmo que a contragosto do padre, e a presença em massa de muitos e queridos amigos.

Desde então, muito se amadureceu e muito amadureci, principalmente nas pesquisas sobre a história de nossa região e do berço joaquinese onde nasci e, também, muitos de vocês, queridos leitores. Confesso que nunca tive a pretensão de me tornar escritor memorialista, pelo menos pensava assim, quando esbocei o livro *Contos e Encantos de minha Lapa*, no ano de 2010. A ideia era registrar os fatos da antiga e mais tradicional festa de nossa cidade. E, de certa forma, os caminhos foram se tecendo naturalmente.

Nesse período, conheci o poderoso e saudoso professor Lúcio de Oliveira Falleiros, que me apontou os caminhos, indicou as veredas e,

como sábio, mestre dos números e das letras, foi moldando um jovem curioso a seguir seus passos. Nos mais de dez anos, estreitamos os nossos laços de amizade e carinho; falávamos da velha São Joaquim, antes da Barra; das crônicas e de sua conversão religiosa tanto rezada por sua mãe, dona Jupyra.

O bom velhinho tinha ares de avô, com seus grandes óculos. Contava também outras histórias, principalmente da genealogia da família Falleiros, que todo santo dia fazia questão de atualizar. E, entre um café e outro, com seu pão de queijo de dez centavos, fizemos juntos pesquisas, elaboramos a Exposição sobre São Joaquim, em 2013, e esboçamos uma enciclopédia que não saiu do papel.

O nonagenário passou ileso pela Covid, só que partiu antes do combinado, às vésperas do meu aniversário, no dia 27 de junho de 2021. Como assim?! Conversamos um dia antes, íamos nos encontrar para colocar o papo em dia, e, na manhã daquele domingo, falecido? Aproveito a apresentação desta obra para dedicar a ele todo o trabalho. Antes de dizer adeus, Lúcio nos deixou uma marca, uma história, um legado de uma forma apaixonante...

Hoje, apresento a vocês o livro: Pela janela do tempo, volume 1, e nele traço, de forma resumida, toda a história de São Joaquim, até meados da década de 1960. Muitos hão de questionar; dirão que é mais do mesmo; ou de não ter trazido todos os detalhes ano a ano, ou até mesmo esquecido outros fatos importantes. Esses já foram eternizados pelas Memórias de São Joaquim I, II e III. Fiz apenas um compêndio de histórias já contadas, contextualizadas à luz dos dias atuais. Uma obra cujo próximo volume está sendo elaborado, e apresentará São Joaquim da metade da década de 1960 até os dias atuais.

Assim como há encontros pela vida, também há entre autores e personagens, entre pesquisadores e seus objetos de pesquisa.

Descobri personagens históricos de nossa cidade e me debrucei sobre eles com rigor e ternura, em meses de pesquisa. E foi assim que as vozes

## APRESENTAÇÃO

do passado começaram a se encaixar perfeitamente, como um quebra-cabeça, e começaram a ressurgir tantas histórias, muito antes, esquecidas.

Como sabemos, o historiador lida com palavras... Palavras que se leem do passado; palavras que falam no presente; palavras que escrevem para o futuro. Assim, ele começa a percorrer e imaginar um determinado tempo, que lhe é necessariamente diferente, fazendo de uma maneira racional e amorosa, nunca o distorcendo ou o adaptando aos seus preconceitos. Juntar todas as histórias foi como montar um gigantesco quebra-cabeça, todas as peças aqui salteadas, guardadas em armários e gavetas, no arquivo do professor Lúcio, que hoje tenho a honra de ser o responsável, dando continuidade ao seu trabalho de historiador.

Este compêndio tem origem na intenção de prestar culto e exaltação ao trabalho daqueles que fizeram São Joaquim despontar no céu do estado de São Paulo, trabalho esse como essência da condição humana, no sentido mais amplo e despojado que a expressão encerra, o da diligência que ocupa e dignifica o homem no viver de todos os momentos; o trabalho permite a realização humana em toda a sua plenitude.

E o personagem central que inspirou este livro, a partir do qual se irradia esta exaltação ao trabalho, é o próprio povo de São Joaquim. Povo esse que aqui chegou e fez essa terra se tornar a Joia da Alta Mogiana.

A singela e despojada preocupação de impedir que a memória dos antepassados caia na vala comum do esquecimento, acaba sendo também uma forma de mantê-los vivos, como se aqui estivessem, e não apenas uma lembrança fugidia como uma sombra difusa.

De resto, este livro contém uma história para os mais jovens que não chegaram a conhecer os bisavós, assim também para as gerações futuras, como uma fonte inspiradora a moldar o cidadão. Conhecer as raízes da própria história representa, além do merecido preito que se deve aos ancestrais que assentaram os alicerces da vida de tanta gente, uma condição substantiva para o fortalecimento do espírito da cidadania.

O único recurso para a recuperação da memória são as recordações



## PELA JANELA DO TEMPO

guardadas pelos mais velhos sobre o que viram e ouviram contar. Se assim não o fizerem, ao morrerem, desaparece também, definitivamente, a história da família. Com essa singela pesquisa, resgatam-se, por um lado, os momentos primordiais de nossa história; por outro, não se negligenciam fatos comezinhos do cotidiano, preservados em outro lugar, senão num recanto perdido da memória e do material impresso carinhosamente guardado.

Da simples memória, torna-se uma ata familiar, que servirá àqueles que eventualmente se interessarem por mais detalhes. Cumpre-se uma palavra de gratidão a todos que facilitaram o acesso aos documentos, cujos nomes estão arrolados no final deste desprezioso livro. Se este livro possuir um condão de agradar a alguém; se conseguir proporcionar alguns momentos de prazer espiritual ao leitor amigo, a missão foi cumprida.

Espero que aqueles que leiam esta obra possam também participar da mesma emoção que tive ao escrevê-la. É muito bom quando nos conscientizamos de que “nós não viemos do nada”. Devemos nos orgulhar de nossos antepassados, que fazem parte de nossa história de vida. Nossa identidade começa com a história deles, pessoas que, em tempos idos, o tempo impiedoso e cruel, teima em apagar das memórias.

Nas alamedas da memória, São Joaquim tem mais histórias que uma mangueira com suas folhas.

*O autor*

## APRESENTAÇÃO

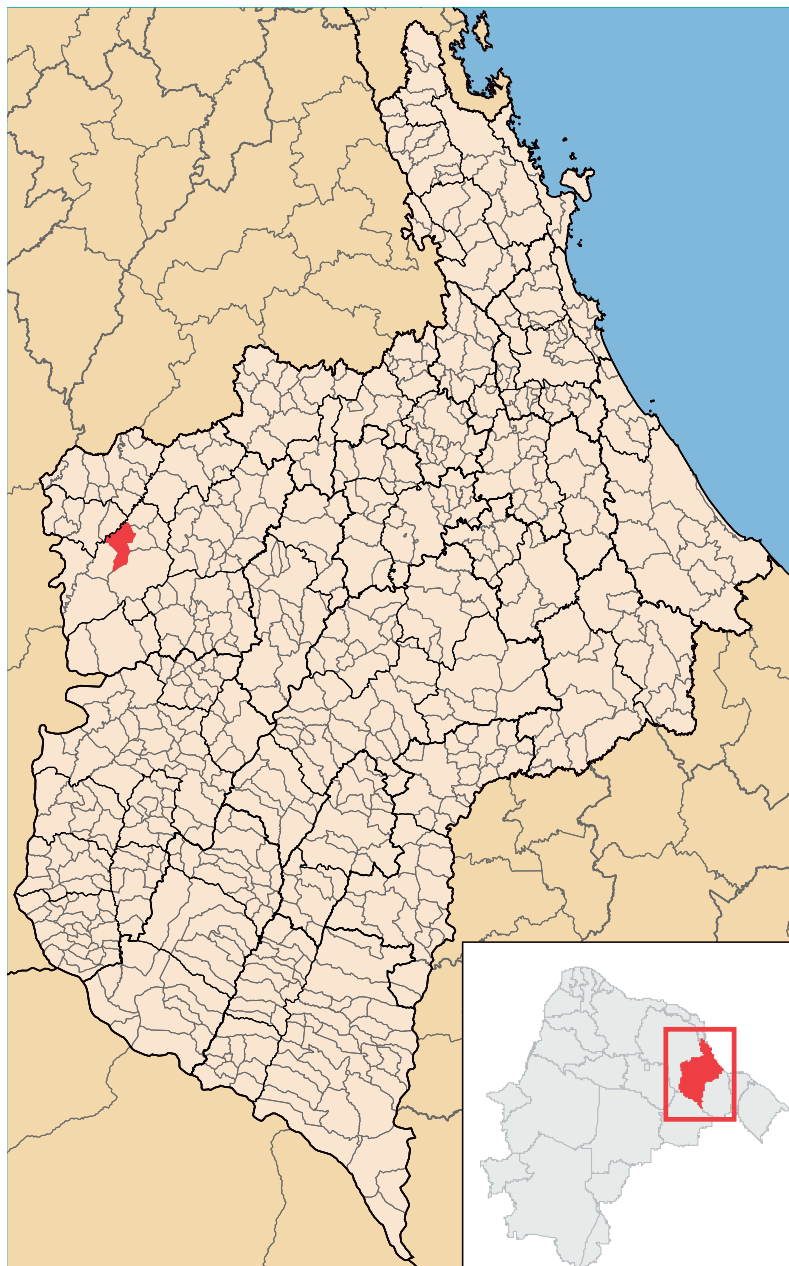


**AO MESTRE, COM CARINHO.** Professor Lúcio de Oliveira Falleiros, 1924-2021

PIONEIROS  
JOAQUINENSES

PIONEIROS  
JOAQUINENSES

## PIONEIROS JOAQUINENSES



MAPA de São Joaquim da Barra

Fonte: Wikimedia Commons

## PELA JANELA DO TEMPO

A essa altura de nossa história, não podemos deixar de volver os olhos para o panorama de nossa terra, a fim de fixar as personalidades que mais trabalharam para a grandeza de São Joaquim da Barra e emprestaram o concurso de suas inteligências e seus esforços para a construção dessa obra notável, cujos detalhes arquitetônicos temos procurado fixar, sem paixão ou partidarismo, mas unicamente à luz de fatos, documentos, ou da tradição oral. Vou procurar apenas honrar o mérito.

Inicialmente, temos que voltar à pré-história, para dali trazer, às honras desta página, os nomes de Manoel Gouveia de Lima, João Batista da Silveira e Francisco de Lima. Foram eles os plantadores da semente que, mais tarde, se transformou nessa árvore frondosa que hoje nos abriga. Aos seus nomes, seria injusto não juntar o nome de Manoel Damásio Ribeiro, primeiro comerciante de São Joaquim e construtor da primeira casa de tijolos, pois, as anteriores, eram simples cabanas e velhas taperas.

A José Esteves de Lima, doador do patrimônio, também devemos volver o nosso pensamento, acompanhando de nossa gratidão, que deve ser extensiva, igualmente, a Berto Cernack; Antônio Pedro Fernandes; Caetano Gramani; José Marcelino e tantos outros que deram alento ao nascente povoado.

Ao major José Cardoso da Silva, chefe de ilustre estirpe; Dr. José Esmeraldo de Oliveira, o primeiro médico do povoado e José Martins de Araújo, incansável trabalhador em prol do progresso joaquinense, um lugar de destaque, tanto nas páginas desta história como no coração do povo de São Joaquim.

Outro que despontou na história dessa cidade como um dos seus mais ilustres e operosos obreiros foi Manoel Trindade da Silva, baiano de origem e que deu a São Joaquim todo o esforço e carinho de uma vida inteira. Foi o primeiro fiscal aqui atuante e incansável desbravador de nossas matas. Com sua família numerosa e trabalhadora, iniciou a derrubada de matas e foi o primeiro cerrador do patrimônio. Construiu inúmeras casas e, no fim de sua vida, já velho e alquebrado, gostava de

## PIONEIROS JOAQUINENSES

relembrar a construção das 63 casas, que ele edificou em São Joaquim, lamentando-se de não ter sido possível construir uma casa a cada ano.

Francisco Fernandes Vidal, espanhol, lutador e intemerato, foi um dos habitantes mais antigos do patrimônio e construtor do prédio mais ousado da época. Edificou o sobrado que abrigou a primeira casa de crédito, depois o Posto de Saúde, um prédio monumental para aquele tempo, e que foi demolido tempos mais tarde. Em suas ruínas, foi construído o prédio que abriga o Banco Santander. Chico Vidal acreditava cegamente nos destinos gloriosos de São Joaquim, e, por esse motivo, fixou-se na nascente povoação e deixou aqui ilustre e operosa descendência.

Na parte religiosa, tivemos o Padre Messias de Melo Tavares, que vinha uma vez por mês, da cidade de Nuporanga; em seguida, o padre Manoel Thiago Pontes; e, depois, o padre José Vingeli. Dentre eles, passaram inúmeros outros, como o saudoso padre Eugênio Dias; padre João Delpero; e o inesquecível padre Mário Lano.

Destacar os nomes de todos os que trabalharam por São Joaquim, seria transportar para estas páginas sua população inteira, uma tarefa impossível. Porém, não podemos deixar de salientar os nomes dos pioneiros que batalharam para o nosso município, nossa comarca e por outras conquistas. E, assim, alistamos José Oyntho Fortes Junqueira; Júlio César dos Reis Medeiros; Francisco Stupello; Olympio de Macedo; José Octávio de Almeida Prado; Arthur Gonçalves Bastos; Antônio Finocchio; Carlos Finocchio; Luiz Ernesto Barbanti; Magino e Mário Diniz Junqueira; Carlos de Rezende Enout; Jerônimo Garcia Falleiros; José Lopes Puga, além de numerosos outros joaquinenses ilustres, no rol dos que prestaram relevantes serviços à cidade e merecem um lugar à parte na lembrança e admiração do nosso povo.

Temos também que destacar aqueles cuja história palpita em nossos corações. Roberto Rezende Junqueira; Adolfo Alfeu Ferrero; Rosa Consoni; Antônio Jacyntho dos Santos Malheiros; João Mataráia; José

## PELA JANELA DO TEMPO

Tobias; Durval Rangel; Alcino Meirelles; José Ribeiro Fortes; Abrão Mauad; Fidelis Rossini; Antônio Guedes Júnior; Leonel Mafud; João Batista de Freitas Malheiros; Jayr de Andrade; José Abdalla Jabur; Lair Louveran Deienno; José Luiz Proença; além de muitos outros, inclusive Assuero Cardoso, joaquineses que deram a essa terra o concurso de suas inteligências e seus esforços, merecendo também a reverência da história.

Nos tempos hodiernos, José Ivo Vanucchi, Jorge Sandrin, Maria Helena Borges Vanucchi, Dr. Marcelo de Paula Mian e Wagner José Schmidt.

Muitos vieram, depois deles, muitos estão em nosso meio, e tantos outros virão depois de nós.

BEM-VINDOS  
A SÃO  
JOAQUIM DA  
BARRA

BEM-VINDOS  
A SÃO JOAQUIM  
DA BARRA



A jóia da Alta Mogiana, a cidade que até a década de 1940 tinha por cognome “Cidade Delícia”, está localizada na região nordeste do Estado de São Paulo, e pertence à aglomeração urbana de Franca. O município já se chamou Juçara; São Joaquim de Oiçai; São Joaquim de Nuporanga (pelo menos no papelório); Capão do Meio e São Joaquim. Em 30 de novembro de 1944, pelo Decreto-Lei estadual n. 14.374, o nome foi mudado para São Joaquim da Barra. Acrescentou-se o termo "da Barra", ao nome, por causa do córrego da Barra, divisor dos municípios de Ipuã e São Joaquim da Barra e pouso habitual de viajantes e tropeiros no percurso entre Ipuã e Nuporanga.

O município surgiu no início do século XIX, devido ao êxodo dos moradores do sul da província de Minas Gerais, atraídos pela riqueza da terra; pelo clima agradável e boas aguadas. Nascia o povoado de São Joaquim, quase 100 anos depois disso, em 1898.

Da capital, estamos distantes 396 quilômetros. Temos como municípios limítrofes: Guará (N); Nuporanga (E); Orlandia (S); Morro Agudo (SO); e Ipuã (O). A topografia do município apresenta-se ondulada, em baixadas e espigões, cuja altitude não ultrapassa 625 metros. O solo da região é composto por terrenos areníticos e basálticos, com predomínio da terra roxa. Com muita fertilidade para a agricultura, seu relevo faz parte do Planalto Meridional do Brasil e nele é que se desenvolveram, inicialmente, as culturas de café, algodão, soja e, atualmente, a cana-de-açúcar.

A vegetação era de floresta tropical, com áreas de cerrado, depois substituída por pastagens e pela agropecuária, desde o início do século XX, restando pequenos capões e matas ciliares. O clima é considerado tropical semiúmido.

O município faz parte da bacia fluvial do rio Paraná e o destaque é para o rio Sapucaí, que recebe os córregos da Barra; São Pedro; Imbaúba; Lajeado; Santa Fé; São Joaquim; Santo Antônio; e o ribeirão do Rosário, afluente do rio Pardo. Este, por sua vez, recebe os córregos Sucuri;

## BEM VINDOS A SÃO JOAQUIM DA BARRA

São Luís; Marimbondo; e Milho Vermelho; e, completando o sistema hidrográfico municipal, estão as lagoas Feia, Redonda e Lagoinha. São Joaquim, que outrora se chamou Oiçaí, que significa Entre Rios, está entre os córregos São Joaquim e Olaria.

Grande parte das terras do município é ocupada pela agricultura, destacando-se a cana (com 23 mil hectares de terra cultivados), milho e pastagens. Também podemos citar a pecuária leiteira, de corte (com rebanhos suíno e bovino), e a avicultura. Nos demais setores, o comércio aparece com grande variedade de atividades, tornando-se um ponto de referência para a região; e a indústria de transformação; siderúrgica; laminação; usina de açúcar e álcool; peças e calçados.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no censo de 2021, São Joaquim possuía área territorial de 410.863 quilômetros quadrados, e população estimada em 52.737 pessoas. No último dia 30 de maio, completamos 125 anos de história.

E JÁ SE  
PASSARAM  
DOIS  
SÉCULOS

E JÁ SE  
PASSARAM  
DOIS  
SÉCULOS

## E JÁ SE PASSARAM DOIS SÉCULOS

A região compreendida entre o rio Grande, seu afluente, o rio Pardo e as divisas da Província das Minas Gerais, no nordeste paulista, constituindo as terras roxas e férteis do famoso sertão do rio Pardo, foi sujeita a duas fases de povoamento. A primeira fase deu-se em 1722, no início do século XVIII, quando, da capital paulista, partiu a segunda Bandeira do Anhanguera, rumo ao estado de Goiás, em busca de ouro e índios para escravizar.

Essa expedição bandeirante demarcou, ao longo de sua caminhada, definitivamente, o contorno da Estrada dos Goyases, deixando ao lado pequenas aglomerações, pousos esparsos, pouco densos. Eram pequenos núcleos de pessoas, quase todas paulistas, que foram surgindo na imensa região sertaneja, até então deserta de homens.

A segunda fase do povoamento começou a acontecer, quase um século depois, a partir de 1800, quase exclusivamente a cargo dos entrantes vindos do sul de Minas Gerais. Foram esses mineiros que praticamente se incumbiram da conquista do sertão, fazendo com que as pequeníssimas aglomerações de ontem rompessem seus estreitos limites, dando origem às cidades de hoje.

Foi assim que a Estrada dos Goyases foi passando pelas terras onde apareceriam as atuais cidades de Franca (1804); Batatais (1815); Ituverava (1810); Casa Branca (1829); Igarapava (1842); Cajuru (1821); São Simão (1835)<sup>1</sup>; e tantas outras

Os habitantes do sul de Minas pouco a pouco foram se transformando em agricultores e criadores de gado. Ao perceberem o esgotamento de suas minerações, saíram então a caminho das terras férteis do nordeste paulista, do famoso sertão do rio Pardo.

Os Junqueiras foram uns dos primeiros a chegar nos arredores do atual município de São Joaquim da Barra.

---

<sup>1</sup>*Do sertão do rio Pardo à Vila Franca do Imperador*, de José Chiachiri Filho

## PELA JANELA DO TEMPO

Conta a tradição oral, relatada em diversas biografias, que em 8 de setembro de 1812<sup>2</sup>, o tenente Francisco Antônio Junqueira e seu cunhado, João José de Carvalho, os dois bastantes jovens, vindos da cidade mineira de Aiuruoca, arrancharam-se às margens do atual ribeirão do Rosário, afluente do Pardo, onde hoje se ergue a histórica sede da fazenda Invernada.

Ocuparam terras do atual município de Orlândia e quase 50% do atual município de São Joaquim da Barra. Na região, a área significa em torno de 60 mil alqueires de terras. Enquanto, ao sul de nosso município, os Junqueiras ocupavam em torno de 8 mil alqueires, o restante das terras, às margens do rio Sapucaí, a partir de 1820, começou a ser ocupado pelos Baptista da Silveira; Gouveia de Lima; Garcia de Lima; Luís da Silva. Esses últimos também mineiros, vindos da mesma região dos Junqueiras; ocupariam, ali, os 2.500 alqueires da famosa fazenda São Joaquim. Na época, três outras fazendas, Santo Antônio; São Pedro e fazenda Cachoeira, existiam, completando as terras do atual município de São Joaquim da Barra.

---

<sup>2</sup>Lendas e tradições da família Junqueira, de Adelia Junqueira.

1896

MANOEL  
DAMÁSIO RIBEIRO,  
O BALUARTE  
DO PROGRESSO  
JOAQUINENSE

## PELA JANELA DO TEMPO



Fonte: Acervo pessoal

### **FAMÍLIA DAMÁSIO RIBEIRO.**

*Da esquerda para a direita, em pé:* Maria Damásio (Lila, filha), José Damásio Ribeiro (Juca, filho), Manoel Damásio Ribeiro. *Sentados:* Anésia Damásio (filha), Maria de Jesus Damásio Ribeiro (esposa) e Antônio Damásio Ribeiro (Tônico Damásio, filho).

Para Manoel Damásio Ribeiro, sua querida terra natal, Ramalheiros, freguesia portuguesa de Mira, comarca de Cantanhede, província do Douro, era a fiel e distante companheira, como uma foto viva inserida em sua memória e emoldurada por uma saudade doída, sempre constante. Estava constantemente pensando como eram contrastantes os rumos da vida. Ele ali, naquela terra estranha, naquele sertão feroz, e a sua lírica Ramalheiros, dentro do Portugal querido. Pátria escondida além-mar, de lembranças tão doces.

Somente a presença da sua Maria e do seu filhinho Juca o tornava menos saudoso. Talvez fossem eles os responsáveis por aquele seu olhar meio ambicioso, disposto a enfrentar as agruras do desconhecido, a desbravar os mistérios das coisas selvagens e realizar os anseios de aventuras que lhe iam na alma.

Um olhar profundo, alimentando-se com o fascínio do imponderável. Um dia, a história falaria do espírito pioneiro desse jovem português. Em seus 27 anos, repletos de tanto sonho e inquietude, escolheu aquela venda no Capão do Descanso, nas imediações de Nuporanga e Batatais, em terras da fazenda Ventania, como um recanto de sossego e espera.

Uma pequena parada, em sua vida, um pequeno hiato, que não iria durar muito. Embora fosse uma venda isolada, o trabalho era bastante árduo, principalmente para sua Maria, sempre atarefada e meio assustada. Ajudando Damásio a servir a freguesia, entrava em contato com homens de todo tipo. Homens afastados do convívio social, embrutecidos pela vida. Seres humanos ilhados, isolados num fim de mundo. Alguns mal-encarados; muitos bebiam demais.

Até Dioginho, o famoso facínora, matador por encomenda, aparecia na venda algumas vezes. O jovem português começou a ficar preocupado, pois, em conversa com sua esposa, percebeu estar ela cansada da solidão e medrosa por viver naquele local tão ermo, isolado de tudo.

Uma bela madrugada, deixou para trás as terras do Capão do Descanso, rumo ao Capão do Meio, pois era esse o nome da gleba arrematada por José Esteves de Lima, por onde passaria o trem de ferro. De carro de boi, numa



viagem de mais de três dias, Damásio ia pensativo, ruminando saudades de Portugal e acumulando esperança na cidade que provavelmente veriam nascer.

Chegaram. Quase tudo ermo, apenas uma venda isolada, divisaram ao longe. Era a venda do Sr. João Baptista da Silveira, beirando a estrada para o povoado de Santana. Damásio fez rapidamente a escolha do lugar para a construção de sua residência e venda. Foi uma escolha rápida e sábia.

Sábia por estar localizada à beira da estrada, que vinha de Nuporanga para Santana, ao lado de duas palmeiras, dando um toque poético ao local. Estava também a apenas 300 metros do local reservado para a construção da Estação da Estrada de Ferro. Damásio, Maria e o filho Juca arrancharam-se sob uma árvore frondosa, com um grande galho caído, lhes permitindo um melhor abrigo. Ali ficaram à espera da construção da venda. Estava lançada a primeira semente no terreno que os sitiante, quase todos vindos das Minas Gerais, antigos moradores da região, haviam ajudado a arrematar.

No livro Crônicas de outrora, o dr. Antônio de Almeida Prado escreve, na página 97: “Damásio vinha do Capão do Descanso, sítio a meio caminho de Nuporanga e Batatais, onde mantinha um pequeno negócio em terras da fazenda Ventania, de um vago Chico Manoel”. Era conhecedor, portanto, não só do balcão sertanejo à beira de estrada, como, ainda, provavelmente, das terras onde seria erguido o futuro povoado de São Joaquim.

Na ocasião em que as procurou, a Mogiana começara a abrir o picadão que conduziria os seus trilhos a São Joaquim, criando um magnífico ponto oferecido à expansão do seu comércio.

Foi provavelmente bem calculada, a escolha do lugar em que ele se estabeleceria definitivamente, em 1896, dois anos antes da data de fundação de nossa cidade. A localidade tinha um sentido civilizador e não o simples arranchando sertanejo. Era o campo avançado de uma nova era que se pronunciava.

Em 1901, uma grave epidemia de varíola assolou o povoado. Nessa ocasião, fez uma declaração no jornal para anunciar a extinção do surto

e “ao mesmo tempo para comunicar ao povo que podia continuar a vir honrar com sua freguesia sem perigo algum, onde encontrará preços baratíssimos e variado sortimento”.

Não perdia tempo, o homem. Com o apurado senso comercial da sua raça, Manoel Damásio enxergou o futuro de São Joaquim e para lá se deslocou com sua vendinha, fazendo fortuna.

A cidade ergueu-lhe um busto, em 6 de setembro de 1959, no governo do Dr. José Ribeiro Fortes, no Largo da Matriz, em retribuição à confiança que ele depositou em seu destino”.

Nasceu em 19 de setembro de 1868, na Província de Douro, passou lá sua infância e adolescência.

Quando veio para o Brasil, em 1889, com 21 anos de idade, foi residir em Visconde de Parnaíba, deste Estado, em 1894. Revolveu outras cidades do interior e, por fim, foi estabelecer-se em Batatais. Em 23 de outubro de 1896, veio para São Joaquim, onde, à beira da estrada, de Nuporanga para Santana dos Olhos d’Água, hoje Ipuã, construiu as instalações de sua residência e sua Casa Comercial, Casa Damásio Secos e Molhados, aproximadamente a 300 metros de onde seria construída a linha de ferro da Mogiana.

O Sr. Manoel Damásio foi, sem dúvida alguma, um elemento possuidor de diversas qualidades morais e intelectuais para São Joaquim, homem que, por si só, representou o progresso, que se desembrenhou numa carreira louca, não se opondo aos maiores obstáculos que a vida lhe impôs. Com a morte de seu filho em 1922, se declarou ateu, chegando a cair todas as paredes de sua residência de cor preta, para guardar o luto. Quando um pedinte parava de frente ao seu portão pedindo óbolo, ofertava sempre com caridade, mas era dizer Deus te abençoe, que Manoel se revoltava e dizia: E se não abençoar? Dá-me a cá de volta. Era do tipo naturalista e não suportava que maltratassem animais (quando via os vendedores carregando frangos pendurados no pau, chamava-os e perguntava se gostariam que fizessem o mesmo com eles).

## PELA JANELA DO TEMPO

Construiu uma engenhoca transformada em sauna individual, que lhe causou a cegueira na velhice; como ele ficava de pé no “caixote” durante o uso da sauna, o vapor quente subia aos olhos e provavelmente deve ter queimado a retina. Faleceu em 1º de junho de 1958, com 89 anos de idade.



*Fonte: Acervo pessoal*

## 1896 - MANOEL DAMÁSIO RIBEIRO, O BALUARTE DO PROGRESSO JOAQUINENSE

No ano de 1925, faleceu o seu neto, José da Silva Leça, e no jornal *A Tribuna*, de 24 de dezembro de 1925, deixou um belíssimo tributo até então desconhecido pelos descendentes.



### **CASA DAMÁSIO ANTES DA DÉCADA DE 50**

A construção primitiva, de 1896, foi demolida e construída essa em 1902. A Casa Damásio passou ainda por uma terceira reforma para a festa do cinquentenário (6.12.1952), para presentear a população joaquinense com suas novas instalações.

## PELA JANELA DO TEMPO



**MANOEL DAMÁSIO RIBEIRO**

Foto da década de 1920.

## O ÚLTIMO ADEUS

Ao meu inesquecível netinho José da Silva Leça

(Preservada a ortografia original)

*Bem cedo, pobre creancinha, foste arrebatado à vida, vítima de cruel destino.*

*Bem cedo, sim! Quando a vida sorri toda cheia de phantásticas ilusões e de encantos, voaste para a vida do além tumulo, deixando inconsoláveis todos os que tiveram a ventura de te conhecer.*

*Vae anjo querido! Entra na decomposição chimica do sepulchro e bem assim na transformação da vida eterna, que a dor torturante e compungente em que nos deixas mergulhados, é de sobra compensada pela certeza de que connosco ficas vivendo, em larva, em planta no canto das avezinhas, no perfume de uma flor ou em factua luz andante.*

*Enquanto tivermos vida e nossos corações pulsarem, neles ficará gravada a lembrança de tua fugaz existência, tão cheia de attractivos encantos, tão graciosa e tão bella, que ao recorda-la a cada momento as lagrimas brotam e deslizam, queimando as faces compungidas de tristeza e dor.*

*Vale a pena viver, para deixar, ao findar da vida, tão gratas recordações de uma existência que foi curta, porem cheia de encantos e attractivos cuja lembrança nos enche de saudades e nos deixa inconsoláveis.*

*Que bella esperança nos dava do homem que amanhã seria o continuador das sans tradições paternas. E tudo de um momento desfeito!*

*Descansa, pois, no seio da terra mãe carinhosa, que nós vamos regando com as lagrimas da saudade, afim de que della brotem flôres para espargir em teu pequeno jazigo.*

*Adeus anjo querido*

*19-XII-1925*

*Manoel Damásio Ribeiro*



PLACA DA CASA DAMÁSIO na ocasião em que foi assumida pelo genro José Casemiro da Silva Leça

PROGRAMAÇÃO DO CINQUENTENÁRIO de São Joaquim da Barra em 1952

1898

NESTE SERTÃO



## PELA JANELA DO TEMPO



**FRANCISCO MARCOLINO DINIZ JUNQUEIRA**, o lendário capitão Chico e sua esposa, dona Maria Paula Junqueira Franco, sepultada em nosso cemitério em 1905.

São Joaquim, em torno de 1898, estava nascendo de forma vertiginosa. Muitos sitiantes, quase todos mineiros, foram comprando terras da fazenda São Joaquim, com uma área de cerca de 2.500 alqueires de terra, que, oficialmente, parece ter tido seu primeiro dono antes de 1820.

Ao lado das fazendas Santo Antônio, São Pedro e da Barra, ou Cachoeira, preenchiavam o norte do nosso atual município. Oitenta anos depois, a fazenda São Joaquim, que abrangia as terras por onde passava o córrego São Joaquim, afluente do rio Sapucaí, antigo córrego do Cervo, dando origem aos córregos Olaria e Lajeado, acabou sendo repartida para 51 sócios, que pouco a pouco haviam comprado as suas terras.

Eram eles mineiros das famílias Baptista da Silveira; Garcia de Lima; Borges; Gouveia de Lima e outros. No arraial, o primeiro a erguer uma casa, com venda anexa, foi o português Manoel Damásio Ribeiro, que aqui chegou em 1896.

Nas terras vizinhas da fazenda Santo Antônio, em 1892, chegou, vindo de Itu, com sua família, o engenheiro dr. Francisco de Almeida Prado, comprando terras que formariam a atual fazenda Santa Izabel. O sul do atual município fora ocupado, em 1812, pela família Junqueira, com as terras das fazendas Invernada e Santo Ignácio, pertencentes ao sr. Francisco Marcolino Diniz Junqueira, conhecido como Capitão Chico. A cidade mesmo nasceria a 30 de maio de 1898. Seus moradores foram chegando, construindo seus casebres, perto da venda do sr. Manoel Damásio Ribeiro. Os sitiantes mineiros, que moravam em volta do povoado, foram responsáveis por uma lista de subscrições assinada por seus inúmeros parentes e por outros fazendeiros da região, tendo como objetivo adquirir uma gleba de terra onde seria erguida uma cidade. Gleba de terra arrematada em 1896 e doada em 30 de maio de 1898, por José Esteves de Lima e esposa.

Esses mineiros, Francisco Antônio Gouveia, que era pai de Manoel Gouveia de Lima; Cândido José Carlos; João Baptista da Silveira; deixaram em São Joaquim enorme descendência.

## PELA JANELA DO TEMPO



**FRANCISCO DE ALMEIDA PRADO**, (1861-1931), sua esposa Isabel de Mesquita Sampaio de Almeida Prado (1867-1952), e os filhos, Ana Blandina e Antônio de Almeida Prado (ao lado da mãe)



**ANTÔNIO DE ALMEIDA PRADO**, nasceu em Itu, no dia 13.6.1889. Gradou-se em 1912, pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo tese intitulada Das Variações Volumétricas do Baço nas Cirroses Hepáticas. Após sua formatura transferiu-se para São Joaquim da Barra, onde fixou residência com a família e passou a clínicar. Casou-se com Zilda Junqueira (1892-1919), que faleceu precocemente, aos 27 anos. Tiveram 03 filhos: Beatriz (1914-2006), Flávio (1915-1996) e Décio (1917-2000). A convite de Arnaldo Vieira de Carvalho, mudou-se para a capital, a fim de integrar o corpo docente da recém-criada Faculdade de Medicina de São Paulo, exercendo nessa instituição de ensino o cargo de professor de clínica médica. Antônio Prado faleceu na cidade de São Paulo, em 7 de junho de 1965, uma semana antes de completar 76 anos. O jornal O Estado de S. Paulo assim registrou a sua morte: “Com o falecimento do professor Antônio de Almeida Prado, São Paulo perde, na verdade, um dos mais vigorosos representantes dessa personalidade tipicamente paulista, que se manifestaa pela inteligência sólida e cultivada e aberta a todos os aspectos da vida cultural moderna. Tendo obtido as maiores láureas nos estudos, nas pesquisas e nas atividades médicas, não se limitou, entretanto, o professor Almeida Prado ao campo exclusivamente científico, no qual deixou uma obra que perdurará para sempre”.

PELA JANELA DO TEMPO



**FRANCISCO FERNANDES VIDAL** e sua esposa, dona Rosa Pereira dos Reis Fernandes Vidal

1901

A PRIMEIRA  
CAPELA DO  
POVOADO

## PELA JANELA DO TEMPO



**CAPELA PRIMITIVA DO POVOADO DE SÃO JOAQUIM**, que teve o início de sua construção em 26.1.1901. Demolida na década de 1910 para construção da Igreja do Padre Pontes. (Foto do enterro da Sra. Manoel Trindade em setembro de 1910)



Reprodução em Eucatex, de Jonas Oliveira, 1995.

## 1901 - PRIMEIRA CAPELA DO POVOADO

Assuero Cardoso, entusiasta da história de São Joaquim, por muitos anos, guardou, em seu acervo particular, inúmeros documentos sobre a história de nossa cidade, que foram doados ao Museu de Usos e Costumes Barão de Pinto Lima. Foi desativado na década de 1990. Dos documentos recuperados, um de grande importância, que, depois, foi passado ao grande mestre professor Lúcio Falleiros (1924-2021), e, hoje, está sob minha tutela, assim traz escrito:

*Os abaixo-assinados membros da comissão, vendo a grande necessidade que temos da construção de uma capela neste patrimônio, reuniram-se e, depois de discutir diversos pensamentos, resolveram por meio de lista, angariar donativos para a construção da referida Capela. Contando que nesta povoação cada um reconheça tão grande e generoso ato, não deixe de auxiliar com seu óbolo para tão grande melhoramento”.  
São Joaquim, 26 de janeiro de 1901.*

*(Caetano Gramani, Manoel Damásio Ribeiro, João Baptista da Silveira, Antônio Pedro Fernandes, José Marcelino da Silva, Bertho Cernack – mestre de obras e Eduardo Azambuja – secretário)*

O Pe. Lino Zagarella Cerenzia, vindo da Itália em dezembro de 1972, teve, em São Joaquim da Barra, a sua primeira paróquia. Esteve entre nós, como pároco e reitor do Seminário Rainha dos Apóstolos, prefaciando um dos artigos publicados no jornal Cidade de São Joaquim da Barra, sob a denominação de “Estórias do tio Assuero”, escritos a partir de janeiro de 1983, cujo subtítulo era: “Nossas primeiras capelas”, e escreveu o seguinte:

*O início de um núcleo habitacional que irá tornar-se, por sua vez, uma grande cidade, constitui normalmente, um grande interesse histórico para quem queira conhecer as origens da própria cidade. Todo homem que ama a terra onde vive sente um desejo atávico de conhecer e conviver espiritualmente com o início da história da sua cidade.*



## PELA JANELA DO TEMPO



**DOCUMENTO HISTÓRICO** assinado pela comissão organizadora da construção da primeira capela do povoado. Neste documento histórico, doado por Assuero Cardoso ao Museu Municipal Barão de Pinto Lima, vemos a assinatura de muitas pessoas importantes na política do município, sendo que muitas delas eram parentes do próprio Assuero.

Deparando com os artigos da pesquisa efetuada pelo professor Lúcio de Oliveira Falleiros (1924-2021), publicados em capítulos sucessivos pelo editorial informativo “Cidade de São Joaquim da Barra”, sinto-me altamente sensibilizado pela humilde nobreza de espírito e pela lisonjeira tenacidade de seus fundadores e continuadores.

Acredito que esse raro e meticuloso trabalho de incontável valor histórico local, enaltece a identidade de nosso povo. Se analisarmos atentamente o início da história da nossa população joaquinense, observaremos que a Igreja Católica esteve sempre solícita e constante. Com a formação de uma primeira comunidade católica organizada e orientada constantemente por sucessivos sacerdotes pioneiros, é delineado o início irreversível de um desenvolvimento espiritual e uma civilização baseada nos princípios universais do cristianismo. Tornou-se interessante, então, erigir uma capela como sinal visível da preocupação pastoral da Igreja.

E, à medida que a pequena comunidade crescia, sentia-se a utilidade de transformar a pequena capela em um templo maior, até chegar aos nossos dias, com uma Igreja Matriz de vasta e imponente dimensão, cuja arquitetura ajuda o ser humano a se abrir para a contemplação do ilimitado amor de Deus. De fato, ao lado dos primeiros passos para criar um grupo de civilização pelos sertões desse imenso Brasil, no alvorecer de nossas povoações, o espírito religioso sempre esteve evidente; a maior parte das vezes se concretizando na construção de uma Casa de Oração.

Assim, os templos religiosos salpicaram as terras brasileiras, acompanhando os anseios comunitários do homem. A Igreja, na sua caminhada peregrina, em busca da proclamação das palavras santificadas do Evangelho, se tem constituído, paralelamente a essa vocação evangélica, num acervo de memórias históricas. São Joaquim da Barra não fugiu à regra. Por volta de 1900, por iniciativa de Bertho Cernack, onde hoje está nossa matriz, foi construída uma primeira capelinha, usando tijolos das terras que seriam de Alfredo José Nogueira, perto

das atuais casas da Companhia de Habitação Popular (Cohab), rumo ao campo de aviação. A capelinha teve pouca duração, desmanchou-se, com as chuvas abundantes sobre seus tijolos mal cozidos.

Entretanto, Bertho Cernack era persistente! Liderou outro movimento para a construção, no mesmo local, de outra capela. Em artigo do professor Eduardo Azambuja, morador em São Joaquim e correspondente que enviava notícias do povoado para o jornal *O Nuporanga*, lemos, na edição deste jornal, do dia 22 de fevereiro de 1901: “No dia 19 do corrente, reunidos na casa de residência do cidadão Bertho Cernack um grupo de cidadãos desta localidade, foi por unanimidade de votos criada uma comissão para tratar da construção de uma capela, a qual teve o melhor êxito”. De fato, após haver se constituído a comissão, abriu-se uma subscrição pública para angariar fundos.

Nesse documento histórico, doado por Assuero Cardoso ao Museu Municipal Barão de Pinto Lima, consta a assinatura de muitas pessoas importantes na política do município, e muitas delas eram parentes de Assuero Cardoso. Seu pai: José Cardoso da Silva (major Cardoso). Seu irmão: Aristides Cardoso. Seu tio: José Machado do Nascimento, procurador da Câmara Municipal de Nuporanga. Seus primos: José Elias (coletor federal), Francisco e Evaristo de Paula Machado, moradores de Nuporanga, mas proprietários de terras em São Joaquim, Augusto Luiz Rodrigues, avô do professor Geraldo Rodrigues, de Orlândia, tabelião que escreveu a escritura de doação feita por José Esteves e sua senhora.

Além desses seus parentes, destacam-se: Marcelino Lellis da Silva – intendente municipal de Nuporanga, que assinou como testemunha da doação acima referida. Firmiano Nobre (em 1903, nomeado escrivão) e seu irmão, João Nobre; Joaquim Francisco de Mello e Arlindo de Paulo Melo, parentes do padre Messias, que atendia nossa paróquia.

O capitão Henrique Martins, também de Nuporanga, irmão do engenheiro naval Luís de Mello Marques, inventor de um submarino, que, em 1905, fez duas experiências com seu engenho na presença do

## 1901 - PRIMEIRA CAPELA DO POVOADO

presidente da República e do Estado Maior da Armada. Constantino Stamilo, residente em Orlândia. Domingos Cividanes, proprietário do jornal *O Nuporanga*. A pequena igreja deve ter iniciado a sua construção imediatamente, pois, no mesmo dia 2 de fevereiro de 1901, o jornal da época ainda relata:

*Está em construção a Capela desta povoação tendo a certeza de que em breve tempo teremos conseguido o nosso desideratum visto a boa vontade dos nossos comissários. É assim que se ama o progresso de um povo.*

Ainda o mesmo jornal relata, em 16 de fevereiro de 1901:

*Presente a comissão, foi levantada a porta principal da nossa Capela, subindo ao ar uma girândola de foguetes e oferecido às pessoas presentes um copo d'água (São Joaquim – 9-2-1901).*

Nos números seguintes desse jornal, aparecem várias listas com dezenas de doações, destacando-se a contribuição de \$200.000 doada pelo coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira. Começada com tanto entusiasmo, entretanto, em janeiro de 1903, ainda estava inacabada e, nesse mesmo mês, o major José Cardoso da Silva doou à capela um sino de “talho regular”.

A capela ficaria acabada somente em 15 de agosto de 1904, na festa do padroeiro da cidade, graças aos esforços e boa vontade da Irmandade de São Vicente de Paulo. Lá ficou ela plantada, bem no centro do largo, com seus dois paus paralelamente fincados à sua direita, e com outros dois paus atravessados, um mais em cima, onde se localizava o sino, e o outro bem no meio, como uma letra A maiúscula.

Nesse pau do meio, o velho sacristão Maito apoiava a escadinha de madeira onde subia para bimbalar o sino. Nessa capela tão simples,

## PELA JANELA DO TEMPO

o bondoso padre Messias de Mello Tavares vinha cumprir suas funções de ministro de Deus. Mesmo como vigário em Nuporanga, passava boa parte de seu tempo entre nós, sempre prestativo, sempre servindo.

Em frente à capela, existiam dois coqueiros, plantados por João Maria Basso, ladeando um Cruzeiro todo de aroeira, erguido por Antônio Pedro; Francisco Pedro e Jerônimo Gonçalves Manso. Seguindo mais para a esquerda, ficava o coreto. O Cruzeiro seria, em 1928, removido para o cemitério, onde se conservou até pouco tempo. Nessa mesma época, os coqueiros foram cortados.

Em 1904, outra Capela foi erguida pelo Dr. José Esmeraldo de Oliveira, onde hoje está o prédio 904 da rua Quinze de Novembro. No mesmo museu, havia outra foto, dessa mesma capela, tirada em 15 de agosto de 1904, por ocasião da festa do padroeiro da cidade, assim relatada no jornal da época, O Nuporanga: “Realizou-se nessa cidade a festa do nosso padroeiro São Joaquim, não faltando animação e brilhantismo.

## 1901 - PRIMEIRA CAPELA DO POVOADO



**CAPELA DO DR. JOSÉ ESMERALDO DE OLIVEIRA** (foto de 15.8.1904), foi demolida em 1927, para construção da casa de André Cardoso, filho do Major Cardoso que seria prefeito em 1929

## PELA JANELA DO TEMPO

*A comissão organizadora da festa deve estar satisfeita por verem coroados seus esforços. Os atos religiosos foram dirigidos pelo Revmo. Vigário de Sertãozinho Padre Macário Monteiro, eloquente pregador que mais uma vez deu provas de seu talento. Foi enorme a concorrência das pessoas que acompanhariam a procissão, entre elas notamos: (Coronel Joaquim Lacerda Franco e sua Exma. Senhora, Major Lindolpho de Carvalho, Capitão Olinto, Dr. Antônio Torquato e sua Exma. filha, Dr. José Esmeraldo de Oliveira e senhora, Dr. Álvaro Aranha, digníssimo Juiz de Direito de Ituverava, Dr. João de Miranda, promotor público da mesma comarca, Dr. Francisco Leite e Dr. Álvaro Noronha.*

*À noite queimou-se, uns vistosos fogos de artifício, havendo leilão de prendas que esteve animadíssimo, havendo algumas que conseguiram altos lances. É justo elogiarmos o simpático Joaquim Nobre pelo cabal desempenho que deu como leiloeiro a que gentilmente se prestou. À comissão nossos parabéns.*

Existiam, portanto, duas capelas, em 1904.

1902

DO CARRO  
DE BOI AO TREM  
DE FERRO



## PELA JANELA DO TEMPO

*Nas últimas décadas do século passado (XIX), a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro lançava seus trilhos pelo interior do Estado de São Paulo, rumo às terras roxas do sertão do Rio Pardo. Foi fruto da capacidade realizada por empresários paulistas. Como se fora bandeirantes modernos, a todo vapor, paralelamente aos cafezais, abriram sulcos com base em dormentes, sobre os quais se assentaram trilhos de ferro dando vazão às riquezas produzidas e transportando imigrantes europeus e brasileiros. Uma bela avenida passa, atualmente, pelo leito da antiga linha ferroviária. O progresso remodela o passado, mas há necessidade de conservá-lo, registrando sua história para entender e sentir as coisas presentes futuras.*

*Antônio dos Reis Delmônaco, arquiteto que projetou a atual Avenida Orestes Quércia, no antigo leito da linha ferroviária.*



FOTO MAIS ANTIGA DE NOSSA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA, datada de 1902

## 1902 - DO CARRO DE BOIA AO TREM DE FERRO



**FOTO DA ESTAÇÃO EM 1910**, chegada dos materiais vindos da Alemanha para a usina de força e luz que estava sendo construída no rio Sapucaí



**ESSA FOTO MOSTRA A ESTAÇÃO MOGIANA** em sua estrutura arquitetônica já conhecida e modificada.  
Foto da década de 1920

## PELA JANELA DO TEMPO

A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro foi criada em 1872, com sede na cidade paulista de Campinas. Sua construção inscreve-se na história da expansão da cultura do café em direção ao interior da então Província de São Paulo, constituindo-se, inicialmente, por um simples prolongamento da ferrovia então existente, até Mogi-Mirim e de um ramal para Amparo, com um seguimento até às margens do rio Grande. A proposta original, entretanto, de estender seus trilhos até Goiás, ao norte, nunca ocorreu.

O início da concessão para a construção da ferrovia ocorreu nos termos da Lei Provincial n. 18, de 21 de março de 1872. A companhia também contava com privilégios de zona, ou concessão exclusiva, por 90 anos, com uma contragarantia de juros de 7% sobre o capital, de 3 mil contos de réis ou R\$ 369.000.000,00 (trezentos e sessenta e nove milhões de reais) em valores convertidos, considerando a inflação e cotação do ouro, aproximadamente) habitual nas concessões fornecidas à época, e concedia privilégio, sem garantias de juros, para o prolongamento da linha até às margens do rio Grande, passando por Casa Branca e Franca.

No dia 1º de julho de 1872, no Paço da Câmara Municipal de Campinas, reuniram-se, em Assembleia Geral, os acionistas da nova empresa, entre os quais a família Silva Prado Antônio de Queirós Teles e José Estanislau do Amaral, que eram grandes proprietários de plantações de café e o barão de Tietê, por si próprio e pela empresa de seguros que presidia, a Companhia União Paulista.

A reunião realizada visava à discussão e aprovação do projeto e de seus estatutos, assim como a eleição da diretoria provisória que deveria gerir os negócios da empresa até a sua organização definitiva.

As obras de construção da ferrovia iniciaram-se em 2 de dezembro de 1872, muito tempo antes de assinado o contrato com o Governo Provincial, o que só ocorreu em 19 de junho de 1873.

Em 3 de maio de 1875, foi concluída a primeira etapa, entre Campinas e Jaguari (atual Jaguariúna), numa distância de 34 quilômetros.

Três meses depois, a estrada chegava em Mogi Mirim, totalizando 41 quilômetros. O tráfego, nesse trecho, foi inaugurado em 27 de agosto de 1875, com a presença do imperador D. Pedro II.<sup>3</sup> Nesse mesmo ano, ficou pronto o ramal de Amparo, numa extensão de 30 quilômetros. Em janeiro de 1878, a estrada chegou em Casa Branca, a 172 quilômetros de Campinas.

No ano de 1880, após muitos debates com a Companhia Paulista, levando-se em conta os privilégios de zona, a Mogiana conseguiu a concessão para prolongar seus trilhos até a cidade de Ribeirão Preto (na época chamada de Vila do Entre Rios) tudo dentro da então Província de São Paulo.

Posteriormente, a Mogiana partiu para a construção do trecho que levaria seus trilhos ao Triângulo Mineiro e Sul de Minas Gerais, com vista a atrair a economia local para a paulista e vice-versa.

O ramal de Poços de Caldas foi concluído em 1886, e o rio Grande foi atingido em 1888. O ramal de Franca, em 1889.

Nessa época, a empresa recebeu o nome de Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação, tendo em vista que, em 1888, era iniciado o serviço de navegação fluvial pelo rio Grande, com o transporte de mercadorias e gado em grandes batelões (ou chatas de madeira), com capacidade de quinze toneladas cada um.

Ainda em 1889, na tentativa de quebrar o monopólio britânico sobre a rota do porto de Santos, a Companhia Mogiana planejou construir um novo ramal partindo de sua linha em Atibaia, seguindo o lado paulista aos pés da serra da Mantiqueira, cortando o vale do Paraíba, até chegar ao porto de São Sebastião, criando outro acesso das plantações de café paulista a um porto de escoação para o exterior, fora da zona de privilégio

---

<sup>3</sup>"Inauguração de linhas férreas", A Província de S. Paulo, 29 de agosto de 1875, p.3.

da São Paulo Railway (SPR). Porém, os administradores da SPR, ao saber do projeto, compraram a Estrada de Ferro Bragantina, que estava bem no meio do trajeto necessário, e a expandiram, impossibilitando definitivamente a passagem de outra ferrovia na região sem ferir as proteções legais de concessão

Pelo Decreto n. 977, de 5 de agosto de 1892, recebeu autorização para prolongar suas linhas (linha de Ressaca) até Santos, mas, não foi cumprida e, em 17 de outubro de 1900, foi editado o Decreto n. 3811, prorrogando o prazo para mais três anos. Essa linha nunca foi construída.

A linha-tronco da Mogiana (também conhecida como “linha do Catalão”) foi a primeira ferrovia a transpor o rio Grande, que marca a divisa da então Província de São Paulo com a região do Triângulo Mineiro. A primeira ponte sobre o rio foi erguida em 1888, em um trecho onde a água se afunila em corredeiras, próximo do local da cachoeira de Jaguará.

Logo após a ponte, que era exclusiva para a passagem ferroviária, havia a estação de Jaguará, ligada a um porto fluvial no rio Grande. As ruínas da ponte e da estação ainda podem ser vistas logo abaixo da usina hidrelétrica de mesmo nome. Adentrando Minas Gerais, a linha-tronco atendia às cidades de Sacramento (ligada à estação Cipó, por linha de bonde); Conquista e Uberaba, localidades em que a ferrovia chegou, em 1889. Em 1895, os trilhos chegaram a Uberabinha (atual Uberlândia) e, um ano depois, ao ponto final na cidade de Araguari. Apesar de prevista no projeto original, a extensão da linha até Catalão, já no estado de Goiás, nunca foi feita pela Cia. Mogiana, e acabou sendo executada pela Estrada de Ferro de Goiás.

A atuação da Cia Mogiana, no oeste do estado de Minas Gerais, tornou as ligações dessa região mais rápidas e fáceis com São Paulo do que com a região central do próprio estado e com a sua capital, Belo Horizonte.

## 1902 - DO CARRO DE BOIA AO TREM DE FERRO

Por volta de 1899, a Mogiana iniciou a construção de uma variante da linha-tronco, ligando a estação Entroncamento (em Ribeirão Preto) a Santa Rita do Paraíso (atual Igarapava), às margens do rio Grande, onde a linha chegou em 1905. Dez anos depois, a construção de uma grande ponte metálica rodoferroviária permitiu a extensão da linha até Uberaba, reduzindo significativamente a distância entre o Triângulo Mineiro e Ribeirão Preto. Em pouco tempo, o chamado Ramal de Igarapava passou a concentrar a maior parte do tráfego, suplantando a antiga linha-tronco.

O ramal de Igarapava foi aberto, em seu primeiro trecho, em 1899, até Jardinópolis, a partir do local em que seria construída a estação de Entroncamento, um ano depois. Em 1905, chegou a Igarapava, então, ainda Santa Rita do Paraíso. Em 1914, atingiria a linha do Catalão, já em Minas Gerais, pouco antes de Uberaba. O ramal atravessava as melhores terras de café do norte do Estado. Em fevereiro de 1979 foi fechado para cargas, e em 10 de maio de 1979, para os trens de passageiros, e substituído pela variante Entroncamento-Amoroso Costa, que correria mais a oeste da linha velha e se tornaria, então, a continuação do tronco retificado da ex-Mogiana. Os trilhos foram retirados por volta de 1986, sobrando apenas as velhas estações, abandonadas, ou com outras funções.

Somente em 20 de março de 1902, os trilhos chegariam a São Joaquim, acompanhando as plantações de café e vindo fazer companhia aos veículos da época: cavalos, carros de bois, carretas troles e semitroles. São Joaquim progredia, a vida comercial era intensa, e o número de carros de bois e carroças aumentava, dificultando o trânsito. Lembrando que entrecortava a cidade a estrada principal, que interligava Ipuã a Nuporanga, e que, inúmeras vezes, acontecia os estouros de boiadas no centro da cidade, levando os transeuntes ao desespero. Antigos moradores relataram mortes por pisoteio, em um desses estouros.

## PELA JANELA DO TEMPO

A estação foi ampliada em 1909. Era uma estação com intenso movimento. Quando São Joaquim se tornou município, em 1917, a prefeitura passou a se preocupar em fiscalizar com mais rigor não só o trânsito de carros de bois, como o das carroças puxadas por burros. A prefeitura empenhou-se em evitar o trânsito desses veículos que cruzavam, ou contornavam o largo da Igreja Matriz, e proibiu a passagem desses carros e carroças por dentro do dito largo e ao seu redor.

Vários editais foram divulgados, conforme exigia o vertiginoso progresso da cidade. Tais veículos poderiam entrar no pátio da Mogiana, pela rua Pernambuco, onde havia uma porteira, após a qual ficava a casa da Sra. Sara Mendes do Nascimento (mãe de dona Maria Helena do Nascimento); entravam também pela rua Mato Grosso, onde havia outra porteira.

Nas décadas de 1930 e 1940, os cereais colhidos nas fazendas eram transportados para a cidade em carroças e carros de bois. Era um movimento intenso no pátio da estação, onde fica hoje o jardim da Estação do Saber Biblioteca Dr. Carlos Rezende Enout; anteriormente, praça Francisco Stupello, levando mercadorias para o armazém da Mogiana. Se a carga era café, primeiro era despejada nas máquinas de beneficiar e catar café, nas imediações da estação.

Os Srs. Antônio Mendes de Oliveira e Adolfo Alfeu Ferrero eram os donos das principais casas de beneficiar o café recolhidos. Nessas casas, moças ficavam sentadas em frente a uma esteira rolante, onde corriam os grãos. Com habilidade, as “catadeiras” separavam as impurezas dos grãos de café. O transporte do café beneficiado e catado era feito por carroceiros. Posteriormente, eram ensacados e empilhados nos armazéns da Mogiana. Com o passar do tempo, os fazendeiros do município foram erradicando os pés de café de suas terras e os grãos da rubiácea passaram a circular cada vez menos nos vagões do trem de ferro.

## 1902 - DO CARRO DE BOIA AO TREM DE FERRO



**CASA DO CHEFE DA ESTAÇÃO**, onde morou a família do Sr. Eduardo J. Vieira Manso. Nela, por muitos anos abrigou-se a Biblioteca Dr. Carlos Rezende Enout, hoje abriga o Ambulatório de Saúde mental de São Joaquim da Barra.



**CASA PARA OS FUNCIONÁRIOS DA COMPANHIA MOGIANA**, nessas imediações foi construída a Unidade de Pronto Atendimento da cidade (UPA). Foto da década de 1980



## PELA JANELA DO TEMPO

Na década de 1930, com o declínio da produção de café e os problemas econômicos originados pela Segunda Guerra Mundial, a Mogiana entrou em dificuldades financeiras, que se refletiram negativamente na prestação de seus serviços e passou a ser controlada pelo Governo do Estado de São Paulo em 1952.



**BEBEDOURO DOADO PELO SR. MANOEL DAMÁSIO RIBEIRO**, em 1924. Hoje, após restaurado, embeleza a praça da Estação do Saber, que abriga a biblioteca Dr. Carlos Rezende Enout

No final da década de 1940, o café da nossa região começou a ser transportado por caminhões. As carroças, que outrora carregavam os grãos, passaram a ser simples carroças de aluguel, mas, ainda assim, continuavam fazendo ponto (onde hoje é o jardim da Biblioteca Dr. Carlos Rezende Enout), perto do prédio dos Correios e do famoso bebedouro para animais doado pelo Sr. Manoel Damásio Ribeiro, em 1924.

## 1902 - DO CARRO DE BOIA AO TREM DE FERRO

Em 1955, havia 20 mil sacas de cereais armazenados, aproveitando todo o espaço disponível. No vestíbulo, pilhas de café beneficiado e só um corredor para movimentação dos passageiros. Até na sala de espera havia cereais (Américo Villani, chefe da estação em 1955).

As queixas contra a estação, agora já no centro da cidade, aumentavam, em julho de 1962. Guy Antônio Leonetti, da *Folha Joaquinense*, contava:

*O comboio chegou na estação procedente de Orlândia. A grande fila de vagões chega a fazer curva lá em cima. Com isso, as ruas 15 de Novembro, Paraná e Bahia estão impedidas. Todas elas têm passagem de nível fechadas pelo trem. E a cidade fica dividida em duas. Pedestres não se dão por vencidos, saltando ou passando sob os vagões. Enquanto isso, os trabalhadores descarregam mercadorias do trem na estação.*

A estação foi, finalmente, desativada em 1979 e substituída por outra, nova, no lado oeste e fora da cidade (do outro lado da via Anhanguera).

Em 1967, a Mogiana, já estatal, assumiu a administração da Estrada de Ferro São Paulo e Minas, cujas linhas correm entre as cidades de São Simão/SP e São Sebastião do Paraíso/MG. Em novembro de 1971, a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro foi incorporada pela Ferrovia Paulista S. A. (Fepasa), empresa estatal do ramo ferroviário, atualmente desativada.

Os trilhos foram retirados poucos anos depois, e, em 1985, a imprensa denunciava o “estado deplorável em que se encontrava a estação da Mogiana. No fundo as casas desativadas, antigas moradias de funcionários da Companhia”. O pátio dos trilhos ainda estava abandonado, não havia avenida. O leito da linha, que passava dentro da cidade, foi mais tarde transformado em avenida larga. Por alguns anos, abrigou o terminal de ônibus urbanos.

## PELA JANELA DO TEMPO

A Biblioteca Municipal Dr. Carlos Rezende Enout está localizada, desde 28 de setembro de 2012, dentro do complexo arquitetônico da antiga Estação Mogiana, que foi revitalizado e passou a ser chamado de Estação do Saber.



**ESTAÇÃO DA MOGIANA**, em completo abandono (Foto de 1985)

## 1902 - DO CARRO DE BOIA AO TREM DE FERRO



FOTOS DA REVITALIZAÇÃO da Estação Mogiana

Uma bela fotografia noturna da Estação do Saber (2012)



1903

UM LUGAR  
PARA O ETERNO  
DESCANSO

## PELA JANELA DO TEMPO



**FOTO DO NOSSO CEMITÉRIO DE 1936**, na frente vê-se a haste de um cruzeiro que ali foi colocado em 1927, quando foi trazido em procissão do local onde estava, em frente à Igreja Matriz.

Numa colina não muito distante do centro da cidade, foi inaugurada, no dia 11 de julho de 1903, a necrópole municipal. No jornal *O Bandeirante*, de 19 de julho de 1938, na edição comemorativa da passagem de seu terceiro aniversário, é apresentada, pela primeira vez, em um jornal, uma síntese da história de São Joaquim. Contando 60 anos de idade, o Sr. Manoel Trindade já construía 63 casas, nessa localidade.

Na entrevista, entre outras informações, conta como eram parcos e difíceis os recursos médicos e farmacológicos da época. Os remédios e médicos tinham de ser procurados em Nuporanga, ou Morro Agudo, pois o primeiro farmacêutico de São Joaquim, Caetano Gramani, viria para cá somente em 1901 e o primeiro médico, Dr. José Esmeraldo de Oliveira, em 1903, ambos oriundos de Nuporanga.

## 1903 - UM LUGAR PARA O ETERNO DESCANSO

As consultas médicas eram feitas e os remédios trazidos por pessoas que se prestavam a esse serviço, os chamados “cavaleiros da esperança”, quando não o eram da desgraça, pois, muitas vezes, ficavam dias e dias na estrada chegando tarde para socorrer o doente. Conforme o tipo, ou a gravidade, da doença o enfermo já era considerado defunto. Vinha então o pior e os sepultamentos eram feitos em Nuporanga, pois aqui não havia autoridades credenciadas, e os cadáveres precisavam ser conduzidos à necrópole da sede da comarca.

Eram transportados em carros de bois, ou burros, à vizinha localidade. Muitas vezes, o transporte, conforme a condição das estradas e dos animais, demorava dois ou mais dias. Caso o morto não tivesse posses para seguir essa última viagem, era enterrado à beira das estradas, ou nas matas que circundavam o arraial.



**FOTO DO ANTIGO CEMITÉRIO CLANDESTINO**, (construído próximo à Fazenda Tamboril), para enterrar a população vítima de varíola, em meados de 1901.



## PELA JANELA DO TEMPO

A necessidade da construção de um cemitério era urgente. Na época em que surgiram os casos de varíola na cidade, em 1901, ao lado do Seminário, nas terras de Chico Vidal, atualmente dos Scarelli, os bexigentos e criancinhas eram enterrados num cemitério provisório, ali construído, onde até hoje há sinais das instalações. Passado o surto de varíola, voltou o problema de conduzir os mortos ao cemitério de Nuporanga.

Em meados de 1902, iniciaram-se os primeiros passos para a construção do cemitério. Em *O Nuporanga*, edição de 10 de maio de 1902, lê-se:

*A comissão de obras públicas, abaixo firmada, incumbida de escolher o local mais adequado para construir-se na povoação de São Joaquim de Oyçaí, um Cemitério Municipal, foi no cumprimento dessa missão a referida povoação a fim de verificá-lo; opina, portanto, seja esse cemitério construído na beira do patrimônio da mesma povoação no local que divide com Cândido José Carlos, de sorte que fique em frente a igreja. E também de parecer que o aludido cemitério tenha a dimensão de cinquenta metros por vinte e cinco, observando-se para a sua colocação o alinhamento das ruas.*

*Em toda e qualquer agremiação humana, a mais afastada que seja dos centros adiantados, se o vivo reclama casa que o acolha o morto exige onde o enterre. E um reclamo justíssimo, de urgência imperiosa e ao qual se cumpre atender, seja como for, haja o que houver. Não é só preciso o tratar-se do amago se feito de suas esperanças. Os mortos são também integrantes da população urbana e elemento mesmo da população que vive. Se assim, o mesmo direito que assiste de cuidar de tudo o que ocorre a sua subsistência, tem o morto de reclamar para seu descanso para seu eterno sono. Está São Joaquim de há muito colocado em plano de já ser um povoado digno de ser montado de todos os privilégios concedidos aos agrupamentos humanos que progridem e tem jus e mais ou menos alta categoria civil.*

## 1903 - UM LUGAR PARA O ETERNO DESCANSO

*A Sua pequenina capela é certa, ali está inacabada como centro de atração enorme, deveria ser a primeira a ser já concluída. Mas o cemitério? Ninguém ainda além dos mortos, são esquecidos.*

A instalação do cemitério ocorreu no dia 11 de julho de 1903, como é relatado em *O Nuporanga*, nos seguintes termos:

*O tenente coronel Jeronymo Barbosa tomando a palavra declarou que quando em exercício de Intendente lhe foi entregue pelo respectivo empreiteiro do cemitério de São Joaquim, e que atendendo as necessidades da Instalação fez a nomeação dos respectivos empregados tomando em consideração as propostas que lhes foram feitas por José Procópio Mafra e João Pedro Fernandes, aquele para exercer o cargo de administrador percebendo o ordenado de 60\$000 mensais a este para exercer acumuladamente os cargos de Guarda e Coveiro, percebendo o ordenado de 100\$000.*

*Declarou mais que estes empregados tomaram posse aos respectivos cargos no dia 11 de julho findo em cujo dia declarei instalado o mesmo cemitério.*

*O primeiro corpo a ser enterrado no cemitério, conforme registro, foi a criança de 2 meses Josephina, filha de Ragazzini Romeu, dois dias após a sua inauguração.*

Em junho de 1906, a doação do terreno para ampliação da necrópole foi passada na cidade de Nuporanga, por João Miguel de Lima, em doação feita à Câmara Municipal. Era uma parte de terras de campo cerrado, na fazenda de São Joaquim, terras que obteve do Inventário processado por falecimento de sua mulher, Cândida Umbelina Rosa. No mesmo ano, o cemitério foi aumentado.

## PELA JANELA DO TEMPO

Ao término dessa reconstrução, o vereador major José Cardoso da Silva a levou ao conhecimento da Câmara Municipal e pediu que fosse autorizada a importância de 1:913\$000 para o pagamento da obra. O empreiteiro responsável pela construção do nosso primeiro cemitério foi o Sr. Aristides Cardoso.

Esse cemitério, assim como tantos outros do país a fora, está rodeado de lendas, com suas personalidades históricas eternizadas entre as muitas ruas e becos, entre um jazigo e outro.



**UM DOS MAIS FAMOSOS  
ANDARILHOS DE SÃO  
JOAQUIM**, Antônio

Carlos Elias – “Meia-noite”  
(15.10.1962 – 10.9.2003), ao  
*lado direito da foto.*

Das personalidades cidadinas de São Joaquim, ali se encontram o mais conhecido morador de rua, “Meia noite”, que passava horas gritando pelas ruas da cidade: “ô mãe”, com seu túmulo oferecido por amigos do bar da pracinha da Lapa que era seu ponto preferencial. O “Natal”, com seus inúmeros relógios, era perguntar as horas que a bordoadada era certa. Ali também jaz o menino João Alfredo Ayza, falecido em 1927, com suas inúmeras plaquinhas de graças alcançadas. Lembro-me, ainda, no tempo de menino em Dia de Finados, a fila de “devotos” pagando suas

promessas; eram balas, pirulitos e flores, carrinhos e cadernos “daqueles que passaram de ano letivo”; assim como também ao do Dr. Fortes, que vovó enaltecia pelo atendimento gratuito aos colonos da fazenda.

Há o túmulo imponente com o “Anjo da morte”, uma bela escultura de autor desconhecido. Diante desse jazigo do capitão Arthur Gonçalves Bastos, falecido em 1922, um fato pitoresco aconteceu: o casal de coveiros da cidade jurou amor eterno diante do anjo e ali oficializaram o noivado. Na região mais antiga, que se costuma dizer, carinhosamente, ser onde estão sepultadas as personalidades joaquinenses, próximo à capela, construída em 1957, e ofertada por José Reis em memória de seus pais, estão os túmulos de Chico Vidal; Manoel Gouveia de Lima; Manoel Damásio Ribeiro; e quase despercebida, numa sepultura simples, coberta de limo, de João Miguel de Lima, que, nos dizeres do seu epitáfio, trata-se de “João Miguel de Lima, 06 de agosto de 1932, doador do cemitério”. Agora, não poderia deixar de mencionar o mais “temido” dentre os que ali estão, bem atrás da capela, do lado direito de quem chega, o famoso túmulo virado. Ali repousa o coronel Carlos Finocchio, falecido em 1929. Nascido na Itália, em Messina, transferiu-se para o Brasil no século XIX, em São Joaquim era proprietário das fazendas São José e São Carlos. Adquiriu o título de coronel e era conhecido pelo nome de coronel Carrim.

Para aqueles que gostam dos mistérios

**O FAMOSO TÚMULO VIRADO**, das histórias que povoam o cemitério, nele está sepultado o Cel. Carlos Finocchio



## PELA JANELA DO TEMPO

próprios do local, visto que toda cidade tem suas histórias sombrias, que assolam o terreno sagrado, diz a lenda que, depois de falecido, a alma do coronel ficou inquieta em seu descanso eterno, porque seu desejo final não tinha sido realizado: que o seu túmulo ficasse de frente para suas terras da fazenda São Carlos, próxima a Orlândia.

Ao terminar a instalação do mármore vindo de Ribeirão Preto, em forma do gigantesco Sagrado Coração esculpido, no dia seguinte, o túmulo encontrava-se virado, diferenciado dos demais, e assim se realizava aquilo que o coronel pedira em vida.

Lembro-me ainda, na infância, que antes mesmo de chegar aos pés do cruzeiro, para rezar às almas “penadas”, era passagem obrigatória, não tinha como escapar da rota. Ali se fazia o sinal da cruz, em frente ao seu túmulo, por medo do fato narrado. Muitos ainda relatavam que o olhar da fotografia eternizada na porcelana acompanhava aquele que por ali passava. Enfim, fazia-se o Cruz credo três vezes.

Desmistificamos a lenda, assim, de que, quando o cemitério foi construído, havia também outra entrada lateral esquerda, e que, pela opulência do mausoléu, seria impossível construir esse túmulo na mesma sequência paralela dos demais, mas o fato é que o túmulo está virado de frente para as terras do coronel e isso não se pode negar. Com o passar do tempo, os medos da infância desaparecem, porque os medos dos adultos são outros; as histórias vão caindo no gosto popular e eternizando-se na memória daqueles que as viveram.

No livro *Casa Esperança*, de 2021, Rita



**CORONEL CARLOS FINOCCHIO**, faleceu com 72 anos, no dia 6 de janeiro de 1929

## 1903 - UM LUGAR PARA O ETERNO DESCANSO

### O IMPONENTE TÚMULO DO CAPITÃO ARTHUR GONÇALVES BASTOS.

A escultura, de autor desconhecido, é em mármore de Carrara, que foi sendo caiado e recebendo essa coloração com o passar dos anos.



Teixeira conta outro caso muito interessante e que merece ser destacado dentre nossas memórias.

## PELA JANELA DO TEMPO



**O ANJINHO, DO  
TÚMULO DO  
ZEQUINHA**, citado no  
conto de Rita Lopes  
Teixeira

*Às memórias de José Casemiro da S. Leça, Anézia Damásio Leça, Augusto Damásio Leça e Maria Helena D. Leça Teixeira. Bisa era mãe de Zequinha, o anjinho mais branco entre os anjinhos dos túmulos com anjinhos, no cemitério do lugar onde Zequinha nasceu. Essa mulher nasceu com destino marcado para ser mãe, a mais apegada e cuidadosa. Ano de 1925, o único filho era Zequinha, com sete anos, quando nasceram os gêmeos – a menina e o menino. Zequinha alegre, espirituoso, sempre rodeado de amigos. Tinha um cachorro grande, que era também o cão de guarda no quintal do armazém do pai. Mas o cão guardava mesmo Zequinha – seu dono. Já com sete anos, chegou da escola, almoçou e correu até o armazém, para abraçar o amigo-cão. Os amigos-humanos já o esperavam para a peleja do dia. Enquanto se aproximava, um garoto avisou que o cachorro estava esquisito. Zequinha, brincalhão e confiante, pôs-se de quatro e aproximou sua cabeça até a boca do bicho. Tá me estranhando? Vem brincar! O cachorro não se movia, apenas olhava estranhamente o outro animal. Quanto mais Zequinha se aproximava, mais o cão babava, paralisado; atacou antes, pegou a cabeça, a parte do corpo de Zequinha mais próxima de sua boca, e bordou doze mordidas no crânio de sete anos. Os amigos correram em disparada, enquanto o pai e outros homens acudiram prontamente. Mas o bicho só largou o menino depois de muitas pauladas, até cair morto. A mãe ouviu a gritaria. Da varanda fazia perguntas e ninguém respondia, não ouviam seus apelos. Ela só entendeu o ocorrido quando viu seu menino, desfalecido, nos braços do pai. O tempo era pouco para o marido explicar a tragédia. Apenas avisou que precisaria viajar, encontrar um hospital onde pudessem salvar o filho. Ele e o menino partiram de trem para uma cidade distante, com hospitais mais bem equipados. Seis dias depois, o telegrama: Nosso filho está fora de perigo. Chegaremos depois de*

## 1903 - UM LUGAR PARA O ETERNO DESCANSO

*amanhã. Alegria! Meu filho nasceu de novo! Convocou amigos, parentes, vizinhos, Zequinha iria voltar. Depois de amanhã, ao ouvir o apito do trem, bisa vibrou. Ansiosa, foi para o portão à espera do carro de aluguel. Quando o viu se aproximando, não enxergava seu menino. Não percebera que o carro não era de aluguel, mas da funerária. Zequinha dormia para sempre. Após enviarem o telegrama, a raiva se manifestou. Bisa não gritou, não fez o escândalo esperado. Apenas deixou fluírem as lágrimas, que nunca mais secaram. Sessenta e um anos depois, no dia do aniversário da morte de Zequinha, bisa partiu também. Ensaiou o ato inúmeras vezes, mas esperou o dia certo. Há tempos estão juntos novamente, naquele túmulo do anjinho mais branco entre os anjinhos dos túmulos com anjinhos, no cemitério do lugar onde Zequinha nasceu.*

Sobre o caso contado por Rita, a memória dos mais antigos traz que, depois do falecimento do neto, Manoel Damásio Ribeiro guardou seu luto por toda a vida e deixou de acreditar em Deus. O Cruzeiro foi substituído, em 2022, pela administração municipal. Atualmente, depois de outras intervenções e com a ampliação do cemitério, no final de década de 1990, está em fase final a construção do novo cemitério, do outro lado da rua XV de Novembro, com previsão de entrega ainda em 2023.

A todos esses, dai-lhes, Senhor, o descanso eterno!



**NUM TÚMULO ESQUECIDO PELO TEMPO**, que passa despercebido aos de quem visita a necrópole municipal, estão os restos mortais de João Miguel de Lima, doador da área do cemitério.



1909

INÍCIO DAS  
MOVIMENTAÇÕES  
SOCIOPOLÍTICAS

*A guerra entre “gafanhotos e jaburus”, laços familiares estremecidos e tantas outras histórias da Comarca de São Joaquim da Barra.*

## SÃO JOAQUIM – SUA VIDA POLÍTICA NUPORANGA DEIXA DE SER CABEÇA DE COMARCA 1860-1909

O município de Espírito Santo de Batatais, pela Lei provincial n. 937, de 10 de março de 1885, com seus 4 mil quilômetros quadrados, abrangia os atuais municípios de Guaíra, Ipuã, Morro Agudo, Nuporanga, Orlândia, Sales de Oliveira e São Joaquim. Por força da Lei n. 483, de 24 de dezembro de 1896, Espírito Santo de Batatais passou a denominar-se Nuporanga.

Durante vários anos, em torno de 1900, a cidade de Nuporanga foi a capital de uma rica região formada de povoações e distritos de terras ubérrimas, de clima bom e água excelente. Tais distritos, lentamente, foram se emancipando e a singela e tranquila cidade de Nuporanga, que tanto contribuíra e se interessara pelo desenvolvimento da região, permaneceu pequena, mas cônica de sua responsabilidade histórica.

Já em 1902, os nuporangenses começaram a sentir que sua cidade, por estar afastada alguns quilômetros da estrada de ferro, estaria com sua hegemonia ameaçada. Na verdade, desde quando, em 1872, os trilhos da

Mogiana partiram de Campinas para as terras roxas de Ribeirão Preto, os munícipes da então Espírito Santo de Batatais pressentiram, ao conhecer o traçado da ferrovia, que estavam com seus dias de prosperidade contados.

Em julho de 1902, quando a Mogiana já havia chegado ao povoado de São Joaquim, começou um movimento conclamando os nuporanguenses e organizaram uma companhia de bonde de tração a vapor, para unir Nuporanga a Sales de Oliveira. Era uma tentativa desesperadora de procurar soluções que ligassem a então próspera Nuporanga aos preciosos trilhos da estrada de ferro. Um primeiro projeto já fora pensado, quando a Mogiana nem ainda chegara a Sales de Oliveira.

Nessa ocasião, os doutores Luís Marques e Francisco Maciel Quintanilha Ribeiro pediram à Câmara um privilégio por 20 anos para a construção de uma linha férrea que, partindo de Nuporanga, fosse encontrar o traçado dos trilhos da Mogiana no ponto mais conveniente. Em 1907, um arrojado projeto dos engenheiros Deodati e Severo Lima foi estudado para construir uma eletro-via que não apenas ligasse Nuporanga a Sales, mas, começando de Barretos, fosse caminhando para Morro Agudo; Nuporanga; São José da Bela Vista; Patrocínio do Sapucaí; Itirapuã; São Tomás de Aquino; e São Sebastião do Paraíso.

Esses três projetos encheram de esperanças os corações nuporanguenses, mas, apesar de muita dedicação e árduo trabalho, terminaram em nada. Todos sentiam que Nuporanga começava o seu declínio. Pois bem, o nuporanguense vivia sobressaltado, desiludido e descrente de melhores dias com o avanço dos trilhos da estrada de ferro que deixaria à margem a cabeça da comarca. Os proprietários de imóveis urbanos anteviam os prejuízos com a desvalorização imobiliária. Esse temor não era despiciendo, fundando-se em bases lógicas.

As estradas de ferro tiveram, no passado, o condão de criar povoações, quando, pelos sertões, avançavam as pontas dos trilhos, assim como o de fazer sucumbir vilas e cidades florescentes, quando, passando à margem sua, atraíram para novos núcleos os homens atilados, a mão de

obra qualificada, os comerciantes e industriais que ali se estabeleciam à procura de maiores lucros.

Assim foi Nuporanga e tantas outras cidades, que ficaram na auréola das ferrovias, como aquelas cidades mortas tão bem descritas por Monteiro Lobato. O jornal *O Nuporanga* retratou esse fato, com realismo pungente:

*Nuporanga vai morrer, vai morrendo dia a dia, fogem-se lhe elementos indispensáveis a sua vida progressiva: a lavoura definha-se; o comércio dos diversos núcleos urbanos do município diminui sensivelmente as suas operações escamba para a falência e bancarrota; a vida social estiola-se carecida dos fatores principais de sua organização-povo, comércio, indústria e lavoura.*<sup>4</sup>

Embora vaticinando maus dias, em muitas ocasiões, o jornal procurava mostrar que nem tudo estava perdido. A partir de 1904 muitas famílias começaram a se mudar de Nuporanga. Para São Joaquim, vieram o doutor José Esmeraldo de Oliveira, em 1902, e o prático em farmácia, Caetano Gramani, já em 1901. Em seguida, vieram o Sr. José Martins de Araújo; elementos da família Bombig; Cardoso; Carrara; Chirico; Finocchio; Stupello; e outras.

Em 1908, por exemplo, a receita do distrito de São Joaquim chegava a 22:254\$000 réis, com um valor muito próximo da receita de Nuporanga, orçada em 29:855\$468 réis. Já no ano seguinte, a receita de São Joaquim superava Nuporanga em 2.685\$022 réis. Vê-se nitidamente a pujança da vila de São Joaquim e o princípio do fim da hegemonia da cabeça da Comarca. Em 25 de novembro de 1909, a cidade de Nuporanga deixou de ser a sede da Comarca. Dia triste para seus diletos filhos.

---

<sup>4</sup> Do livro *Nuporanga minha terra*, p. 178.

## PELA JANELA DO TEMPO

*Hoje 8 décadas são passadas e Nuporanga continua sua vida de singela e pacata cidade. Na sua rua de entrada ainda se respira a tranquilidade de tempos que não voltam mais. Sob um sol cujo brilho chega diretamente aos olhos, tal a limpeza do ar, sob um céu deslumbrantemente azul, que só a Mogiana tem, é possível viver-se relativamente sem pressa (há anos vivia-se lá sem pressa alguma), urbanamente, conhecendo as pessoas pelo nome<sup>5</sup>.*

Provavelmente, apenas Nuporanga guarda esse ar de paz, essa atmosfera bucólica das cidades mogianenses de outrora.

---

<sup>5</sup> Artigo publicado pelo professor Roque Spencer Maciel de Barros, em 3 de abril de 1984, no jornal *O Estado de S. Paulo*, sob o título “Os poetas de Orlândia”.

DO  
QUEROSENE  
AO DÍNAMO

DO  
QUEROSENE  
AO DÍNAMO

## PELA JANELA DO TEMPO

*Antes da chegada da luz elétrica na nossa região, nas ruas e casas, a iluminação era feita por lamparinas a querosene. Os mais ricos usavam lâmpadas “Belga”, cujo gás era obtido a partir de carbureto que vinha em recipientes fechados.*

*Fonte: Lúcio de Oliveira Falleiros, Memórias de São Joaquim III, p. 28*

No início da década de 1910, o jornal *O Nuporanga*, com a mudança da sede da comarca de Nuporanga para Orlândia, viu seu nome mudado para *A Notícia*, conservando o mesmo dono, Sr. Domingos Cividanes. No apagar das luzes de 1909, no dia 25 de novembro, ficou consumada a transferência dessas comarcas.

Os nuporanguenses inconformados perdiam a sua comarca, enquanto os joaquinenses ficavam amargando a desilusão de ver a sua cidade, tida como a mais progressista do município, ser suplantada pela habilidade e determinação do coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira, chefe político do Partido Republicano Progressista (PRP), na região. Esse prestigioso político conseguiu transformar a pequena Vila Orlando, composta de uma Estação da Mogiana, cercada por algumas casas, em cabeça de Comarca de um vasto município.

O jornal *A Notícia*, em suas edições de 11 e 25 de junho, fala sobre um jornal editado no distrito de São Joaquim, pelo professor português,

## DO QUEROSENE AO DÍNAMO

Câmara Leite. Desse jornal, que recebeu o nome de *O Progresso*, nada restou, nem um exemplar foi conservado para a história. Sua duração foi efêmera, como efêmera foi a passagem do professor Câmara Leite pela vila. Chegou à vila entusiasmado, abrindo um colégio que oferecia cursos preparatórios para Farmácia; Odontologia e Comércio. Chegou com muitas promessas e sonhos que, infelizmente, pouco tempo duraram. No final de 1910, todos os distritos da nova comarca de Orlandia voltavam, cheios de esperanças, suas atenções para a construção da Usina Evangelina, que estava bastante adiantada. Os engenheiros da Empresa de Força e Luz de Ribeirão Preto estiveram em São Joaquim e Orlandia levantando a planta da cidade para instalação local da luz elétrica.<sup>6</sup>

Nesse mesmo final de ano, o automóvel chegaria ao distrito de São Joaquim, pois o Sr. Manoel Eduardo Ferreira, dono de uma fazenda em Jussara, mandara vir um carro, para seu uso particular.

Em 1911, dois sonhos povoavam os corações dos joaquinenses. Desejavam eles que fosse construída uma ponte sobre o rio Sapucaí, para que a vila pudesse se comunicar por via rodoviária com as vizinhas cidades de Guará e Ituverava. Esse primeiro sonho só seria realizado em 1935. Mas antes de ser erguida a esperada ponte, em 1918, a prefeitura do município, faria funcionar uma balsa no rio Sapucaí, no local conhecido como Porto da Água Santa. A balsa serviria para transportar veículos, passageiros e mercadorias.

---

<sup>6</sup> Pouco antes de 1910, o doutor Flávio Mendonça Uchoa, pensando em reforçar a rede de força e luz de Ribeirão Preto, comprou terras do major Cardoso, no distrito de São Joaquim, às margens do rio Sapucaí Mirim. Na altura da cachoeira da Fervura, iniciou a construção de uma Usina de Força e Luz, à qual daria o nome de sua esposa Evangelina. Em 1910, continuavam a chegar os materiais pesados vindos, muitos deles, da Alemanha. Eram transportados da Estação da Mogiana, para a Usina, em carretas de quatro rodas bem largas, puxadas por juntas de bois



## PELA JANELA DO TEMPO



*Fonte: Acervo pessoal*

**FOTO DE 1910. A CASA DA USINA QUASE TERMINADA**, com os andaimes em sua volta. Sua construção teve início por volta de 1907 e foi concluída em 1911, com a instalação de dois geradores Siemens de 700watts cada

O segundo sonho seria reunir, em um só prédio, as escolas públicas esparsas pela vila, com as suas instalações precárias. Esse sonho demoraria menos tempo para realizar-se, pois, em 1921, seria instalado o Grupo Escolar da cidade, num prédio adaptado, que pertencia ao Sr. Antônio Mendes de Oliveira. Prédio que existe até hoje e está localizado na rua Rio Grande do Sul, esquina com a rua Pernambuco.

Das duas escolas estaduais reclamadas em 1907, apenas uma foi provida. Tornou-se sua professora, a senhorita Sylvana Monteiro de Oliveira, formada pela Escola Complementar de Guaratinguetá, que já conhecia a região, pois lecionara em Sales Oliveira. Alguns meses depois de sua chegada, casar-se-ia com o Sr. Luiz Barbanti.

## DO QUEROSENE AO DÍNAMO

Nesse ano, os Srs. Juvenal Ramos dos Santos e Ercílio Ramos dos Santos, em um mapa, traçaram os quarteirões da vila. Ainda foi instituída a paróquia de São Joaquim, no dia 31 de março, pelas mãos do bispo diocesano dom Alberto José Gonçalves.



*Fonte: Acervo pessoal*

**CASA ONDE FUNCIONOU O PRIMEIRO CINEMA DA CIDADE**, no ano de 1911 - o Ideal Cinema, de Assuero Cardoso

## PELA JANELA DO TEMPO

**PROPAGANDA DO IDEAL CINEMA, COM O BRILHANTE SUCESSO,** “O Pharo do cão Policial”, “Os Settembrizadores” e “Irmã e Irmão”, este último com a descrição: Assombroso drama sentimental de assunto comovente dividido em 4 longas partes



Fonte: Acervo pessoal

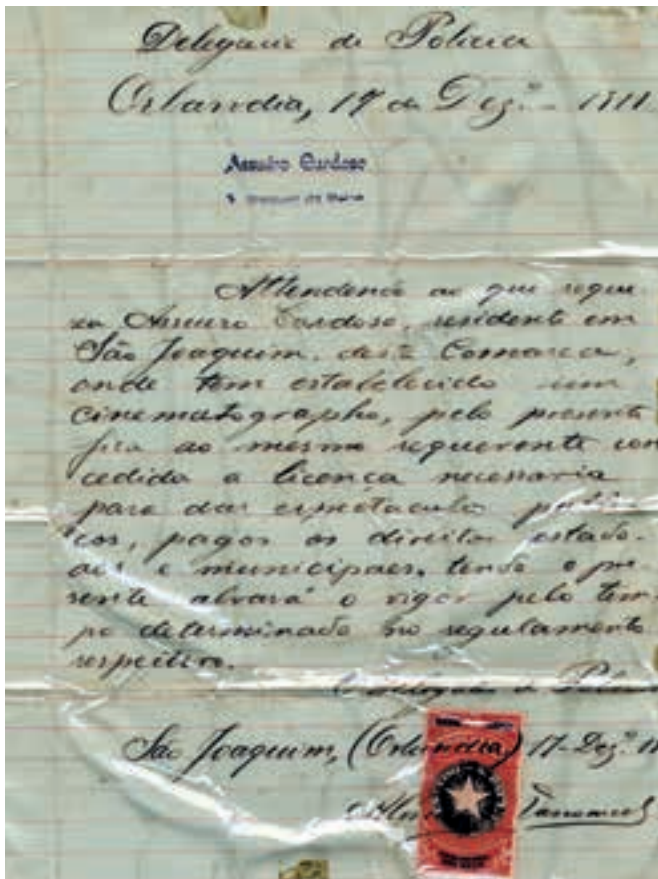
Quase no final desse ano, o Sr. Assuero Cardoso, na data do seu aniversário, 12 de setembro, inaugurou o primeiro cinema do povoado, o Cine Ideal, em prédio situado na atual praça 7 de Setembro, onde hoje está a residência do Sr. Armando Rosa da Silva, na rua Minas Gerais. A história do cinema, no Brasil, começa em julho de 1896, quando ocorre a primeira exibição de cinema no país, na cidade do Rio de Janeiro. No mundo, o cinema tem início em dezembro de 1895, na cidade de Paris/França.

A película exibida foi “Saída dos Trabalhadores da Fábrica Lumière”, dos irmãos Lumière. Inicialmente, o cinema era mudo, e somente na década de 1930 surge o cinema falado. E esse foi o caso do cinema, em São Joaquim. Assuero Cardoso, ainda uma vez, demonstra sua curiosidade e habilidade, enfrentando um problema sério e cheio de segredos, só explorado nos centros urbanos.

Na noite da inauguração do Cine Éden, o Sr. Assuero conseguiu um dínamo e uma caldeira emprestados pelo engenheiro Dr. Flávio Mendonça Uchoa, que estava terminando a construção da Usina Hidroelétrica, às margens do rio Sapucaí, na cachoeira da Fervura. Além

## DO QUEROSENE AO DÍNAMO

de inaugurar as instalações do “Ideal Cinema e Clube Éden Familiar”, Assuero, com o espírito avançado e apaixonado por tudo o que havia de novo, acendeu, na porta do cinema, uma lâmpada de 200 watts. Imaginasse o frenesi, pois foi nesta data que a primeira a iluminar as noites da vila, iluminou também a imaginação do progresso vindouro em que jazia a população joaquinense.



Fonte: Acervo pessoal

**LICENÇA PARA QUE O SR. ASSUERO CARDOSO** pudesse apresentar os espetáculos cinematográficos do Ideal Cinema, inaugurado em 12 de setembro de 1911, data de seu aniversário

## PELA JANELA DO TEMPO



*Fonte: Arquivo pessoal*

**ASSUERO CARDOSO, AOS 25 ANOS.** Graças à sua privilegiada memória, o Professor Lúcio de Oliveira Falleiros resgatou grande parte da história de São Joaquim da Barra.

## DO QUEROSENE AO DÍNAMO

No ano de 1916, no Cine Édén, realizou-se o primeiro Baile Familiar, conforme relata a crônica do *Jornal a Tribuna*, de 1916.

*Realizou-se a sete do corrente o primeiro baile desta sociedade. Com seleta e numerosa assistência de inauguração teve um brilhantismo excepcional. As 9 horas o Sr. Durval Barbosa congratulando-se com os presentes leu bem fundamentada conferência onde realçava e apregoava o valor da sociedade e a finalidade da mesma, sendo ao terminar muito aplaudido. Às 10 horas iniciou-se o baile que se prolongou até a madrugada, sempre com animação. Notamos as seguintes senhoras: D. Ruth Medeiros, Augusta Barbosa e gentis filhinhas, Amélia Fernandes Vidal, Leonor Paiva, Amélia de Carvalho, Sra. Damásio, Margarida Mielli, Amélia Duarte, Maria Mafud, Mariquinha Cardoso, Anézia Ramos de Sá, Laura de Sá Machado. Senhoritas: Celina Sá Macedo, Celentina e Alice Caldas, Anézia Damásio, Maria Durvalina Barbosa, Noêmia e Eulina Alves. A diretoria foi inexecedível em gentileza deixando todos cativados. Resta-nos fazer votos para que a próxima reunião tenha senão mais, ao menos a mesma animação.*

No ano de 1912, chegou, em São Joaquim da Barra, exatamente no dia 3 de setembro, o padre Manoel Thiago Pontes para tomar posse como vigário encomendado de nossa paróquia. Era português de nascimento e teria sido o nosso primeiro vigário de fato. O Dr. Antônio de Almeida Prado em seu livro *Crônica de Outrora*, assim retrata, na página 97, esse dinâmico sacerdote:

*O padre Manoel Thiago Pontes, português de Funchal, da Madeira, vigário de São Joaquim, enquanto lá cliniquei, por seu espírito público e dinâmico, agitou o meio. Metia se um pouco em tudo: na política, na vida social e nas intrigas do lugarejo. Reformou, e melhor se dirá, edificou a Igreja, cuidou da casa paroquial. A sua passagem pela vigararia de São Joaquim foi proveitosa ao povo.*

## PELA JANELA DO TEMPO

Outro acontecimento importante no ano foi a chegada de um trem especial da Mogiana, trazendo turistas de São Paulo e políticos e vereadores de Ribeirão Preto, a convite do Dr. Flávio Mendonça Uchoa, para conhecerem as instalações da usina hidrelétrica construída às margens do rio Sapucaí. Com essa caravana, que foi recebida com um banquete em comemoração ao término da montagem da usina, no trem especial, veio um fordinho para conduzir o pessoal até as instalações. Na volta, o Dr. Flávio vendeu-o ao major Cardoso, que mandou vir um motorista de Ribeirão Preto, um senhor chamado Francisco Sarapião, que ensinou Assuero Cardoso, filho do major, a guiar. Esse foi o primeiro automóvel a circular pelas ruas de São Joaquim.

Em 1913, São Joaquim tinha perto de 6 mil habitantes. Nesse ano, a cidade seria agraciada pela chegada definitiva do automóvel. Assim o jornal *A Notícia*, de Orlandia, anunciou em suas páginas, na edição do início do mês de março:

*O auto que faz o serviço de transporte na vila de São Joaquim, tem tido grande aceitação, não tendo chegado para as encomendas e isso vem nos afirmar que o outro já encomendado para o mesmo fim, não é demais para atender as necessidades e os caprichos públicos.*

No mês seguinte, no dia 26 de abril, o mesmo jornal assim publica:

*Até já temos o 'fom-fom' do automóvel, enchendo as nossas ruas públicas numa manifestação vertiginosa de atividade e civilização. Não é só isso, pois além desse automóvel que já faz o transporte na vila, teremos outro por esses dias. O sr. Vitório Guerreiro seguiu a dois dias para São Paulo afim de adquirir um carro de luxo, que pretende pôr em serviço público entre nós.*

1914

A IGREJA DO  
PADRE PONTES



## PELA JANELA DO TEMPO



1919 - Foto da antiga Igreja Matriz ainda inacabada

*Fonte: Acervo pessoal*

A construção da nossa primeira matriz (segunda igreja) deve-se ao esforço e dinamismo do Pe. Manuel Thiago Pontes. No final de 1913, precisamente em 5 de dezembro, começou o movimento de substituir a capela por um templo mais amplo. Em janeiro de 1914, ao redor da capela que servia de matriz, já estavam construídos os alicerces da futura igreja paroquial, os quais mediam 10,60x32 metros. Os alicerces foram construídos à base de aroeira. Em janeiro, uma série de doações enriqueceu a nova igreja. A primeira foi feita pela Colônia Síria da Vila, que ofertou à nossa Matriz, pesando mais de 200 quilos, um sino finamente trabalhado, que, por muitos anos, enviou suas badaladas pelos ares de nossa cidade.

Nesse mesmo ano, foi autorizado ao zeloso vigário, pela Sra. Adelina Clara Diniz Junqueira, contratar a confecção do altar-mor, que doava à Matriz. Altar que seria assentado no final do mesmo ano. O madeiramento de todo o telhado da Igreja Matriz (trazido da fazenda Floresta), foi doado pelo Sr. José Olyntho Fortes Junqueira (Zezico).

Ainda na mesma época, o Sr. Antônio Diederichsen, comerciante em Ribeirão Preto, ofertou um confessionário. O Dr. Olímpio de Macedo doou o púlpito. O altar da direita foi doado pelo major Cardoso. A Igreja ia se tornando realidade. O Pe. Pontes tantas vezes montou seu cavalo para ir às fazendas em busca de prendas vivas. Gostava também de estar na casa do Sr. Chico Vidal, com Nicodemo Seco e Antônio Curto Domingos, para tomar seu bom vinho.

Três meses depois recomençariam os trabalhos a cargo do hábil oficial, Domingos Russo, com os tijolos que existiam em depósito. Tais obras iriam se arrastar por mais de 10 anos, pois, embora a Igreja tivesse sido inaugurada uns seis meses após ter sido começada, só ficaria de fato concluída em 1926, quando seu teto seria pintado e reformado.

## PELA JANELA DO TEMPO



*Fonte: Acervo pessoal*

**CARLOS ABRIATTA E SUA ESPOSA JOSEPHINA** Bordizo Abriatta, o artista que pintou os afrescos da antiga Igreja Matriz. Além da nave principal, havia outras três grandes obras de sua autoria; São Joaquim e Santa Ana menina, a Imaculada Conceição e o Cristo ressuscitado envolto em nuvens e num gigante resplendor dourado. Ambos falecidos e sepultados em Ribeirão Preto.

## 1914 - A IGREJA DO PADRE PONTES

O transcorrer dos trabalhos, que começaram com o Pe. Pontes (5 de dezembro de 1913 a 14 de abril de 1918), e continuaram pelos Pe. José Vingelli (14 de abril de 1918 a 19 de dezembro de 1922), e Pe. João Rulli (19 de fevereiro de 1922 a 15 de março de 1925), seriam terminados pelo Pe. Eugênio Dias, que ficaria entre nós durante 22 anos. Pe. Eugênio chegou com a Igreja quase terminada, mas ainda despida do tão sonhado jardim ao seu redor. De janeiro de 1914 a 1926 foram 13 anos de festas e doações, de quermesses e subscrições, na ânsia de se chegar mais rapidamente ao final da tarefa. Cada novo padre que chegava, novas ideias trazia, novo entusiasmo, novas metas.

Paralelamente ao erguimento da igreja, sempre foi mantida a ideia de ajardinar a praça e construir um coreto. O sonho de ter ali um jardim começou em 1914 e só se tornou realidade em 1927. O sonho de ter um coreto realizou-se bem mais cedo. O laborioso Pe. Pontes partiria em 1918 e viria, para São Joaquim, o Pe. José Vingelli, que logo iniciou a ornamentação interna do templo, e, em agosto do mesmo ano, seria coberto de janelas envidraçadas e coloridas.

Começava-se a comentar que esse templo era o mais belo do ramal de Igarapava. Até hoje conserva-se essa tradição. Em 1º de abril de 1919 foi inaugurada com muita festa e com a presença do bispo D. Alberto. Sua Eminência desceu na estação sob os acordes da banda local. Uma multidão de pessoas e estudantes o esperava. Mocinhas bem vestidas e rapazes janotas alegravam a recepção ao bispo, e ornamentavam o ar de festa que cobriria a Vila. À noite, mais festas, com fogos de artifícios preparados pelos Fogos Scarabuci de Franca/SP.

A Igreja foi inaugurada, sem estar de todo acabada. Com a saída do Pe. Vingelli, em 1922, veio o Pe. João Rulli, que contrataria Ângelo Bianchini para pintar a capela-mor e o corpo da igreja. A pintura foi iniciada em 5 de novembro de 1922 e concluída em 25 de março de 1923. Em junho de 1924, o Sr. Jerônimo Garcia Falleiros ofertaria o altar com a estátua de São José.

## PELA JANELA DO TEMPO



*Fonte: Acervo pessoal*

**ALTAR-MOR DA ANTIGA IGREJA MATRIZ**, doado por dona Adelina Clara Diniz Junqueira, filha do Capitão Chico. A antiga igreja foi demolida em 1963

A antiga Igreja Matriz era um templo comum, e obedecia a estilo algum. Mais ou menos no centro do jardim, subia-se à igreja por uma escadaria de tijolos e cimento, ao todo com dez degraus. O templo era pequeno; apresentava acomodações para cerca de 500 pessoas. Além da entrada principal, havia mais duas portas, uma lateral direita e outra lateral esquerda. Suas paredes eram modestamente decoradas. No templo, existiam quatro altares de mármore branco, e o altar-mor era destinado a São Joaquim, padroeiro da cidade.

O púlpito também era de mármore branco e o piso do templo ladrilhado. Observava-se que as quatro janelas eram de vidros amarelos embutidos na parede, impedindo a entrada do ar, fato que, nas funções em que haviam grande número de fiéis, tornando o ambiente completamente irrespirável. O teto era estucado e decorado com um quadro representando o Cristo numa auréola de luz. A torre era baixa e nela se via um relógio encimado por uma luz cravejada de lâmpadas elétricas, completando o quadro da Igreja Matriz de São Joaquim. Por ser o único templo católico da cidade, poderia ser muito mais rico e melhor do que é, principalmente tratando-se de uma cidade tradicionalmente católica como é e como geralmente são todas as outras dessa zona da Alta Mogiana do Estado de São Paulo.

Neste mesmo ano, ainda, outro acontecimento registrado foi a circulação do primeiro jornal da vila, *A Tribuna*, de propriedade do Sr. Deodoro de Sá Macedo, mais conhecido pelo apelido de Doca e considerado o pai da imprensa joaquinese. Existe, na biblioteca municipal, uma coleção completa do jornal, de 1914 a 1929. Infelizmente os sete primeiros números do jornal esfacelaram-se. O primeiro número foi editado em 14 de fevereiro de 1914.

O precursor do jornalismo em São Joaquim foi, incontestavelmente, o correspondente de jornais de outras terras.

Por suas correspondências, assíduas e bem lançadas, pudemos seguir os fatos de nossa pré-história e legaram às gerações futuras um manancial enorme de informações e esclarecimentos.

## PELA JANELA DO TEMPO

Daí em diante, tivemos alguns outros nomes de jornais, em São Joaquim, aqui colocados em ordem cronológica.

*A Tribuna, O Município, A União, A Comarca, O Jornal, O Brasil Moderno, Correio Paulista, Ranchera, 9 de Julho; 14 de Outubro; Jornal do Comércio; O Bandeirante.* Dos mais atuais, *Folha da Alta Mogiana; A Voz; Vitrini; Jumbinho.* Dentre eles, destacamos o *Jornal o Bandeirante*, fundado em 1937, que durou cerca de cinco anos, em nossa cidade. Era diretor proprietário, o Sr. Luiz Borges, e redator, Athayde de Mattos. Nessa época, foram ainda os correspondentes dos jornais de São Paulo e de Ribeirão Preto os anúncios que davam sinal de vida e levavam o nome de São Joaquim da Barra além de suas fronteiras territoriais.

Mas houve a reação e o pioneiro das nobres causas de São Joaquim da Barra. Associando-se ao Sr. Antônio Rosa, levando avante o empreendimento e, em 1950, saía à luz, o primeiro número do novo jornal *O Bandeirante*, sob a direção de Durval Rangel e com a colaboração de vários intelectuais da cidade, inclusive o jornalista Mário Barbosa. Depois, o jornal foi adquirido pelo professor Luiz Meloni.

Em caráter esporádico, foram feitas muitas outras publicações na cidade, de revistas e almanaques.

Ainda no ano de 1914, chegou à Vila de São Joaquim o distinto médico Dr. Antônio de Almeida Prado e sua esposa, Zilda Junqueira de Almeida Prado.

Em 1915, a Vila de São Joaquim já era sede do quarto distrito de Paz da comarca e município de Orlândia. Situada entre os riachos da Olaria e de São Joaquim, em terrenos particulares, edificada numa extensa planície, é uma bela povoação, bastante comercial, contando com avultado número de prédios, dentre os quais muitos bons e elegantes. As ruas são bem abauladas e espaçosas, e, devido ao intenso trânsito e à seca, tem espessa camada de pó, que, em alguns pontos, atinge mais de um palmo de espessura. As ruas, embora abauladas em alguns pontos, onde o terreno tem algum declive, carece de reparos. Em vista disso, o seu aspecto atualmente é desagradável e feio.

A povoação era cortada pela via férrea da Companhia Mogiana. Na bela e espaçosa praça 7 de Setembro, acha-se a Igreja Matriz em construção. A população era composta de gente sem aristocracia, mas laboriosa e ordeira.

Existiam também poucos passeios, e somente em frente de alguns prédios, quando deveria ter, pelo menos nas principais ruas, guias e passeios, para o seu embelezamento e para aliviar o transeunte da terrível e prejudicial poeira. Porém, todas essas faltas nada representam, em face da principal, que era a Instrução Pública. Era de se surpreender que São Joaquim, um dos principais, senão o principal distrito do município, e que contribuía com 30 contos de réis, para os cofres municipais, renda essa que, com um bem feito serviço de recenseamento e arrecadação, poderia ser elevada facilmente a 40 contos de réis. Na ocasião, só havia em funcionamento uma escola pública estadual para estudantes do sexo feminino.

Era lamentável tal fato para um povo que até pagava um imposto especial para instrução pública. No recenseamento daquele ano, contavam-se mais de 200 crianças do sexo feminino e não consideraram o grande número das de sexo masculino que se achavam sem escola. Além da escola pública citada, havia outra para estudantes do sexo feminino e uma para alunos do sexo masculino, regidas por professores particulares.

A presente crônica quase que só fala sobre as falhas existentes no povoado, no entanto, em São Joaquim, em 1915, foi construído o belo prédio da Cadeia Pública; as ruas receberam nomes; nas casas foram colocados números; e a prefeitura já começava a desapropriar os terrenos para iniciar a abertura da avenida para o cemitério. Além disso, começou a pensar na vinda do telefone para o povoado.



1916

SÃO JOAQUIM  
PROGREDIA

O ano de 1916 foi muito rico em acontecimentos responsáveis pelo progresso de São Joaquim. Para não nos perdermos, ao relatá-los, vamos enumerá-los. Em setembro de 1915, os imigrantes italianos uniram-se para constituir uma Sociedade com o objetivo de conseguir, entre eles, uma mútua participação em suas alegrias, dificuldades e anseios. Para tal, fundaram a “Sociedade Italiana”. Logo após, em 31 de dezembro de 1915 e 1º de janeiro de 1916, realizaram uma grande festa, com muita pompa. Nunca o povoado vira festa tão grandiosa quanto a organizada. Uma segunda festa entusiasta, em 20 de setembro de 1916, serviu para comemorar um ano da fundação da Sociedade.

O belo e moderno prédio da Cadeia Pública foi inaugurado em 16 de janeiro de 1916, no Largo do Cruzeiro, que recebeu o nome de Largo de 13 de Maio, onde hoje está a nossa Cadeia. Na época, foi considerada a mais bela construção do povoado.

Ainda por volta do ano de 1916, muitas escolas particulares foram surgindo esporadicamente, com o objetivo de complementar a deficiência do ensino público. Assim, professores de fora para cá se dirigiram. Foi criado o colégio Dufrayer, vindo de Batatais; o Colégio Progresso, sob a direção do professor português Camilo F. Dias; a professora Maria Peralta Cunha; o professor estadual Pedro Duarte, que, nas horas vagas, atendia seus alunos particulares. Do povoado, só existia um professor particular, o sr. Francisco Stupello. Tiveram duração efêmera, e somente o Colégio Progresso funcionou mais tempo, até 1922. Os primeiros telefones foram instalados na vila.

Em junho, foi inaugurado o segundo cinema da vila, o “Theatro Variedades”, de propriedade do Sr. Luiz Barbanti, também na praça 7 de Setembro. O Teatro funcionava aos sábados e domingos, com preços distintos: damas e cavalheiros 200 réis; crianças 100 réis. Nessa época, o anúncio era realizado de forma peculiar, às 19 horas, soltava-se o primeiro foguete e, meia hora depois, o segundo; e, finalmente, o terceiro, que prenunciava o início da exibição. Naquela época, para projetar o filme,

## PELA JANELA DO TEMPO

era necessário que fosse molhado antecipadamente. Decorrida uma hora e pouco de projeção, havia um intervalo, pois a tela estava seca e carecia de ser molhada novamente. Várias companhias teatrais de São Paulo se exibiram em São Joaquim, sempre com público educado e numeroso.

Crônica do jornal *A Tribuna*, em edição de 22 de outubro de 1916, trazia:

*Com numerosa e selecta assistência, realizou-se a 19 do corrente a inauguração do sumptuoso “Theatro Variedades” de propriedade do nosso amigo Luiz Barbanti. No ato inaugural usou com proficiência da palavra o Sr. Durval C. Rangel que em resumida mas vibrante alocução realçou o valor, fim e utilidade do Theatro. O fim altruístico da iniciativa do Sr. Luiz Barbanti, tudo repassado em exposição clara e convincente e, a seguir, o Sr. Francisco Stupello também falou; e a seguir foi servido aos presentes profuso chops. Após o espetáculo realizou-se animado baile que se prolongou até a madrugada. O proprietário Luiz Barbanti foi inexcusável em gentileza e a Troup Max contratada especialmente para inauguração esteve à altura da expectativa geral... (grafia original).*

Abrão Mauad foi outro batalhador pela causa do cinema, em São Joaquim, mantendo, por longos anos, o Cine Santa Cecília. Finalmente, os cidadãos Antônio Corsi e Antônio Lopes, adquiriram o cinema, demoliram o antigo prédio e passaram a fazer exhibições no salão da Rádio São Joaquim. Construíram, no mesmo lugar, o imponente prédio que, por muitos anos, embelezou a praça Sete de Setembro.

Na ocasião, era considerado um dos melhores cinemas do interior, com capacidade para mais de mil pessoas. Até a própria paróquia havia adquirido um aparelho cinematógrafo, para exhibir, no salão paroquial, filmes religiosos, educativos, com grande sucesso. Em seguida, funcionou o Cine Mongol, onde, atualmente, está instalada a Igreja Universal. Com

o passar do tempo, tudo isso se perdeu.

A nossa Corporação Musical, que tinha o nome de “Lyra Joaquinense”, estava em franca atividade, e o entusiasmo era tanto que a população, liderada pelo Sr. Manoel Trindade, participou de uma subscrição, para angariar dinheiro e construir um coreto. Teria, assim, um local digno para realizar as suas concorridas retretas dominicais, na praça Sete de Setembro. Continuavam as cobranças para a construção de uma balsa sobre o rio Sapucaí. Reiniciaram, a todo vapor, os trabalhos para a abertura da avenida do cemitério e da ponte sobre o córrego São Joaquim.

No mês de julho, apareceria na vila o seu segundo jornal *A União*, órgão do partido PRP, do subdiretório dirigido pelo Sr. Manoel Gouveia de Lima, com uma tiragem de 600 exemplares com distribuição gratuita.

Em agosto, o farmacêutico Jerônimo Garcia Falleiros, vindo de Franca, comprou a Farmácia Aparecida, de Raul Barbosa, dando-lhe o nome, mais tarde, de Farmácia Falleiros.

Foi criado, pelo Sr. Avelino Coza, em agosto, o “Foot Ball Club Joaquinense”, e, em 3 de setembro, foi realizado um jogo inaugural, que aconteceu às 15h30, em terrenos do Sr. José Quirino de Carvalho, na rua Rio de Janeiro, em 27 de agosto de 1916.

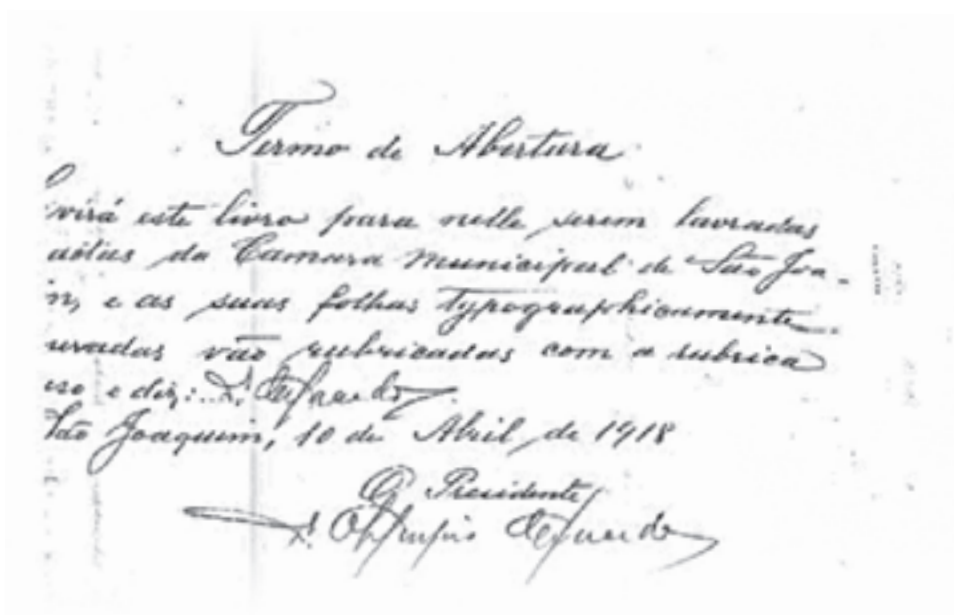
O clube dançante “Éden Familiar”, é fundado nas dependências do Cine Ideal, de Assuero Cardoso, na praça Sete de Setembro.

No final do ano, foi editado o seu terceiro jornal que levou o nome de *O Município*, do outro subdiretório do PRP do major Cardoso. Dois diretórios de um mesmo partido que trocavam farpas aguçadas entre si.

1917

SOB QUALQUER  
CHAPÉU, HÁ  
UMA CABEÇA  
POLÍTICA

## DA EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE SÃO JOAQUIM À INSTALAÇÃO DE SUA COMARCA



**TERMO DE ABERTURA DO LIVRO DE ATAS** da Primeira Câmara Municipal de São Joaquim da Barra, assinado pelo presidente Olímpio Macedo.

Fonte: Acervo pessoal

## PELA JANELA DO TEMPO

Em julho de 1902, quando a Mogiana já havia chegado ao povoado de São Joaquim, começou um movimento conclamando os nuporanguenses e organizaram uma companhia de bonde de tração a vapor, para unir Nuporanga a Sales de Oliveira. Era uma tentativa desesperada de procurar soluções que ligassem a então próspera Nuporanga aos preciosos trilhos da estrada de ferro. Pois bem, o nuporanguense vivia sobressaltado, desiludido e descrente de melhores dias com o avanço dos trilhos da estrada de ferro que deixaria à margem a cabeça da comarca. Os proprietários de imóveis urbanos anteviam os prejuízos com a desvalorização imobiliária.

Esse temor não era despiciendo, fundando-se em bases lógicas. As estradas de ferro tiveram, no passado, o condão de criar povoações quando pelos sertões avançavam as pontas dos trilhos, assim como o de fazer sucumbir vilas e cidades florescentes quando, passando à margem sua, atraíram para novos núcleos os homens atilados; a mão de obra qualificada; os comerciantes e industriais que ali se estabeleciam à procura de maiores lucros. Assim foi Nuporanga e tantas outras cidades, que ficaram na auréola das ferrovias, como aquelas cidades mortas tão bem descritas por Monteiro Lobato.

A partir de 1904, muitas famílias começaram a se mudar de Nuporanga. Em 25 de novembro de 1909, a cidade de Nuporanga deixou de ser a sede da Comarca, dia triste para seus diletos filhos.

Acreditavam ser, São Joaquim, a candidata mais provável a tomar a liderança pela força do seu comércio e de suas realizações. Um movimento político começou a tomar corpo, em São Joaquim, com o objetivo de passar o povoado para sede da Comarca. Tal pretensão eclodiu às claras, sem subterfúgios, na sessão de 8 de janeiro de 1906, quando, durante o expediente da Câmara Municipal de Nuporanga, foi lido um ofício enviado pelas Comissões Reunidas de Estatística e de Justiça das Câmaras dos Deputados, pedindo informações, baseando-se no Parecer n. 122, de 1905, que se referia à criação do município de São Joaquim.

Infelizmente, para os joaquineses, o chefe da política da Comarca, coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira, tinha outras ideias. Ele que, desde 1902, manobrava a política na região, com habilidade, com seu porte insinuante e sua grande capacidade de liderança. Possuindo muitos alqueires de terra à margem esquerda do rio Pardo e do córrego do Rosário, neles plantou a Estação Coronel Orlando.

Em três anos, de 1906 a 1909, fez, dessa estação da Mogiana, inaugurada em 1901, um pequeno aglomerado de casas. Pacientemente, preparou-se para concorrer com São Joaquim e Sales, no desejo de se tornar sede de comarca. O sonho do coronel começava a ter vislumbres de realidade. Habilmente, o colocava em prática, e pacientemente preparou o seu cheque-mate. Em 4 de janeiro de 1907, o coronel conseguiu que a Câmara aprovasse que o senhor intendente chamasse para a canalização da água e esgoto e para que as propostas fossem apresentadas até 28 do mesmo mês. A essa altura, São Joaquim, unindo-se a muitos habitantes dos distritos de paz de Sant'Anna dos Olhos d'Água (Atual Ipuã), de Sales de Oliveira e Morro Agudo, fez representação ao Congresso do Estado reiterando o pedido de transferência da sede da Comarca para si (Lei n. 48/1908).

Em 1<sup>a</sup> de dezembro de 1908, a Câmara Municipal de Nuporanga presta informações contrárias à mudança para São Joaquim, alegando, entre tantas coisas, ter apenas 690 habitantes, enquanto Nuporanga possuía 1.200. Além disso, alegava não possuir, São Joaquim, prédios nos quais pudesse funcionar a Câmara, o Fórum, a Cadeia e escolas, e a construção de tais prédios oneraria muito o Estado.

Para encerrar, matreiramente, colocou-se a ideia de que as vilas de Sales de Oliveira e Orlândia ofereciam melhores condições para tal finalidade. Tudo parecia apontar São Joaquim como a nova sede da Comarca. Entretanto, o coronel Orlando tecia uma malha de situações em que jogava o seu prestígio e habilidades políticas.



Sintetizando, as justificativas obedeciam à seguinte linha de pensamentos: a decadência de Nuporanga, entalada entre os trilhos da Mogiana; o progresso e a localização de Vila Orlando como ponto central do município.

Se Mansueto Ferrari e outros vereadores enfileiraram-se em torno do coronel, o Sr. Rizoletto Odiloni de Lima, vereador por Sales, opôs-se à ida da sede da Comarca para Orlândia, e, principalmente, o major Cardoso da Silva, figura de proeminente prestígio em toda a Comarca, embora amigo íntimo do coronel Orlando, também refutou alegando que, se devia haver mudança, o local mais indicado para isso era a Vila de São Joaquim, que já possuía considerável núcleo de habitantes e cujo comércio já era bastante intenso.

A Comarca ficaria da mesma forma centralizada e a mudança poderia ser feita com mais facilidade, dadas as boas edificações existentes na vila, inclusive a casa de sua propriedade, que estava à disposição, uma vez que fosse resolvida a transferência para ali, como era mais razoável e natural.

A propositura de Mansueto Ferrari foi levada rapidamente a São Paulo, a fim de juntá-la ao Projeto n. 48 aprovado em primeira discussão. Para não perder tempo, o próprio coronel viajava para São Paulo de “caradura”, o trem misto da Mogiana.

A Comarca já estava no alto da Juçara, de onde iria arrebatar, como mais tarde disse o coronel, levando-a para a Vila Orlando. E assim foi feito. Em 29 de novembro de 1909, foi transferida para o povoado de Vila Orlando, o município da Comarca de Nuporanga. Os bravos nuporangenses perderam sua comarca para uma simples vila. Os joaquinenses ficaram amargando a desilusão de ver sua decantada situação de distrito mais progressista ser suplantada pela habilidade e determinação do coronel Orlando. A política fizera de uma pequena estação, cercada de algumas casas, a cabeça de comarca de um vasto município, em detrimento de distritos progressistas, como São Joaquim e Sales de Oliveira.

Devido às artimanhas políticas encabeçadas pelo Chico Orlando,

São Joaquim nunca perdoaria ao chefe político orlandino ter sido usurpado em seus altos, ao perder a cabeça da comarca para a cidade de Orlândia. Ficou o seu povo, durante quase dez anos, com essa usurpação atravessada na garganta. Somente em fins de 1917, São Joaquim tornar-se-ia município.

Apesar de inconformada em ser dependente de Orlândia, em ser apenas um simples distrito na nova comarca, São Joaquim continuava em franco desenvolvimento. Durante os anos de 1909 a 1917, seu vice-prefeito, Alfredo José Nogueira, tentava, na Câmara Municipal de Orlândia, obter recursos que satisfizessem os desejos dos seus munícipes, ansiosos por conseguirem melhoramentos básicos para sua cidade.

São Joaquim era o distrito que maior receita carreava para os cofres públicos, mas recebia muito pouco em troca. A cidade crescia a olhos vistos, mas faltavam os melhoramentos básicos. As ruas vermelhas enlameavam na chuva; na seca, um pó fino castigava a todos e a tudo. Faltava canalização para água. Os donos da política, instalados com seu coronel em Orlândia, não se interessavam que tais melhoramentos se realizassem no distrito que sempre lhes fizera sombra. No peito do joaquinense, estava sempre latente o sonho de ser livre dos políticos orlandinos. A insatisfação era geral, mas desorganizada.

Em janeiro de 1915, começaram, os políticos joaquinenses, a se preocupar em unir-se ordenadamente, para fazer sua cidade passar de distrito a município.

Nessa época, realizou-se uma reunião cívica, nas dependências do Cine Ideal, propriedade de Assuero Cardoso, com um grande número de pessoas. Falou-se sobre a consolidação de duas comissões com as seguintes tarefas: uma formada pelo Pe. Manoel Thiago de Pontes; o Dr. Antônio de Almeida Prado e o major Cardoso, para falar com o chefe político, coronel Orlando, sobre a criação do município e a outra, formada pelos Srs. Nicodemo Secco; Nardelli e José Medeiros, para conseguirem um abaixo-assinado dos joaquinenses e também para realizar um recenseamento.

Os políticos de Ipuã uniram-se aos anseios de São Joaquim pois, ao passar São Joaquim para município, as figuras proeminentes na vila despertaram para a luta. Novos nomes uniram-se à tarefa de conversar com o coronel. Foram eles: Virgílio Neves; Carlos Finocchio; José Martins Araújo; Alfredo José Nogueira e Antônio Domingos.

Em sua fazenda, o coronel recebeu a comissão com a habitual consideração, mas, embora dissesse ser favorável ao desejo de todos de emancipar o município, pensava ser um pouco prematura a concretização da ideia. Era de sua opinião ser necessário um bom e longo trabalho político de preparação. Muitos joaquineses não acreditaram no interesse do eminente chefe político pela emancipação de São Joaquim.

Surgiu, então, uma associação política, “A União”, que, em 16 de janeiro de 1916, convocou o povo da vila para participar da eleição de um subdiretório político local, sob a presidência do Coronel Orlando. Foram eleitos como membros efetivos os cinco mais votados: Manuel Trindade da Silva – membro; José Martins de Araújo – presidente; Francisco Alves Ferreira – membro José Francisco da Silva – vice-presidente; Manoel Gouveia de Lima – secretário.

O novo subdiretório União, do PRP, cumpriria galhardamente seus deveres, dando à vila o governo e a administração política de que tanto precisava. Os ânimos políticos, até então tão calmos, iriam pegar fogo. O major Cardoso, reunindo antigos políticos joaquineses, criou um segundo subdiretório do mesmo PRP, também sob a mesma presidência do coronel Orlando, em meados do ano de 1916.

A vila estava a três meses da eleição e o clima fervia. Foram dias quentes. Entretanto, uns dez dias antes do pleito, os inimigos de ontem se entrelaçaram, fundindo em um só os subdiretórios. Os extremos se uniram. O que parecia impossível acontecera.

*A Tribuna*, de 22 de outubro de 1916, publicou os termos do acordo num comentário em destaque na primeira página do jornal. Na verdade, foi um comunicado aos eleitores da vila com os dizeres:

## 1917 - SOB QUALQUER CHAPÉU, HÁ UMA CABEÇA POLÍTICA

*Os membros dos subdiretórios Republicana Paulista e União deste Distrito, auxiliados pelo incansável e prestimoso chefe político Cel. Francisco Orlando Diniz Junqueira resolveram em boa e feliz hora se congregarem em um só partido para de mãos dadas seguirem e trabalharem para o mesmo ideal o desenvolvimento de São Joaquim.*

Assim desapareciam as hostilidades para reinar exclusivamente a paz e harmonia entre os dois grupos e o povo sensato, esperam a adesão unânime do eleitorado e de todos os que militam nestas terras até hoje feliz pela pacatez, politicamente, falando-se.

O subdiretório municipal, ora constituído, agradece a penhora e o modo correto e patriótico com que se portaram os ex-candidatos a juizes de Paz de uma e outra chapas já apresentadas e publicadas — os quais, ouvidos por seus amigos, foram de acordo em ceder, desistindo do lugar que lhes havia sido oferecido, para assim facilitar o conagraçamento realizado.

Côncios de haverem praticado um bem a todos os que se interessam pela paz, harmonia e progresso, forma o presente, certos de continuarem a merecer a vossa confiança e amizade dos seus correligionários. Internamente, após tal conagraçamento, as coisas se acalmaram. O subdiretório, após as eleições, concentrou suas atenções para conseguir a almejada passagem de São Joaquim para município.

A agressividade dos joaquinenses contra a política coronelícia, talvez não tivesse muito fundamento, pois o jornal A Notícia, de Orândia, logicamente simpatizante do coronel, analisou com ponderação o esforço de São Joaquim na busca da criação do município, com o seguinte artigo, de 17 de novembro do 1917, bem às vésperas da criação definitiva do município de São Joaquim:

## PELA JANELA DO TEMPO

*Foi aprovado no Congresso o projeto de criação do município de São Joaquim, conforme solicitação dos habitantes daquele rico distrito, dirigida em representação ao referido Congresso, e aprovada pelo diretório atual e particularmente pelo Exmo. Snr. Cel. Francisco Orlando, nosso ilustre chefe político, que, com a larga visão característica de sua personalidade, viu nessa aspiração a maior justiça e comprometeu-se para a consecução dela, dar todo o seu prestígio público e pessoal.*

O perspicaz chefe orlandino há muito percebera que o desmembramento de São Joaquim viria mais dia menos dia. De fato, decorrido pouco mais de um mês, pela Lei estadual n. 1.588, de 26 de dezembro de 1917, foi criado o município de São Joaquim, com território desmembrando de Orlândia.

*A independência estava feita. São Joaquim fisicamente Libertara-se de Orlândia, mas politicamente continuaria subordinado a liderança do coronel Orlando. Entretanto, em menos de 2 anos iria libertar-se também da influência que durante mais de quinze anos, o coronel Orlando mantinha na política da região.*

Quando se tornou município, São Joaquim tinha aproximadamente 3 mil habitantes, com quase 400 prédios. A alegria era geral. A sociedade joaquinese preparava-se para organizar-se e fortalecer-se politicamente. Para tanto, havia necessidade de serem eleitos os membros do diretório do Partido do Republicano Paulista (PRP), sob cuja responsabilidade seria entregue o destino político-administrativo de São Joaquim.

Às 11 horas da manhã de 10 de fevereiro de 1918, o Cel. Francisco Orlando Diniz Junqueira, foi convidado pela direção do partido para presidir a sessão onde seriam sufragados os nomes dos candidatos indicados para dirigir o PRP e, quiçá, a política joaquinese. Na ocasião, o Cel. Francisco Orlando convidou para ocuparem lugar na mesa os Srs.: Dr. Olympio Macedo, Francisco de Almeida Prado, Júlio Cezar dos Reis

Medeiros, José Olyntho Fortes Junqueira, João Diniz Junqueira, José Octávio de Almeida Prado, Francisco Fortes Junqueira e Sebastião Laje, que serviu de secretário. Dos 415 eleitores inscritos compareceram e votaram 310 e a cerimônia foi encerrada sem o menor incidente desagradável. Foram eleitos os cinco mais votados: Dr. Olympio De Macedo, com 390 votos; Alfredo José Nogueira, com 309 votos José Olyntho Fortes Junqueira, com 308 votos; Major José Cardoso da Silva, com 308 votos e Júlio Cezar dos Reis Medeiros, com 307 votos.

Decorridos alguns dias após a eleição dos membros de diretório, era necessário seu reconhecimento pela Comissão Central. Para conseguir tal feito, foi escolhido José Olyntho Fortes Junqueira. Amigos políticos e pessoais foram recebê-lo festivamente na sua volta da capital do Estado, tendo à frente a banda “Lyra Joaquinense”. Lá conseguiu, com sua inteligência, dedicação e relacionamento com importantes vultos da política, que fosse reconhecido o diretório político. Após sua chegada, todos se dirigiram à sede do Club Éden Familiar, onde saudou o Sr. Zezico o ilustre advogado Sebastião.

Em nome do jornal *A Tribuna*, falou o Sr. Juvenal de Sá Macedo e por fim, o padre Pontes.

Politicamente, a cidade organizava-se. Tudo estava preparado para o dia 17 de março de 1918, o grande dia de eleição para que fosse constituída a sua primeira Câmara Municipal.

Compareceu às urnas quase todo o eleitorado, quando foi sufragada a maioria dos candidatos do PRP. Apenas um candidato da minoria conseguiu vencer. Foram eleitos os seguintes cidadãos: Dr. Olympio de Macedo; José Olyntho Fortes Junqueira; Júlio dos Reis Medeiros; José Octávio de Almeida Prado; Antônio Cardoso e Antônio Finocchio.

O jornal *O Município* apresentou os resultados do pleito eleitoral, em sua primeira página:



José Olyntho Fortes Junqueira

### **A ELEIÇÃO DE VEREADORES.**

*Conforme havíamos previamente noticiado realizaram-se no dia 17 as eleições para vereadores da Câmara Municipal de São Joaquim, compreendendo 371 eleitores dos 426 alistados.*

*O resultado foi o seguinte, em cada uma das seções:*

## 1917 - SOB QUALQUER CHAPÉU, HÁ UMA CABEÇA POLÍTICA

1º TURNO	6ª secção	7ª secção	Total
Dr. Olympio de Macedo	48	30	78
José Olyntho Fortes Junqueira	47	29	76
José O. Almeida Prado	47	30	77
Júlio Cezar dos Reis Madeiros	47	29	76
Antônio Finocchio	32	32	64
2º TURNO	6ª secção	7ª secção	Total
Dr. Olympio de Macedo	189	119	308
José Olyntho Fortes Junqueira	189	119	308
Júlio Cezar dos Reis Medeiros	189	119	308
José Octávio de A. Prado	189	119	308
Antônio Cardoso	181	113	294
Arthur Gonçalves Bastos	180	113	293
Antônio Finocchio	32	32	64
Manoel Gouveia de Lima	32	32	64
Fernando Vilarinho	31	32	63
Ernesto Barbanti	31	32	63
José Trindade	31	32	63
José Branco Perez	31	32	63
Aristides Lima	4	6	10
José Garcia Duarte	4	6	10
José Ignácio Nogueira	2	-	2
Manoel J. da Silva Pereira	1	-	1
Antônio Mendes de Oliveira	1	-	1

*Fonte: Memórias de São Joaquim, vol. 1, p 124*



## PELA JANELA DO TEMPO

Foram eleitos, no 1<sup>a</sup> turno, os Srs. Olympio Macedo; José Olyntho Fortes Junqueira; Júlio Cezar dos Reis Medeiros; José Octávio de Almeida Prado; e Antônio Finocchio, e no 2<sup>a</sup> turno o Sr. Antônio Cardoso. Realizada a eleição, os joaquinenses esperavam ansiosos pelo dia da instalação oficial do município, com a posse dos primeiros vereadores de São Joaquim. Esse dia tão esperado é assim relatado pelo jornal A Tribuna:

*Realizaram-se no dia 10 do corrente (10.4.1918), conforme estava anunciado, os festejos em comemoração à instalação da primeira Câmara Municipal do município de São Joaquim. Às 9 horas da manhã já era grande a aglomeração de povo representando todas as classes da sociedade, aguardando na gare da Mogyana a chegada dos representantes dos municípios vizinhos.*

*Às 9 e 45 minutos silvou a locomotiva que conduzia os convidados sendo recebidos pela comissão da Câmara e ao som da música tocada pela banda local “Lyra Joaquinense”. Trocados os cumprimentos do estilo foram os convidados acompanhados até o Hotel Machado onde em três grandes mesas foi servido um lauto almoço, sentando-se à mesa as pessoas: José Olyntho Fortes Junqueira, Dr. Torquato Fortes Junqueira, Dr. Alfredo de Vasconcelos, Dr. Joaquim Gomes Pinto, Sebastião José Lage pelo “Estado de São Paulo” e “Correio Paulistano”, Dr. Titto Lívio dos Santos pelo “Diário da Manhã”, Antônio Azevedo Souza Júnior, Júlio Medeiros, Amâncio Rodrigues, Theodomiro Falleiros, Durval Barbosa pelo “Comércio de São Paulo”, Alfredo Nogueira, Juvenal de Sá Macedo pela “A Tribuna”, Vicente Paiva pela Câmara de Igarapava, José Marques Netto pela “A Tribuna de Igarapava”, Dr. Olympio de Macedo, Silva Ramos, José de Mello Júnior, Antônio Cardoso, Cap. Arthur Bastos, José Garcia Duarte, Dr. Celso Fortes Junqueira, Leonel*

*Mafuld, Antônio Finocchio, Aristides Cardoso, Francisco Olyntho Junqueira, Octávio A. Prado, Ignácio Mesquita, Camillo Dias pelo “O Município”, Joaquim Nobre, Francisco Stupello, José Francisco da Silva.*

*Falaram por essa ocasião os Srs. Francisco Stupello oferecendo o almoço às autoridades da Comarca, representantes das câmaras vizinhas e Imprensa, respondeu o Sr. Joaquim Gomes Pinto, M. Juiz de Direito da ‘Comarca’, agradecendo e saudando a nova Câmara. Em seguida falou o Sr. Titto Lívio dos Santos redator do “Diário da Manhã”, de Ribeirão Preto, em nome daquele jornal felicitando o novo município representado pelos vereadores presentes. Faltou em seguida o Dr. Olympio de Macedo saudando o Dr. Altino Arantes, Presidente do Estado. Encerrados os brindes levantaram-se da mesa, seguindo todos incorporados até o edifício onde devia ser instalada a primeira Câmara eleita pelo povo para dirigir os destinos deste novo município. Aí depois de todas as formalidades foram empossados os vereadores, que depois de prestarem juramento em mãos do Dr. Juiz de Direito da Comarca tomaram assento, sendo conforme a lei lavrada a ata pelo vereador Sr. José Olyntho Fortes Junqueira.*

*Oraram por essa ocasião o Sr. Sebastião Lage em nome da imprensa de São Joaquim, os Srs. Camillo Dias pelo “O Município”, o professor Dagmar Costa e Dr. Olympio de Macedo.*

*Foram recebidos diversos telegramas dirigidos ao Sr. Major José Cardoso, ao Dr. Presidente e prefeito da Câmara entre os quais notamos os dos Srs. Arthur Oliva, inspetor escolar deste município e José Margarino de Andrade escrivão da Coletoria Estadual de Orlândia e Aureliano Silva e Alomi de Mello.*

*No largo da Matriz em frente ao Paço Municipal, forma o corpo de menores Escoteiros de Orlândia, elegantemente fardados, conduzindo a Bandeira Nacional e que gentilmente*

## PELA JANELA DO TEMPO

*vieram dar maior brilho as festas, fazendo evoluções diante da Câmara, dirigidos pelo seu instrutor sargento José Domingos de Oliveira comandante do destacamento de Orlândia e pelo professor Antônio Sette, diretor do Grupo Escolar de Orlândia, seguindo a tarde no trem expresso para Orlândia, deixando nessa cidade agradável impressão.*

*Às 17 horas o Dr. Olympio Macedo, ofereceu em sua elegante residência um lauto jantar aos seus amigos e vizinhos tendo tomado assento à mesa os Srs. Drs. Joaquim Gomes Pinto, juiz de direito de Orlândia, Alfredo de Vasconcelos, Delegado de Polícia da mesma cidade, Sebastião Lage, Delegado de Polícia deste município, Titio dos Santos, Cap. Arthur Bastos, Alfredo José Nogueira, professor Affonso Sette, Júlio de Medeiros e Theodomiro Falleiros. Ao champanhe o Dr. Joaquim Gomes Pinto saudou o Dr. Olympio de Macedo e à sua exma. família.*

Em ata da sessão especial realizada para a eleição das autoridades administrativas aos 10 dias do mês de abril de 1918, às 14 horas, na praça 7 de Setembro, n. 11, local provisoriamente destinado ao Paço Municipal, reuniram-se os vereadores: Cap. Artur Gonçalves Bastos; Dr. Olympio de Macedo; Júlio Cezar dos Reis Medeiros; José Olyntho Fortes Junqueira; Antônio Finocchio e José Octávio de Almeida Prado. Para prefeito, foi escolhido por votação o Sr. Júlio Cezar dos Reis Medeiros e para presidente o Dr. Olímpio Macedo.

*Aos dez dias do mês de abril de mil novecentos e dezoito, pelas 12 horas, nesta cidade de São Joaquim no edifício à praça da Matriz, n. 11, provisoriamente destinado ao Paço Municipal, presente grande número de cidadãos, representando todas as classes sociais da localidade, sob a presidência do Dr. Joaquim Gomes Pinto, M. Juiz de Direito da Comarca de Orlândia, por este foi dito qual o feito da reunião. Em seguida, convidou aos*

*cidadãos que haviam sido eleitos vereadores a exibirem o seu diploma, o que feito e examinados os diplomas que estavam todos em forma legal, o M. Juiz procedeu a chamado dos vereadores, que ocuparam os seus lugares e são os Srs.: Dr. Olympio de Macedo, Júlio Cezar dos Reis Medeiros, José Olyntho Fortes Junqueira, José Octavio de Almeida Prado, Arthur Gonçalves Bastos e Antônio Finocchio. Então feito primeiro a chamada, Dr. Olympio de Macedo foi prestado o compromisso, e em mãos do juiz, de desempenhar em préstimo e lealdade as suas funções respeitando a Constituição Federal e a deste Estado de São Paulo, observando e fazendo observar as outras leis da União e do Estado e as leis, resoluções e provimentos municipais e promovendo a prosperidade do município, sendo que os demais vereadores também o prestarão, cada um por sua vez, dizendo: “Assim o prometo”.*

*Pelo M. Juiz Dr. Gomes Pinto foi então dito, que para todos os efeitos, declara solenemente instalada o Município de São Joaquim e empossado a sua primeira Câmara Municipal, imposta dos vereadores já referidos, convidando o vereador que esta escreve, José Olyntho Fortes Junqueira, para servir de secretário e lavrar a presente ata, da qual, depois de por todos assinada, se extraia uma cópia autentica, que será enviada ao Sr. Secretário do Interior, afim de ser guardada no arquivo público do Estado. Nada mais,*

*Cidade de São Joaquim, aos 10 de abril de 1918.*

*Joaquim Gomes Pinto; Juiz de Direito*

*José Olyntho Fortes Junqueira*

*Dr. Olympio de Macedo*

*Júlio Cesar dos Reis Medeiros*

*Arthur Gonçalves Bastos*

*José Octávio de Almeida Prado*

*Antônio Finocchio*

# GAFANHOTOS E JABURUS

GAFANHOTOS E  
JABURUS

## GAFANHOTOS E JABURUS

*Gafanhotos e Jaburus foram dois nomes figurativos, pelos quais até os dias atuais é lembrada a briga política que marcou a história, principalmente dos municípios de São Joaquim da Barra e Orlandia, ambos liderados por membros de uma importante família, os Junqueiras.*

Após a criação do município, no apagar das luzes de 1917, e sua respectiva instalação, meses depois, com a posse dos primeiros vereadores de sua história, partiu São Joaquim para as realizações sonhadas. A vila conseguiu o almejado objetivo de se tornar município, mas a direção política continuava enfeixada na mão do Cel. Orlando, mandando, há cerca de 15 anos, nos destinos da região, como presidente do diretório do PRP. Em todos os distritos, principalmente em São Joaquim e Nuporanga, havia grande descontentamento dos perrepistas em relação à liderança do chefe orlandino. Foi, entretanto, no seu próprio e principal reduto, na cidade de Orlandia, que ele criara e construía, que eclodiu um movimento oposicionista em 12 de outubro de 1918. Um grupo de orlandinos escreveu um manifesto, clamando pela moralização dos costumes políticos e pela democratização na escolha de candidatos. Tais manifestantes formariam um partido oposicionista, o Partido Republicano Municipal (PRM).



**CORONEL FRANCISCO ORLANDO DINIZ JUNQUEIRA,**  
fundador da cidade de Orlandia e líder dos Jaburus

## PELA JANELA DO TEMPO

O manifesto repercutiu como uma bomba, em todo o Estado. O prestígio do grande chefe político estava sendo contestado; o governador Altino Arantes começou a sentir, ao lado do Cel. Orlando, que sua força política começava a ser abalada. Os governistas preocupavam-se com a repercussão do manifesto. O jornal *O Estado de S. Paulo* trazia, em suas colunas, comentário sobre o tal manifesto, com a opinião de que deveria ser imitado por outros políticos do Estado.

Em São Joaquim, sob a liderança da família Junqueira e de antigos políticos, formou-se o maior núcleo oposicionista do município. A família Junqueira dividira-se. De um lado, o coronel Orlando; do outro o restante dos irmãos. Os adeptos do coronel eram os “jaburus”. O grande líder dos gafanhotos foi o Sr. Magino Diniz Junqueira. Sobre o tal desentendimento, escreve o Dr. Carlos de Rezende Enout, em seu livro *Genealogia da família Enout*, na página 103;

*Radicado em Orlândia, cada vez mais estimava aquela cidade havia começado a minha vida profissional, com um sucesso acima de toda expectativa; onde fizera grande círculo de amizades, onde passara minha dedeira lua-de-mel e onde nascera minha primeira filha. Já tardava que tanta felicidade fosse perturbada por motivos inteiramente estranhos à minha vontade e inteiramente fora de minha culpa.*

*O Cel. Orlando, que eu estimava muito, com seu gênio autoritário e intransigente, fez explodir um movimento contra a sua política. Até muitos de seus parentes se voltaram contra ele.*

Continua, ainda, o Dr. Carlos Rezende Enout:

*Os seus parentes que até então vinham cooperando com ele, inclusive na transferência da velha Nuporanga, fora da linha ferroviária, para Orlândia que afinal todos haviam auxiliado*

## GAFANHOTOS E JABURUS

*na construção. O pior é que toda a turma de seus parentes, desviam auxiliado na construção. O pior é que toda a turma de seus parentes descontentes, era constituída dos membros mais chegados a nós, e a nossa casa passou a ser o ponto de reunião desses elementos, como seu quartel general encontra o que nada eu poderia fazer. Por menos que desejasse envolver-me nesse movimento, tomei-me naturalmente muito suspeito e Chico Orlando acabou declarando “quem não era seu, era contra si e deveria definir-se”. Acabei, como era natural, declarando-me contra, mesmo porque também a mim não agradava o seu autoritarismo. Pela primeira vez eu tinha sido empurrado para uma luta verdadeiramente inglória, sem enxergar nela motivos tão fortes que justificassem tamanha exaltação, numa campanha que empolgava toda a população do grande município, com repercussão em todo o Estado”.*

### O GRANDE LÍDER DOS

#### GAFANHOTOS foi o

Sr. Magino Diniz Junqueira, irmão de Francisco Orlando. A disputa política estremeceu os laços de sangue entre os irmãos e familiares.





Nas eleições de 20 de outubro, a vitória dos gafanhotos foi avassaladora. A determinação do Sr. Magino Diniz Junqueira os levou a uma expressiva vitória nas urnas.

O jornal *O Município*, de São Joaquim, aderiu à causa municipalista dos gafanhotos. E ressurgiu, nessa cidade, o jornal *União* para defender a causa dos adeptos do coronel, os “jaburus”.

Foi um ano em que a política pegou fogo, o velho PRP jogou todo o seu prestígio, usando de todos os meios para conseguir conservar o poder. O velho jequitibá não queria tombar. Em São Joaquim, nas eleições para senador e deputado, de 26 de abril de 1919, e logo após, para vereadores e juiz de paz, de 30 de outubro de 1919, a derrota dos jaburus foi clamorosa.

Essa eleição foi um teste para a que seria realizada em 30 de outubro, para a escolha de vereadores e juízes de paz, mais interessante e mais disputada, por interessar diretamente aos municípios e distritos. Nessa, sim, é que gafanhotos e jaburus iriam se engalfinhar. O povo de São Joaquim, brioso como os que presam sê-lo, derrotou o governo, mais uma vez, nas urnas. Agora, como Pereira Barreto, como nas últimas eleições presidenciais, como nas eleições de deputados, o povo respondeu às afrontas governamentais com a mesma altivez, com a mesma hombridade.

O governador ameaçava; a força policial amedrontava os adversários; o juiz de direito, última esperança dos municipalistas, havia interrompido o exercício de seu cargo e, em seu lugar, colocou-se o primeiro juiz de paz, homem de confiança do Cel. Orlando. Politicamente, nos anos de 1920 e 1923, as lutas se acalmaram. A partir de abril de 1923, durante quase um ano e meio, tomou posse, como prefeito, o vice-prefeito, Dr. Carlos de Rezende Enout, que ficaria na prefeitura até setembro de 1924.

## GAFANHOTOS E JABURUS

Em seu livro *Genealogia da família Enout* (1964, p.104), Rezende Enout expressa-se da seguinte forma sobre:

*Assim livrando-me da política de Orlândia, ingressei na de São Joaquim, pela insistência de parentes e sobretudo de meu cunhado Zezico (José Olyntho Fortes Junqueira), desejando que eu o substituísse na vereança. Ele foi vereador em 1922, em 23 de janeiro fui eleito pela Câmara, como era então lei, vice-prefeito. O prefeito Júlio Medeiros, exercendo o cargo desde 1918 tinha planos arquitetados e, licenciando-se, entregou-me a prefeitura e mais tarde exonerou-se, atirando a carga definitivamente em minhas costas. Depois de examinar os problemas municipais, o que mais me impressionou foi a falta de água potável numa cidade em crescimento e onde se verificava em todos os quintais, cisternas ao lado de fossas negras, notavam-se casos frequentes de tifo e eu, como médico, não poderia ser indiferente a tal situação.*

## PELA JANELA DO TEMPO



### **CARICATURA DO PARTIDO P.R.P,**

liderado pelo coronel Francisco Orlando Diniz Junqueira. Receberam a alcunha de “Jaburus”, nome de uma ave que iria devorar os gafanhotos.



### **O PARTIDO LIDERADO PELO SR. MAGINO DINIZ JUNQUEIRA,**

recebeu a alcunha de “Gafanhotos”, assim chamados porque diziam que iriam acabar com as lavouras de café do coronel Orlando. Ao lado, uma caricatura de um gafanhoto com a bandeira paulista na mão, tendo a sigla PRM, aparecendo ainda de esporas montado em um jaburu.

Com a emancipação política de São Joaquim, em 1917, foi criado o primeiro diretório do PRP, que era apoiado pelo chefe político de Ribeirão Preto, o Cel. Joaquim “Quinzinho” da Cunha Diniz Junqueira. Na eleição para a formação da primeira Câmara Municipal de São Joaquim, quatro dos seis eleitos faziam parte desse diretório. O primeiro conflito sério envolvendo o diretório perrepeista de São Joaquim e Orlândia, foi a eleição, para o Senado Estadual, em 1ª de junho de 1918. Para essa eleição, a Comissão Central do PRP impôs o nome do cônego Valois de Castro, para ser sufragado pelos diretórios. Em contraposição a essa candidatura, a Academia de Letras Paulista indicou o nome do Dr. Luiz Pereira Barreto, renomado médico.

Apoiada em várias cidades, e principalmente por Ribeirão Preto, a candidatura conseguiu articular uma oposição conjunta obtendo oposição favorável do diretório de São Joaquim. Em contrapartida, o município de Orlândia foi o único da Comarca que apoiou o candidato indicado pela Comissão Central do PRP. Em São Joaquim, José Olyntho Fortes Junqueira declarava, abertamente, seu apoio ao Dr. Luiz Pereira Barreto.

No jornal *O Município*, de 26 de maio de 1918, podemos ler os artigos “A candidatura de Pereira Barreto”; “Valois não pode ser eleito” e “Ao eleitorado”. Devido a esse declarado apoio, os políticos de São Joaquim sentiram-se pressionados de duas formas, o que acabou acirrando as divergências na política da comarca; sofriam pressão da Comissão Central, e o Cel. Francisco Orlando que, apoiado pela Comissão, buscava diminuir a influência política dos fazendeiros de São Joaquim.

Assim se explica o fato de o Sr. José Olyntho Fortes Junqueira ter sido punido pela Comissão, ao ser expulso do diretório ao qual pertencia. O próprio jornal local acusava o Cel. Francisco Orlando de ter usado suas influências para ter conseguido a punição ao sobrinho. Segundo o jornal, esse fato só poderia ser explicado “admitindo

que pessoa nisto interessada houvesse sugerido a aquela comissão a renúncia de José Olyntho”. A deposição de José Olyntho levou à renúncia de todo o diretório de São Joaquim, e outro diretório foi nomeado pelo próprio cel. Francisco Orlando. Outro fato aguçou os ânimos daqueles que faziam oposição ao coronel. Na eleição para vereadores do município de Orlândia, Celso Torquato Junqueira, seu sobrinho, saiu como candidato.

Entretanto, contrariando a família, Chico Orlando preferiu apoiar o Sr. Aurélio Silva, preterindo o sobrinho. Essa foi a gota d’água para que alguns de seus familiares organizassem um movimento de oposição, liderado por seu cunhado, o Dr. Antônio Torquato Junqueira (casado com Helena Fausta Diniz Junqueira, irmã de Chico Orlando), e por seus dois irmãos, Magino e Mário Diniz Junqueira. Essas disputas acabaram resultando em um rompimento, no clã da família Junqueira, e no surgimento de uma oposição mais organizada.<sup>7</sup> Com o rompimento, as fazendas do Magino, Mário e de suas irmãs, passaram a pertencer a São Joaquim.

---

<sup>7</sup> MOLINA, Marcia Maria Castejon. *Jaburus e gafanbotos: disputas políticas na comarca de Orlândia*. Universidade Estadual Paulista, 2001.

1918

Ô ABRE ALAS,  
QUE EU QUERO  
PASSAR



FOTO DE 1906 - Carnaval em São Joaquim

Com entusiasmo não esperado, realizaram-se, durante três dias de Carnaval, animados festejos, dos quais tomou parte a escola da sociedade de São Joaquim. Durante as tardes, um bellissimo curso de automóveis enfeitados e conduzindo o que São Joaquim tem de mais distinto e elegante em cavalheiros e senhoras, percorreu as ruas da cidade, jogando serpentinas, confetes e lança-perfumes. Alguns automóveis conduziam gentis senhoritas da elite da nossa sociedade, ostentando lindas toaletes como fantasia, e a sua passagem era recebida por chuvas de confetes e serpentinas. Porém, esteve mais animado no Largo da Matriz, onde se travaram, com delírio, verdadeiras batalhas de confetes e serpentinas.

Para melhor brilhantismo desses festejos, a natureza nos aprouve dar três belas tardes, isentas de calor e chuva, e, à noite, as distintas e conceituadas famílias Ramos e Leonel, ofereceram dois bellissimo e animados bailes, que vieram fechar com chave de ouro os festejos carnavalescos. Uma coisa digna de notar é que, em nenhuma localidade, talvez, não tenha se dado, durante esses três dias de festejos, com a aglomeração extraordinária do povo, nenhum incidente desagradável, apesar de a cidade não ter sido policiada. O fato revelava o espírito de educação e ordem do povo de São Joaquim.

Sobre o carnaval, o *Nuporanga* escreveu, em fevereiro de 1906:

*A mocidade folgazã da vila São Joaquim pretende festejar com muita folia os dias de carnaval. para mostrar seu entusiasmo fez percorrer na tarde de domingo próximo na localidade um ensurdecador “Zé Pereira”, aparece, no meio, de pé, com bigode , de branco, o padeiro Alberto Dalpino, tendo em sua frente um menino. à direita da foto, bem na frente aparece o Domingos Russo, entre um senhor alto, de preto e um menino, Domingos Russo foi o pedreiro que começou a construção da nossa Igreja Matriz.*



1919

AS PRIMEIRAS  
CASAS BANCÁRIAS

## 1919 - AS PRIMEIRAS CASAS BANCÁRIAS

Sabemos que os comerciantes antigos foram os percussores do nosso primeiro sistema bancário, isso porque, em torno de 1900, os sitiantes e aqueles que labutavam no comércio, não tendo um lugar seguro para deixar suas economias, recorriam aos comerciantes mais acreditados e, na mão deles, depositavam o produto de sua labuta.

Com o advento da cafeicultura, no início do século XX, a falta de bancos de crédito possibilitou a continuidade da ação de tais indivíduos, fundamentais para o fornecimento de crédito a uma atividade que demanda considerável capital.



*Fonte: Acervo pessoal*

**UMA FOTO COMEMORATIVA DA INAUGURAÇÃO DO BANCO DE CRÉDITO POPULAR**, tirada na esquina onde hoje está o Banco Santander. Aparecem sentados, da esquerda para a direita, bem no centro, o Dr. Antônio Torquato Junqueira, de boina; tendo à sua esquerda o Dr. Olímpio Macedo e à sua direita o Sr. Celso Torquato Junqueira. Os dois à direita, Zezico Junqueira e Antônio Mendes de Oliveira.

## PELA JANELA DO TEMPO

Para as empreitadas de abertura de novas fazendas, faltava o elemento principal: um capitalista que emprestasse dinheiro suficiente e por prazo relativamente longo para que a fazenda pudesse ser implantada, custeada e os cafeeiros entrassem em produção. Muitas vezes, esses capitalistas eram comerciantes, ou mesmo cafeicultores mais abastados. Comerciantes de secos e molhados, donos de armarinhos e toda gama de comerciantes locais, envolviam-se em seus estabelecimentos. Paralelamente, havia os bancos, pioneiros na província de São Paulo, na segunda metade do século XIX, atraídos pela pujança do café. No interior do Estado, fundaram-se vários bancos, a partir de 1890, destacando-se, na região da Alta Mogiana, o Banco Construtor e Auxiliar de Ribeirão Preto, de Antônio Diederichsen; as casas bancárias Dumont e Cia., Ângelo Zeberti, Domingos Quirollo;<sup>8</sup> a Casa de Crédito Popular Francisco Orlando Diniz Junqueira, entre outros.

*Em São Joaquim, o primeiro estabelecimento de Crédito foi o Banco de Crédito Popular de São Joaquim, fundado em 7 de outubro de 1919, com o capital de 100 contos de réis.*

Localizava-se no prédio de dois andares, construído pelo Sr. Francisco Fernandes Vidal (um dos primeiros moradores do povoado de São Joaquim), na esquina das ruas Minas Gerais com Marechal Deodoro, onde hoje está o Banco Santander. Foram seus fundadores, principais, acionistas e diretores, o Sr. José Olyntho Fortes Junqueira e o Capitão Arthur Gonçalves Bastos. Era gerente desse banco o Sr. Júlio César dos Reis Medeiros e, entre seus funcionários, destacavam-se Ítalo Paschoal e Francisco Stupello.

O *Diário da Manhã de Ribeirão Preto* na edição de 10 de outubro de 1919, relatava com profuso brilhantismo a inauguração.

---

<sup>8</sup> Na estrada do Anhanguera, p. 138.

## 1919 - AS PRIMEIRAS CASAS BANCÁRIAS

### PRIMEIRO PRÉDIO DAS INSTALAÇÕES DO BANCO DE CRÉDITO POPULAR,

entre as ruas Marechal Deodoro e Minas Gerais, aqui, o Banco de Crédito Popular permaneceria por 6 anos.



*Realizou-se, no dia 7 de outubro de 1919, a solene inauguração do Banco de Crédito Popular, com a presença das pessoas de destaque da cidade.*

*Às 13h00, estando presente a sua diretoria, junto com Mário Augusto Ferreira de Macedo, organizador do Banco, foi, pelo Zezico, aberta a sessão. Usando da palavra, Sr. Mário de Macedo, proferiu um brilhante discurso, demonstrando as vantagens para os agricultores e comerciantes, bem como para a população de São Joaquim e seus arredores, a criação da casa bancária. Fez ver que na Itália, no Japão, Portugal e na Alemanha já existiam centenas de bancos idênticos e que muito progrediu nos lugares onde funcionavam, e que no Brasil se tinha cogitado a abertura das casas bancárias, as quais muitas vezes fracassaram devido à má direção e falta de confiança, mas que o Banco de Crédito Popular, da forma que estava organizado,*

## PELA JANELA DO TEMPO

*só poderia progredir, porque é organizado com capitais dos municípios onde é instalado e que os fundos nele existentes são aplicados somente em transações do próprio município, e que o Governo auxiliava com empréstimos esses bancos com depósitos da Caixa Econômica, quando havia necessidade.*

*Disse ainda o Sr. Mario, que, antes da inauguração do Banco, este já havia feito operações para mais de 100 contos de réis, demonstrando assim a confiança que nele depositavam os seus municipais. Em seguida, foi dada a palavra ao Sr. Camillo Figueiredo, que com sua calma moral, proferiu uma bela alocução, na qual terminava dando parabéns a população de São Joaquim, pelo grande progresso que viria ao lograr a criação do Banco que se achava entregue à direção de pessoas competentíssimas e honestas. Foram tiradas diversas fotografias como da Diretoria do Banco, do pessoal administrativo e de grupos de populares. Após a inauguração, foram passados telegramas ao Sr. Dr. Altino Arantes, presidente do Estado; ao Dr. João Galvão Carvalhal, secretário da Fazenda; ao Dr. Cardoso de Almeida, diretor do Banco do Brasil e muitos outros.*

**O telegrama transmitido ao Sr. Dr. Cardoso de Almeida trazia:**

*Exmo. Sr. Dr. Cardoso, de Almeida*

*D. d. Presidente do Banco do Brasil – Rio de Janeiro.*

*Ao egrégio ex-secretário da Fazenda do Estado de São Paulo, sucessor Luzzati, organização Crédito Agrícola, temos subida honra comunicar inauguração Banco Popular S. Joaquim, fundado gestão brilhante vossa excelência.*

*Saudações respeitosas*

*José Olyntho Fortes Junqueira – Presidente*

A TRIBUNA—S. JOAQUIM

30/08/1919

## BANCO DE CREDITO POPULAR

DE

# S. JOAQUIM

(Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada)

Decreto 1.637 de 5 de Janeiro de 1907 e 1.520-A de 23 de Dezembro de 1916.

O Banco fornece dinheiro nas seguintes condições:

- Aos snrs. fazendeiros, para custeio de suas propriedades.
- Aos snrs. funcionarios publicos, civis ou militares do Estado, mediante garantia de seus vencimentos.
- Aos snrs. associados, sob penhor mercantil de titulos da divida publica, da União ou do Estado, warrants, emitidos sobre mercadorias de producao nacional.

### Operações diversas:

Com pessoas extranhas, a saber:

- Emprestimos sob penhor de joias e outros objectos preciosos.
- Emprestimos para construcção de casas para operarios.

A desconto de saques dos snrs. fazendeiros contra commissarios de São Paulo e Santos, a melhor taxa do dia.

**ATENÇÃO**—Os saques dos snrs. fazendeiros e criadores são, isentos de sello Federal

### Dinheiro em deposito

Recebe dinheiro em conta corrente e a prazo fixo, pagando taxas de 5 o/o, 6 o/o, 7 o/o e 8 o/o ao anno.

### Operações diversas

Desconta ordens sobre as praças do Rio, Santos e S. Paulo.  
Passa dinheiro para Portugal, Italia, Hespanha, Japão e qualquer paiz estrangeiro.

Emitte cheques sobre S. Paulo e outras localidades.

### Directoria :

<i>José Olympio Fortes Junqueira</i>	—	Presidente
<i>Dr. Olympio de Macedo</i>	—	Vice-Presidente
<i>Julio Cesar dos Reis Medeiros</i>	—	Gerente e Thesoureiro

**Séde:** Rua da Estação esquina da Rua Minas Geraes  
(Predio de Sarkis João)

## PELA JANELA DO TEMPO



**RUA MINAS, ENTRE AS RUAS XV DE NOVEMBRO E PARANÁ.** O primeiro prédio à direita funcionou de 1925-1931, o estabelecimento Casa Bancária José Olyntho Fortes Junqueira. O prédio ainda resiste à ação do tempo, tendo apenas as suas portas alteradas com o passar dos anos. No prédio à esquerda, onde era o imponente Banco do Estado, construído em 1929, hoje funciona a Farmácia da Santa Casa, preservando suas características arquitetônicas.

Após a sessão oficial de abertura, foi servido chope a todas as pessoas presentes, e a Banda Musical executou várias peças de seu vasto repertório.

O banco achava-se ornamentado com flores e folhagens, e na sua fachada estava hasteada a bandeira nacional. Assistiram, a essa festa, inúmeras pessoas vindas de localidades próximas.

O Banco de Crédito Popular trabalharia por seis anos no prédio/estabelecimento. Com a sua extinção, mais tarde, no ano de 1925, surgiu a Casa Bancária de José Olyntho Fortes Junqueira, com sua sede própria construída na rua Minas Gerais, n. 482, em frente à praça Sete de Setembro. O antigo prédio ainda resiste à ação humana e ao passar do tempo, tendo preservadas as suas características originais, e modificadas apenas as portas principais.

De maneira geral, praticamente todas essas casas bancárias interioranas tiveram vida curta, pois eram pequenas, de âmbito local, com capital entre 50 e 100 contos de réis.<sup>9</sup>

A Casa Bancária de José Olyntho Fortes Junqueira funcionou até 1931, quando a crise econômica mundial desencadeada a partir da quebra da bolsa de valores de Nova Iorque/Estados Unidos da América (EUA), em setembro de 1929, afetou severamente as estruturas econômicas do Sr. José Olyntho.

Em um cartão de visita, guardado por muitos anos por sua filha, Maria Antonietta, datado de 12 de dezembro de 1929, no auge da crise, preocupado com a condição financeira, José Olyntho, assim deixou relatado:

*Se meus negócios correrem satisfatoriamente, se eu conseguir atravessar o ano de 1930, sem ser protestado nenhum título meu, sem fechar a casa bancária, em harmonia com os colonos e camaradas na fazenda, sem doenças graves e outros aborrecimentos prometo daqui em diante dar todas os anos 10% dos rendimentos líquidos que eu obtiver para as obras pias, em igrejas, hospitais etc. Se eu falecer peço aos meus herdeiros que continuem enquanto administrar o espólio e pelo que façam o mesmo. Fazenda Floresta, 12-12-1929.*

*José Olyntho Fortes Junqueira*

Antes da crise de 1929 acontecer, os EUA já ocupavam o posto de maior economia do mundo. Antes mesmo da Primeira Guerra Mundial, a economia americana já possuía índices que comprovavam essa supremacia, e os eventos da guerra só acentuaram a sua posição de potência econômica internacional. Em virtude do rápido crescimento da economia americana após a guerra, a década de 1920, foi um período de grande euforia econômica, o qual ficou conhecido como Loucos Anos Vinte. Esse momento da história americana ficou marcado principalmente pelo avanço do consumo de mercadorias, consolidando o estilo de vida americano.

---

<sup>9</sup> Na estrada do Anhanguera, p. 138.



12

LUMENZ FALGADO & ASSOCIADOS, 21 DE SETEMBRO DE 1919

## Inauguração do Banco de Crédito Popular de São Joaquim (Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada)

Do "Diário da Manhã", de Ribeirão Preto - 10 de 11 de 1919.

Estava, portanto, realinhando-se à 7.ª sessão, na cidade de São Joaquim, em sessão pública a inauguração deste Banco, com a presença das

classes de patronos e o Sr. Manoel de Almeida, presidente do Conselho de Administração, presidente do Conselho de Direção e todos os membros do Conselho de Administração, com a presença do Sr. Manoel de Almeida, presidente do Conselho de Administração, presidente do Conselho de Direção e todos os membros do Conselho de Administração, com a presença do Sr. Manoel de Almeida, presidente do Conselho de Administração, presidente do Conselho de Direção e todos os membros do Conselho de Administração.

O Sr. Manoel de Almeida, presidente do Conselho de Administração, presidente do Conselho de Direção e todos os membros do Conselho de Administração, com a presença do Sr. Manoel de Almeida, presidente do Conselho de Administração, presidente do Conselho de Direção e todos os membros do Conselho de Administração, com a presença do Sr. Manoel de Almeida, presidente do Conselho de Administração, presidente do Conselho de Direção e todos os membros do Conselho de Administração.

Foi, portanto, realinhando-se à 7.ª sessão, na cidade de São Joaquim, em sessão pública a inauguração deste Banco, com a presença das classes de patronos e o Sr. Manoel de Almeida, presidente do Conselho de Administração, presidente do Conselho de Direção e todos os membros do Conselho de Administração.

O Sr. Manoel de Almeida, presidente do Conselho de Administração, presidente do Conselho de Direção e todos os membros do Conselho de Administração, com a presença do Sr. Manoel de Almeida, presidente do Conselho de Administração, presidente do Conselho de Direção e todos os membros do Conselho de Administração.

Foi, portanto, realinhando-se à 7.ª sessão, na cidade de São Joaquim, em sessão pública a inauguração deste Banco, com a presença das classes de patronos e o Sr. Manoel de Almeida, presidente do Conselho de Administração, presidente do Conselho de Direção e todos os membros do Conselho de Administração.

O Sr. Manoel de Almeida, presidente do Conselho de Administração, presidente do Conselho de Direção e todos os membros do Conselho de Administração, com a presença do Sr. Manoel de Almeida, presidente do Conselho de Administração, presidente do Conselho de Direção e todos os membros do Conselho de Administração.

### Banco de Crédito Popular de São Joaquim

BALANÇO DE CONFERENCIA EM 31 DE SETEMBRO DE 1919

SOMMAS		CONTAS		SALDOS	
DEBITO	CREDITO			Debitores	Creditos
163.500\$00	302.200\$00	Ações . . . . .			
	302.200\$00	Capital . . . . .			100.000\$00
163.500\$00	31.000\$00	Acionistas . . . . .		72.000\$00	
892.305\$50	881.184\$50	Caixa . . . . .		12.713\$00	
	1.250\$00	Jornal de inscrição . . . . .			1.250\$00
2.962\$100	1.503\$000	Movels e materiais . . . . .		2.962\$100	
3.387\$000	2.304\$500	Objetos de escritorio . . . . .			
539.534\$500	569.134\$500	Despesas gerais . . . . .		1.683\$100	
55\$000	117\$500	Títulos descontados . . . . .		30.000\$00	
351.128\$500	392.015\$500	Estasejências . . . . .		432\$700	
6.473\$500	6.473\$500	Contas correntes . . . . .			40.551\$250
3.303\$000	6.245\$000	Juros, descontos e comissões . . . . .			1.504\$000
19.534\$500	20.077\$850	Proventos depositos . . . . .			1.314\$000
6.254\$500	12.500\$000	Comissões . . . . .			558\$730
3.000\$000	2.000\$000	Depositos a prazo fixo . . . . .			19.000\$000
757.192\$000	712.983\$820	Depositos de transferência . . . . .		4.254\$500	
2.789.294\$750	2.789.294\$750	Ações em circulação . . . . .		3.000\$000	
		Deposito da direção . . . . .			3.600\$000
		Banco . . . . .		36.509\$150	
				163.547\$950	163.547\$950

Do Conselho, 31 de setembro de 1919  
JOÃO OLÍMPIO PEREIRA JUNIOR - PRESIDENTE  
DEBORA FERREIRA - SECRETARIA  
CIBALDO DA SILVA - TREZORIEIRO

Este Banco é de responsabilidade limitada em São Joaquim do Estado de São Paulo, organizado de acordo com o Regulamento do Banco de Crédito Popular. O capital é dividido em 1.000 ações de 300\$00 cada uma, com o valor nominal de 300.000\$00. O lucro líquido do exercício de 1919 é de 1.314\$00. Este Banco não responde por obrigações de terceiros. Não é autorizado a receber depósitos de ordem de terceiros. Não é autorizado a emitir cheques. Não é autorizado a emitir notas de crédito. Não é autorizado a emitir depósitos de ordem de terceiros. Não é autorizado a emitir depósitos de ordem de terceiros. Não é autorizado a emitir depósitos de ordem de terceiros.

Estatutos e informações gratis: RUA LIBERÔ BADARÔ, N. 49 - Sobrlejoa - S. PAULO

O avanço da economia americana tornou o país responsável pela produção de 42% de todas as mercadorias feitas no mundo. A nação também era a maior credora do mundo e emprestava vultuosas somas de dinheiro para as nações europeias em processo de reconstrução (após a Primeira Guerra). No quesito importação, os EUA eram responsáveis por comprar 40% das matérias-primas vendidas pelas quinze nações mais comerciais do mundo.

Essa euforia econômica refletia-se na população, a partir de um consumismo acelerado, levando as pessoas a comprarem carros e artigos eletrodomésticos de maneira desenfreada. Esse consumismo ancorava-se, em parte, na expansão do crédito que acontecia no país sem nenhum tipo de regulação ou intervenção estatal. A expansão do crédito também cumpria importante papel no financiamento de diferentes atividades econômicas.

Por causa do *boom* econômico e da onda de euforia, as pessoas passaram a investir de maneira intensa no mercado financeiro, disparando a especulação monetária. Durante a década de 1920, os investimentos nas ações das empresas na bolsa de valores de Nova Iorque tiveram saltos consideráveis. O sentido de especulação financeira aqui está relacionado com pessoas que compravam ações na bolsa, esperando que se valorizassem, para logo em seguida revendê-las. Esse processo fazia com que os valores das ações aumentassem — pois havia muitos compradores — e criava uma falsa sensação de prosperidade. A continuidade desse falso cenário de prosperidade financeira e a superprodução resultaram na quebra da economia americana.

Toda essa prosperidade estava amparada em bases extremamente frágeis. O crédito desregulado e o crescimento da especulação financeira criaram uma bolha de falsa prosperidade que estava à beira do precipício. A sociedade tornou-se incapaz de perceber o que estava prestes a acontecer. Esse processo foi explicado por Hobsbawm (1995, p. 104) da seguinte maneira:

## PELA JANELA DO TEMPO

*O que acontecia, como muitas vezes acontece nos booms de mercados livres, era que, com os salários ficando para trás, os lucros cresceram desproporcionalmente, e os prósperos obtiveram uma fatia maior do bolo nacional. Mas como a demanda da massa não podia acompanhar a produtividade em rápido crescimento do sistema industrial nos grandes dias de Henry Ford, o resultado foi superprodução e especulação. Isso, por sua vez, provocou o colapso.*

A questão salarial mencionada no trecho anterior é muito importante para explicar uma das facetas da crise: a superprodução. Na década de 1920, a indústria dos EUA expandiu-se e a produtividade do trabalhador aumentou. Esse crescimento na produção, no entanto, não foi acompanhado de aumentos salariais, pois os salários permaneceram estagnados. Assim, o mercado não teve condições de absorver a quantidade de mercadorias produzida (nem o mercado americano nem outros países conseguiram absorver essas mercadorias). Isso abalou a esperança de rápida prosperidade de muitos que tinham ações de empresas americanas.

Milhares de pessoas resolveram vender as suas ações, no dia 24 de outubro de 1929, no que ficou conhecido como Quinta-feira Negra. Nesse dia, mais de 12 milhões de ações foram colocadas à venda, o que deixou o mercado em pânico. Essa situação estendeu-se por dias e na segunda, dia 28, mais 33 milhões de ações foram colocadas à venda. Imediatamente, o valor das ações despencou, e bilhões de dólares desapareceram. A economia americana quebrou.

Os efeitos da crise para a economia dos EUA foram imediatos e espalharam-se pelo país como um efeito dominó. O período mais crítico foi de 1929 a 1933; logo após, os efeitos da crise foram enfraquecendo-se, principalmente por causa da intervenção do Estado na economia, com o Novo Acordo.

Milhares de pessoas perderam instantaneamente todo seu patrimônio, uma vez que estava investido em valores da especulação que haviam desaparecido com a quebra da bolsa. Os efeitos da crise espalharam-se pelo mundo, por isso, a economia de diversos países entrou em recessão, e o desemprego disparou mundo afora.

O Brasil também sentiu os impactos da Crise de 1929. A área que sofreu mais com a recessão econômica foi a de produção do café – o principal produto de exportação do país. O Brasil era responsável por cerca de 70% do café comercializado no mundo, e o principal consumidor da nossa mercadoria eram os EUA (compravam cerca de 80% do nosso café).

Com a recessão, o café estagnou-se no mercado brasileiro, e o preço do produto despencou. Os cafeicultores tiveram prejuízos gigantescos. No auge dessa crise, o país enfrentou transformações políticas profundas, com o acontecimento da Revolução de 1930. O novo governo teve Getúlio Vargas como presidente provisório.

A mudança política em si, que aconteceu nesse período, já é levantada pelos historiadores como uma consequência indireta da recessão sobre o nosso país. Além disso, as exportações do café brasileiro reduziram-se por volta de 60%, e o preço do café no mercado internacional caiu cerca de 90%. Com isso, o governo resolveu agir.

A medida de Vargas, na economia, foi proteger o principal produto do país. Para isso, foi criado o Conselho Nacional do Café (CNC) em 1931. Para conter a queda no valor do café, o governo decidiu comprar as sacas que estavam paradas para aumentar o valor do café no mercado internacional.

## PELA JANELA DO TEMPO

As sacas compradas pelo governo foram incendiadas. Essa prática estendeu-se durante 13 anos, resultando na destruição de 78,2 milhões de sacas de café.<sup>10</sup>

*O dia 24 de outubro de 1929 é considerado popularmente o início da Grande Depressão, mas a produção industrial americana já havia começado a cair a partir de julho do mesmo ano, causando um período de leve recessão econômica que se estendeu até 24 de outubro, quando valores de ações na bolsa de valores de Nova Iorque, a New York Stock Exchange, caíram drasticamente, e tornou-se notícia em todo o mundo com o crash da bolsa (conhecido como Quinta-Feira Negra). Fonte: Gabriel Almeida Antunes, Crise de 1929.*

O terceiro estabelecimento foi a Casa de Crédito J. C. da Silva Leça, oficialmente instalada em 25 de janeiro de 1929. Foi fundada pelo Sr. José Casimiro da Silva Leça, vindo de Portugal, no ano de 1914. Era cunhado do vigário de então, Pe. Manoel Thiago Pontes. Com a morte de sua primeira esposa, contraiu segundas núpcias com dona Anézia, filha do Sr. Manoel Damásio Ribeiro, considerado um dos fundadores da cidade. O senhor Leça, com o casamento, passou a ser o proprietário da tradicional Casa Bancária fundada em 1896, por seu sogro. A ideia da fundação dessa Casa Bancária surgiu por existir, na época, apenas um banco na praça, o do Sr. Zezico e os fregueses da venda insistiam para que o Sr. Leça guardasse as suas economias. O Sr. Leça passou a funcionar como correspondente do Banco do Brasil e, posteriormente, fundou o Banco J. C. da Silva Leça, que funcionou até 1972.

---

<sup>10</sup> MARTINS, Luis Carlos dos Passos; KRILOW, Leticia Sabia Wermeier. A crise de 1929 e seus reflexos no Brasil: a repercussão do crack na bolsa de Nova York na imprensa brasileira. História da Mídia Impressa, integrante do 10o Encontro Nacional de História da Mídia, 2015. p. 1-15.

ROSSINI, Gabriel Almeida Antunes. Crise de 1929. Acessado em 6/3/2023 [CRISE DE 1929.pdf](#) (fgv.br)

HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 104.

## 1919 - AS PRIMEIRAS CASAS BANCÁRIAS

Ainda em 1929, foi criado o Banco de São Paulo, e seu primeiro gerente foi Antônio Jacintho do Santos Malheiros.

Em 1936, instalou-se, nessa cidade, a agência da Caixa Econômica, depois, o Banco do Estado de São Paulo. Em seguida, o Banco Arthur Scatena, e o Banco Nacional de Comércio e Produção. Com o passar dos anos, surgiram outros estabelecimentos, como o Banco do Brasil; o Bamerindus; HSBC; Nossa Caixa, Nosso Banco; Banespa-Santander; Bradesco; Itaú; Sicob; Unibanco e Caixa Econômica Federal.



FOTO DO MAPA,  
Companhia de Estradas de  
Ferro Mogiana 1945

JOSÉ  
CASEMIRO  
DA SILVA  
LEÇA

JOSÉ  
CASEMIRO  
DA SILVA  
LEÇA

## JOSÉ CASEMIRO DA SILVA LEÇA

**JOSÉ CASEMIRO DA SILVA LEÇA.** Fundador da Casa Bancária J. C. da Silva Leça



\* 4 de março 1893 – 7 junho de 1975

José Casemiro da Silva Leça foi um dos mais importantes e destacado comerciante de São Joaquim da Barra e precursor da antiga Casa Damásio, primeiro estabelecimento comercial inaugurado em 1896, por seu sogro Manoel Damásio Ribeiro, um dos fundadores de nossa cidade. Além de comerciante, foi o fundador e diretor do Banco J. C. da Silva Leça S. A., em São Joaquim da Barra, instituição bancária que operou em nossa cidade até o ano de 1972. Sua carta patente, n.746, registrava como capital inicial Cr\$ 20 mil, elevado para Cr\$ 25 mil em 1949 (firma individual).



## PELA JANELA DO TEMPO

Em 1<sup>a</sup> de janeiro de 1952, foi transformada em Casa Bancária J. C. da Silva Leça, com a carta patente 2.321, de 11 de dezembro de 1951, e capital de Cr\$ 50 mil. Os sócios componentes eram: José Casemiro da Silva Leça; Augusto Damásio Leça; Geraldo Rodrigues Teixeira e Moacyr Faria de Oliveira.

Em 1972, a carta patente foi vendida para o grupo Safra, e encerradas, assim, suas atividades.

O Banco J. C. da Silva Leça teve vital importância para o desenvolvimento comercial de nossa cidade, pois, na época, era lá que a maioria de nossos comerciantes fazia suas operações, visto que essa Casa Bancária era uma instituição familiar em todos os sentidos. Diretores, funcionários e clientes se conheciam mutuamente e todos eram amigos e queridos. José Casemiro da Silva Leça foi conselheiro municipal por ato do Governo do Estado de São Paulo, em 18 de maio de 1932, e naturalizou-se brasileiro pelo Ato n. 4.705 do Governo Federal.

Natural da Ilha da Madeira, nos Açores, Portugal, onde nasceu em 4 de março de 1893, foi batizado na freguesia de Santa Luiza, no dia 12 do mesmo ano; seus pais eram Manoel da Silva Leça e dona Maria de Jesus da Silva Leça. Veio para o Brasil em 1912; viveu em Cravinhos por algum tempo e fixou, em 1918, residência em São Joaquim da Barra. Foi casado com a Sr. Anésia Damásio Leça, tendo deixado os filhos Augusto Damásio Leça, casado com dona Maria de Jesus Frugeri Leça e dona Maria Helena Damásio Leça Teixeira, casada com o Sr. Geraldo Rodrigues Teixeira. Deixou como netos: Carmem Lúcia; Sônia Maria; Sérgio; e Geraldo Augusto. Foi reservista do Exército Brasileiro com Certificado n. 2.966, expedido pela 2<sup>a</sup> Região Militar, 5<sup>a</sup> CR.3.

Em 17 de maio de 1967, recebeu o título de Cidadão Joaquinense, concedido pela Câmara Municipal. Era eleitor e foi por muitos anos integrante do Corpo de Jurados da nossa Comarca. Por suas atividades e presença constante em todos os grandes momentos de sua vida, a cidade de São Joaquim da Barra tem gratidão enorme para com a pessoa de José

## JOSÉ CASEMIRO DA SILVA LEÇA

Casemiro da Silva Leça. Pessoa inteligente, amigo dos humildes, adotou São Joaquim da Barra como sua terra, que amava, por tê-lo acolhido e ser berço de seus filhos.



**JOSÉ CASEMIRO DA SILVA LEÇA** e seu genro Geraldo Rodrigues Teixeira, colunas mestras do banco J. C. da Silva Leça (Banleça, como era mais conhecido)

Com o passar dos anos, e a crescente afinidade entre sogro e genro, Sr. Geraldo era sempre relacionado ao Banco Leça, chamavam-no de “o bom gerente”. Pessoas simplórias se referiam a ele como Geraldo Leça. Até que isso chegou a seus ouvidos, com preocupação de quem comentava. Ele abria seu tímido sorriso e respondia: tenho orgulho de me chamarem assim.

## PELA JANELA DO TEMPO



PLACA DO BANDO

J.C DA SILVA LEÇA

gentilmente cedida por

Guto Teixeira

Ainda no ano de 1919, no dia 1º de abril, foi inaugurada, com muita festa, a nossa bela Igreja Matriz, com a presença do bispo dom Alberto. “Nesse dia, sua eminência desceu na estação da Mogiana, sob os acordes da nossa banda. Uma multidão de pessoas e estudantes o esperava. Mocinhas bem vestidas e rapazes janotas alegravam a recepção ao bispo e ornamentavam o ar da festa que cobriu a vila. Em nome dos paroquianos, falou o Sr. Sebastião Lage. À noite, mais festas, com fogos de artifício, preparados pelo Fogos Scarabuci, de Franca (do jornal *A Tribuna*). A igreja foi inaugurada sem estar concluída.

Em outubro, seria inaugurado o serviço da tão sonhada balsa, que ligaria São Joaquim a Guará e Ituverava. Todo o empreendimento e a manutenção ficaram sob a responsabilidade da prefeitura:

*Artigo Terceiro: Para o serviço da balsa do Porto da Água Santa, fica estabelecida a seguinte tabela: Pedestres, \$300 por pessoa. —Carroças. Carrinhos, troleys e outros semelhantes, \$500—Automóvel 3\$000—Carros de boi 5\$000—Cargas por volumes de quatro arrobas \$050; Artigo quarto: É criado o lugar do barqueiro, cujos provimentos são os constantes da presente lei. Projeto de lei número 12:- Ficam proibidas pelas ruas da cidade as corridas vertiginosas de automóveis, bicicletas, troleys e aranhas. (A Tribuna, 15 de outubro de 1919).*

OS  
LOUCOS  
ANOS  
1920

OS LOUCOS  
ANOS 1920

A década de 1920 foi um período importante para São Joaquim, pois a cidade tinha acabado de se libertar do jugo da cidade de Orlândia. Já não podia mais culpar a cidade vizinha de não lhe proporcionar os melhoramentos necessários, tão desejados. Agora com seu prefeito, Júlio Cezar dos Reis Medeiros, e os vereadores eleitos, precisava mostrar aos seus munícipes do que seria capaz. Paulatinamente, a cidade foi conseguindo suas pequenas vitórias e realizando seus grandes sonhos. Já conseguira fazer funcionar a balsa, no Porto da Água Santa, no rio Sapucaí, e já se falava em construir uma ponte para substituí-la.

Esse sonho só se realizaria muitos anos depois, em 1935. Ano em que a prefeitura conseguiria construir um desvio para chegar à estrada para Santana dos Olhos d'Água, evitando a íngreme e lamacenta subida do matadouro. Essa estrada para Santana estava em péssimas condições; cheia de curvas e buracos; e os moradores dessas duas vizinhas cidades não se cansavam de reclamar, pedindo a construção de uma nova estrada ligando-as. O sonho que só seria realizado em 1924, quando tal

estrada ligando as duas cidades foi inaugurada com seus 19 quilômetros, construídos em 5 meses.

Pensava-se, também, em construir um jardim que embelezasse a praça Sete de Setembro, local que apresentava um quadro meio desolador, com a sua Matriz recém-construída, cercada por chão batido, e apenas algumas magnólias, plantadas em 1906. Somente em 1927, esse jardim seria construído. As escolas públicas estaduais, esparsas pela cidade, precisavam encontrar um local único para instalar-se.

Por vários anos, os joaquinenses desejaram ter essas Escolas Reunidas. O sonho seria concretizado no ano seguinte, com a instalação do primeiro Grupo Escolar. As corporações musicais, desde 1903, vinham, com seus altos e baixos, lutando pela própria sobrevivência e só se tornariam mais firmes a partir de 1924, quando foi constituída a “Lyra União e Trabalho” que até hoje alegre, no coreto do jardim, as nossas noites de domingo. Pelo visto, os joaquinenses tinham muitos sonhos para serem concretizados. Felizmente, com o correr do tempo todos eles tornaram-se realidade.

Nesse ano, outra importante realização foi a fundação do São Joaquim Futebol Clube, o time do Espigão. Desde 1906, já existia futebol, em nossa região. Começou a ser praticado, esse esporte, em São Joaquim, desde 1916, graças ao esforço do craque Avelino Cozza, que seria o grande futebolista de nossa cidade.

Em 1921, o tão sonhado Grupo Escolar foi criado por decreto de 21 de julho de 1921, assinado pelo Dr. Washington Luiz e Olarico Silveira. O cidadão joaquinense recebeu a notícia com o maior júbilo. E não podia ser de outra forma, dadas as más condições das Escolas Reunidas, com suas salas antipedagógicas, com deficiência de luz e precárias instalações sanitárias.

Em sinal de regozijo, o povo, os alunos e professores participaram, no dia seguinte, de uma marcha, com mais de 300 alunos. O desfile foi organizado, partindo da rua da Estação, tendo à frente o Pavilhão Nacional e a nossa Banda, dirigindo-se à Câmara Municipal, onde era

esperado pelos vereadores e prefeito. Em 11 de agosto, a prefeitura contratou do Sr. Antônio Mendes de Oliveira, a casa destinada a servir para a instalação do Grupo Escolar desta cidade, aceitando a planta das reformas a serem executadas na referida casa, de acordo com a proposta apresentada.

A inauguração desse estabelecimento de ensino deu-se em 5 de novembro de 1921, com muita pompa, desfile, fogos de artifício, banquetes e discursos. Para ministrar as aulas, foram nomeados os professores: Pedro Duarte; Jacynto do Amaral Narducci; Ricardo Peixoto; Otília Ribeiro; José Neves; Sílvia Breves; Armando Quáglio e José Carvalho Penteado. O sr. Frontino Brasil foi nomeado diretor.

Ao lado dessa grande vitória acontecida na área da Educação, os munícipes continuavam a reclamar do pó e da falta de água encanada para dentro das casas e aguardar as ruas. Era muita a preocupação com as carroças e os carros de boi cruzando pelo centro da cidade. As carroças, com suas cargas de lenha, tijolos, telhas, suínos, cereais, e os carros de boi, entupiam as ruas, quando estacionavam. Em 1922, a cidade de São Joaquim começava a dar os seus primeiros passos como Município, orgulhosa de já possuir sua Câmara Municipal, agora, com maior razão, procurava fazer jus à sua fama de cidade progressista.

Os jogos de futebol; o escotismo; as bandas de música; o automóvel; que estava tomando conta do trânsito; o telefone; as quermesses em honra do santo padroeiro, São Joaquim; as quermesses para ajudar o São Joaquim Futebol Clube, que tantas glórias estava dando à cidade; os bailes no clube “Éden Familiar”, fundado em 1916; e da Sociedade Italiana que, em 20 de setembro, inauguraria a sua sede; os saraus dançantes nas residências particulares e as românticas serestas, preenchem a vida social do joaquinense.

Já que a cidade se orgulhava tanto de sua evolução nas áreas política, agrícola e comercial, algumas coisas deveriam ser mudadas, para justificar tanto progresso.

Assim, o jornal *A Tribuna* publicou, na primeira página, com o título “Os fechos da Mogyana”, em 4 de junho, o seguinte artigo:

*Sabemos que a Companhia Mogyana tomou em consideração o apelo para que a sua diretoria entendesse da importância de serem suprimidos a cerca e a porteira que vedava o pátio da Mogyana e que tanto enfeava a cidade. A diretoria da Mogyana atendeu prontamente ao pedido da Câmara Municipal, que envidara todos os seus esforços e toda a sua vontade para que fossem suprimidas a tal cerca bem como a porteira preta, reabrindo a rua que antigamente dava passagem direta do PATIO DA MOGYANA PARA A RUA DO COMÉRCIO (atual rua XV de Novembro) [...].*

A Sociedade Italiana, que existia desde 1916, aliando-se às festividades do Centenário da Independência do Brasil, inaugurou sua sede social em 20 de setembro, na esquina em frente à cadeia. No final do ano, a Câmara Municipal procurou coibir, através de lei promulgada, o abuso dos proprietários de automóvel que percorriam as ruas da cidade em alta velocidade.

Em 1923, o ano começou com a triste notícia do falecimento do político e capitalista Arthur Gonçalves Bastos, vereador eleito e reeleito. Nesse início de ano, os vereadores eleitos foram quase os mesmos. Apenas registrou-se a saída do Sr. Zezico, e a entrada, em seu lugar, do seu cunhado Dr. Carlos de Rezende Enout.

Com a renúncia do prefeito de então, o farmacêutico Júlio César dos Reis Medeiros, o Dr. Enout assumiu a prefeitura e, em seu lugar na vereança, entrou o Sr. Alfredo José Nogueira. Com a morte do Sr. Arthur, o vereador Antônio Cardoso o substituiu.

O jornal *A Tribuna*, já em janeiro, nos seus primeiros números, começa a divulgar o grande empreendimento que estava nos planos dos membros da Câmara Municipal, principalmente do prefeito, que



## PELA JANELA DO TEMPO

estudavam a captação de água do córrego da Olaria para irrigar as ruas da cidade, livrando a população das terríveis e constantes nuvens de pó. Assim, na edição de 5 de agosto, o jornal publicou o seguinte artigo:

*Este importante serviço municipal está sendo executado com toda a solícitude e apenas se recente de não ter havido tempo para a construção da caixa, o que o torna moroso visto as carroças tanques terem de esperar a sua vez de encher. Além disso o serviço ainda não está bem organizado e é necessário que o fiscal da cidade que o dirige, determine aos carroceiros o itinerário a ser seguido e que essa irrigação se faça em cada rua pelas duas carroças tanques, ao mesmo tempo, como em Ribeirão Preto, porque encaixando cada uma delas perto das sarjetas o centro da rua, onde o trânsito é maior, receberá as águas das duas carroças. A verdade é que a cidade já melhorou imenso e que embora ainda haja poeira esta não é tanta como aquela que nos tornava impossível a vida em São Joaquim. E a Câmara Municipal que fez as instalações provisórias para a irrigação com tanto desejo de melhorar as condições higiênicas, não deve descurar o problema de abastecimento de água da cidade, dando imediata execução do plano aprovado na última sessão, em que o dr. Prefeito Municipal ficou autorizado a fazer empréstimo para trazer água encanada para a cidade. Cidade que não tem água encanada e rede de esgoto não pode ser nunca senão um arraial sertanejo.*

Outro melhoramento importante, nesse ano, foi a reforma feita no Teatro Variedades, que havia sido inaugurado em 1916. Construído na praça 7 de Setembro, foi adquirido pelo Sr. Arquimedes Benzoni, que o reformou e logo em seguida o arrendou para o Sr. José Nardelli. Nessa ocasião, passou a se chamar Theatro Ruy Barbosa.

## GAFANHOTOS E JABURUS

Na verdade, São Joaquim era um arraial sertanejo procurando com denodo e galhardia conseguir os melhoramentos modernos indispensáveis para que passasse a pertencer ao rol das cidades paulistas mais adiantadas, já que o seu progresso enchia de orgulho e admiração não só os seus munícipes como todo visitante que a ela chegava.

No ano de 1924, ocupava a prefeitura de São Joaquim o Dr. Carlos de Rezende Enout, que substituíra o farmacêutico Júlio Cezar dos Reis Medeiro, nosso prefeito desde a primeira Câmara Municipal instalada em 1918.

*O prefeito Júlio Medeiros, exercendo o cargo desde 1918 tinha planos arquitetados e, licenciando-se, entregou-me a prefeitura e mais tarde exonerou-se, atirando a carga definitivamente em minhas costas. Depois de examinar os problemas municipais, o que mais me impressionou foi a falta de água potável numa cidade em crescimento e onde se verificava em todos os quintais, cisternas ao lado de fossas negras, notavam-se casos frequentes de tifo e eu, como médico, não poderia ser indiferente a tal situação.<sup>11</sup>*

Nesse ano, começaram os trabalhos para a vinda de água potável, para a cidade, direto de Jussara, da fazenda do Sr. Manoel Eduardo Ferreira.

Outro importante acontecimento foi a construção da estrada de rodagem ligando São Joaquim a Santana dos Olhos d'Água (Ipuã), a famosa reta que pretendia resolver o grave problema de comunicação entre essas duas cidades.

No dia 26 de outubro desse ano, saiu da praça Sete de Setembro uma grande e entusiasta caravana, com 49 carros, animada por tambores e cornetas dos escoteiros, sob a direção do entusiasta diretor do Grupo Escolar, o Sr. Frontino Brasil.

---

<sup>11</sup> Do livro *Genealogia da família Enout* (1964, p.104).

## PELA JANELA DO TEMPO

Acompanhou, também, a caravana, a banda de música Lyra União e Trabalho, que acabara de ser fundada em 19 de junho de 1924 e que, até hoje, enche de alegria nossas noites dominicais, tocando no coreto do jardim, é uma corporação que orgulha o povo joaquinese. Com tradição de quase cem anos, continua instalada na casa, quase em frente à cadeia, que foi construída no mesmo ano de sua fundação.

O jornal *A Tribuna*, na edição de 5 de outubro, trazia a seguinte notícia, em sua primeira página:

### **TELEFONIA SEM FIO**

*Sucessivos melhoramentos tornaram a telefonia sem fios uma verdadeira maravilha quer na clareza da audição quer nas distâncias colossais que ela hoje alcança. O nosso amigo Assuero Cardoso adquiriu um aparelho aperfeiçoadíssimo, o que há de mais perfeito até hoje, e com ele tem proporcionado aos seus amigos audições que os deixam estupefatos. Mensagens, discursos e concertos musicais são ouvidos irradiados do Rio de Janeiro, Buenos Ayres e até da Torre Eiffel de Paris!! Brevemente o sr. Assuero dará as suas audições públicas para que todos possam apreciar as excelências do aparelho usado.*

Assuero Cardoso sempre teve ideias de pioneirismo. O aparelho citado era ligado por um fio à torre da Igreja Matriz. Nesse mesmo ano, o Sr. Manoel Damásio Ribeiro presentearia a municipalidade com um bebedouro, instalado no pátio da estação, para saciar a sede de burros e cavalos. Na época, existiam três farmácias em São Joaquim: Farmácia Figueiredo, Farmácia Globo e Farmácia Falleiros.

Um fato importante deixou de ser registrado no jornal da cidade, o nascimento, em 5 de outubro, de um robusto pimpolho, que receberia, na pia batismal, o nome de Lúcio de Oliveira Falleiros.

O grande acontecimento de 1925, foi a inauguração oficial da água potável canalizada, bem como da irrigação das ruas da cidade. Ocorrida no dia 11 de julho, não contou com a presença do grande batalhador para que a cidade ganhasse tão importante melhoramento, o médico Dr. Carlos de Rezende Enout, que passara a prefeitura para o Sr. Alfredo José Nogueira.

Dr. Carlos, quando na prefeitura, obtivera um vultoso empréstimo de 350 contos de réis, do capitalista de Batatais, o major Antônio Cândido. Com esse empréstimo, foi captada água da fazenda do Sr. Manoel Eduardo Ferreira, através de um aqueduto de mais de 3 quilômetros, de um reservatório no alto da cidade, onde hoje está a Praça 9 de Julho (em frente à escola Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta), e na distribuição pelas casas da cidade.

Sobraram 50 contos de réis, que foram gastos na captação de água no córrego da Olaria, canalizando a água por uns 600 metros, com canos de 3 polegadas, bombas, eletricidade e irrigadoras. Sobrou ainda dinheiro para abrir uma estrada de rodagem só para automóvel, na continuação da rua São Paulo, lá pelos lados das oficinas Fumagali, onde hoje era o posto de gasolina Vermelhinho (nas proximidades da rua Alagoas) A estrada, mais tarde, seria aproveitada para a construção da Rodovia Anhanguera.

A inauguração deu-se com a presença do Pe. Eugênio Dias, que abençoou o manancial. Realizada às 12h30, contou com a presença de dona Irene Junqueira Enout, esposa do Dr. Carlos R. Enout, o prefeito, vários vereadores e muitos munícipes. Finalmente, a população de São Joaquim ver-se-ia um pouco livre da poeira e do perigo das cisternas ao lado de fossas.

São Joaquim era considerada, na região, uma cidade “quente”, com suas muitas casas de pensão, que abrigavam as famosas “mulheres da vida” ou “borboletas horizontais”, reunidas lá pelas ruas Rio de Janeiro, Goiás e Bahia.

## PELA JANELA DO TEMPO

O jornal *A Tribuna*, de 26 de abril publicou na primeira página um artigo com os dizeres: “TIROS E MAIS TIROS... Eram raras as noites que não se escuta tiros pelas ruas da cidade às altas horas da noite...”.

Muitos habitantes de São Joaquim relataram o famoso tiroteio acontecido na atual rua XV de Novembro, cruzando com a Rio de Janeiro (nas localidades da loja Canaã), entre o famoso bandido matador, Ricardino Luiz da Silva, e o barbeiro Antônio Della Corte, tendo como pivô da briga a amasiada deste, Vicentina Pereira. O famoso bandido acabou assassinado na cadeia da cidade.

Outros reclamavam da velocidade dos automóveis que levantavam nuvens de poeira e do perigo ao cruzarem as esquinas, muitas vezes sem buzinar, pondo em risco a vida de crianças e até adultos. Outros reclamavam da passagem de boiadas pelas ruas da cidade, pela rua do Comércio (atual XV de Novembro), rumo a Nuporanga. O progresso era intenso, tanto assim que, nesse ano, surgiu o primeiro loteamento da cidade, assim anunciado no jornal *A Tribuna*:

### **VILA FRANCISCO ALVES**

*Um quarteirão distante do Largo da Matriz, dividido em datas que seriam vendidas. A prestações ao alcance de todos. (24 meses de prazo). Para informações dirigir-se à Agência, à rua da Estação, n. 22, Escritório de Raul Barbosa.*

Desde 1924, o médico paraibano, Dr. Gabriel Bittencourt, que está enterrado em nosso cemitério, já procurava liderar uma turma de joaquineses para se unir com o objetivo de construir um hospital. Foi o primeiro médico a ter a iniciativa de construir, em nossa cidade, uma Santa Casa. Esse sonho, que passou a ser muito comentado, só tornou-se realidade passados uns 30 anos.

O ano de 1926 ficou também marcado pela briga das duas bandas da cidade. O Sr. Arthur Parada, responsável pela fundação da nossa

tradicional corporação musical Lyra União e Trabalho, fundada em 19 de junho de 1924, com outra Banda de nome Lyra Comercial, após desentender-se com a diretoria da primeira. A cidade passou, então, a ter duas bandas, a Lyra Comercial alegrava as noites de quinta-feira, na Praça 7 de Setembro, enquanto a Lyra União e Trabalho apresentava-se aos domingos. Os espíritos malévolos da cidade começaram a fomentar animosidade entre os músicos e seus admiradores. A rivalidade tornou-se tão acirrada que as duas bandas resolveram tocar, na mesma Praça 7 e ao mesmo tempo, uma em frente da outra.

Com o tempo restou apenas a Lyra União e Trabalho que até hoje alegria a vida noturna da nossa praça.

Em 5 de dezembro, finalmente foi terminada a construção do prédio dessa corporação musical, perto da Sociedade Italiana, em terreno doado pelo Sr. José Maria Basso. O prédio tornou-se uma realidade, graças ao auxílio do Sr. Manoel Damásio Ribeiro e de vários músicos, que ajudaram na sua construção. O prédio existe até hoje, na rua Minas Gerais, n. 1.625.

Outro sonho dos munícipes era a construção de um jardim, na Praça 7 de Setembro, em volta da Matriz. A praça, com o velho coreto, inaugurado em 1916, com os dois coqueiros ladeando o cruzeiro, e as poucas magnólias, plantadas em 1906, pelo Sr. Aristide Cardoso, tinha um aspecto desolador. Sentia-se a necessidade de cultivar um jardim de canteiros verdes salpicados de flores coloridas, para enfeitar a cidade e alegrar as noites nos finais de semana.

1927

NOSSO JARDIM

## NOSSO JARDIM



NOSSO JARDIM, FOTO DE 1933 com as características de sua reforma de 1927

De fato, o jardim foi um melhoramento incontestável, que embelezou a nossa cidade, dando-lhe um aspecto agradável que não tinha até bem pouco tempo. Sabemos que não foi feito com facilidade e que grande parte do custo não está coberta pelas subscrições obtidas em donativos. O povo, que fez o jardim, com a feliz iniciativa da comissão, deve arrematar a obra, embora com mais algum pequeno sacrifício e auxiliar a comissão no seu trabalho, apoiando-a quando possível.

Falta, ainda, a luz; faltam bancos; falta um coreto, ou talvez dois. Os bancos, julgamos que as casas de comércio poderiam dar gentilmente, como fez esta redação, pois é até um meio de propaganda de gasto tolerável e compatível com a ornamentação da praça, pois comportam letreiros que chamam muito a atenção. Mais um pequeno esforço, e



teremos o jardim terminado. Com a construção sonhada do belo jardim, desapareceram os pés de magnólias e as históricas palmeiras, ladeando o querido cruzeiro erguido em 1908.

Celebrando, a Igreja, no dia 3 de maio, a invocação da Santa Cruz, data em que se comemorava o descobrimento do Brasil, o cruzeiro que estava em frente à matriz foi transportado para o cemitério. Tal mudança foi feita em hora marcada e, como se esperava, o povo católico joaquinese carregou o cruzeiro, numa cerimônia solene e emocionante, e do jardim antigo restou apenas o coreto inaugurado em 1916. Em 1948, quando era prefeito o Sr. Adolfo Alfeu Ferrero, foi remodelado o jardim.

No *Jornal O Bandeirante*, de 31 de dezembro de 1950, encontramos:

*Precisamente às 12h30 de ontem foi feito um teste na iluminação da praça Sete de Setembro. Estiveram presentes à experiência os senhores: Adolfo Alfeu Ferrero, seu irmão Ademar Ferrero, José Tobias e o Dr. João de Freitas Malheiros. A inauguração da iluminação dar-se-á aos 31 deste.*

Logo após, em 7 de janeiro, o mesmo jornal relata:

*Teve lugar na noite de 31 de dezembro de 1950, precisamente às 00h00 o ato inaugural das novas instalações elétricas do jardim da praça Sete de Setembro, recentemente concluídas. Estiveram presentes à solenidade o Sr. Adolfo Alfeu Ferrero, prefeito municipal, uma composição da Câmara Municipal, chefiada pelo presidente Sr. Dr. Carlos Rezende Enout, além de outras autoridades, pessoas gradas e enorme massa popular. Logo após a bênção pelo vigário da paróquia, usou da palavra o senhor José Tobias que, enaltecendo mais este grande melhoramento público, colocou um relevo à dinâmica administração do Sr. Adolfo Ferrero, que tão grande e real empreendimento vem conseguindo para a nossa terra. Agradecendo falou em nome*

## NOSSO JARDIM

*do Sr. prefeito o Sr. Jair de Andrade. Sobre o aspecto magnífico apresentado pelo jardim com sua nova iluminação, basta a referência do enorme público que ali ocorreu e cujos aplausos são atestados de que satisfez a todos, para louvar a beleza do serviço como o valor da iniciativa. A nossa praça passou por inúmeras remodelações, coreto trocado de lugar várias vezes, palmeiras e cruzeiro desaparecendo, jardins nascendo e agonizando, igrejas sendo demolidas. No ano de 1965, o prefeito José Abdalla Jabur, instalou em nossa praça, uma fonte sonora e luminosa, idêntica à existente em Campos de Jordão, ao lado de mudanças estruturais no complexo paisagístico do jardim, condizendo com a estética da nova Igreja. Outros prefeitos fizeram modificações na praça Sete de Setembro, mas a remodelação que a tornou mais aconchegante, foi na administração do prefeito Dr. Jorge Sandrin, no ano 2000. Ele a modificou usando muito bom gosto e muita arte, foi preparada com esmero, um presente colorido que a cidade ofertaria à chegada do terceiro milênio. Os bancos em volta da fonte sonora estão sempre cheios de famílias, jovens namorados, crianças pulando no embalo das canções tocadas, e a fonte luminosa, fazendo a água bailar pelo ar, quase como magia, encantando nossos olhares. Mas o maior charme da noite fica por conta da Banda Lyra União e Trabalho, que toca todo domingo, canções que nos fazem viajar a um passado não muito distante, reavivando histórias de nossa infância, do sabor de sorvete de groselha, do carrinho do pipoqueiro, coisas desse tipo que não voltam mais. A denominação “Praça Sete de Setembro”, deu-se no ano de 1914, devido à ilustre edilidade do subprefeito Major Cardoso, que substituiu provisoriamente o Sr. Alfredo Nogueira. Algumas ruas de nossa cidade também receberam nomes nessa época.*

*Com a contribuição do povo joaquinese e a liderança dos políticos, o médico Olímpio Macedo e o professor leigo e*

## PELA JANELA DO TEMPO

*advogado provisionado Francisco Stupello, a 3 de janeiro de 1927, estaria quase pronto o tão sonhado jardim. O doutor Olímpio Macedo residia na esquina da praça 7, onde hoje reside o Dr. Edgard de Brito. Já que o Dr. Edgard antes de morar nesse prédio histórico, o reformou conservando externamente a sua arquitetura original, poderíamos imaginar o doutor Olímpio Macedo, presidente da Câmara Municipal, debruçado em uma das suas oito janelas, com o jornal “A Tribuna” nas mãos, lendo envaidecido, o seguinte artigo: “Da comissão construtora do jardim da praça 7 de setembro, tendo como presidentes os senhores Francisco Stupello e o Dr. Olímpio Macedo, recebeu o Sr. Stephano Muller a quantia de quarenta e seis contos de réis, valor da construção daquele jardim, conforme o contrato que havia sido passado. Sentia-se envaidecido, por ter contribuído na medida do possível, na realização desse milagre. Com o término da construção do tão sonhado jardim, desapareceram também as palmeiras ou coqueiros que ladeavam o mesmo. Somente ficou restando o velho e feio coreto, que fora inaugurado em 1916, graças à liderança do político Manoel Trindade.*

*(Artigo do jornal A Tribuna de 3 de janeiro de 1927)*

O velho e feio coreto somente seria demolido anos depois, quando o Sr. Manoel Damásio Ribeiro construiu outro e o doou à cidade, em 1935, no local onde hoje encontra-se o nosso atual coreto.

NOSSO  
ANTIGO  
CORETO

NOSSO  
ANTIGO  
CORETO



A FOTO DE 1950 MOSTRA O NOSSO ANTIGO CORETO, com as características da construção de 1935

Nosso antigo coreto, na coluna *Griphinhos*, *O Jornal*, dia 8 de setembro de 1922:

*Hora de movimento e abstração. Música no coreto e uma revoada de moças bonitas girando em torno do quadrado<sup>12</sup>. Flertes e mais flertes. Uma pequena exibição de “boinas”. Uma grande curiosidade alheia em torno da novidade. Há uma graciosa senhorita que critica... Dali a poucos minutos, ela própria, com desenvoltura, exhibe a sua. Um contraste: o vestido escuro e “boina vermelha”, revolucionária! Mais meia hora e outro vestido e outra boina. Cochichos. Alguém fala mal das boinas. Outro alguém defende. O footing continua animado. Muito riso, muito sussurro, muito zumbido, muita promessa, muita confissão...*

---

<sup>12</sup> O footing era feito, na ocasião em que o artigo foi escrito, no quadrado onde hoje está a fonte luminosa, contornando-o. O coreto ficava ao lado, bem em frente à Igreja.

## NOSSO ANTIGO CORETO

*A igreja está bem perto, com sua boina de lâmpadas luminosas, apaga-acende. A sirena do cinema chama os incautos. O vai e vem, vai e vem. As moças trançam, os moços cruzam e as velhas moças-velhas passam ao largo como vapor proibido de atracar, lançando olhar cobiçoso A igreja Matriz construída pelo Padre Pontes e o antigo coreto e casadeiro a quem quiser pegá-lo. Encosto ao velho e carcomido telephone que jamais soube o que é uma palestra de namorado, pois que é telephone de chauffeur, e meto-me a filosofar, no aturdido do movimento. — O que é novidade! Trez senhoritas e trez boinas, ao todo seis, se todas as senhoritas que rodeiam o jardim estivessem de boinas quantas cabecitas irrequietas deixariam de tomar sereno? Faça o cálculo: duzentas e seis! Despropósito! Olho em volta, o Nestor e o Quim estão de boina. Emendo: duzentos e oito.*

A crônica foi escrita na época em que ainda existia, na praça Sete, bem em frente à Igreja Matriz, o velho coreto, construído em 1916.

A primeira subscrição para a construção desse coreto começou em 1914. Foi um movimento liderado pelo Sr. Deodoro de Sá Macedo, proprietário da “Typographia d’ A Tribuna”, que editava o jornal *A Tribuna* que acabara de ser fundado. A ideia não vingou e o dinheiro foi devolvido aos subscritores.

Em 1916, nova tentativa surgiu para coletar donativos com o mesmo objetivo, desta vez, sob a liderança do Sr. Manoel Trindade da Silva. O Pe. Pontes, em nome da igreja, deu licença para ser erguido o coreto, desde que ficasse o mais longe possível da Matriz.

Em 27 de agosto de 1916, foi lançada a pedra fundamental do sonhado coreto. O ato foi abrilhantado pela Banda “Lyra Joaquinense”, que existia desde 1914, enchendo a praça com seus acordes. Dois meses depois, foi inaugurado e ficou majestosamente plantado, enfeitando o largo. Sua construção ficou em 1:187\$700.

## PELA JANELA DO TEMPO

O coreto não teria permanência muito longa, pois foi demolido lá pelo ano de 1935, para ser construído um novo, às expensas do Sr. Manoel Damásio Ribeiro, e permanece até hoje. Apenas suas linhas originais eram bem diferentes das atuais.

Em artigo de 20 de março de 1933, no jornal *Correio Paulista*, consta a seguinte crônica:

*O nosso coreto – Em um lindo jardim como o nosso, tão bem cuidado, não é justo que o nosso administrador atual não tome em conta o contraste entre o modernismo de um lado e o aspecto triste de outro. No nosso coreto incômodo como é, não fica bem o alçapão e a escadinha existentes, e tão pouco fica bem, os músicos, nos dias de execução, andarem procurando pelo jardim crianças para segurar-lhes as músicas para que possam executá-las. Ora, não só o coreto destoa do nosso belo jardim como também a falta de estantes, muito notada, não só por nós, mas pelos de fora. Pouco ou nada custaria mandar fazer as estantes que são necessárias para evitar que os de fora e mesmo os de cá façam mau juízo sobre nossa administração, por tão pouca coisa... Ao Sr. prefeito aqui fica registrada a reclamação que foi feita por vários músicos desta localidade, que reclama também a falta de lâmpadas.*

1928

A INSTALAÇÃO DA  
COMARCA



## PELA JANELA DO TEMPO

*Nesta hora histórica... todo o meu peito não paga a comoção que me abala... pela instalação desta comarca que tirou o seu auspicioso nome da santidade de um livro eterno e que os séculos vão transmitindo à adoração, a Comarca de São Joaquim. (Dr. José Francisco Oliva, primeiro magistrado de São Joaquim, em seu discurso de louvor pela instalação da Comarca em nossa cidade em 25 de maio de 1928).*

De fato, muita luta e dedicação foram necessárias para se chegar a essa emancipação judiciária. O grande acontecimento teve como líder o Sr. Magino Diniz Junqueira. A partir de 1918, quando os irmãos do Cel. Chico Orlando indispuseram-se contra ele, os Junqueiras passaram a trabalhar com maior afinco na política joaquinense. Ao seu lado, despontava José Olyntho Fortes Junqueira, que, nunca se acomodando, tratou com denodo a criação e instalação da nova Comarca.

Em 31 de dezembro de 1927, foi criada a Comarca de São Joaquim depois das lutas encetadas pelo referido José Olyntho, que, indo à Orlândia, procurou o Sr. Arthur Oliva, titular do Cartório de Registro Geral e Hipotecas e mentor de chefes políticos, dele conseguindo o desdobramento da Comarca de Orlândia. Notável homem público, antigo chefe local do PRP, fazendeiro, incansável batalhador pelos interesses de São Joaquim, tratou de conseguir a sua emancipação judiciária, por avaliar e medir os desejos locais, considerando que fora seu primeiro juiz de Paz.

O Dr. Carlos de Rezende Enout, em discurso pronunciado dias após o falecimento do Sr. Magino, em 3 de fevereiro de 1950, a determinada altura, disse:

*Lembro esses dados para mostrar quantos motivos tinha o saudoso extinto, para sentir-se arraigado e adorar este querido torrão, que era seu torrão: seu, pelo nascimento, seu pela tradição de família, seu pelo amontoado de anos que vem presenciando, desfilar gerações e mais gerações de entes queridos pelo cenário imenso da vida. Pertencendo anteriormente a sua propriedade agrícola, Fazenda Perobas, ao Município, de simpatias todas voltadas para São Joaquim, Magino Diniz Junqueira, sem figurar oficialmente nos nossos quadros políticos, emprestava absoluta solidariedade aos nossos dirigentes de então, quer peio seu nome acatado nas elevadas esferas políticas estaduais; quer peia sua presença e assistência a todos os nossos movimentos reivindicatórios: quer ainda pela cooperação monetária dada sempre com a maior liberalidade e largueza.*

*E como que, para confirmar e demonstrar as suas grandes simpatias e o seu apego ao nosso município, resolveu transferir a sua propriedade agrícola, como também a Fazenda São Luiz, do Sr. Mário Diniz Junqueira, para São Joaquim. Esse objetivo, mais fácil poderia ser alcançado, com a transferência Iguualmente, do Distrito de Sant'Anna, que desde a criação de nosso Município já tudo tentara, para ser anexada a São Joaquim. Todos os elementos estudados e articulados os interesses comuns, surgiu a aspiração que em pouco tempo se corporizou em grande ideal, crescendo extraordinariamente e que era tomar São Joaquim também independente de Orlândia na sua esfera Judiciária. Foi quando a ação vigorosa de Magino Diniz Junqueira se manifestou em toda sua plenitude. Homem de vontade firme e que sabia pôr em jogo toda sua fibra espartana, na conquista de um objetivo, não mais descansou, não mais deu tréguas àqueles que se opunham*

## PELA JANELA DO TEMPO

*ao nosso grande desejo e que já se transformara, para nós, em verdadeiro ideal: a criação da nossa Comarca. Aliado patim de Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, o grande chefe de Ribeirão Preto, seguindo ambos a corrente do preclaro Presidente Washington Luiz, Magino Junqueira, não pertencendo ainda ao nosso Diretório Político, porque residia fora de nossas fronteiras municipais, adquiriu propriedades nesta cidade para sentir-se com direito de aqui fazer política, embora já fosse considerado por todos, um dos membros natos e dos mais categorizados de nosso partido. Como apagado componente desse Diretório, tive a honra de acompanhar de perto, juntamente com José Olinto Fortes Junqueira e outros, todas as démarches dessa grande luta que foi a criação da nossa Comarca.*

Nos dois trabalhos históricos, feitos em 1952, são citados os nomes de Magino Diniz Junqueira; José Olyntho Fortes Junqueira; Mário Diniz Junqueira; Dr. Carlos Rezende Enout; Jerônimo Garcia Falleiros; Francisco Stupello; Durval Barbosa; Antônio Finocchio e José Stupello, dentre muitos outros que trabalharam para a emancipação jurídica de nosso município.

E a Comarca de fato veio, mas tivemos que fazer um acordo com o Cel. Francisco Orlando, reservando-lhe um cartório para José Silveira Barbosa (Registro de Imóveis), genro de Arthur Oliva, garantindo-lhe um pagamento de cinquenta contos ao Município de Orlandia pela perda do distrito de Sant'Anna dos Olhos d'Água, mediante títulos aceitos pela Prefeitura e com o aval de José Olyntho Fortes Junqueira; Gabriel Junqueira Reis; Mário Diniz Junqueira e Fortes Junqueira & Enout (Chico Olyntho e Dr. Carlos), elementos exponenciais no trabalho da nossa Comarca.

No apagar das luzes do ano de 1927, o deputado Francisco Junqueira apresentou à Câmara Estadual um projeto de lei criando a Comarca de

São Joaquim, com sede nesta cidade e aumentando o município com o distrito de Santana e parte de Morro Agudo, de acordo com tal projeto, transformado em Lei n. 2.256 de 31 de dezembro de 1927.

E a Comarca foi instalada em 25 de maio de 1928, com muito brilhantismo e emoção, ultrapassando a expectativa geral a encantadora e sugestiva festa da instalação solene da nossa comarca. Não podia ser melhor. Nada faltou, tudo correu às mil maravilhas. Recepção, banquete, baile, e tudo mais, numa animação entusiástica. Flores, música, jogos, tudo demonstrava o imenso júbilo e a alegria da população ordeira e laboriosa de São Joaquim. Parabéns ao diretório, à Câmara, e sobretudo, à comissão encarregada do programa levado a efeito. A alegria que presidiu as festas já vinha de longe, com a ansiedade do povo, e foi com incontido regozijo que chegou.

Pela madrugada, nossa cidade foi despertada por festiva alvorada, realizada pelas bandas de música de Igarapava e local, que, executando marchas, com o espocar dos rojões, incitavam o povo a despertar, iniciando as solenidades do belo dia 25 de maio, tão significativa data para São Joaquim.

As ruas da Estação e Minas Gerais estavam enfeitadas de bandeiras brasileiras, de lâmpadas de todas as cores, presas aos três arcos de triunfo que foram colocados à frente da Estação, do Fórum e do Grupo Escolar, como preito de homenagem ao Governo do Estado.

Às 8h30, foi rezada, na Igreja Matriz, uma missa cantada em ação de graças pela instalação da Comarca, celebrada pelo Revdo. Pe. Eugênio Dias, acolitado pelos vigários Almeida Leal, de Orlândia; João Neves de Sant'Anna; e Salvador Sorrentino, de Guaiá. A ela compareceu quase toda a população da cidade, deixando repleta de povo a igreja.

Às 10h30, formou-se, em frente ao Fórum, a massa compacta de povo, ao lado das autoridades locais, ocasião em que foram tiradas diversas fotografias do Grupo Escolar e da Linha de Tiro de Guará. Em demanda da Estação, seguiu o grande cortejo, para ali aguardar o especial

que conduzia S. Excia. o Dr. Antônio Carlos de Salles Junior, egrégio secretário da Justiça e Segurança Pública e sua comitiva.

Tomaram parte nessa recepção: A Câmara Municipal; o Diretório do PRP; escoteiros e alunos do Grupo Escolar dirigidos pelo diretor e corpo docente; a linha de tiro do próspero e vizinho município de Guará, que tanto brilho emprestou à nossa festa; a Sociedade Italiana XX de Setembro que compareceu incorporada, trazendo o seu riquíssimo estandarte; a colônia portuguesa, sempre pronta a render homenagens em ocasiões precisas como essa; e grande acompanhamento de povo, com representantes das Câmaras de Igarapava, Guará, Orlândia, Jardinópolis, Nuporanga e Franca, bem assim magistrados e representantes dos Diretórios dos mesmos municípios.

Às 11h30, ouviu-se o sinal de chegada da locomotiva esperada e, em seguida, ao som da banda de Igarapava, que, postada na plataforma, executava o Hino Nacional. Logo que estacionou o comboio, entre outras pessoas, saltou a figura simpática do Sr. Secretário da Justiça, que, depois de receber os cumprimentos de todas as autoridades e pessoas graúdas presentes, encaminhou-se para o Hotel Raymundo, onde lhe foram reservados aposentos para um rápido descanso.

Ao descer as escadas da Estação, teve, S. Excia., de fazer pequena parada debaixo do arco do triunfo, ali erguido, para desatar a fita que o impedia de seguir e que era amparada por quatro meninas, a fim de receber as pétalas de rosas que do arco caíam sobre sua pessoa e, ainda, para posar para as objetivas que o aguardavam. Por essa ocasião, executou, o Hino Nacional, a nossa banda de música.

Depois de ligeiro descanso, seguiu S. Excia acompanhado por enorme multidão para o Fórum, onde o aguardavam numerosas famílias que, ao avistá-lo, iniciaram frenética salva de palmas. A essa manifestação ruidosa, agradecia, curvando ligeiramente a cabeça. Ali declarou instalada a Comarca e saudou o povo de São Joaquim em seu nome e do Governo do Estado. Usaram ainda da palavra, nosso primeiro magistrado, o Dr.

José Francisco de Oliva, o digno promotor público, Dr. José Alves Motta, e, em nome do povo desta Comarca, o Dr. Riolando de Almeida Prado.

Terminadas as cerimônias da instalação, o Dr. secretário foi presidir o banquete que lhe era oferecido e ao Governo do Estado, ocorrido no prédio do Grupo Escolar. Estavam colocadas, nas três salas principais do prédio, as três mesas para duzentos talheres.

Lindamente ornamentadas de bandeiras brasileiras, paulistas, folhagens, flores, as três salas resplandeciam com seus enfeites caprichosamente organizados.

Sobrepostos em expressivos buquês de flores, viam-se escudos com os nomes dos membros do Governo, da Câmara e do Diretório. Na mesa principal, onde se assentara o Sr. secretário da Justiça, destacava-se, em toda a sua beleza, uma grande corbelha de flores oferecida ao Sr. Francisco Stupello, pelo Sr. Octávio Jorge, de Ribeirão Preto. As mesas tinham o seguinte formato: a do Dr. secretário e autoridades locais, em forma de T; a dos representantes dos municípios e dos jornais da Capital – *Estado de S. Paulo, Folha da Noite, Correio Paulistano*, e desta folha – , em formato de U; e das pessoas graúdas, em formato de I. A sua comitiva, agora aumentada com os representantes de Barretos, que estavam presentes, estendeu-se numa grande fila de automóveis que, aos poucos, foi-se perdendo de vista numa nuvem de poeira.

Usaram da palavra o secretário da Justiça, que demonstrou, na sua oração, um verdadeiro entusiasmo pela brilhante acolhida recebida, o coronel Manoel Bento da Cruz, em nome do Diretório e da Câmara; e o deputado, Dr. Sylvio Ribeiro, levantando o brinde de honra com champanhe.

À noite, o grande baile deixou em todos que ali estavam uma gratíssima recordação, dado o entusiasmo das famílias presentes. Animadíssimas estiveram as contradanças, pois a ótima orquestra de Uberaba, regida pelo maestro João Villaça, não dava trégua aos pares, com pequeníssimos intervalos. Assim, até a madrugada prolongaram-se as danças.

O serviço de *buffet*, irrepreensível, e o serviço do banquete, merecendo os nossos cumprimentos ao Hotel Raymundo. A instalação da Comarca se deu quando era prefeito o senhor José Stupello (setembro de 1926 a junho de 1929). De junho de 1929 a março de 1930, foi prefeito o farmacêutico André Cardoso, filho caçula do major Cardoso.

8
CORREIO PAULISTA

## Cidades novas do Estado



Uma das ruas de São Joaquim, sede da nova comarca recentemente criada no Estado, embandeirada em festa no dia da instalação da mesma, em homenagem ao sr. dr. Salles Junior, secretario da Justiça.

# Recitales

**YVONNE DAUMERIE'** — A grande artista, cantora Yvonne Daumerie, que em S. Paulo conta milhares admiradores, vai recitar mais um recital de poemas.

Em uma noite que será recobida com grande interesse, a cantora dará seus poemas de arte.

O recital da eschetrã Yvonne Daumerie está effectuado no

de vanguarda, além de ser premiada, está apreciada no publico com um completo apoio e companhia pela imprensa da Republica.

Cuma em dias anteriores, por se a prova de hoje haverá ainda de localidades com preço (populacionista).

A prova terá inicio de 22 horas em diante.

\* \* \*

**PARAN MUSICAL**. — Por esta homenagem artistica, realizada em S. Paulo, no salão de Conservatorio e acompanhado recital promovido pelo Comendador Augusto de Castro em homenagem ao prof. Manoel Castagnan.

# A expedição

## PERDURA COMPLETA DE NOTICIAS DO DIRIGENTE

### Varios aviadores extintos a procura dos desterrados polacos

### O AUXILIO DO GOVERNO

**ROMA, 28 (A.)** — Segundo informações officiais, continua a ser absoluta falta de noticias do dirigente "Italia".

O avião-sonda da expedição "CASA DE MILANO", não conseguiu reconhecer-se com a "Italia" desde a partida, quando o contacto cessou nos circuitos polacos.

De ha cerca de 24 horas de ausencia do AVIADOR, que, todavia, continua providenciando no sentido de ser-lhe enviada mensagens aos exploradores de prisa.

O governo empregou-se para que a prova seja feita ao pre de qualquer informação procedente destaquella região aerea.

Esta confirmação que o sr.

**CORREIO PAULISTANO**, de 30.5.1928. Foto do lado superior esquerdo, mostrando uma das ruas de São Joaquim, embandeirada e, festa no dia da instalação da comarca, em homenagem ao Dr. Salles Junior, Secretário da Justiça, e na foto do lado direito, aspecto da multidão que assistiu às festas de instalação, realizadas no dia 28 daquele ano.



STANO

30 - 5 - 28

# ão Nobile

## As novas comarcas

**ETA FALTA DE GIGIVEL "ITALIA"**

**rangeiros partiram unidos exploradores res**

**OS SÓVIETS**

...ção de retirar sobre a terra de "Italia" substituídas as iniciativas para desobediência a parâmetros de presente dirigidos; o senado Halm, da Aviação Nacional, está ultimando as preparativos da expedição que, sob o seu comando, deve partir à curta distância, para de iniciar o seu trabalho o general Nobile e seus companheiros.

Desembarcando em Copenhague, os aviadores Nobile e Halm saíram, por sua vez, de telegraphar ao presidente Mussolini, oferecendo-se para colaborar nas investigações da empresa italiana "Long Year City", que está à disposição dos exploradores uma magnífica aeronave de alta performance. — (Sérvia).

### NO SENADO ITALIANO

ROMA, 29 — O Senado começou hoje a discussão do orçamento da Agricultura.

Antes de iniciar os debates o sr. Tassinari fez uma declaração em que toda a Itália se encontra



Aspecto da multidão que assistiu às festas de instalação da nova comarca de São Joaquim, realizadas na semana transacta, com a presença do sr. dr. Salles Junior, secretário da Justiça.

Requerer mas não obtiver.  
Ao contrário, foi apunhado como falacioso de documentos e, por isso, está sendo processado.  
Publicamos a photographia do syrio-egypcio.

**Sociedade Paulista de Agricultura**

**A TRAGEDIA ROMANTICA DE UMA MARQUEZA**

Em torno do suicidio de uma fidal-





**FOTO DE 25.5.1928. DIA DA INSTALAÇÃO DA COMARCA** - foto tirada em frente ao Hotel Raymundo, na rua Acre, atualmente rua Voluntário Geraldo. Sentados: Padre Eugênio Dias, (n.i.), professora Maria Barbierato, (n.i.), (n.i.), Sra. Manoel Bento da Cruz; esposa do doutor Olympio; esposa do Dr. Eurico, Da. Alice Guedes, Cybele Couto Rosa, Da. Celica Junqueira e, na segunda fila: Nenê Machado, Professor Barbozinha, (n.i), Professor Fernando Brasil, Promotor José Alves da Mota, Juiz de Direito dr. José Francisco de Oliva, Manoel Bento da Cruz, Ítalo Pascoal, Dr. Olímpio, Chico Stupello, Dr. Eurico, Paulo Maciel de Barros, Dr. Galés, Dr. Álvaro do Couto Rosa, professor Geraldo Sória, Sr. Plínio T. Junqueira. Terceira Fila: (n.i), Sr. Almeidinha, Mansueto, Moysés, C. Santos, Mário Barbosa, Antônio Mendes, (n.i), (n.i), Rubens de Sá, Manoel Trindade, (n.i), Flori Dei Bianco.

1928 - A INSTALAÇÃO DA COMARCA



## PELA JANELA DO TEMPO

Os joaquinenses não poderiam prever estarem às portas de duas revoluções. A primeira, aconteceria em 1930, quando Getúlio Vargas, vencedor, acabou com a famosa política do “café-com-leite” e, a segunda, quando os paulistas se revoltaram contra a ditadura do mesmo Getúlio, em 1932. Na verdade, viviam os últimos momentos da vida democrática, pois, durante 15 anos, o país ficaria sob a ditadura do Governo Vargas. Em 1930, as Câmaras Municipais seriam extintas em todo o território nacional e os prefeitos não seriam mais eleitos, mas passariam a ser nomeados.

1929

JACINTA DAS  
CABRITAS

Jacyntha Bapstistani Faietti, ou aquela que a memória joaquinese perpetuaria como Jacinta das Cabritas, era uma dessas pessoas simplórias que vêm ao mundo a fim de servir de circo para o ignorante e malvado populacho. Apelidavam-na de Jacinta Beata, a Louca, porque a coitada andava rezando e discursando pela cidade. A devota tinha três carneiros que a acompanhavam por toda parte.

Nem ela, nem suas cabras, seus carneiros, papagaios e periquitos, tinham qualquer coisa que implicasse sanidade mental desequilibrada. Eram tão normais e sem argumentos quanto quaisquer desses políticos que fazem número nas sessões legislativas. A velha Jacinta, tida como móvel de utilidade cidadina, nunca viveu, como parecia a muita gente, da caridade pública. Vivia de seu trabalho honesto, do seu comércio, venda de frutas e quinquilharias, empurrando seu carrinho pelas ruas, seguida por suas inseparáveis cabras, discursando à sombra dos postes ou pelas escadas da igreja.

Católica fervorosa, compungia-se à aproximação da matriz ou dos padres. Nos investimentos do seu cabedal boquirroto, Jacinta profligava, ao seu modo, toda a vida de Cristo, desde Jerusalém, que era pronunciava “Jerusalé”. Beata completa, não dispensava as comendas religiosas; fitilhos santos; medalhas; rosários; também não dispensava o véu preto para as cerimônias da semana santa. Só assim encobria o seu vestuário, um tanto quanto fora de moda, quase sempre sujo ou malbaratado.

Muita gente julgava que Jacinta, por efeito de seus quase permanentes jejuns, já se aproximava do fanatismo beatífico. Diariamente, postava-se à margem das ruas Minas Gerais, São Paulo ou XV de Novembro e, segurando nas mãos, o rosário, e ato contínuo, no seu sotaque italiano, começava a discursar:

*Meus irmãos precisamos rezar muito pois o diabo quer acabar com o mundo. O diabo quer brigar com Deus e, se ele ganhar, as crianças, os homens, as mulheres, as plantas, os animais, todos morrerão e não ficará nada sobre a terra.*

## JACINTA DAS CABRITAS

*O diabo, para ganhar a briga, irá ensinar para os homens malvados como é que fabrica a bomba para destruir o mundo. Vamos rezar, meus irmãos, vamos pedir para Nosso Senhor Jesus Cristo, Nossa Senhora Virgem Maria, São Francisco e São Sebastião e todos os Santos, protegerem o mundo. Precisamos rezar todos os dias, meus irmãos, precisamos pedir a Deus, não deixar o diabo ensinar como se faz essa maldita bomba.*

Era esse, invariavelmente, o tema de sua pregação, seu assunto predileto. Imediatamente, ajuntavam-se os que gostavam de se divertir às expensas dos supostos loucos e, desse modo, formava-se em pouco tempo verdadeira multidão ao redor dela. E assim começava a zombaria.

*Muito bem Jacinta, muito bem Jacinta, você sabe fazer discurso, é melhor que o padre Eugênio. Quem irá ganhar a guerra? Será que o diabo conseguirá destruir o mundo? Faça outro discurso, viva a Jacinta, viva a Jacinta.*

E a beata, julgando estar sendo elogiada e aplaudida, repetia as mesmas palavras, porém com mais eloquência.

Jacinta era proprietária de duas casas situadas onde hoje estão a casa do senhor Milton Furlan e a escola Anglo (na rua Minas Gerais). Lá ela construiu uma capelinha, dentro da qual colocou as imagens dos santos da sua devoção.

O dia dedicado a Corpus Christi era, para ela, a reafirmação da sua fé, de sua crença. Antes do alvorecer, Jacinta enfeitava as ruas com flores e folhas. O Pe. Eugênio Dias, constantemente, no púlpito da igreja, em seu sermão, dizia aos paroquianos que “somente uma louca” (referindo-se a Jacinta), seria capaz de sujar as ruas da cidade. Essa “louca” está desmoralizando a religião, transformando a igreja em palhaçada, porque sujar as ruas está servindo somente para o povo gargalhar a bandeiras despregadas.

Indiferente à censura do Pe. Eugênio, Jacinta continuava a ornamentar as ruas pelas quais iria passar a procissão do Senhor. Naquela época, eram poucos os costumes de adornar as ruas da cidade. Mal sabia o Pe. Eugênio que as loucuras de Jacinta eram tradição no mundo e aqui, com o passar dos anos, não seria exceção.

Debalde o padre se queixava ao prefeito e ao delegado, e nenhuma dessas autoridades atendia à denúncia dele. Certa feita, na ausência do delegado de polícia, assumiu o cargo um cidadão leigo que se intitulava a si mesmo como “suplente de delegado”. E o Pe. Eugênio pediu-lhe que prendesse a beata, a fim de impedi-la de sujar as ruas da cidade.

Assim pensando, arranhou diversos caixões de querosene, com os quais ergueu, no bairro da Lapa (naquele tempo era a Porteira), uma rústica capelinha somente para o “Meu São Bom Jesus da Lapa e sua Mãe a Virgem Maria”. Era provavelmente o ano de 1929, e ali, por muitos anos, muitas pessoas se reuniam, no dia 6 de agosto, em torno do seu singelo altar, acendiam velas, rezavam fervorosamente e formulavam seus pedidos.

Diversos devotos foram aparecendo, com o passar do tempo, inspirados na iniciativa da suposta louca, e angariaram numerário e construíram a primitiva capela da Lapa (na antiga vila Francisco Vidal), que, posteriormente, foi batizado de bairro da Lapa Velha. Foi ela a precursora da Festa da Lapa, com o baiano Filinto. E foi assim que surgiu uma das festas mais concorridas e animadas de São Joaquim – a Festa da Lapa.

Quando, em 2010, lancei o livro sobre a capela da Lapa, pouco se sabia dos últimos dias de Jacinta. Os mais antigos diziam ter ela morrido no estado do Paraná. Quando retomei as pesquisas para este livro, quis dar espaço para falar dessa figura tão importante da história de São Joaquim da Barra. O advento da tecnologia possibilitou que muitos cartórios e *sites* de pesquisas digitalizassem seus arquivos e, passados doze anos, descobri que Jacinta sempre esteve perto da capela que ela um dia ajudou a erguer.

## JACINTA DAS CABRITAS

Em sua certidão de óbito, consta que era de nacionalidade italiana, nascida em torno de 1880, viúva de Francesco Nazareno Angelo Gelasco Faietti (falecido em 27 de maio de 1920). Era a primogênita dentre nove filhos de Victorio Baptistani e dona Ângela Venanci Baptistani, faleceu em sua residência na rua Minas Gerais, n. 4, em 3 de outubro de 1937, com 57 anos, vítima de fratura craneana e congestão pulmonar, conforme declarou o Dr. Alcino Meirelles, causados por atropelamento.

Jacinta, assim como tantos outros, desapareceu numa curva do destino. Faleceu sem ver pronto o templo ao Bom Jesus que seria erguido na pracinha da Lapa, e inaugurado em 6 de agosto de 1941, ainda sem estar completamente acabado.

Decorridos quase cem anos, quando passo em frente ao palacete que surgiu das ruínas da velha Jacinta, a imagino ajoelhada em frente ao nicho de pedras, de rosário em punho, a desfiar conta por conta as suas inacabadas orações. Imagino também suas cabras a ruminar, deitadas, a ração que a velha carinhosamente lhes atribuía diariamente. Paz à sua alma.



## PELA JANELA DO TEMPO



**JACINTA BATISTONI FAIETI** (ao centro, com lenço na cabeça), no casamento de sua filha Verônica com o Sr. Octavio Seabra de Mello, em 1931. Jacinta morreu vítima de atropelamento, em outubro de 1937, na antiga rua do Comércio.

# DÉCADA DE 1930 E AS REVOLUÇÕES

DÉCADA DE  
1930 E AS  
REVOLUÇÕES

O ano começou com algo diferentes nas políticas brasileira e paulista. O PRP que, no Estado de São Paulo, nunca tivera opositor, começava a sentir a presença de dois novos partidos: o Partido Democrático e o Partido da Aliança Liberal, que eram favoráveis às novas ideias que iam conquistando simpatias, pois lutavam contra o mandonismo e a prepotência dos perrepetistas, defensores da política oligárquica do café-com-leite, ou seja, do domínio político dos grandes fazendeiros de Minas Gerais e São Paulo. Em São Joaquim, já existia um jornal *O Brasil Moderno*, que, apesar das pressões sofridas, circulava desde setembro de 1929, defendendo essas ideias.

Em 3 de outubro de 1930, teve início a revolta, vinda do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, contra o governo constituído pelo presidente Washington Luiz. O Estado de São Paulo lutou contra essa revolta, embora a maioria do povo paulista fosse simpático a esse movimento revolucionário.

Felizmente, a revolução estaria terminada em 24 de outubro, com a vitória dos revoltosos liderados pelo Dr. Getúlio Dornelles Vargas, líder político do Rio Grande do Sul. Estrondosa foi a manifestação de júbilo que se realizou na cidade, em virtude da faustosa notícia da suspensão das hostilidades reinantes no território nacional, restaurando a ordem pública no país, com a deposição do governo da República, e, consequentemente, dos Estados. Aquele foi substituído por uma Junta Militar e estes por militantes e elementos de destaque dos Partidos Democrático e da Aliança Liberal.

O povo joaquinese em peso, sem diferença de classe social e autoridade, tendo à frente a bandeira brasileira e a banda musical, percorreu as ruas da cidade exultando de alegria e aclamando os elementos do novo governo.

Oradores inflamados se fizeram ouvir, em vários pontos de nossa cidade, onde quer que o entusiasmo popular comunicasse energia dos corações já desalentados pelo caráter sombrio do momento angustioso

## DÉCADA DE 1930 E AS REVOLUÇÕES

que se atravessava. Foguetes às dezenas rasgaram os ares, espocando fortemente nas alturas, anunciando aos quatro ventos a volta da tranquilidade aos lares sobressaltados da família brasileira.

Por fim, decorridas seguramente duas horas, quando já na praça Sete de Setembro, o povo ia debandar, nova manifestação de júbilo se fez sentir, com o aparecimento, no coreto, entre outras, da figura simpática do Dr. Ferreira, um dos mais entusiastas da causa, que falou ao povo num tom de tocante civismo.

Galantes e inocentes meninas cantaram, em seguida, hinos e cânticos patrióticos, com aplausos, terminando na mais perfeita ordem a patriótica manifestação.

Nesse mesmo dia 27 de outubro, foi criada, em São Joaquim, a Junta Governativa do Município, em consequência dos acontecimentos.

O representante democrático, Sr. Ernesto Barbanti, fez um apelo ao prefeito, Sr. Mário Diniz Junqueira, para que continuasse à frente do Executivo municipal, pois esse era o desejo dos membros do Partido Democrático. O prefeito agradeceu, sensibilizado, a prova de confiança que recebia e declarou irrevogável o seu pedido de renúncia. Ernesto Barbanti acabou assumindo a prefeitura, onde ficou por três meses, de outubro a dezembro de 1930. Em homenagem à revolução vitoriosa, a rua da Estação, atual rua Marechal Deodoro, recebeu o nome de rua 24 de Outubro e a rua do Comércio, atual rua XV de Novembro, recebeu o nome de rua João Pessoa. João Pessoa foi o político paraibano que morreu assassinado, e sua morte serviu de pretexto para que se iniciasse a revolta.

Em 9 de julho de 1932, estoura a revolução paulista, a Revolução Constitucionalista. O povo, que tanto se empolgara com a revolta de 1930, liderada por Getúlio Vargas, desencantados, estavam descontentes; maior ainda era a revolta dos políticos e latifundiários, que perderam seu poder para uma revolução que prometera tanto e até então nada realizara de positivo. Até o velho PRP, partido que parecia desaparecido,

## PELA JANELA DO TEMPO

reergueu-se, aliando-se ao jovem Partido Democrático, seu adversário, formando a Força da Unidade Popular (FUP).

A demora de Getúlio Vargas em promover a Constituição do país e a forma acintosa com que os vencedores da revolução de 1930 interferiam nos problemas administrativos e políticos do Estado de São Paulo e feriam os brios dos paulistas. São Joaquim não poderia ficar alheio a esses momentos de tanto arrojo, coragem e sacrifícios.

Foi uma revolta que uniu de forma impressionante o espírito brioso do povo de Piratininga. Um artigo no *O Jornal* assim relata o momento, em edição de 24 de julho de 1932:

*E continua empolgando o povo de São Joaquim a grande causa constitucionalista. Não se pensa e não se fala em outra coisa senão no formidável entusiasmo paulista disposto a vencer de qualquer forma a resistência. A avidez em que são lidos os jornais, a concorrência aos pontos onde existem aparelhos de rádio, os comentários feitos com inusitada alegria a cada vitória anunciada, as zombarias feitas às mentiras propalada e transmitidas pelas estações do Rio de Janeiro, a massa de joaquinenses que enche o pátio da Estação da Mogiana quando passa um “especial” de forças, a boa vontade e a presteza que recebem do povo de São Joaquim, o trabalho e o entusiasmo da mulher paulista, o carinho e o desvelo da das jovens paulistanas, As levas de voluntários que saem de São Joaquim, constituem um clima de euforia, de união e de vitória.*

Um povo bom, simples e trabalhador, cuja curta existência foi pontilhada de tantos atos nobres, de tantas lutas dignificantes, de tantas conquistas elevadas. Nossa terra ofereceu a São Paulo tudo o que podia dar, em ouro, armas, animais e dinheiro. Não contente, ainda, mandou seus filhos pelejarem em prol da nobre causa. De famílias humildes e dos lares ricos, sem distinção, unidos pelo mesmo ideal patriótico,

partiram de São Joaquim levadas de jovens, que se enfileiravam nas hostes revolucionárias.

Na cavalaria do Rio Pardo, célebre por suas façanhas, os moços de São Joaquim se distinguiram por sua disciplina e bravura. E São Paulo não pode devolver a São Joaquim todos os jovens que daqui partiram. Inúmeros jovens joaquineses foram para a frente de batalha, e apenas um perdeu a vida, o voluntário Geraldo B. da Silva que ficou abatido pela metralhadora e o seu sangue serviu para escrever a página mais heroica de nossa história. O voluntário Geraldo era preto e humilde, filho de gente pobre e humilde.

Mas o povo de São Joaquim, reverente, soube glorificar o seu feito heroico, prestando-lhe significativa homenagem. Uma das ruas da cidade ostenta orgulhosa e feliz o nome glorioso de rua Voluntário Geraldo. A antiga rua da Cascata, que receberia, em 1914, o nome de rua Acre, teve seu nome mudado para Voluntário Geraldo, em 1932, numa homenagem ao bravo combatente.

A revolução terminaria em 26 de setembro, com a derrota dos paulistas, mas não foram totalmente derrotados, pois Getúlio Vargas apressou-se a promover a Constituição do país, exigida por São Paulo. Em maio de 1933, foi eleita a Assembleia Constituinte e instalada em novembro do mesmo ano.

A nova constituição foi promulgada em 16 de julho de 1934.

Durante os três meses de revolução, muitos atos de desprendimento e coragem foram registrados. Um deles foi a campanha de “Dei ouro para o bem de São Paulo”, para a qual os casais paulistas contribuíram com suas alianças, moedas de ouro e de prata, correntes, relógios e outros objetos de ouro.

A história do nosso atual campo de aviação teve início em julho de 1932, por ocasião da Revolução Constitucionalista. Na época, o *Jornal A Tribuna*, fundado pelo Sr. Deodoro de Sá Macedo, e que existia desde 14 de fevereiro de 1914, publicou a seguinte nota:

## PELA JANELA DO TEMPO



**POSTAIS DA REVOLUÇÃO**, que eram enviados pelo serviço do Correio Militar



### **OURO PARA O BEM DE SÃO PAULO.**

Durante a “preparação” para a Revolução de 32, São Paulo recorreu aos seus cidadãos para que fossem doados joias e dinheiro para prover o exército do que fosse necessário. Muitas pessoas, que não tinham o que doar, acabaram doando suas alianças para a causa.

## DÉCADA DE 1930 E AS REVOLUÇÕES

*Vastíssimo campo de aviação em forma de um quadrado de 400 metros de lado, foi construído em cerca de seis alqueires de terra, pertencentes aos senhores Antônio Luís, Augusto Aristides de Andrade e Salim Elias. Durante quatro dias, quatrocentos trabalhadores, num entusiasmo ímpar, construíram o campo.*



**FOTO DA ABERTURA DA PISTA DE POUSO** do aeroporto de São Joaquim

Provavelmente para servir de pouso aos aviões das forças constitucionalistas que era constituída por pelo menos uma dezena de aviões.

Em 21 de abril de 1951, foi comemorado o primeiro aniversário da Companhia de Aviação Cruzeiro do Sul, com serviços de tráfego de passageiros e bagagens para diversos pontos do país. No período de um ano o número de passageiros embarcados foi o seguinte:



## EMBARQUE

Cidade	Números de passageiros
Campinas	35
Rio de Janeiro	29
Curitiba	1
Porto Alegre	2
Pires do Rio	45
Goiânia	210
São Paulo	516

Movimentos de cargas expressas de 613 volumes, num total de 3.520 quilos.

## DESEMBARQUE

Cidade	Números de passageiros
Campinas	25
Rio de Janeiro	87
Araraquara	3
Marabá - Pará	1
Pires do Rio	87
Goiânia	228
São Paulo	386

Movimentos de cargas expressas e encomendas 735 volumes, num total de 5 mil quilos. Decolagem e aterrissagem, 210.

Em torno de 1950, muitos aviões traziam, principalmente, políticos (a maior parte das vezes os filiados ao Partido Progressista Popular (PSP), liderados pelo médico Dr. Adhemar Pereira de Barros. Usavam a via aérea como meio de comunicação mais ágil, rápido e prático, para levá-los às

## DÉCADA DE 1930 E AS REVOLUÇÕES

suas bases políticas no interior. Em 1960, além dos “ademaristas”, surgiram os adeptos de Jânio Quadros, ferrenho adversário de Adhemar de Barros.

Esses políticos e seus correligionários, acompanhados de joaquineses curiosos e prováveis eleitores, desciam do campo de aviação e eram acompanhados em carreatas, pela rua XV de Novembro, atravessando a linha da estrada de ferro, passando em frente à Farmácia Falleiros e indo em direção à praça 7 de setembro, sob os aplausos e vivas de seus admiradores.

Por ocasião dos festejos do cinquentenário de São Joaquim da Barra, acontecido em 6 de dezembro de 1952, que, na verdade, não estavam comemorando os cinquenta anos de nascimento da cidade, mas, sim, da sua elevação a distrito, foram apresentados dois trabalhos relativos à história de São Joaquim da Barra. Um deles escrito pelos jornalistas Mário Barbosa e Durval Corrêa Rangel, que assim se referem ao nosso campo de aviação:

*Aéreo Clube de São Joaquim da Barra – É a denominação da nossa entidade aviatória, da qual preside o Sr. Roberto Rezende Junqueira e cujos estatutos foram registrados em 04/12/1943. Possuía além de um grande campo de 22 alqueires, com duas pistas e um hangar, um avião para escola, doado pela Companhia Nacional de Aviação e batizado pelo nome de Capitão Chico, em homenagem ao respeitável varão Francisco Marcolino Diniz Junqueira.*

A entrega desse avião foi feita em solenidade festiva no dia 3 de abril de 1944 e foi pilotado, de Ribeirão Preto para cá, pelo Dr. Bolivar Barbanti (advogado nascido em São Joaquim da Barra, e, mais tarde, delegado de polícia) e por Assuero Cardoso, filho do eminente político da cidade, major Cardoso, que para cá viera em 1905.

Depois de muitos anos desativado, o integrante da família Junqueira, Luiz Gustavo Junqueira Figueiredo, obteve a autorização, em 2012,

## PELA JANELA DO TEMPO

para administrar o aeroporto de São Joaquim da Barra, denominado Aerobarra. Com a ajuda de investidores, destinou R\$ 2 milhões para o empreendimento, cuja concessão é de 25 anos. Asfaltou a pista de pouso, que era de terra; providenciou sinalização e alambrados; ampliou os hangares; foi inaugurado no dia 18 de agosto de 2013, recebendo com brilhantismo o evento *Bonanza Fly In*.



**FOTO DA DÉCADA DE 1950**, prédio da torre de comando do aeroporto de São Joaquim, hoje Aerobarra.



**FOTO DE 1998** do prédio do aeroporto completamente abandonado, foto gentilmente cedida por Sílvia Barbosa de Freitas Sartorato (à esquerda)



**GUICHÊS DO AEROPORTO**, foto de 1998, foto gentilmente cedida por Sílvia Barbosa de Freitas Sartorato (à direita).

## DÉCADA DE 1930 E AS REVOLUÇÕES



CHEGADA DOS AVIÕES DA CRUZEIRO DO SUL no aeroporto de São Joaquim



**ATUALMENTE O AEROPORTO DE SÃO JOAQUIM DA BARRA** é um aeródromo público de administração privada, realizada através da Associação dos Concessionários e Usuários de Aeroportos Públicos – Aerobarra, que recebeu, em 2012, a concessão de 25 anos para sua administração, através do empresário Luiz Gustavo Junqueira Figueiredo. A inauguração oficial desta nova etapa da história do aeroporto de São Joaquim da Barra ocorreu em 18.8.2013, em uma solenidade que reuniu mais de 200 pessoas e 47 aeronaves.

## PELA JANELA DO TEMPO



**PISTA DE POUSO ATUAL** com 1.380 metros de comprimento, 23 metros de largura.

## DÉCADA DE 1930 E AS REVOLUÇÕES



## PELA JANELA DO TEMPO

Ainda em 1932, do dia 25 de abril, foi fundado o conhecido Asilo Conferência São Vicente de Paulo. A entidade teve o braço forte, em sua edificação, dos fundadores, liderados pelo Dr. José Ribeiro Fortes.



*Fonte: Acervo pessoal*

**DR. JOSÉ RIBEIRO FORTES** entre amigos e colaboradores do asilo. Destaque, ao fundo para as irmãs salvatorianas.

O ano de 1933, foi amargo para os joaquinenses. Apesar dos ressentimentos ainda à flor da pele, os joaquinenses receberam, embora meio ressabiados, o gaúcho Dr. Pílade Alberto Pilagi, que veio assumir a prefeitura de nossa cidade, como homem de confiança das forças revolucionárias vencedoras. Ao chegar em nossa cidade, afirmou

que estava aqui apenas para estudar a situação política do município e, posteriormente, entregar seu cargo à pessoa mais indicada para tal fim. Ele chegou no início de do mês de março e hospedou-se no Hotel Machado, com sua família, para substituir o Sr. Durval Barbosa, prefeito em exercício. Em 6 de março de 1933, o Sr. Durval Barbosa havendo solicitado demissão de seu cargo de prefeito, é nomeado o Sr. Pílade Alberto Pilagi, cidadão gaúcho e integrante das forças ditatoriais. Homem educado, mas cheio de ímpetos revolucionários, logo caiu no desagrado de nosso povo. Trouxe consigo “dois ajudantes de ordem”, e “algumas ameaças veladas de uns tantos revólveres de grande calibre” (dados do trabalho de Mário Barbosa, apresentado em 1952).

O prefeito, por ser gaúcho, da terra do ditador Getúlio Vargas, e pelas estranhas ideias socialistas divulgadas com falta de habilidade, foi tornando-se antipático para a maioria do povo joaquinense. Enquanto o Dr. Pílade estava pregando o socialismo pelas praças públicas e cidades circunvizinhas e nos terreiros de café das fazendas, o povo tolerou.

Os joaquinenses começaram a se indispor com as suas atitudes de empáfia e bravata, quando perceberam que ele estava fazendo da prefeitura um comitê do seu partido. São Joaquim assistiu, nos dias que passavam, uma forte e impulsiva reação da opinião pública, contra os desmandos do seu prefeito que, em má hora e com a mais antipática das disposições, pretendeu fazer do município o manancial das suas ambições e dos seus despropósitos.

Na ocasião, nas dependências do Cine Ruy Barbosa, elementos de destaque da cidade ali reuniram-se e deliberaram que seria solicitado ao interventor, Gal. Daltro Filho, a substituição do Dr. Pílade, pelo nome do Sr. Antônio Fernandes Vidal, lembrança que foi recebida com calorosa salva de palmas. A instalação da Câmara se deu em 29 de setembro de 1936, tendo sido eleito prefeito o Sr. Manoel Azeredo Coutinho, cujo cargo ocupava desde 1934.



1936

ROLANDO BOLDRIN,  
O ILUSTRE FILHO  
JOAQUINENSE

*Rolando Boldrin foi eternizado como uma figura emblemática da cultura popular brasileira. O sétimo filho de uma família de doze irmãos, foi o único “encarregado” de cantar e contar a nossa terra em verso e prosa desde muito cedo. Saído do interior de São Paulo, da cidade de São Joaquim da Barra, o caboclinho virou ator de filmes premiados e de novelas acompanhadas no Brasil inteiro e até no exterior; tornou-se compositor, cantor, apresentador e, claro, grande contador de causos. Rolando Boldrin foi um homem de muitos talentos e muita personalidade, mas confessava “sou fundamentalmente um ator; esse tem sido meu trabalho a vida inteira; radioator, ator de novela, de teatro, de cinema, um ator que canta, declama poesias e conta histórias. Não há país no mundo igual ao Brasil. Somos a mistura mais maravilhosa da Terra.*



**A DUPLA CHEGOU A FAZER ALGUMAS APRESENTAÇÕES** com o nome “Boy e Formiga”: Boy foi o apelido que o próprio pai colocou no filho Rolando, dada sua paixão pelos filmes de “cowboys” americanos da época: como Boy era loiro, o apelido “combinou”; e Leili recebeu o apelido de Formiga também da própria família, de tão miudinho que era quando nasceu. E o repertório de Boy e Formiga era “escolhido a dedo”: entre diversos clássicos, as “pérolas” de Raul Torres e João Pacífico, tais como “Pingo d’ Água”, “Chico Mulato” e “Cabocla Tereza”. Leili Boldrin não seguiu carreira artística e se dedicou ao comércio, mas continuou com o apelido de Formiga.

## 1936 - ROLANDO BOLDRIN, O ILUSTRE FILHO JOAQUINENSE

No dia 22 de outubro de 1936, nascia, em São Joaquim da Barra, um dos seus mais ilustres cidadãos, Rolando Boldrin, o Boy, grande apresentador, ator, cantor, escritor e compositor brasileiro. Desde pequeno, tocava viola. Aos doze anos começou uma empreitada musical com o seu irmão, formando a dupla “Boy e Formiga”, que era bem-sucedida na rádio da São Joaquim.

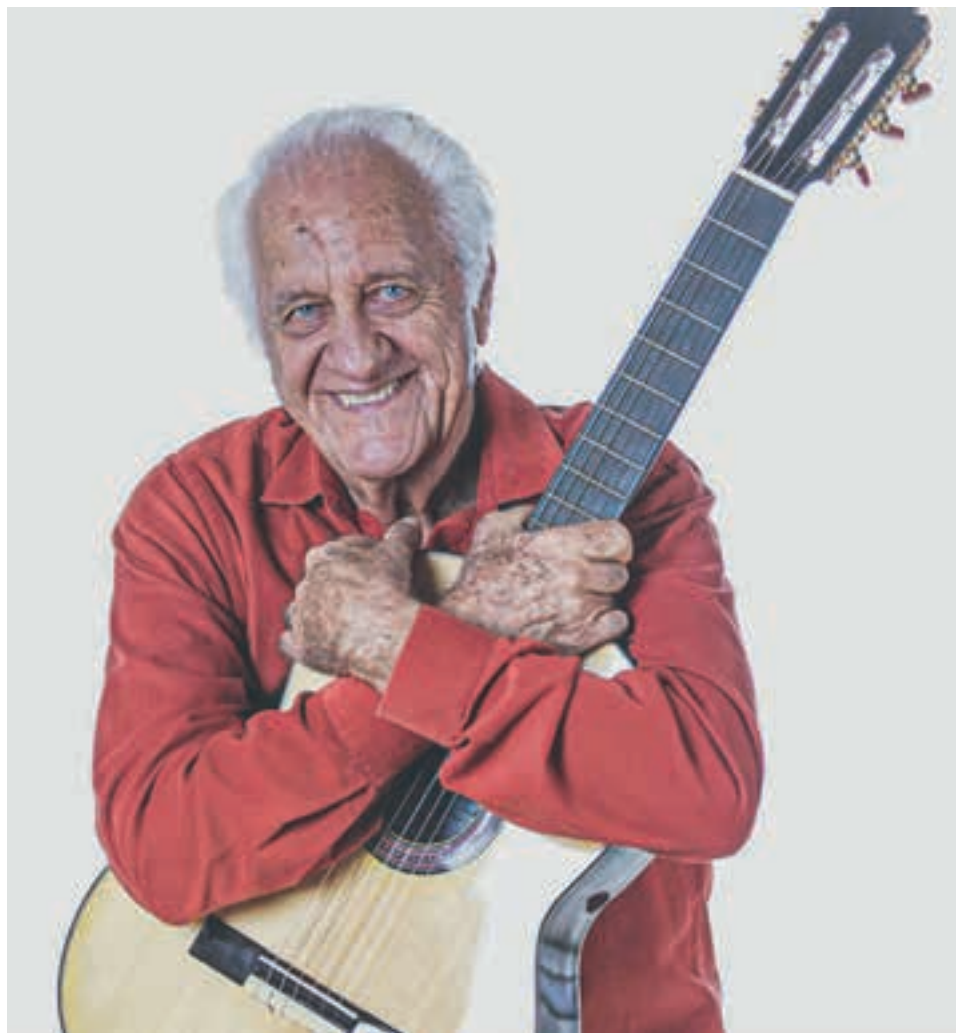


**NA RÁDIO SÃO JOAQUIM** o locutor Melquior Lima apresenta Rolando Boldrin para uma declamação.

*Fonte: Acervo pessoal*

Aos 16 anos, incentivado pelo pai, Boldrin foi para a capital paulista de carona em um caminhão. Lá, antes de emplacar na carreira de cantor, foi sapateiro, frentista, carregador, garçom e ajudante de farmacêutico. Aos 18 anos, prestou serviço militar no Exército, em Quitáúna. Nos anos que se seguiram, dedicou-se à atividade musical.

Rolando Boldrin debutou na música em 1960, como participante do disco de sua futura esposa, que se tornou sua produtora, Lurdinha Pereira. Em 1974, lançou seu primeiro disco solo, “O Cantadô”, pela Continental.



*Foto: Acervo pessoal*

Boldrin também teve uma grande experiência como ator de teleteatro da TV Tupi, entre o final da década de 1950 e começo da de 1960, ao lado de Lima Duarte, Laura Cardoso, Dionísio Azevedo entre outros. O livro *A TV antes do VT* mostra várias de suas passagens na emissora, em fotos das gravações dos programas da TV Tupi, quando não havia videoteipe.

Entre as décadas de 1960 e 1980, atuou em aproximadamente trinta novelas das emissoras Record, Tupi e Bandeirantes.

Como apresentador de televisão, na década de 1980, esteve à frente dos programas Som Brasil (TV Globo); Empório Brasileiro (TV Bandeirantes); e Empório Brasil (SBT). Seu último trabalho como apresentador foi o programa Sr. Brasil, pela TV Cultura de São Paulo.

Rolando Boldrin prestou enorme contribuição à história da TV Cultura. Com o programa Sr. Brasil, que apresentou por 17 anos, “tirou o Brasil da Gaveta” e fez coro com os artistas mais representativos de todas as regiões do país. O cenário privilegiava os artesãos brasileiros e era circundado por imagens dos artistas que fizeram a nossa história, escrita, falada e cantada, e que já viajaram, muitos deles “fora do combinado”, conforme costumava dizer Rolando.

Recebeu o prêmio de melhor ator coadjuvante no Festival de Brasília, por sua atuação como Pedro Melo, em O Tronco (1990), filme baseado no romance homônimo do escritor goiano Bernardo Élis.

Aproveitando o espaço na televisão, Rolando Boldrin foi um dos maiores divulgadores da música sertaneja brasileira. Em agosto de 1981, estreou o programa Som Brasil, na TV Globo, com o objetivo de divulgar a música brasileira de inspiração regional.

Ele contava “causos”, dançava, e exibia peças teatrais e curtos documentários. Mas o destaque eram as atrações musicais, cujo repertório incluía músicas de cantores e compositores que tinham como fonte a cultura popular. Boldrin deixou o programa em 1984, mas levou a ideia a outros programas apresentados por ele, Empório Brasileiro; Empório Brasil e Sr. Brasil.

Em 2010, foi tema do desfile da escola de samba Pérola Negra, no carnaval de São Paulo, com o enredo “Vamos tirar o Brasil da gaveta”, cujo ponto central foi o empenho de Boldrin em ressaltar a cultura nacional.



**ROLANDO BOLDRIN AO LADO DE SUA MÃE**, dona Alzira, na Agência Leonetti em tarde de autógrafo no dia 10.12.1988.

*Fonte: Acervo pessoal*

Em 2022, a TV Cultura homenageou o ator pelos seus 85 anos de vida com a exibição do documentário “Eu, A Viola e Deus”, dirigido por João Batista de Andrade. A gravação aconteceu no dia 22 de outubro de 2021, no Auditório Arthur Parada, com a participação do grupo musical Casuarina.

Rolando Boldrin morreu em decorrência de insuficiência respiratória e renal, aos 86 anos, em 9 de novembro de 2022. O velório foi realizado na Assembleia Legislativa de São Paulo e o sepultamento no Cemitério Getsêmani, na capital paulista. Seu último trabalho, o programa Sr. Brasil, na TV Cultura, foi apresentado por ele durante 17 anos. Era casado com a produtora e cenógrafa Patrícia Maia Boldrin.

1940

1940



## PELA JANELA DO TEMPO

São Joaquim entra na década de 1940 ansioso para resolver o grave problema da falta de esgoto e calçamento. Ânسيا essa retratada num artigo escrito pelo Dr. Eusímio Batista, em *O Jornal*, de 3 de novembro de 1940.

*Calçamento e esgoto. Uma cidade sem calçamento é um indivíduo seminu, com camiseta de malandro. Pode ter personalidade, mas lhe falta a distinção cavalheiresca que lhe confere as roupas bem trabalhadas. Os modernos conceitos de higiene não consentem calçamentos sem esgoto, como se usava antigamente. E isso veio dificultar extraordinariamente esse problema pelo qual está passando São Joaquim.*

*Há muito que ouvimos falar de estudos sobre a nossa futura rede de esgoto. Vimos o doutor Moacir, por várias vezes atarefado com balizas e outros aparelhos de engenharia. Estava realizando os tais estudos. Um dia desapareceu. Naturalmente devia tê-los concluído; foi a conclusão de todos que se interessavam por isso aqui. Esperou-se calmamente pelos seus resultados. Mas nada transpirava sobre esse assunto de tão magna importância para nós. E as murmurações e boatos começaram a surgir: Não temos prestígio para conseguir o empréstimo, a nossa renda não comporta as despesas para sua realização. E outros comentários, alguns acentuados de pequenas perfídias,*

*Fui procurado por alguns. Assim resolvi indagar o que havia sobre a questão dos esgotos e calçamento para São Joaquim. Mais uma vez procurei o prefeito e sua excelência que me recebeu muito bem e prontificou a dar-me os esclarecimentos necessários. O tal estudo estava dependendo da aprovação do Departamento das Municipalidades. Entretanto sabe-se de antemão que será aprovado. E sabe-se mais alguma coisa que todos podem ficar sabendo. Por exemplo, o orçamento do engenheiro Carneiro Viana é de 1.900:000\$000 (bonita quantia). O estudo da rede de esgoto foi calculado para o dobro das nossas realidades atuais, isto é, 1.500 anos dentro de um prazo de 20 anos.*

*E há razão para custar tanto?*

*Não é propriamente a canalização que encarece. É que necessitamos também de água suficiente, que só conseguiríamos acrescentando a que já temos, três poços profundos. Naturalmente artesianos. Depois de aprovados tais estudos o prefeito requererá ao governo Estadual o empréstimo necessário. E o governo mandará estudar o orçamento. Isto é mais estudos. O nosso prefeito acha que não podemos arcar com a responsabilidade de um empréstimo tão vultoso: todavia já está também estudando um meio de reduzir as obras para dois terços apenas do que foi estudado, caindo, portanto, o orçamento para 1.200 contos*

*E enquanto se estuda tantos estudos, é justo como se diz o João, que a gente vá também estudando um meio de suportar pacientemente o desconforto que a falta de calçamento e esgotos nos acarretam. E o pobre São Joaquim que já é boêmio que vá continuando a ser malandro.” A verdade é que o prefeito Roberto Rezende Junqueira ao ser substituído na prefeitura em janeiro de 1945, deixaria resolvido esse problema que tanto afligia os joaquinenses.*

Finalmente, no ano de 1942, em que a nossa moeda mudava para cruzeiro, o prefeito Roberto Rezende Junqueira conseguiu, em 21 de julho, um empréstimo de Cr\$ 200 mil, a juros de 9% ao ano e com o prazo de 30 anos, para a construção de um sistema de distribuição de água e rede de esgoto. Os trabalhos de engenharia foram, em boa hora, entregues ao Dr. Moacyr Meirelles Bastos, que deu à cidade um serviço de água modelar e conseguiu, ainda, com a colaboração do prefeito, uma economia de Cr\$ 400 mil para que fosse dado início ao calçamento da cidade, cuja inauguração aconteceria em 14 de maio de 1944. São Joaquim contava com 27 ruas e duas praças públicas, a 7 de Setembro, que recebeu esse nome em 1914 e foi ajardinada em 1927, e a outra era a atual praça

Magino Diniz Junqueira, onde eram instalados os parques de diversão e circos que chegavam à cidade.

O início da década de 1940 foi promissor. O problema da água ficou sanado, o esgoto acabou com as fossas, e os jovens já podiam agora, ao terminar o curso primário, cursar o ginásio e, mais tarde, formar-se em Técnico de Contabilidade, correspondente a um curso colegial.

Por serem, os produtos agrícolas, a força do movimento econômica do município, existiam, na época, a Algodoeira São Joaquim, cujos sócios majoritários eram fazendeiros da família Junqueira; a América Coffee, de José Elias de Almeida; e as Máquinas de Arroz do sr. Ernesto Barbanti, do sr. Pedro Badran; e da firma V. Jardim & Irmão.

Na área do ensino público, havia apenas um Grupo Escolar, o atual Sílvio Torquato Junqueira. Apenas no ano seguinte, 1943, seria instalada pelo jovem igarapavense Prof. José Alves Ferreira, genro do Sr. Deodoro de Sá Macedo, que, por mais de 15 anos, foi proprietário de jornais em nossa cidade, a Escola de Comércio São José, onde estudariam os primeiros ginásianos joaquinenses.

A principal fonte de renda era a lavoura cafeeira, seguida da lavoura do algodão e do arroz e outros cereais. A indústria continuava incipiente e a parte ligada a couros era a que mais renda dava à municipalidade.

Roberto Rezende Junqueira, prefeito de nossa cidade desde 1938, ainda permaneceria na prefeitura até fevereiro de 1945. Durante quase sete anos consecutivos, o então jovem prefeito ocupou o lugar de chefe do executivo em nossa cidade, um prefeito não eleito, mas nomeado, pois, desde 10 de novembro de 1937, com o golpe preparado pelo então presidente Getúlio Vargas, o Brasil estava debaixo de um governo ditatorial. Período em que os prefeitos eram nomeados e não funcionava a Câmara Municipal.

Nesse ano, na cidade de São Joaquim, seriam inaugurados dois clubes esportivos, que até hoje existem em nossa cidade.

A Associação Atlética Joaquinense (AAJ), mais conhecida como

“Baixada”, foi fundada em 13 de fevereiro de 1942, pelos Srs. Ezequiel Parada, Anor Ferracioli e Paulino Nicolau, cujo campo ficava localizado em terreno particular pertencente aos irmãos Ferracioli, onde hoje funciona o Grupo Escolar Manoel Gouveia de Lima. Tal campo de futebol, que foi adquirido pela AAJ e lhe foi dado o nome de Estádio Ferracioli, em torno de 1960 foi vendido e a diretoria do clube construiu suas atuais dependências na rua Voluntário Geraldo, lá pelos lados da cascatinha.

Em 23 de junho desse mesmo ano, foi inaugurado o São Joaquim Tênis Clube, também na rua Voluntário Geraldo, ao lado do campo do São Joaquim Futebol Clube, time de futebol fundado em 1920.

No ano de 1945, em que terminou a Segunda Guerra Mundial, o Sr. Roberto Rezende Junqueira cumpriu seus 7 anos como prefeito de nossa cidade, deixando duas obras fundamentais para a posteridade: o serviço de água e esgoto e o início do calçamento das ruas.

O Sr. Antônio Tobias, contador da prefeitura, ocupou a função de fevereiro de 1945 a julho do mesmo ano e, em seguida, o Sr. Antônio Stupello foi prefeito, de agosto de 1945 a abril de 1947, e, a partir dessa data até o fim do ano, o Dr. Alcino Junqueira Meirelles ocupou a prefeitura.

Com os Srs. Antônio Tobias e Antônio Stupello, começaria o grande trabalho dos políticos para a criação e instalação do Ginásio Estadual, em nossa cidade. Assim, pelo Decreto-Lei n. 15.070, de setembro de 1945, foi criado o Ginásio Estadual, que seria instalado apenas dois anos depois. Tal criação deu muito trabalho ao chefe do executivo, Antônio Stupello, que, para tanto, ficava em São Paulo, no hotel São Bento, quase como hóspede permanente.

Na área de transporte coletivo, a cidade passaria a comunicar-se mais ativamente com as cidades limítrofes, com ônibus ou jardineiras, facilitando o acesso às localidades com mais conforto. Apesar do conforto, para a época, não se podia esquecer o famoso “guarda pó” para proteger as roupas da terrível poeira. Rumo a Ipuã e Guairá, o transporte era feito

## PELA JANELA DO TEMPO

pela empresa Nossa Senhora Aparecida, de Carlos Pellegrino. Até Ipuã, a viagem demorava uma hora; até Guairá, eram quatro horas de viagem. Havia, ainda, comunicação, com São José da Bela Vista e Franca.

No ano de 1945, o povo joaquinese ofereceu, ao prefeito Roberto Junqueira, um banquete, como agradecimento pelos melhoramentos que trouxe para São Joaquim.

São Joaquim começa, a partir desse ano, a ter o centro da cidade um pouco mais limpo, mas, até a década de 1960, nos jornais da cidade, ainda se reclamava muito da poeira e do barro, que avermelhava e importunava os munícipes.

Em 1947, foi instalado, começando a funcionar, o tão sonhado Ginásio Estadual.

Antônio Stupello; Adolfo Alfeu Ferrero; João Batista de Freitas Malheiro; J. C. da Silva Leça; João Eduardo Ferreira e outros joaquineses, promoveram uma subscrição popular para conseguir fundos que permitissem a adaptação do prédio da prefeitura para que nele fosse instalado o Ginásio.

A existência da rádio emissora de São Joaquim deve-se à iniciativa do Sr. Abrão Mauad.



### INSTALAÇÕES DA RÁDIO

**Z.Y.K.4**, na rua Minas Gerais, dois anos após passaria suas instalações para o prédio do antigo Cine Santa Cecília. Com o passar do tempo, mudou-se o nome para Rádio São Joaquim, que permaneceria em funcionamento até meados de 2000, depois foi vendida para Liderson FM e, em seguida, para Rádio Regional FM.



**MESA COMPOSTA PELA DIRETORIA DA RÁDIO ZY.K.4** da esquerda para direita: (n.i), Dr. José Cardoso Filho (Juiz de São Joaquim da Barra, entre os anos 1946-1952, Adolfo Alfeu Ferrero e Dr. José Ribeiro Fortes e (n.i).

## PELA JANELA DO TEMPO



**PROGRAMA DE AUDITÓRIO DA RÁDIO SÃO JOAQUIM**, nas dependências do antigo Cine Santa Cecília.

No dia 29 de setembro de 1947, foi para o ar a rádio emissora de São Joaquim da Barra, com o prefixo de Z.Y.K.4, soberbamente instalada em prédio adaptado para tal fim, na rua Minas Gerais, perto da Cadeia Pública.

Em 8 de outubro de 1947, foi realizada a primeira eleição em que o prefeito seria escolhido por voto direto. Desde 1937, ano em que Getúlio deu o golpe de Estado, instituindo no Brasil um governo totalitário, O Estado Novo, os prefeitos não eram votados, mas escolhidos por nomeação.

O Sr. Adolfo A. Ferrero foi o nosso primeiro prefeito eleito por voto direto, pela União democrática Nacional (UDN) e pelo PR, em 1947.

Foram eleitos oito vereadores pela coligação UDN e PR: Alberto Conrado (Ipuã); Dr. Carlos de Rezende Enout; Pedro Chediack; Luiz Consoni; Odoni Barbanti; Roberto Rezende Junqueira; Dr. José Junqueira Reis Filho (Ipuã) e Dr. João Batista de Freitas Malheiro. Pelo PRP, partido dos integralistas: Abrão Mauad e Antônio Guedes Júnior. Pelos outros partidos: Abílio Bezerra; José Junqueira Meirelles (Ipuã) e Jerônimo Ozório Menezes. Foram eleitos vereadores suplentes: Fausto Carrara (Nenê); Francisco Deieno e Roque de Oliveira Campos.

Em 1947, a Congregação dos Padres da Doutrina Cristã, fundada pelo beato César de Bus, em 1592, no sul da França, após ter sido dizimada pela Revolução Francesa, conseguiu chegar ao século XX com uma considerável presença na Itália, onde existiam duas Províncias. Em São Joaquim, chegou em fevereiro de 1946, o protetor da congregação na Santa Sé, o cardeal Benedetto Aloisi Masella. Atendendo ao pedido do bispo de Ribeirão Preto/SP, D. Manoel de Silveira D'Élboux, propôs ao superior geral, Pe. Carlos Rista, a vinda dos padres doutrinários para serem missionários no Brasil.

Assim, em junho de 1947, foram enviados os dois primeiros padres: João Delpero e Francisco Balzola, que desembarcaram em Santos no dia 3 de julho. Imediatamente, dirigiram-se até Ribeirão Preto, onde os recebeu. D. Manuel da Silveira D'Élboux (1946-1950). Um mês depois, o nosso então bispo destinou os padres para dirigirem a paróquia de



São Joaquim da Barra/SP, e nomeou o Pe. João Delpero como vigário, em 10 de agosto de 1947. Ele foi também designado pelo Definitório da Congregação, como primeiro Superior da Comunidade. Animados com a nova missão, em 27 de julho de 1948, mais padres chegaram para trabalhar na Diocese de Ribeirão Preto: Pe. Sílvio Gasparotto e Pe. Ernesto Ferrero. Assim, o Pe. Francisco pôde ser eleito primeiro vigário da cidade de Miguelópolis/SP, enquanto Pe. Ernesto foi enviado para trabalhar em Ipuã/SP.

Quando visitou Roma, em 1949, monsenhor Albino Alves Cunha e Silva, vigário da cidade de Catanduva/SP, Diocese de Rio Preto, encontrou-se com o superior geral dos padres doutrinários, a fim de lhe pedir padres para trabalharem naquela cidade. Motivados também por essa visita, no dia 9 de novembro de 1949, Pe. Orlando Visconti (co-fundador da Novena de Nossa Senhora das Graças), Pe. José Valsânia, Pe. César Cauda e Pe. Francisco Raspino, chegaram dispostos a iniciar o trabalho em Catanduva.

Pe. Carlos Rista veio para sua primeira Visita Canônica, ao Brasil, entre abril e agosto de 1951. Por causa de uma complicação pós-operatória, em 10 de fevereiro de 1956, faleceu o Pe. João Delpero, que foi sepultado aqui em São Joaquim da Barra. Todo o povo chorou sua morte, e seu grande amigo, o então prefeito Adolfo Alfeu Ferrero, ofereceu-lhe o túmulo como sinal de amizade e gratidão.

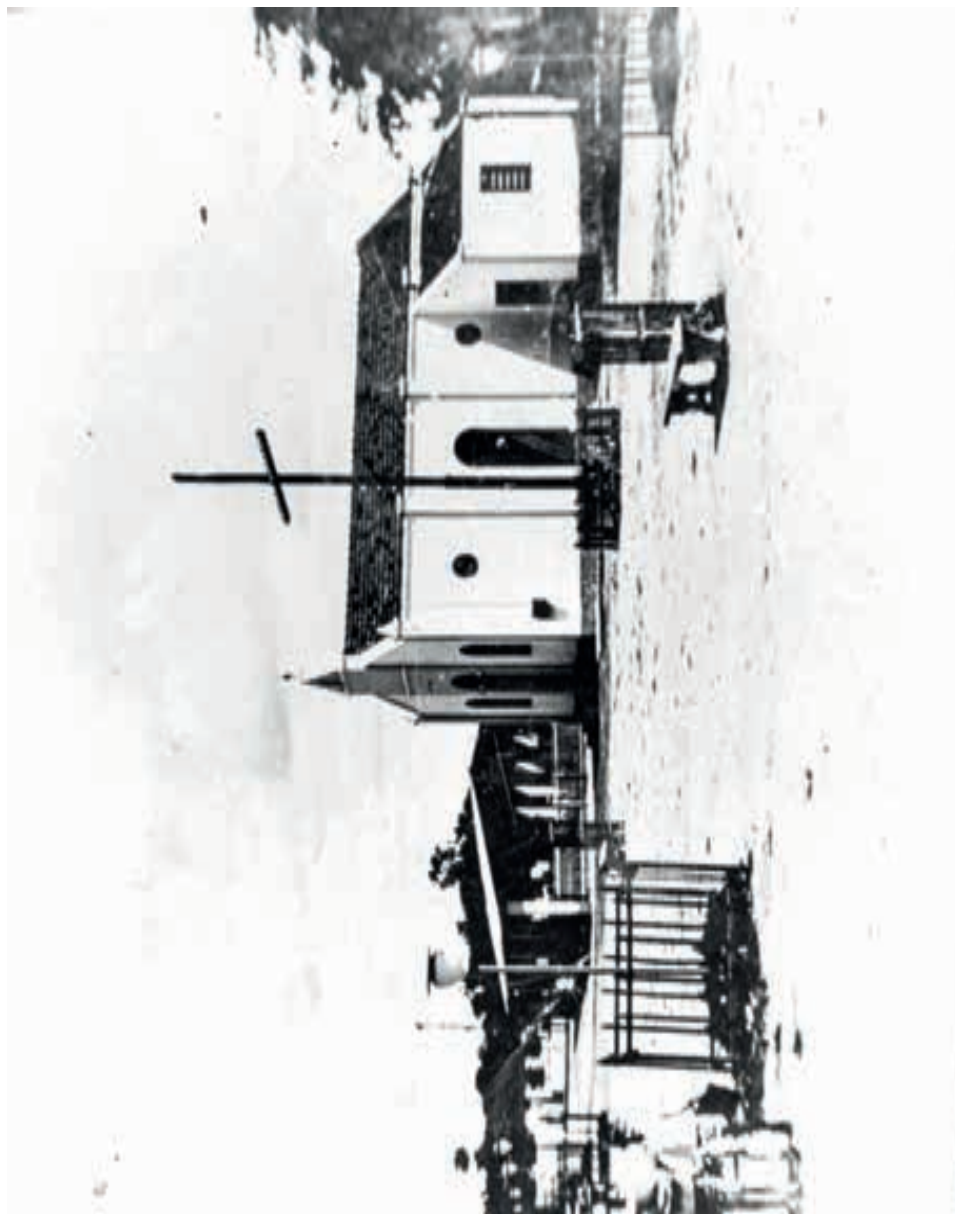
Em 1948, a população da cidade era em torno de 35 mil habitantes, com 7 mil na sede, 2 mil na vila de Ipuã e os restantes na zona rural. Possuía 42 mil metros quadrados de calçamento e os seguintes bairros: Lapa; Bela Vista; Vila Vicentina; Vila Melhoramentos e muitos elogios para o então prefeito Adolfo Alfeu Ferrero.

Pela janela do tempo, lembramos com carinho também de vultos do passado, que fizeram a história de nossa cidade, como é o caso de Manoel Damásio Ribeiro, um dos seus fundadores.

A IGREJA  
DA  
LAPA

A IGREJA  
DA  
LAPA

## PELA JANELA DO TEMPO



**A MAIS TRADICIONAL E FAMOSA DA CIDADE - IGREJA DA LAPA**, construída em 1941 e demolida na década de 70, dando espaço para a praça padre Eugênio Dias

## A IGREJA DA LAPA

Acompanhando o fluxo migratório de baianos que vieram para o Sudeste, no início do século XX, muitos deles atravessando por meses os estados da Bahia, Minas e São Paulo, vindos em comitivas, vários a pé, chegaram na Vila de São Joaquim, aproximadamente no ano de 1910, os baianos Filinto de Oliveira, seu irmão Raimundo e demais familiares e de lá trouxeram uma pequena imagem do Bom Jesus da Lapa. Filinto, como muito de seus conterrâneos, era empreiteiro e marceneiro. Instalou-se nas proximidades da casa da velha Jacinta e ali ergueu um nicho feito de pau-a-pique para abrigar os santos de sua devoção.

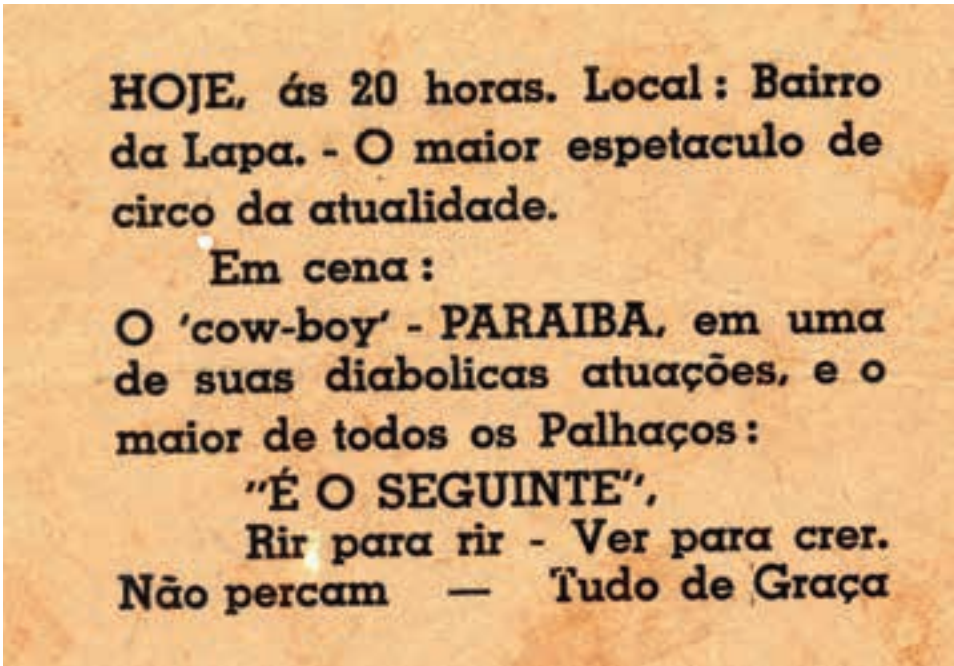
Jacinta, beata fervorosa como era, não demorou muito a descobrir o pequeno oratório e para lá acorria com sua filha Verônica e mais algumas outras pessoas, todo final de tarde, para a reza do terço. Por ali rezavam e escutavam os discursos da velha Jacinta.

Com o passar do tempo, o número de devotos foi crescendo e aquele oratório particular já não suportava a quantidade de pessoas para a reza diante da imagem do Bom Jesus. A capela foi construída entre as ruas Manoel Damásio Ribeiro, esquina com a rua São Paulo, até as proximidades da rua Pará, nas terras que pertenciam a Jacinta.

Ainda nessa época, as ruas ainda não eram paralelas e não existiam os quarteirões, como hoje a conhecemos. Acredito que um dos fatores principais para o crescimento dos devotos na cidade foi que, nessa época, entrecortava essas terras uma antiga estrada, com o nome de Travessa número 2, hoje a atual rua Manoel Damásio Ribeiro. Era uma pequena estrada de tropeiros que viajavam rumo às cidades vizinhas, principalmente à cidade de Nuporanga. Nessa região da cidade, ainda existem algumas casas do início do século construídas em diagonal, conforme a estrada que entrecortava aquelas terras.

Atualmente, entre a rua Antônio Stupello, as ruas Sergipe e Piauí, existe uma casa que servia de abrigo para os viajantes e que ainda conserva parte de sua estrutura original. Vinham retirantes e viajantes de todas as partes do estado. Com o tempo, a velha Jacinta, considerada, por muitos, louca, foi organizando as pequenas romarias e rezas diante

da imagem. Ali, por mais de 20 anos, cultivou-se a devoção ao Bom Jesus da Lapa. Com o passar do tempo, apareceram inúmeras barraquinhas entre as moitas de mato nas imediações da casa de Filinto e Jacinta, principalmente nos meses de julho e agosto.



PROPAGANDA DE ESPETÁCULO CIRCENSE no bairro da Lapa na década de 1950

LAPA,  
O MARCO  
DE UMA  
TRAGÉDIA

LAPA,  
O MARCO  
DE UMA  
TRAGÉDIA

## PELA JANELA DO TEMPO

Os anos correram, Jacinta já havia falecido e foi engrossando a fila de devotos, dentre eles apareceu dona Maria Rosseto de Moraes (a dona Maria da Padaria Estrela); o “Pedrucho”; os senhores João Avezum; Antônio Papadópoli; Antônio Guedes e esposa e inúmeros outros devotos (esses dois últimos vindos de Jardinópolis, onde a devoção já era bem famosa. Foram eles que, em 1941, fizeram erguer a primeira capela da Lapa, ao lado da casa de dona Mariquinha – Maria Morandini Tolloti (hoje, onde era sua casa, se encontra a loja Hidromar, no largo da praça Padre Eugênio Dias). Dona Mariquinha, durante muitos anos, teve a casa repleta de imagens de santos, sempre pronta a benzer as muitas pessoas que por lá apareciam.



**ANTÔNIO GUEDES DA SILVA E SUA ESPOSA, DONA ANA ROSA REZENDE GUEDES DA SILVA**, proprietários da confeitaria mais famosa de São Joaquim – “A Pauliceia”.

## 1940 - A CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA CAPELA

Já na década de 1940, em novo logradouro, a Igreja da Lapa começou a ser construída no terreno do Sr. Joaquim Trindade e que, depois, pertenceria ao Sr. Valentim Bortoloni (o antigo Sítio das Palmeiras). Nessa época, formou-se a comissão para construir a Capela, assim formada: Humberto Guilherme Querelli (mestre-de-obras); Pedro Pierri; Pe. Eugênio Dias; João Avezum; Antônio Guedes; Antônio Papadópoli; José Lourenço; e Ângelo Zílio. Muitos foram os donativos para erguer a capela, em grande ou pequena quantia, era questão de honra e fé doar algo para a construção da pequena Igreja dedicada ao Senhor Bom Jesus.



PROPAGANDA DO JORNAL A TRIBUNA, de 1925, referindo-se à Confeitaria Pauliceia. Até meados de 1924 era chamada de Confeitaria Internacional.





**CONFEITARIA A PAULICEIA EM MEADOS DA DÉCADA DE 1930.** Na foto aparecem o Sr. Tonico Dalpino, com o taco na horizontal, o senhor de colete é Antônio Guedes da Silva, e o menino no balcão é Antônio Guedes Junior, que foi vice-prefeito em nossa cidade.

Durante a construção da capela da Lapa, vale ressaltar muito em digna memória a pessoa de Antônio Guedes, que era proprietário da confeitaria mais famosa de São Joaquim da Barra, “A Pauliceia”, localizada na rua Quinze de Novembro, quase em frente à Igreja Matriz da praça Sete de Setembro.

Corria o ano de 1941 e sua desditosa companheira, dona Ana Rosa Rezende Guedes ficou doente, o mal se agravou e ela afadigou-se em rezas longas e árduas penitências. Queimou muitas velas aos pés das imagens de Nossa Senhora de Fátima e Santa Rita de Cássia, porém, o quadro de saúde agravou-se, com o passar do tempo, e os remédios dos médicos de nada valiam.

Antônio Guedes, no ápice do desespero, decidiu cumprir uma promessa em prol da saúde de sua esposa querida. Apelou ao Senhor Bom Jesus da Lapa. Sincero e confiante, não quis aguardar o atendimento de sua súplica ao valioso padroeiro. Cumpriu promessa antes mesmo de ser atendido. Doou, então, a primeira imagem do Bom Jesus, que guardo como relíquia.

Foi de porta em porta, pela cidade toda, pedindo esmolas para a construção de uma igreja em louvor do Bom Jesus da Lapa. Seu amor à desditosa esposa impelira-o a submeter-se à humilhação de pedinte... O dinheiro rendeu e a pequena capela foi erguida. A construção já estava na fase de acabamento quando o médico declarou pela centésima vez ser fatal a enfermidade de sua esposa, cuja voz não parecia mais a sua voz, porque a voz dos que vão morrer é diferente, como diziam os antigos.

E aconteceu a tragédia! Após a primeira festa da Lapa, ocorrida na capela, em 10 de agosto de 1941, arrasado por uma infinita tristeza, o inconsolável Sr. Antônio enlouqueceu! E no delírio da loucura, assassinou a esposa sentenciada à morte pela doença fatal. E suicidou-se! A irmã morte os visitou e foram encontrados abraçados, pelos filhos.

Na manhã seguinte, entre as duas missas de domingo, o povo inteiro da cidade de São Joaquim da Barra acompanhou os dois caixões. O de dona Ana Rosa, sua esposa, ia à frente, como costume da época, entrou na igreja, ao planger dos sinos, para as exéquias, enquanto o do marido teve que esperar do lado de fora. Na época, a lei católica proibia a bênção ou quaisquer exéquias religiosas aos suicidas. A mulher foi abençoada pelo padre e o marido foi sepultado como excomungado. Por muitos anos, a antiga capela da Lapa ficou estigmatizada como um marco trágico de uma promessa não atendida.

Durante sua existência, até o final da década de 1970, a pequena igreja passou por três mudanças, desde a colocação do sino doado pela família dos Guedes, até a construção de uma pequena sacristia e da famosa Sala dos Ex-votos (Milagres), onde muitas pessoas depositavam, em forma de agradecimento, fotos, membros em parafina, madeira e

outros vários objetos de penitência, adquiridos depois de algum graça alcançada.

Durante os meses de julho e agosto, toda a região se locomovia até a pequena Igreja, para agradecer e acender velas ao pé do Cruzeiro, tradição que permanece até hoje. Ou, até mesmo, para pedir, jovens entusiasmados para flertar e “roubar o primeiro beijo” atrás da igreja ou ao pé do Cruzeiro. Ah, não podiam faltar também os nossos políticos, é claro. Não perdiam tempo, em época de festa, montavam seus palanques em caminhões, no largo da capela, e ali faziam os seus demorados discursos.

Ainda na mesma década, o saudoso Pe. Mário Lano resolveu construir uma nova Igreja da Lapa, com algumas outras pessoas. Nessa mesma década, encontramos, no cadastro da prefeitura, os seguintes dados: Retificação para 1977 – Foram demolidos os seguintes prédios: A Igreja da Lapa, casa do zelador, barraca para quermesse, construções essas que tinham 401,96 m<sup>2</sup> de área construída, com abertura da praça Padre Eugênio Dias. Em justa homenagem, o prefeito da época, José Abdala Jabur, nomeou a praça do bairro hoje conhecido por “Lapa Velha” como praça Padre Eugênio Dias, em 30 de maio de 1978, em comemoração do aniversário da cidade. Hoje, a atual praçinha da Lapa se encontra pouco arborizada, “esquecida”, devido ao crescimento populacional da cidade, com alguns bancos que resistem à ação do tempo, mas com movimento constante de viajantes, moradores de rua e vendedores de mil e uma utilidades.

Atualmente, a Igreja da Lapa foi trasladada de lugar, construída entre as ruas Sergipe esquina com a rua Brasília. Sua capacidade é para 350 pessoas sentadas. Com sua construção também foi criado o bairro Lapa Nova, até então inexistente. Após 40 anos, a Capela da Lapa sofreu inúmeras intervenções para acolher os devotos que ali chegam semanalmente. No ano de 2011, foi iniciada a construção de um templo mais amplo, com características neoclássicas e vitrais multicoloridos representando a Via Sacra, obra de autoria do Sr. Antônio Moutinho, de São Paulo.

A SANTA  
CASA DE  
SÃO  
JOAQUIM

A SANTA  
CASA DE  
SÃO  
JOAQUIM



FACHADA DA ALA JOSÉ OLYNTHO FORTES JUNQUEIRA, da Santa Casa de São Joaquim da Barra.

O início da história da Santa Casa de São Joaquim da Barra é cheio de lutas e sacrifícios, de momentos históricos e dignificantes e de injunções políticas e econômicas, quase sempre resolvidas com a participação da sociedade joaquinese. A instalação da Santa Casa aconteceu no dia 28 de junho de 1940, abençoada pelo Pe. Eugênio Dias, e eleito o sr. Roberto Rezende Junqueira, como o provedor da Irmandade.

Sua fundação aconteceu quatro anos depois, em 12 de março de 1944, quando foi feita a doação de um quarteirão de terras para a sua construção. No dia 5 de maio de 1947, foi lançada a pedra fundamental da construção da Santa Casa pelo bispo diocesano dom Manoel da Silveira D'elboux e pelo Sr. Zezico Junqueira. Vale recordar que a presença das Irmãs Salvatorianas, que aqui chegaram em 1951, foi de fundamental importância para a Santa Casa.

## A SANTA CASA DE SÃO JOAQUIM

Em justa homenagem, a Santa Casa denominou a nova ala, inaugurada em 2010, de “Ala José Olyntho Fortes Junqueira”. O alto investimento em infraestrutura nasceu da necessidade de oferecer aos conveniados do seu próprio Plano Santa Casa Saúde, um atendimento mais qualificado, observando as necessidades de urgência/emergência e hotelaria. Com investimento milionário, essa ala conta com alto emprego tecnológico, equipamentos de última geração e instalações físicas que também observam a modernidade, requinte e elegância, vistos somente em hospitais de ponta.

Também conta com altos investimentos em treinamento e capacitação de seus colaboradores. Médicos e demais profissionais da saúde atualizados e preparados para garantir um dos melhores atendimentos em saúde do Estado de São Paulo. Além dessas características, ainda possui um controle de qualidade de atendimento reconhecido e avaliado com pontuação máxima em auditorias realizadas pela Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo.



VISITA DA IMAGEM PEREGRINA de Nossa Senhora de Fátima, em 1961.

## PELA JANELA DO TEMPO



**REGISTRO MAIS ANTIGO DA SANTA CASA, MEADOS DA DÉCADA DE 1950** – ainda intitulada como Santa Casa de Misericórdia Santa Isabel.



**MEMORÁVEL NOITE DA INAUGURAÇÃO DA ALA JOSÉ OLYNTHO FORTES JUNQUEIRA**, em 2010, na foto aparecem, da esquerda para a direita: a então prefeita Maria Helena Borges Vannucchi, Barbar Chaul (Barbinha), Sidney Marteleto, Dr. Luiz Octavio Junqueira Figueiredo cortando a faixa. Ao fundo, Wagner Marteleto, Luiz Gustavo Junqueira Figueiredo, n.i., Vanessa Damo. A ocasião foi abrilhantada pela Banda Musical Lyra União e Trabalho de São Joaquim da Barra.

1950

DÉCADA DE  
1950, OS ANOS  
DOURADOS DE  
SÃO JOAQUIM





PRAÇA SETE DE SETEMBRO NA DÉCADA DE 1950, completamente remodelada e com nova iluminação.

Afinal, após um período de dez anos sem a imprensa, São Joaquim da Barra voltaria, no mês de agosto, a ter novamente um jornal circulando na cidade. O jornal o Bandeirante. Um acontecimento que surgiu graças à sociedade que o prefeito Adolfo Ferrero fez com o jornalista Antônio Rosa. Logo no primeiro número do jornal, um articulista relembrou as últimas grandes conquistas que tornaram os munícipes orgulhosos, cheios de confiança nos destinos da sua cidade. Lembrou da instalação do Ginásio Estadual; dos bimotores da Cruzeiro do Sul que cruzavam os céus, ligando o Estado de Goiás com a capital paulista, fazendo escala em seu aeroporto; e da remodelação do jardim construído em 1927; bem como da troca de sua rede de iluminação que aconteceria em breve.



**GINÁSIO ESTADUAL**, hoje escola Professora Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta, ainda sem os muros.

*Fonte: Acervo pessoal*

Precisamente às 13h30 do último dia do ano de 1950, foi feito o teste da iluminação do jardim da praça 7 de Setembro, com a presença de Adolfo Ferrero; seu irmão, Adhemar Ferrero; José Tobias; Dr. João Batista de Freitas Malheiros; Danilo Nassi, de Miguelópolis e Orlando Fagundes, representante dessa folha. A inauguração oficial do evento tão esperado deu-se na passagem do ano.

O início dessa década chegava com uma alegria incontida no ar; uma esperança de dias melhores, enchendo de sonhos os corações joaquinenses. Era o início dos anos dourados.

Em 22 de abril de 1951, o *Jornal O Bandeirante* informou a população de São Joaquim sobre a vinda de irmãs religiosas para a nossa cidade, e como o fato representava fato interessante, e até mesmo uma auréola de grandeza e progresso, procurou ouvir a Sra. D. Rosa Consoni Ferrero,

## PELA JANELA DO TEMPO

que patrocinava a vinda das referidas religiosas. Disse-nos, inicialmente, a ilustre senhora, que, por enquanto, tudo ainda se encontrava no terreno das estabulações, pois, há muito tempo, já tentara trazer para São Joaquim as irmãs religiosas, porém, sempre com dificuldade, e que acabara de receber uma carta da Madre Superiora de uma congregação religiosa, do interior de São Paulo, interessada em colocar em São Joaquim uma casa.

Afirmou-nos, ainda, que a superiora geral desejava conhecer a nossa cidade, avaliar as nossas possibilidades, e ver se consegue uma casa, para que as irmãs pudessem se estabelecer. A uma pergunta nossa, a que misteres se dedicam as referidas irmãs, ou qual era a ação que pretendiam desenvolver em São Joaquim, respondeu D. Rosa:

*Caso se concretize este grande acontecimento, as religiosas, que para aqui vierem, irão manter um pensionato, Jardim de infância, semi-internato, curso primário, aulas de piano, corte e costura, pintura, e futuramente, se Deus quiser, também poderão tomar conta de nossa Santa Casa ou hospital, empreendimentos cuja utilidade e grandeza nem precisam ser comentadas.*

Finalizando, disse-nos, D. Rosa:

*O povo de São Joaquim, que vê sua cidade se avantajando dia a dia, a tomar impulso de uma cidade com foros de progressista, por certo haverá de compreender da importância da vinda de irmãs religiosas para cá.*

Em 23 de dezembro de 1951, o mesmo jornal destacou a festa promovida pelas irmãs. A irmã diretora do Educandário Mater Salvatoris, desta cidade, promoveu uma festa de cunhos religioso e social verdadeiramente tocantes. Às 9 horas, foi rezada, pelo Revmo. Pe. Francisco, em prédio adaptado para a capela do educandário, a missa inaugural com a presença de numerosas associações e famílias

da nossa sociedade. Em seguida, foi visitado o prédio em que funciona o educandário, onde teve lugar a inauguração do retrato de dona Rosa Consoni Ferrero, numa justa homenagem a essa bondosa dama, que tanto fez pela instalação desse estabelecimento nesta cidade.

Por especial delegação da irmã diretora, falou em nome do educandário o Dr. José Cardoso Filho, juiz de Direito da Comarca, que saudou a homenageada e enalteceu as suas virtudes e dotes de coração, relembrando o trabalho árduo e dedicado que realizou para que São Joaquim da Barra conquistasse para a sua sociedade e para sua vida educacional um estabelecimento dirigido por irmãs religiosas.

O discurso, além da beleza da linguagem e dos conceitos que sempre emprega como doutor orador, constituiu uma peça verdadeiramente comovente para o casal Ferrero e até mesmo para o seletto auditório que assistia àquela homenagem a dona Rosa Consoni Ferrero, pois não foram poucas as pessoas que não contiveram as lágrimas. Visivelmente comovido, mas com palavras seguras e repassadas de gratidão, respondeu, pela homenageada, o seu esposo, Sr. Adolpho Ferrero.

Embora reconhecendo e sendo testemunha do trabalho que há muitos anos a sua esposa vinha empreendendo em torno da ideia, que hoje é realidade nesta cidade, ou seja, em prol da fundação de um educandário de irmãs religiosas em São Joaquim da Barra, ele confessava, em nome de sua companheira de lar, que ela conseguiu o esperado êxito nesse empreendimento porque contou com a ajuda de outras senhoras igualmente religiosas e idealistas, entre as quais a própria esposa do juiz, dona Irma Cardoso, e com a bondade e a compreensão igualmente elogiáveis do povo joaquinense.

Em rápido improvisado de agradecimento, não poderia, o orador, fazer um histórico fiel daquele instituto e, assim, citar outras pessoas que muito fizeram pelo educandário. Particularmente, disse-nos que deixava ao “O Bandeirante” o encargo de, oportunamente, ouvir dona Rosa Consoni Ferrero e a direção daquele estabelecimento e fazer o seu histórico para compor a história de São Joaquim da Barra. Assim, não tardará que cumpramos, com prazer, esse encargo.

Terminando a festa de homenagem a dona Rosa, as irmãs apresentaram ao público presente as crianças matriculadas naquele estabelecimento e também trabalhos de seus educandos, “pelos quais se verifica o alto grau de seu aproveitamento”. Por essa época, a Sede Diocesana de Ribeirão Preto achava-se vacante, estando, a Diocese, sob a responsabilidade do vigário geral. Inicialmente, madre Ehrenfrieda Holscher e irmã Renata Herold seguiram para São Joaquim da Barra, a fim de dar o necessário encaminhamento para a fundação da Comunidade Salvatoriana naquela cidade. Foram atendidas pelo vigário, Pe. João Delpero, pelo prefeito, Sr. Adolfo Ferrero, e por sua esposa, dona Rosa Ferrero.

No dia 24 de agosto de 1951, a irmã Gema Santoro (irmã Laura) e a Superiora Provincial, Madre Ehrenfrieda Holscher, chegaram a São Joaquim da Barra para a abertura da missão. Antes de qualquer atividade em São Joaquim da Barra, irmã Gema Santoro, em companhia da Irmã Ehrenfrieda Holscher; do vigário, Pe. João Delpero e de pessoas interessadas na vinda das irmãs àquela cidade, dirigiram-se à Cúria Diocesana para oficializar a chegada das religiosas.

Foram bem recebidas pelo vigário geral, que abençoou e desejou um bom trabalho às irmãs. A primeira comunidade foi constituída pelas irmãs Laura Santoro; Jesuína Lopes; Isabel Amgarten; Ehrenfrieda Holscher e Letícia Marques, então aspirante. Durante as duas primeiras semanas em São Joaquim, Ir. Gema e Madre Ehrenfrieda ficaram hospedadas na casa de dona Rosa Ferrero, aguardando a conclusão da reforma da casa destinada à residência das irmãs, local aonde iriam realmente, dar início ao trabalho. Concluída essa reforma, as irmãs passaram a morar em sua casa definitiva.

Então, chegou à cidade a irmã Jesuína Lopes (Teodora) para dar início ao funcionamento do Curso Infantil. Ela permaneceria ali, provisoriamente, até que a irmã Isabel Amgarten viesse para dar continuidade aos trabalhos. Irmã Isabel chegou em companhia da aspirante Letícia Marques, que lá trabalharia por um bom período de tempo. No dia 1<sup>a</sup> de novembro, Aparecida Lopes, a primeira candidata dessa cidade à vida religiosa salvatoriana, recebeu o traje de aspirante,

partindo, em seguida, para Americana, na companhia da irmã Jesuína (Teodora) Lopes, para dar início ao aspirantado.

O prefeito da cidade, Sr. Adolfo Ferrero, providenciou ajuda para que as irmãs não precisassem pagar aluguel enquanto estivessem sem casa própria. Outro fato que deixou as irmãs muito gratas ao povo que as esperava foi a possibilidade de encontrar, logo ao chegarem, os móveis mais necessários para o funcionamento do Curso Infantil, pois irmã Laura Santoro não levava nada consigo, além das roupas pessoais indispensáveis. No ano seguinte, 1952, com a chegada de outras irmãs deu-se início a novos cursos: o de Corte e Costura e o de Admissão ao Ginásio.

Para a construção do Educandário Mater Salvatoris, hoje Casa de Encontros “Mãe do Salvador”, foi doado um terreno graças à boa vontade e compreensão do Dr. Fortes e do Sr. Roberto Junqueira. Esse terreno, no entender de madre Ehrenfrieda, era pequeno, tendo em vista a expansão futura dos trabalhos apostólicos das irmãs. Por isso, o Dr. Fortes, então presidente da Conferência Vicentina, não hesitou em doar à Congregação um terreno maior, de propriedade dessa Conferência.

Irmã Gema Santoro, com seu dinamismo e persistência, conseguiu dar início à construção, formando uma comissão de homens dinâmicos e dispostos a trabalhar, tendo como presidente o Sr. Roberto Junqueira. Tal comissão, porém, veio a se desfazer, e recaiu sobre as irmãs a responsabilidade da obra em construção.

No dia 7 de outubro de 1956, foi lançada a pedra fundamental da construção com a presença do bispo diocesano de Ribeirão Preto, Dom Luís do Amaral Mousinho (falecido em 24 de abril de 1962), que, com satisfação e prontidão, atendeu ao convite de irmã Gema. “Dom Luís lembrou aos presentes o grande bem que o Educandário traria” à cidade de São Joaquim da Barra.

Considerou o bem que essa obra traria, em todos os sentidos, para a população joaquinese. Dom Luís Mousinho solicitou às irmãs que incluíssem no projeto da construção um pequeno internato para meninas, uma vez que a região era caracterizada por fazendas. Três anos mais tarde,

## PELA JANELA DO TEMPO

em 30 de agosto de 1959, graças, sobretudo, ao dinamismo e trabalho incansável da irmã Gema Santoro e de uma comissão de leigos da cidade, deu-se a inauguração da parte já concluída, correspondente a um terço do total desse projeto. Mais uma vez, Dom Luís Mousinho esteve presente, a convite das irmãs, louvando o trabalho e felicitando-as pelo êxito alcançado.

Em 1952, seria também o ano do cinquentenário da elevação de São Joaquim da Barra a distrito, acontecida em 6 de dezembro de 1902. Essa a razão porque, durante muitos anos, o aniversário da cidade era comemorado nessa data.

O prefeito Roberto Rezende Junqueira criou uma comissão para dirigir e promover as festividades para esse cinquentenário. Uma subcomissão organizou as bases de um concurso histórico-literário com os seguintes artigos:

*Primeiro – Poderão concorrer pessoas de ambos os sexos, nascidos ou não em São Joaquim da Barra.*

*Segundo – Pessoas que não moram em São Joaquim da Barra, poderão concorrer, desde que já tenham aqui residido.*

*Terceiro – Não poderão concorrer parentes próximos dos membros da Subcomissão Julgadora.*

*Quarto – Os trabalhos deverão ser entregues até o dia 25 de novembro impreterivelmente.*

*Quinto – Os trabalhos deverão ser datilografados, em dois espaços e devem ter no mínimo 20 páginas em papel almaço.*

*Deverão ser apresentados em duas vias e não poderão ser escritos de ambos os lados.*

*O último artigo, o décimo primeiro, dizia: Haverá prêmio em dinheiro para os trabalhos classificados em primeiro e segundo lugares.*

*A Subcomissão do Concurso Histórico Literário de São Joaquim da Barra, 12 de outubro de 1952.*

Apareceram apenas dois trabalhos. Um apresentado pelo Dr. Guilherme Junqueira Meirelles e o outro pelos jornalistas Mário Barbosa e Durval Correia Rangel.

A cidade preparava-se para as festividades de seu cinquentenário. Um dos grandes melhoramentos, às vésperas do cinquentenário, foi a construção da rodoviária.

Os ônibus, ou jardineiras, agora, já teriam uma rodoviária, para as suas partidas e chegadas, que passou a funcionar em belas e modernas instalações. Sua construção aconteceu a partir da edição da Lei n. 44, de 25 de outubro de 1949, quando houve uma Concorrência Pública, para a construção e exploração das instalações. Venceu a concorrência a Empresa Melhoramentos S. Joaquim Ltda., com o direito de exploração por 25 anos, após o que passaria a ser explorada pela prefeitura local.

A construção, feita de acordo com as mais adequadas exigências de comodidade e higiene pública, custou perto de Cr\$ 400 mil. Suas acomodações apresentavam: bar; restaurante; cozinha de primeira ordem com variado cardápio; bebidas nacionais e estrangeiras; depósito de malas; seção de despachos; sala de espera; e instalações sanitárias.

Iniciava-se, assim, a década mais progressista de nossa cidade, a do PSP, do chefe político Dr. Ademar Pereira de Barros, e dos seus correligionários: Adolfo Ferrero; Roberto Rezende Junqueira; Dr. João Batista de Freitas Malheiros; e os integralistas do PRP do Plínio Salgado, que quase sempre coligavam com os pessepistas: Dr. José Ribeiro Fortes; Antônio Guedes Júnior; e Abrão Mauad.

Nessa década, foram prefeitos: Adolfo Ferrero, de janeiro de 1948 a dezembro de 1951. Roberto Rezende Junqueira, de janeiro de 1952 a dezembro de 1955. Dr. José Ribeiro Fortes, de janeiro de 1956 a dezembro de 1959.

Época em que a nossa rádio ZYK4 completava o quinto aniversário e lançava a dupla Boy e Formiga, os irmãos Rolando e Leili Boldrin, que, como um surto de coqueluche, logo tomou conta do nosso povo. Nesse período, surgiu a Empresa Melhoramentos S. Joaquim Ltda., que passou



## PELA JANELA DO TEMPO

a construir casas, ali pelos lados do Supermercado Paulista, e construiria a nossa antiga rodoviária, considerada, na ocasião, como moderníssima.

Belo tempo dos anos dourados em que as orquestras do Pinho Nicolau, Ílquias Parada, Clayton Zanini e Natyrso Carrara enchiam os salões de baile com os acordes românticos de bolero e samba-canção. O futebol brilhava, com os irmãos Trombini e os irmãos Prócida, e muitos outros craques que conseguiam levar ao campo do espigão grande número de apaixonados torcedores. Foi nesse ano que o São Joaquim Futebol Clube ficou conhecido em todo o Brasil, por ter vencido do Palmeiras, por dois a um, em 1952, com dois gols memoráveis, marcados pelo centroavante Néelson sobre o famoso Oberdan.

# A ESTAÇÃO RODOVIÁRIA

A ESTAÇÃO  
RODOVIÁRIA

## PELA JANELA DO TEMPO



**INAUGURAÇÃO DA NOVA RODOVIÁRIA** em 1º de julho de 1951.

*Fonte: Acervo pessoal*

## A ESTAÇÃO RODOVIÁRIA

# ESTAÇÃO RODOVIÁRIA

Saúda e cumprimenta o Sr. Governador do Estado, Prof.  
**LUCAS NOGUEIRA GARCEZ**  
e sua distinta comitiva.



### Breve Histórico da Estação Rodoviária

O belo e magnífico prédio onde funciona a atual Estação Rodoviária, tem suas origens na Lei n.º 64 de 25 de outubro de 1948, quando foi posto em concorrência pública para a construção e exploração de mesma.

Venceu a concorrência a Empresa Melhoramentos S. Joaquim Ltda., com o direito de exploração durante 20 anos, após o que passará a ser explorada pela Prefeitura Municipal.

A construção, feita de acordo com as mais modernas exigências de comodidade, facilidade e higiene pública,

custou para a empresa concessionária pouco mais de Cr\$ 400.000,00.

#### As Instalações

As instalações, devido o crescente movimento observado diariamente, já estão se tornando adequadas para mais ótimas prestações.

Suas dependências são de múltiplas e apropriadas aos fins propostos, não deixando de apresentar perfeitas disposições para um serviço rápido e eficiente.

**Bar - Restaurante - Cozinha de Primeira Ordem.**  
**Variado Cardápio - Bebidas Nacionais e Estrangeiras.**  
**Aceitam-se encomendas de pratos finos.**



Dentro do Edifício funciona ótimo salão de Barbeiro (inclusive domingos e feriados).



**Depósito de malas - Seção de despachos.**

**Vendas de passagens e Reservas de lugares.**

A Estação Rodoviária, além de todas essas vantagens oferecidas aos senhores viajantes e, por certo também para a cidade, acha-se dotada de ótimas salas de espera, instalações sanitárias, tudo traçado com o maior cuidado e esmero.

**SAUDAÇÕES DA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA** ao Governador Lucas Nogueira Garcez,  
em 1º de julho de 1951.

Com a primeira eleição realizada por voto direto, em São Joaquim da Barra, em 1947, foi eleito prefeito o Sr. Adolfo Alfeu Ferrero (1948-1951). Logo no início do seu mandato, filiou-se ao PSP, fundado pelo Dr. Ademar de Barros. Auxiliado pelos políticos Dr. Alcino Junqueira Meirelles; Roberto Rezende Junqueira; Dr. João Batista de Freitas Malheiro; conseguiram, esses políticos, uma década de ouro, com uma série de conquistas de grande importância para o crescimento da cidade.

Começou presenteando a cidade com a criação do *Jornal O Bandeirante*, já que há mais de dez anos não circulava jornal na cidade. Prosseguiu dando à cidade um jardim remodelado com iluminação feérica. Em torno da praça Sete de Setembro, iam surgindo prédios novos. Primeiro, o Banco Scatena, onde hoje está o Bradesco; mais tarde, o Sr. João Mattaraia construiria sua casa, onde hoje está o Banco Sicob, na rua Paraná.

O Banco do Estado de São Paulo adaptaria um prédio, onde hoje está a Companhia de Telefone do Brasil Central (CTBC), para nele introduzir instalações novas, esperando a construção do belo prédio do atual Santander. O cine Santa Cecília, em 1952, inauguraria as suas novas instalações, onde hoje está a Eletrozema. Foi uma época em que se sentia pairando no ar uma chama de progresso louco e deslumbrante.

Nos céus joaquinenses, desde o mês de abril de 1950, roncavam os motores do avião da Cruzeiro do Sul, que fazia escala em nosso campo de aviação. Aqui embaixo eram abertas ruas para o lado da baixada, do cemitério e lá pelo lado do campo de futebol do São Joaquim Futebol Clube (SJFC). Foram então surgindo as vilas São Lucas e Damásio, em 1951; o Jardim Bela Vista, em 1952, e, em seguida, as Vilas Mattaraia; Deieno; José de Barros, Lapa, etc... O povoado de São Joaquim parecia estar se enfeitando para as festas que iriam comemorar o cinquentenário da sua elevação de povoado para distrito, em 6 de dezembro de 1952. No âmbito religioso, os fiéis se regozijavam com a chegada dos padres doutrinários e as irmãs salvatorianas.

Foi nesse frenesi de realizações que, em 1951, foi inaugurada a Rodoviária de São Joaquim.

## A ESTAÇÃO RODOVIÁRIA

O belo e magnífico prédio onde funciona a nossa Estação Rodoviária tem seus primórdios na Lei n. 44, de 25 de outubro de 1952, quando foi posto em concorrência pública o projeto da construção e sua exploração.



**PRAÇA DA ANTIGA RODOVIÁRIA** ao fundo a construção do primeiro arranha-céus de São Joaquim da Barra - Edifício São Joaquim (década de 1960).

Venceu a concorrência a Empresa Melhoramentos São Joaquim Ltda., com o direito de exploração por 25 anos, após o que passará a ser explorada pela Prefeitura Municipal. A construção foi feita de acordo com as mais adequadas exigências da comodidade, facilidade e higiene públicas. Custou para a empresa concessionária Cr\$ 400 mil.

As instalações, devido ao crescente movimento observado diariamente, já estão se tornando acanhadas, acima das mais otimistas previsões. Suas dependências, além de múltiplas e apropriadas aos fins propostos, não deixam de apresentar perfeitas disposições para um serviço rápido e esmerado. Apresentam: Bar, restaurante, cozinha de primeira ordem, variado cardápio, bebidas nacionais e estrangeiras, e aceitam encomendas de pratos feitos. Dentro do edifício funciona ótimo salão de barbeiro (inclusive aos domingos e feriados)

A revista *América de Ribeirão Preto*, ano 3, n. VIII, de julho de 1951, ao abordar as grandes realizações em São Joaquim da Barra, cita: “São Joaquim da Barra possui a mais moderna Estação Rodoviária do Brasil”. Seguindo em seus comentários, reafirma: “Em seguida o governador do Estado de São Paulo, acompanhado das autoridades, dirigiu-se para o local onde foi edificada a Estação Rodoviária inegavelmente a mais moderna e melhor aparelhada do país”.

Às vésperas da inauguração da Rodoviária, em 1946, a situação dos transportes por ônibus (antes conhecidos como “Jardineiras”), para as cidades vizinhas era a seguinte: para Ribeirão Preto, eram dois horários de ônibus, um saía às 6h da manhã, de nossa cidade e chegava em Ribeirão às 9h; no retorno, saía de Ribeirão às 14h20 h. Para Ipuã, o ônibus, da Empresa Carlos Pellegrino de Mello, partia de São Joaquim às 11h e, no segundo horário, partia às 14h30h, demorando uma hora para chegar a Ipuã. O horário das 11h era para esperar viajantes que chegavam pela Mogiana no trem das 10h.

A mesma empresa fazia circular um ônibus para a cidade de Guaíra, com cerca de 4h de viagem. Havia, ainda, ônibus para Franca, que enfrentava, na época da chuva, o atoleiro do “Salgado” e passava pela ponte da Usina São Joaquim, rumo a São José da Bela Vista e Franca.

Os ônibus de Ipuã e Guaíra faziam seu ponto na praça 7 de Setembro, em frente ao Cine Santa Cecília e os demais tinham seu ponto na mesma Praça, em frente ao bar do Guedes, instalado onde hoje está o arranha-céu Edifício São Joaquim.

## A NOVA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA

Inaugurado, na manhã de 30 de setembro de 2012, pela prefeita Maria Helena Borges Vannuchi, o novo Terminal Rodoviário José Alves Pereira, de São Joaquim da Barra, instalado na rua Luiz Fumagalli, próximo à necrópole municipal. A solenidade contou com a presença em peso da população joaquinense, dos familiares do homenageado e de autoridades locais.

A nova Rodoviária de São Joaquim da Barra realizou um sonho de mais de 30 anos da população joaquinense, que aguardava com grande expectativa a conclusão das obras iniciadas durante a administração do ex-prefeito José Abdala Jabur. Lembro-me, na minha infância, nas idas ao cemitério, em Dia de Finados, do abandono dos alicerces expostos; das ferragens apodrecidas; de muito lixo em um terreno íngreme; mato alto que findava no leito do córrego São Joaquim. Era quase obrigatória a parada naquele local, durante o percurso, pois ali minha avó Maria fazia uma reverência saudosa por ter sido um dos locais que tio Ocimar (seu filho) trabalhara anos antes de seu falecimento, ocorrido em janeiro de 1986.



A obra entregue teve o projeto arquitetônico modernizado de Rosângela Guaraciaba Costa Santo, que privilegiou a vista de todo o município joaquinese para quem se encontrava nas dependências do novo terminal rodoviário, que conta com 13 plataformas de embarque e desembarque; área de alimentação; banheiros para adultos e crianças e pessoas com necessidades especiais; cabines para venda de passagens; área de convivência para os passageiros; rampas de acesso para pessoas com necessidades especiais, dentre outras comodidades.

O sonho virara realidade. A inauguração fechou um ciclo de espera de mais de 30 anos, da população joaquinese, que ansiava pela conclusão dessa obra, que fora iniciada na gestão do ex-prefeito José Abdala Jabur. O Novo Terminal Rodoviário José Alves Pereira tornou-se, por um tempo, o cartão-postal da cidade, visitado por milhares de pessoas, todos os dias, além dos próprios usuários do sistema de transportes intermunicipal e interestadual José Alves Pereira.

A antiga estação rodoviária de São Joaquim, após alguns anos de abandono, foi remodelada na administração do Dr. Marcelo de Paula Mian.

São Joaquim da Barra entregou, na manhã de sábado, 18 de junho de 2016, a reforma do Terminal Rodoviário Urbano Geraldo Alves de Souza, denominado agora como “Geraldo Preto” e a revitalização da Praça Magino Diniz Junqueira. Depois de solicitação do vereador Éder Tavares (PSDB), o deputado estadual Roberto Engler (PSDB) intermediou recursos estaduais para as realizações.

Deputado Roberto Engler Roberto Engler, Éder Tavares e outras lideranças locais participaram das reinaugurações, que foram comandadas pelo prefeito Marcelo Mian (PPS). Cerca de R\$ 380 mil foram investidos nas obras, dos quais R\$ 300 mil foram repassados pelo Governo do Estado de São Paulo por meio do trabalho do deputado Roberto Engler.

A reforma no Terminal Rodoviário Urbano de São Joaquim da Barra objetivou permitir melhores condições de uso para a população. Todas as linhas urbanas de ônibus iriam partir e retornar ao terminal.

## A ESTAÇÃO RODOVIÁRIA

As obras de revitalização da praça, que se localiza nos fundos do Terminal Rodoviário, incluíram reparos, nova iluminação e instalação de uma academia ao livre adaptada para idosos. Em 2021, o prédio da antiga rodoviária foi desativado.

*Este sábado (18) é um dia especial para São Joaquim da Barra, pela entrega dessas duas importantes obras. A praça ficou linda, reforçando o potencial de lazer e encontro das pessoas. E o terminal rodoviário urbano terá uma importância enorme no sistema de transporte público municipal [...].*

*Tenho de ressaltar o empenho que o vereador Éder Tavares e o prefeito Marcelo Mian sempre tiveram ao nosso lado até que todo o processo para liberação das verbas estaduais fosse concluído. Agradecemos, ainda, ao governador Geraldo Alckmin, pela disposição em apoiar as prefeituras, especialmente a de São Joaquim da Barra, (Ressaltou Roberto Engler).*

*Fonte: Jornal Vitrini, 24 de junho de 2012*

O homenageado da nova rodoviária nasceu na cidade de Batatais, no dia 30 de junho de 1912. É o terceiro dos cinco filhos de Joaquim Alves Pereira e de dona Maria Cândida Pereira. Com a morte precoce do pai, e oriundo de família humilde, assumiu a responsabilidade da família. Começou a trabalhar como auxiliar de mecânico aos 9 anos de idade. Mais tarde, foi trabalhar por conta própria no ramo de transporte rodoviário de cargas. Nesse período, também fez curso de piloto de avião privado no Aeroclube de Batatais. Aos 20 anos de idade, casou-se com dona Izoldina Marques Pereira, com quem teve três filhas: Regina Maura, Marilena e Maria Inês.

Em 1943, com uma oficina mecânica, associou-se aos irmãos Garbellini e com Justino de Moraes, sociedade que durou até o ano de 1945, quando foi convidado para ser instrutor no Aeroclube de Batatais, permanecendo nessa atividade até 1950. Após demitir-se do cargo de diretor técnico, transferiu-se para São Joaquim da Barra.

## PELA JANELA DO TEMPO

Uma nova empreitada iniciava-se, na época, ao associar-se a José Virgolino Braghetto, formando, na época, uma pequena empresa de transporte de passageiros, começando com apenas uma jardineira e apenas um horário, cobrindo o percurso entre a cidade de São Joaquim da Barra e Igarapava.

Após longos anos de muito trabalho, a pequena sociedade foi se desenvolvendo e crescendo aos poucos, até se transformar no que é hoje a Viação São Bento S. A., empresa que representa importante papel no cenário econômico-social de uma importante e progressista região do Estado de São Paulo e Minas Gerais. José Alves Pereira, dentre as inúmeras demonstrações de agradecimentos, por parte de São Joaquim da Barra, foi agraciado com o título de Cidadão Joaquinense, no ano de 1971.



**NOVA RODOVIÁRIA INAUGURADA** na gestão da prefeita Maria Helena Borges Vanucchi, em 30.9.2012. A tão sonhada e aguardada rodoviária foi entregue ao povo joaquinense! Foi uma grande festa com a presença de centenas de pessoas curiosas para ver o mais novo cartão postal da cidade. A inauguração fechou um ciclo de espera de mais de 30 anos da população joaquinense, a qual ansiava com o término da moderna rodoviária que foi iniciada na administração do ex-prefeito José Abdalla Jabur.

## A ESTAÇÃO RODOVIÁRIA



**O PAI VISIONÁRIO DA VIAÇÃO SÃO BENTO**, José Alves Pereira, com a família, sua esposa dona Isoldina e as filhas: Marilena Alves Pereira Trindade, Maria Inês Pereira Curi e Regina Maura Alves Pereira Marteleto.

UM CASAL  
QUE ENSINOU  
O POVO A  
REZAR

UM CASAL  
QUE ENSINOU  
O POVO A  
REZAR

## UM CASAL QUE ENSINOU O POVO A REZAR

Um dos mais valiosos presentes da Santíssima Virgem para a humanidade foi dado no dia 27 de novembro de 1830, por meio de Santa Catarina Labouré, uma humilde freira, filha da caridade. Isto aconteceu na Rua Du Bac, no centro de Paris/França, episódio esse que confirmou as aparições de Nossa Senhora das Graças na Capela da Medalha Milagrosa.

Para nós, rebanho católico joaquinense, o presente foi dado 121 anos depois. Maria, dessa vez, utilizaria as mãos e os corações de um casal que levou o nosso povo a rezar. Era o ano de 1951, quando o senhor Adolfo Alfeu Ferrero terminava o seu mandato de prefeito.

Sua esposa, Dona Rosa Consoni Ferrero, era dessas religiosas, que viviam para a prática do bem. No final do ano de 1950, em uma viagem à cidade de Campinas, visitando familiares, adentrou em uma igreja de Nossa Senhora das Graças, do bairro do Cambuí, e lá conheceu a novena de Nossa Senhora das Graças. Primeira-dama, conhecida em toda a cidade pela bondade, ativa na catequese paroquial e nas festividades religiosas, inspirada pela piedosa novena, assim que chegou em São Joaquim, procurou o então vigário Pe. Orlando Visconti, para que, com sua autorização, pudesse implantar a novena de Nossa Senhora das Graças em nossa cidade.

**ROSA CONSONI FERRERRO** (1912-2008) e Adolfo Alfeu Ferrero (1907-1961).



## PELA JANELA DO TEMPO

Pe. Orlando acatou com carinho o pedido e trabalharam incansavelmente para então celebrar a primeira novena em nossa cidade, o que aconteceu no ano de 1951, ainda na antiga matriz. A novena, até então, não era da forma como hoje conhecemos. A missa era celebrada em rito tridentino (o padre rezava em latim e de costas para o povo). Não havia celebrações eucarísticas, apenas a oração da novena e breve pregação, muitas vezes com padres convidados com seus eloquentes e santos sermões. O folheto com as preces era confeccionado em Campinas e muitas vezes trazidos pela filha de dona Rosa, Maria Solange Consoni Ferrero Marteleto que estudava naquela cidade.

De 1951 até 1997, dona Rosa esteve à frente dos preparativos da novena. Nesse período, somente em duas ocasiões não participou da novena. No ano em que completou 10 anos de novena (1961), às vésperas da celebração, seu esposo, Adolfo Alfeu Ferrero, morreu, vítima de acidente automobilístico, vindo de Ribeirão Preto, que lhe causou inúmeros traumatismos.

Era o dia 16 de novembro, véspera de seu aniversário, e, como de costume, visitou familiares; fez a compra de uns embutidos para a festa, que logo mais aconteceria em sua residência; fez a parada obrigatória no Chopp Pinguim e, no findar da tarde, retornaria para São Joaquim. Enquanto isso, Rosa, com mais alguns paroquianos, estava na antiga Igreja Matriz, decorando o andor da Imagem de Nossa Senhora das Graças para a novena que começaria no dia 18.

No mesmo instante do fatídico acidente, dona Rosa, que ainda estava na igreja, empalideceu, ficou trêmula, pois teve um pressentimento; sua visão ficou turva e, numa miragem, viu Nossa Senhora estremecer naquele pedestal. Quem viu, deu testemunho de ser verdadeiro, esse fato.

*Grave acidente registrou-se neste município, no trevo rodoviário entre Ribeirão Preto e Jardinópolis. Uma perua DKW, procedente de São Joaquim da Barra, entrou na contramão, chocou-se violentamente contra um carro dirigido*

## UM CASAL QUE ENSINOU O POVO A REZAR

*pelo guarda civil Almir Regula. No acidente, faleceu o ex-prefeito de São Joaquim da barra, Sr. Adolfo Ferrero. Ficaram feridos ainda o guarda civil Alcino Ferraz, comissário de menores de Ribeirão Preto, e o Sr. Clayton Zanini, locutor da rádio de São Joaquim. (Jornal A Gazeta, 18.11.1961)*

A comoção foi imensa, em toda a cidade de São Joaquim, e os presentes para o aniversariante foram substituídos por abraços pesarosos e inúmeras coroas de flores.

A outra ocasião em que não participou da novena, foi quando do nascimento de seu neto Luciano, filho de Sônia Leça e José Adolfo.

Com a chegada dos padres seculares da diocese de Franca, em 1992, a novena começou a ter outras características fundamentais trazidas até os dias atuais, como temas catequéticos e coleta de alimentos aos mais necessitados.

**FOTO DE 1997**, no mês de novembro, último ano em que Dona Rosa Consoni Ferrero participou ativamente da novena que ela trouxe para a cidade, no ano de 1951. A imagem de Nossa Senhora das Graças foi doada pelo seu esposo Adolfo Alfeu Ferrero. Rosa faleceu em 1º de junho de 2008.





## PELA JANELA DO TEMPO

Até o ano de 1997, quando ainda estive à frente da novena, dona Rosa preparava, durante os 10 dias de festa, o café para os padres da cidade, como forma de agradecimento por continuarem com muito zelo a devoção começada naquele longínquo 1951. Era ela, religiosamente, a primeira a chegar na celebração da manhã. Enquanto balbuciava pequenas jaculatórias, acendia devotamente todas as velinhas que iluminavam a imagem de Nossa Senhora. Seu amor à Senhora do céu, fez trazer consigo inúmeras outras bondosas almas para auxiliar nos preparativos, como dona Lourdes Nader; Marly Marteleto; dona Cotinha; dona Sônia (sua nora); e tantas outras que foram abrilhantando a novena com o passar dos tempos. Por alguns anos, havia também as encenações marianas, voltadas para o tema de cada dia.

Quando dona Rosa faleceu, em 1<sup>a</sup> de junho de 2008, a cidade lhe prestou justa homenagem, no desfile cívico do aniversário da cidade. Dona Rosa assim como tantos outros, desapareceu na curva do destino, deixando o seu legado espiritual. Após sua morte, assumi as responsabilidades da novena, a saudosa Marly Rezende Cerqueira Cezar Marteleto, falecida em 2011. A partir de então, coube a mim dar continuidade à preparação da novena.

Passados 72 anos, a devoção a Nossa Senhora continua atraindo milhares de devotos em busca de esperança, fé e amor trazidos pelo doce olhar da Virgem Maria, a Imaculada, a Senhora de todas as Graças.

A imagem venerada com tanto carinho, até hoje, foi dada por Adolfo à sua esposa. Hoje, ao revisitar suas histórias, podemos confirmar que Rosa e Adolfo foram a personificação da bondade, pois, com sua crença religiosa, fizeram o evangelho de Cristo se tornar vivo em meio ao povo joaquinese e a devoção a Nossa Senhora das Graças ser cultivada de forma singular.

O grande casarão da rua Voluntário Geraldo tornou-se um local hospitaleiro, recebendo, sem distinção, a população, independentemente da pessoa, classe, partido ou credo. Ali jamais se viu preferências, ou prioridades. A matriarca da casa estava sempre disposta a atender. Era

## UM CASAL QUE ENSINOU O POVO A REZAR

um coração caridoso, afeito ao bem. O mais ilustre casal fez daquele lar um santuário de respeito e dignidade. Ninguém de lá se aproximou sem levar uma palavra de conforto, um óbolo material, ou sinceridade no acolhimento.

Hoje, 92 anos depois, recordamos a memória matrimonial do ilustre casal, que se uniu em 28 de novembro de 1931. Talvez a data tenha sido escolhida por sua mãe, Tereza, que se casara no mesmo dia, 21 anos antes, na primeira capelinha erguida em São Joaquim. Seu legado e suas histórias ainda ecoam e permeiam o tear de nossas memórias, marcando profundamente suas estadas pela terra...

O CREPÚSCULO  
DE UMA  
ADMINISTRAÇÃO  
EXUBERANTE

O CREPÚSCULO  
DE UMA  
ADMINISTRAÇÃO  
EXUBERANTE

## O CREPÚSCULO DE UMA ADMINISTRAÇÃO EXUBERANTE

*Protetor da literatura e imprensa, amparou-as e deu-lhes difusão e abrigo.*

*Semelhante vida foi um exemplo, exemplo que vale uma vida.*



**PROPAGANDA POLÍTICA DE 1947**, de Adolfo Alfeu Ferrero, que foi prefeito na gestão de 1948-1951.

Adolfo Alfeu Ferrero nasceu na cidade de Ribeirão Preto, no dia 17 de novembro de 1907, onde passou sua infância e juventude. Filho de Paulo João Ferrero e dona Tereza Zanetti Ferrero, casou-se com dona Rosa Consoni Ferrero, no dia 28 de novembro de 1931, na catedral de São Sebastião de Ribeirão Preto. O casal teve três filhos: Zélia Maria Ferrero Moreira, casada com Jerônimo Silveira Moreira; Maria Solange Consoni Ferrero Marteleto, casada com o Dr. Wagner Marteleto e José Adolfo Ferrero, casado com Sônia Maria Leça Teixeira Ferrero.

Ainda no agitado ano de 1931, logo após se haver diplomado técnico em contabilidade, deixou sua terra natal, Ribeirão Preto, para fixar residência em São Joaquim.

Prevendo o desenvolvimento econômico dessa região, tendo como centro São Joaquim da Barra, transferiu-se de sua cidade natal para esta localidade. Aqui chegando, estabeleceu-se com um escritório de compra e venda de café e, posteriormente, dedicou-se também à compra de cereais e outros produtos agrícolas. Foi proprietário das fazendas Tamboril; Considero, no município de São Joaquim da Barra e a fazenda Santa Zélia, no município de Ipuã.

Inexpressivos eram a cidade e o comércio, quando aqui passou a residir. Mas esse homem idealista, dotado de caráter nobre e coração boníssimo, trabalhou para o progresso de São Joaquim e, por isso, até hoje, é alvo da estima e veneração do povo que o envolveu desde os primeiros dias de luta, nesta terra que era apenas um marco, indicando propriedade.

Dedicou grande parte de suas atividades ao desenvolvimento agropastoril de suas propriedades rurais. Sucedendo, na chefia da firma Luiz Consoni & Cia, instalou um modelar estabelecimento industrial, com máquinas de beneficiar e rebeneficiar café, tendo, ao lado, uma seção de catação com cinco mesas dotadas de tapetes rolantes, inaugurada em junho de 1942.

Foi um eminente político. Militou nas fileiras da UDN, ocasião em que foi eleito prefeito de São Joaquim da Barra (1948 a 1951), e,

posteriormente, pertenceu ao PSP do Dr. Ademar de Barros, do qual chegou a ser presidente. Grande amigo dos ex-governadores, Dr. Adhemar de Barros e Lucas Nogueira Garcez, todos do antigo PSP, foi o primeiro prefeito dessa cidade a ser eleito por voto direto. Em sua gestão, a cidade ganhou os seguintes melhoramentos:

- Reforma do jardim público da praça Sete de Setembro, mediante empréstimo particular levantado com o prestante cidadão e munícipe José Olyntho Fortes Junqueira.
- Ampliou a rede de abastecimento de água, que, na época, não atendia às necessidades dos joaquinenses. Mediante recursos próprios da prefeitura, fez a captação de novos mananciais e abertura de novos drenos.
- Determinou os estudos necessários para ampliar o abastecimento de água e remanejamento da rede de esgotos sanitários e sua ampliação, prevendo o rápido desenvolvimento da cidade.
- Procedeu a extensão da rede de iluminação pública aos vários bairros.
- Providenciou a imediata reparação e conservação de mais de 200 quilômetros de rodovias do município.
- Construiu a ponte sobre o córrego Santo Antônio na rodovia que liga São Joaquim da Barra a Nuporanga e o respectivo aterro.
- Pleiteou ao Governo do Estado, a construção da ponte sobre o rio Sapucaí, na rodovia que liga a cidade de São Joaquim da Barra a Franca.
- Prosseguiu nos serviços de pavimentação das vias públicas da cidade, estendendo esse melhoramento aos diversos bairros.
- Colocou, em concorrência pública, a construção e exploração da atual rodoviária, mediante concessão pelo prazo de 25 anos.

## PELA JANELA DO TEMPO

- Adquiriu, por via amigável, os domínios úteis de dois prédios situados na rua Pernambuco, doados ao governo do Estado, para que fosse construído o prédio destinado à instalação do atual Fórum.
- Procedeu à reforma do antigo prédio da prefeitura, para ali instalar, provisoriamente, o Ginásio Estadual.
- Trabalhou junto ao governo do Estado para a construção do prédio onde atualmente funciona a escola Genoveva Pinheiro Vieira de Vitta.
- Pleiteou a instalação da linha aérea Cruzeiro do Sul.
- Pleiteou, ainda, a construção do prédio dos Correios e Telégrafos que seria inaugurado em 21 de abril de 1960.
- Foi sócio-fundador da Rádio São Joaquim ZYK4 e da Escola de Comércio São José, hoje Fundação Educacional da Alta Mogiana (Feam-COC).
- No setor social e de benemerência, cooperou de maneira decisiva na instalação do Educandário Mater Salvatoris, cujas irmãs aqui chegaram em 24 de maio de 1951.
- Contribuindo, às suas expensas, para a aquisição de móveis e utensílios necessários ao seu funcionamento, deu, aos padres doutrinários, uma área de terra para nela ser construído o prédio para noviciados. Sempre ajudou o Asilo São Vicente de Paulo; a Santa Casa e a Capela do Senhor Bom Jesus da Lapa. Pleiteou, ainda, a instalação do Posto de Puericultura.
- Estação Rodoviária de São Joaquim.
- Olhou, também, pelo ensino, em nossa cidade, mesmo antes de ser eleito prefeito, angariando os fundos necessários para a reforma do prédio da prefeitura para nele ser instalado o Ginásio Estadual.

- Voltou os olhos para o campo jornalístico, tendo dirigido os jornais: *Bandeirante e Regional*.

No intuito de comemorar condignamente o ato do ministro da Educação, que autorizou o funcionamento dos cursos Clássico e Científico do nosso Colégio Estadual, e de prestar homenagem ao prefeito, Sr. Adolpho Ferrero e a seus colaboradores, a cujo trabalho se confere tão importante acontecimento, foi convidado, o povo em geral, para comparecer, no dia 9, às 20 horas, na praça 7 de Setembro, quando terão lugar as referidas manifestações.

São Joaquim da Barra, 9 de março de 1951.

(Da *Revista América*, de março de 1951)

São Joaquim da Barra, símbolo de prosperidade. Atendendo a um convite do Sr. Adolpho Ferrero, prefeito de São Joaquim da Barra, o Dr. Lucas Nogueira Garcez visitou aquela cidade, no primeiro dia do corrente mês, ali chegando cerca das 8 horas, fazendo-se acompanhar pelo Prof. Francisco Antônio Cardoso, digno secretário da Saúde; pelo Dr. Edmundo Rossi, oficial do Gabinete do Governador e outros ilustres homens públicos.

O Sr. governador do Estado foi recebido pelo chefe do executivo joaquinoense, Sr. Adolpho Ferrero, dirigindo-se, em automóveis, para o edifício da prefeitura. Por ocasião do trajeto em apreço, a comitiva foi alvo de entusiástica e carinhosa manifestação pública, evidenciada através de intensos aplausos da enorme multidão que se postara ao longo das ruas, por onde passou a comitiva governamental.

Posteriormente à recepção, no Paço Municipal, o sr. Adolpho Ferrero convidou o governador Lucas Nogueira Garcez para presidir a solenidade de inauguração dos melhoramentos introduzidos na praça 7 de Setembro, um logradouro público que impressiona vivamente pelos seus detalhes altamente modernos e que resultaram, diga-se de passagem, da atuação estupenda de Adolpho Ferrero, frente à administração de São Joaquim da Barra. Naquele ambiente de festa e de júbilo para as autoridades e para um povo laborioso, o sr. governador de São Paulo cortou a fita



simbólica no ato da inauguração, e proferiu brilhante improviso em agradecimento às homenagens de que estava sendo alvo, por parte dos poderes públicos de São Joaquim da Barra.

Seguiu-se imponente desfile em homenagem ao ilustre chefe do executivo bandeirante, do qual participaram o Tiro de Guerra; Ginásio Estadual; Escola de Comércio; Grupos Escolares; Escolas Municipais e Escolas Rurais do Município.

Com notável disciplina, a mocidade que estuda tributou, portanto, a sua homenagem ao governador.

O desfile foi realmente impressionante e, no palanque oficial, armado na praça 7 de Setembro, a reportagem da revista *A América*, registrou a presença das autoridades de São Joaquim da Barra, elementos da comitiva do sr. governador, pessoas gradas e representantes da imprensa.

Procedeu-se, em seguida, à inauguração do novo edifício do Banco do Estado de São Paulo, pelo senhor governador, enquanto o Revmo. Pe. Orlando Visconti, digníssimo vigário da paróquia, procedeu à bênção das novas instalações, em prédio reformado, atrás da Igreja. Discursou, no ato, o sr. Cássio Alberto de Lima, contador da Agência do Banco do Estado de São Paulo, que, através de magnífico improviso, agradeceu a presença do chefe do executivo bandeirante, do prefeito e demais autoridades.

Em seguida, a comitiva governamental e o povo dirigiram-se para o local onde foi edificada a estação rodoviária, inegavelmente a mais moderna e aparelhada de todo o país. Entusiasticamente aplaudido, o engenheiro Lucas Nogueira Garcez cortou a fita simbólica, dando por inaugurada aquela extraordinária realização dos poderes públicos da cidade.

Salientou a concretização da estupenda obra, colocando em relevo a função importante da Empresa de Melhoramentos de São Joaquim da Barra, sua construtora. Em realidade, São Joaquim da Barra pode-se orgulhar de possuir uma Estação Rodoviária situada entre as melhores do país, que rivaliza, sem dúvida, com as mais avançadas e perfeitas no gênero, em todo o mundo.

O programa inaugural foi encerrado às 11 horas, depois do que o Governador do Estado e comitiva, o senhor prefeito, e demais autoridades, inclusive jornalistas, percorrerem diversos pontos e repartições da cidade, recolhendo, dessas visitas, a impressão eloquente e segura do esplêndido índice de progresso que a vizinha cidade ostenta.

Numa belíssima festa de confraternização, teve lugar, às 12 horas, no edifício do Primeiro Grupo Escolar, o grande banquete que a prefeitura e o povo de São Joaquim da Barra ofereceram ao sr. governador de São Paulo, ao ensejo de sua visita. Além dos homenageados e membros de sua comitiva, compareceram inúmeros convidados.

A reportagem anotou o comparecimento do mundo oficial de São Joaquim da Barra, destacando-se o chefe do executivo municipal, Sr. Adolpho Ferrero; Pe. Orlando Visconti; Sebastião Porto, presidente da Associação Regional de Rádio e Imprensa; Evaristo Paciência, prefeito de Sales Oliveira; Dr. Bolívar Barbanti, delegado regional; Leonel Mafud, fazendeiro e os integrantes da operosa edilidade local.

Adolfo faleceu dez anos depois, na véspera do seu aniversário, em 16 de novembro de 1961, vítima de acidente automobilístico, na cidade de Ribeirão Preto.

O jornal *Diário da Manhã*, de Ribeirão Preto. Em 18 de novembro de 1961, cita os fatos ocorridos em São Joaquim, nas exéquias de seu sepultamento. A cidade prestou, através de todas suas classes sociais, desde as mais humildes às mais elevadas, sentida e expressiva homenagem ao presidente da Câmara Municipal, Sr. Adolfo Ferrero, vítima de inexplicável acidente automobilístico ocorrido ontem no “trevo do Rio Pardo”, sobre a Via Anhanguera. O corpo chegou na madrugada do dia 17 e permaneceu na residência do ilustre cidadão até a parte da manhã, quando foi trasladado para a Câmara Municipal, onde realizou-se sessão solene de corpo presente. Falaram, na ocasião, os Srs. Pedro Chediack, presidente; o edil José Abdalla Jabur, em nome dos vereadores; o sr. Oswaldo Ribeiro Junqueira, pelo diretório do PSP. e pela população de Orlândia, e o edil Waldovino de Carvalho.

Dali seguiu para a Matriz, onde realizou-se a missa do funeral e, a pé, carregado por amigos, demandou à Necrópole Municipal, onde à beira do túmulo, falou o Prof. Ivo Vannuchi, do Ginásio Estadual, traçando o perfil do cidadão, de homem público e de caráter religioso, o criador e instalador do Ginásio do Estado e Escola Normal. Notou-se a presença de amigos das cidades de Cravinhos; Sales Oliveira; Orlândia; Guará; Ituverava; Igarapava; Guaíra; e São Paulo.

De Ribeirão Preto, veio grande caravana, notando, entre outros, os Srs. Cel. Alfredo Condeixas Filho, prefeito, que também representou o presidente da Câmara, Celso Pascoal; Ingácio Ferrero e família; Luís Ferrero e família; Machado Santana; Custódio Soares de Oliveira; Oscar A. Silva; Jofre Almeida; Alberto Freitas; Manoel Penna; Tufi Curi; Jamil Curi; Noé M. Silva; José Milena; Baby Kostakis; Antônio Carlos Santana; Domingos Azenari; Reinaldo Mello; Luís Augusto Santana; Paschoal Melle; Dr. Henrique Junqueira Morgan; Sérgio Rubens Santana; Sílvio J. Morgan; Sebastião Aguiar; Otorino Rizzi; uma comissão de funcionários do Banco do Brasil, agência local; Geraldo Silva e Afonso Ubida. A intensa multidão que cobriu de lágrimas a sua sepultura deixou cristalizada para a eternidade a oração de agradecimento e gratidão do seu justíssimo benfeitor. Naquela tarde, iniciava-se a glorificação de um justo.

**ADOLFO ALFEU FERRERO**

Aniz João, S. J. da Barra, 6/12/1962

*Eras o cravo rubro e altaneiro,  
Pétalas adoçadas pelo mel...  
Derramando o vermelho no canteiro  
Molhado, hoje, por lágrimas de fel.*

*Nessa igreja onde, em prece, o sino tange,  
Uniram-se risonhos – cravo e rosa:  
José Adolfo, Zelinha e mais Solange,  
Botões da florescência jubilosa.*

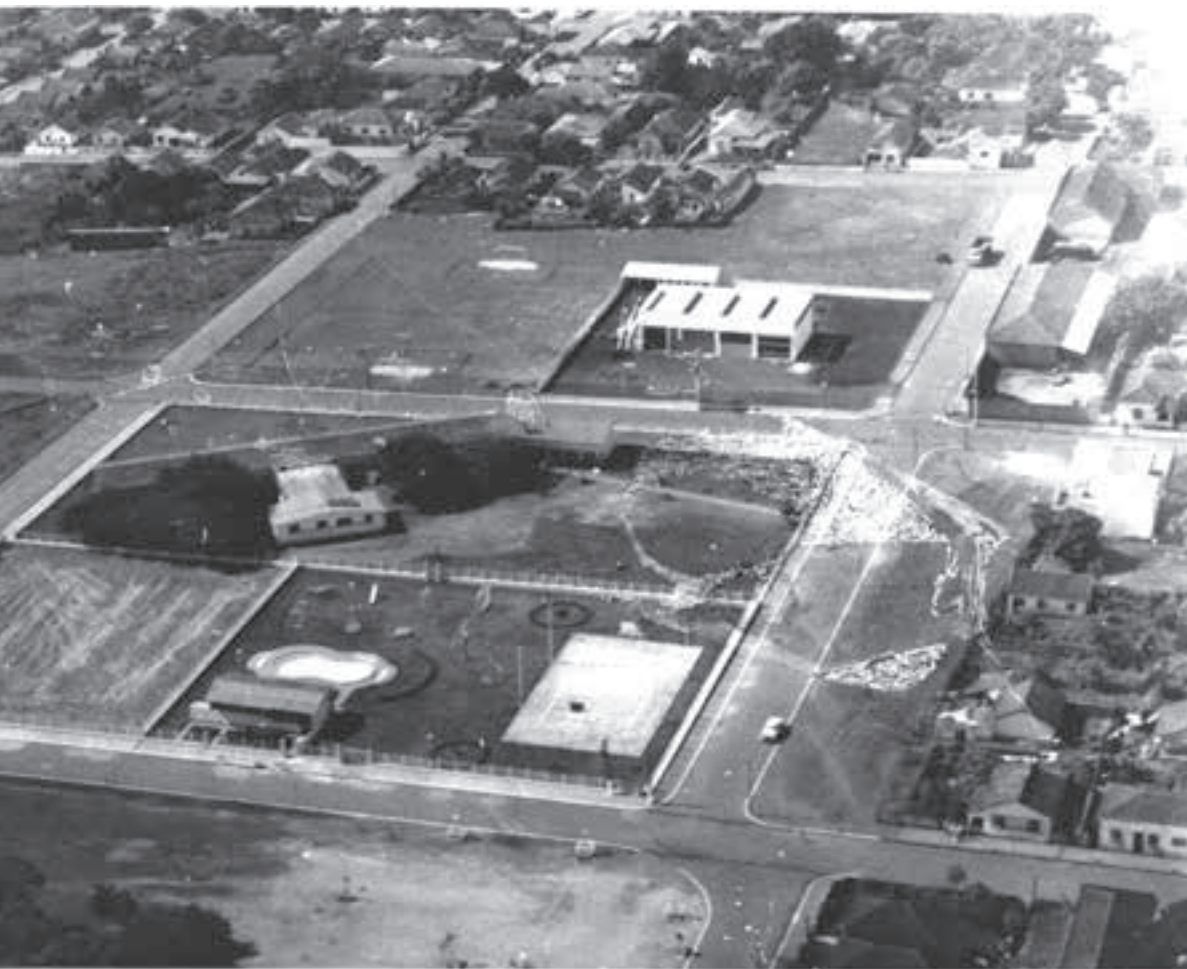
*Emurhecido o cravo tão querido,  
Lágrimas de sangue, ecas de ilusões,  
Da rosa em pranto o choro dos botões...*

*Súplica a Deus, ternura ao fenecido,  
Que na vida era tanto venerado,  
Após a morte é vivido e tão chorado.*

1964

GRUPO  
DA LAPA

## 1964 - GRUPO DA LAPA



**FOTO AÉREA DO GRUPO DA LAPA**, na década de 60, notam-se poucas casas no bairro.

*Fonte: Acervo do autor*

O Grupo da Lapa foi construído quando o governador do Estado de São Paulo era o Sr. Jânio Quadros. Era uma obra muito simples e mal construída, tanto é verdade que, logo após a sua construção, deu, em nossa cidade, uma chuva de vento e todo o Grupo ficou destelhado. Em 1964, um artigo no jornal *A Tribuna*, de Ituverava, tece os seguintes comentários sobre o assunto:

“Há, em São Joaquim da Barra, um edifício, se é que pode ser dado esse nome a uma pocilga, que foi construída e destinada, em tempos idos, ao funcionamento do segundo Grupo Escolar, no bairro da Lapa, e que deveria constituir, para os que nele entram, um cartão de visita da cidade.

É um troço comprido, feito composição rodoviária, fora de esquadro, de aspecto lúgubre, semelhante à fisionomia do seu doador, um ex-governador já esquecido pelos que têm boa memória e cujo nome, por questões de higiene mental, ninguém gosta de pronunciar-lo. Dito prédio representa um acinte à estética urbana, um atentado à dignidade do ensino primário e aos objetivos da saúde pública.”

Por incrível que parece tal monturo, que se tornou abrigo noturno de residentes pobres e de forasteiros, ainda não foi objeto de uma remodelação completa, total, radical, da qual não se aproveitaria nem ao menos os tijolos. No Projeto de Lei n. 1.248, de 1961 consta:

Denomina estabelecimento de ensino, a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo decreta:

Artigo primeiro – Passa a denominar-se Adolfo Alfeu Ferrero o Grupo Escolar da Lapa, em São Joaquim da Barra.

Artigo segundo – Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação. Sala das sessões, 24 de novembro de 1961. Assinado: José Costa.

A justificativa da medida era denominar o grupo escolar da Lapa, em São Joaquim da Barra, de Adolfo Alfeu Ferrero, numa justa homenagem a um dos mais insígnies cidadãos que sua sociedade conheceu. Nos vários cargos públicos a que foi guindado pela vontade de seus conterrâneos, sempre se houve com rara galhardia. Quer como presidente da Câmara Municipal, quer como vereador, quer como prefeito, Adolfo Alfeu Ferrero sempre deu sobejas provas de seu acendrado civismo, revelando-se homem público dos mais ativos e defensor intransigente dos interesses da população de São Joaquim da Barra. Consideramos que a homenagem que se pretende lhe tributar, através do presente projeto de lei é das mais justas, a um homem público que sempre se devotou aos mandatos eletivos, dando a seus próceres exemplos dos mais dignificantes.

*São Paulo, 4 de março de 1963*

*Ilma. Sra. Rosa Consoni Ferrero, Caixa Postal 47, São Joaquim da Barra.*

*Atenciosas Saudações,*

*Embora lisonjeado com a missiva de V. Senhoria, devo-lhe esclarecer que o Projeto de Lei n.1.248/1961, de minha autoria, transformado em Lei n. 7.740, em que fiz designar “Adolfo Alfeu Ferrero” o Grupo Escolar da Lapa dessa cidade, em homenagem póstuma àquele homem público, dispensa qualquer manifestação de agradecimento, uma vez que o ato se prende exclusivamente à sua supremacia e diligência, frente ao poder legislativo e ao executivo nesse município.*

*Com particular estima e consideração, subscrevo-me cordialmente,*

*Deputado José Costa.*

Simplemente empolgante foi a inauguração do Grupo Escolar Adolfo Alfeu Ferrero, nome do antigo e benquisto prefeito de São Joaquim da Barra. A cidade, com mais um Grupo Escolar, ganhou dessa forma, notável melhoramento, que muito beneficiará a sua população. A entronização e bênção de imagem litúrgica do novo prédio foi feita pelo reverendíssimo Pe. Mário Lano, vigário da paróquia. Após o corte da fita, que deu ingresso ao público naquela casa de cultura, usaram da palavra os seguintes oradores: Prof. Milton Pinto dos Santos; Dr. João Batista de Freitas Malheiros; José Abdalla Jabur; o Sr. Roberto Rezende Junqueira, presidente da Companhia de Estradas de Ferro Mogiana (CEF), José Tobias, comerciante local; Prof<sup>a</sup>. Neuza Ramalho, em nome do corpo docente; e, finalmente, Dr. Wagner Marteletto, em nome da família Ferrero.

Na solenidade, o *Diário de Notícias* foi representado pelo casal Otorino e Zilda Rizzi, que também foram levar aos familiares do ex-prefeito suas congratulações amigas.



## PELA JANELA DO TEMPO

Por lei, tal cortiço recebeu um nome ilustre, patrono de iniciativas de vulto, inteiramente ligadas à história do progresso joaquinese, pelo muito que realizou, política ou socialmente. A homenagem, pois, que lhe conferiram, não está de acordo com os seus reais méritos.

Por que não deram àquele Colégio Estadual e Escola Normal o nome desse cidadão que o criou?

Parece que, ao lhe ser dado o nome de Adolfo Alfeu Ferrero, o prédio revestiu-se da alma e do espírito de seu patrono, e começou a melhorar não só na parte física, com adaptações inteligentes, como também na parte pedagógica.

1951

UMA *MISS*  
ENTRE NÓS

## PELA JANELA DO TEMPO

Jussara Souza Marquez de Amorim (Itumbiara, 1931 – Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 2006) foi a primeira Miss Brasil, no ano de 1949, num “reinado” que durou cinco anos, até a eleição de Martha Rocha, em 1954. Filha de Ormides Martins de Souza e Isaura de Souza Martins, mudou-se, ainda criança, para Goiânia, onde viveu até seu casamento, em 1954. No mesmo ano em que transmitiu a faixa a Martha Rocha (1954), casou-se com o bancário mineiro Marcelo Champagnat de Amorim, com quem teve quatro filhos. Morou em Brasília, onde foi vice-presidente da associação beneficente Casa do Candango, e, depois, no Rio, no bairro de São Conrado, onde veio a falecer de câncer.



**ROSA CONSONI FERRERO** e a miss Brasil Jussara Marquez, em passeio pela Fazenda Tamboril.

Concorreu ao Miss Goiás de 1949, então patrocinado pela Rádio Clube de Goiânia e o jornal *Folha de Goyaz* (ambos já extintos), concorrendo com Jurema Marquez (sua irmã) e Anita Ramos. Em 1950, aos 20 anos de idade, chegou a se candidatar ao cargo de vereadora, na cidade de Goiânia, pela UDN; apesar de ter sua vitória como certa, não se elegeu, em parte devido à difamação promovida pelos “atores tradicionais” da política, não convertendo a admiração pela *miss* em votos. Sua beleza ensejou que fosse batizada, em 1950, a cidade goiana de Jussara, em sua homenagem, bem como a cidade paranaense de Jussara, no ano de 1952.

Corria o ano de 1951, quando a comissão organizadora e seus diretores realizaram baile para comemorar o quarto aniversário da Rádio ZYK. Para abrilhantar a noite da jocosa São Joaquim, trouxeram a Miss Brasil Jussara Marquez, conforme relata o *Jornal o Bandeirante* de 1<sup>a</sup> de abril de 1951.

Quem viu Jussara Marquez em sua passagem por São Joaquim da Barra, naturalmente, deve ter ficado bem impressionado com a beleza física dessa ilustre patricia goiana. Com efeito, calhou bem, em Jussara Marquez, o título de *Miss Brasil*, cobiçado por tantas outras mulheres bonitas da nossa pátria. Temos certeza de que a opinião geral de quem viu Jussara Marquez é unanime: a mulher era bela mesmo; de uma beleza singular; cheia de tropicalismo; cheia desse sol causticante do Brasil central; de olhos bem profundos e acesos; de porte majestoso; que identifica a mulher brasileira entre tantas outras de países diferentes. Além do mais, esse nome guarani, tão belo e harmonioso, que é Jussara, parece que feito de penas, cores, alacridade, conversa sonora... fez bem Jussara ter vindo à nossa terra, mostrar-se à nossa gente, conviver alguns minutos com a nossa sociedade. Foi como se, por aqui, passasse uma pluma de pó-de-arroz cheiroso, macio, caricioso, deixando bailando no ar esse perfume galante que é a saudade.

Grossa foi a massa de curiosos que se postou à porta da Igreja para ver, discutir e apreciar devidamente a formosura da Miss Brasil, que

## PELA JANELA DO TEMPO

ali foi fazer suas orações e muitos cavalheiros, acompanhados de suas esposas, como que disfarçando emoções antagônicas, procuravam fugir à curiosidade dos assistentes postados pelo jardim.

Foi então que um tal de Altino, morador da cidade com olhar, riso, sorriso e gargalhada estampados na face, detonou o seu buchicho:

*– Veja você, Pequeno, como os homens sabem levar as esposas na lábia! Aquele cavalheiro de azul, gravata vermelha e olhar reto, medindo os degraus da Igreja e da sua ansiedade, nunca pôs os pés nesse Templo de Deus, mas agora, só porque a mais bela mulher brasileira lá se acha, ele vai rezar um bocadinho...*

*– Ora, Altino, você não deve fazer veneno da religião dos outros, não tem direito de desvalorizar o gosto artístico dos nossos cidadãos! Se o cavalheiro beltrano vai à Igreja, levando em sua companhia a esposa, é porque eles, como todos nós, católicos praticantes ou não, devemos fazer nossas orações.*

Era domingo, após a Páscoa, o buchicho estava feito muitos eram os homens que nunca tinha ido à Igreja. Nunca, nem na missa de sétimo dia da sogra... Foram, documentou-se com a esposa para o público não comentar, mas não para rezar, que ele não sabe o que é isso, mas para ver a Jussara mais de perto, mais à vontade, enquanto a turma curiosa, com seus rosários e livros de missa, ficava de cabeça pendida, afundada em suas meditações... Eu conheço o “bruto”, ele é profano e nunca rezou coisa nenhuma. Não sabe nem a Ave-Maria! O Altino por certo não gostou. Fez aquele gesto circular, cuspiu, acendeu o cigarrão de palha e saiu falando baixinho: – *Isso até parece política! ...*

E, de fato, a Miss Brasil, depois de passar por Jussara, atingiu São Joaquim da Barra em cheio. O povo curioso, o povo da escuta – brotos e velhos almeirões – puseram-se na esquina para ver passar a “uva” que representava a beleza da mulher brasileira naquela época.

Jussara ficou hospedada na residência de dona Rosa Consoni e Adolfo Ferrero e o passeio foi registrado em vídeo super 8, nele aparecem grandes vultos da história da nossa cidade. Um farto banquete foi oferecido, nas recreações vespertinas entre o passeio pela fazenda Tamboril, muita prosa e declamações de versos feitos pela filha do casal, a jovem Maria Solange Consoni Ferrero.

Como forma de agradecimento, Jussara deixou expresso em palavras o agradecimento pela calorosa acolhida da família Ferrero, durante a sua passagem por São Joaquim.

De fato, a festa que lhe proporcionaram as pessoas jurídicas da nossa terra, é dessas que se plasmam como recalque. A moça goiana chegou, viu e venceu, como venceram todas as meninas bonitas deste Brasil. Apenas para mostrar sua esplêndida formosura e fotogenia, com as quais venceu um concurso entre centenas de outras mulheres especialíssimas; esparramou sorrisos que, numerados e autografados, comporiam um poema de Olavo Bilac. A *Miss Brasil* é especificamente bela, *Miss simpática*, mulher e moça que esplende todo o portento da nossa raça.

Se formos fazer a conta dos olhos que sobre ela se fixaram, nessa sua passagem pela nossa terra, havemos de nos convencer de que a soma não irá dar certo. Olharam-na meninos e meninas, moços e moças, casados e desquitados e viúvos, velhos de menos de 60 e octogenários, mulheres casadas, mulheres, mulheres e mulheres.

Goiânia, 30 de Maio de 1951.

Prezado Sr. Adolfo Ferrero.

Cumpre-me o grato dever de vir, por este meio, testemunhar-lhe os meus sinceros agradecimentos pela maneira fiel e cativante com que fue tratado como hospede na sua casa quando da minha recente visita a essa cidade. Cria que, não somente eu como

meus pai ficamos deveras encantados pela maneira com que ali fomos tratados e obsequiados pelo senhor e sua digna familia.

Foram momentos de indizível prazer, aqueles que tivemos a ventura de passar no convívio dos seus, onde pudemos apreciar a chance do trato por parte de D. Rosa e de suas encantadoras filhas Liliinha e Sônia, as quais me unio um grande abraço. A todos os meus agradecimentos pelas expressivas homenagens de que fue alvo.

Atenciosamente,  
Jussara Marquez

1952

O ROUPEIRO  
SANTA RITA



## PELA JANELA DO TEMPO



**DONA ELISA DOS REIS LOURENÇO E SEU ESPOSO JOSÉ LOURENÇO**, casaram-se na cidade de Orlândia em 28.11.1913. José Lourenço faleceu em 31.8.1958 e dona Elisa em 7.6.1961.

Dona Elisa dos Reis Lourenço era uma portuguesa de alma consagrada à caridade religiosa. Sua vida era uma constante preocupação para os outros. Não havia, em São Joaquim da Barra, enfermo que não se socorresse das suas rezas.

Não havia angustiado que não lhe fosse suplicar valimento. Seus protetores oficiais eram a Senhora de Fátima, sua patrícia, e Santa Rita de Cássia, a padroeira dos casos desesperados e impossíveis. Havia em sua casa um quarto transformado em capela, onde as duas imagens se perfilavam sobre um altar de madeira abarrotado de flores que murchavam na quentura das velas acesas que se consumiam em gotas. Nos dias de grande afluência de devotos, as velas se espalhavam no chão, derramando suas lágrimas pelos interstícios do assoalho. Dona Elisa lá permanecia de joelhos naquela confusão de chamas, desfolhando os seus manuais de novenas e chorando num lenço de “xadrezinho” as desditas daqueles que pediam sua poderosa oração.

Sua ternura impressionava a toda a população; o vigário, Pe. Eugênio Dias, que morava defronte de sua casa, a respeitava. Reconhecia sua ascendência devota sobre os paroquianos. E não lhe interessaria abrir luta com dona Elisa, de vez que era grande concorrente do Joaquim Carlos, benzedor espírita. Dona Elisa era muito católica, de comunhão diária e entregava as esmolas recebidas em seu oratório. Pe. Eugênio frequentava assiduamente o armazém do seu marido, o Sr. José Ferreira Lourenço, proprietário da Casa Econômica, onde se refrescava com cerveja gelada. Jamais censurava os atos do padre. Ao contrário, fazia das “belezas do sacerdócio” o assunto constante de suas conversas. E a presença do padre em sua casa sempre lhe causou muita emoção.

Nesse meio tempo, dona Elisa fora atingida pela visita do sofrimento. As chamas das velas da Senhora de Fátima e de Santa Rita de Cássia, certa madrugada, não se contentaram em ficar bruxuleando, humildes, ao redor dos pavios. Tomaram as flores de papel. Alastraram-se pela madeira do altar. Elevaram-se ao forro do quarto e se as latas de água não se opusessem, teriam destruído a casa inteira da desolada devota, porque

ainda mal aliviada do susto, morrera-lhe a filha recém-casada. Não demorou muito para que seu oratório estivesse novamente reconstruído.

Dona Elisa, além do carinho com que acolhia as preces dos paroquianos do Pe. Eugênio, era a responsável pelas festividades da Colônia Portuguesa, em São Joaquim da Barra, principalmente durante as festividades das celebrações de Nossa Senhora de Fátima. Por quase 20 anos, cuidou carinhosamente das alfaias, dos arranjos, dos andores e com grande carinho das procissões do Bom Jesus da Lapa.

Ganhando um pedaço de terra com três pequenas edículas, fundou a antiga Casa da Mãe Pobre, para acolher mães e mulheres necessitadas. Sua luta filantrópica foi tamanha, em prol dos necessitados dessa pequena cidade que já não se recorda de sua maternal presença. Quando houve a epidemia de fogo-selvagem na cidade, na calada da noite, saía de forma sorrateira para tratar as feridas dos convalescentes. Com dona Rosa, encaminhou muitos doentes até Uberaba, para o tratamento adequado.

No *Jornal o Debate*, de 19 de abril de 1953, uma crônica de Sina Gôga assim descreveu:

*Apesar de vivermos uma época em que o egoísmo interesses sobrepõe-se ao heroísmo das virtudes, ainda presenciamos a espetáculos comovedores, tão cheios de virtudes e de beleza moral, que nos animam a confiar nos exemplos como solução dos males que nos afligem permanentemente. O coração humano tem facetas singulares, muitas das quais identificam integridades extraordinárias. Vejamos esta história. Periodicamente, de dia, de noite e de madrugada, aquela senhora deixa o seu lar e se dirige para vários bairros da cidade, sobraçando embrulhos, pequenos pacotes, grandes pacotes de todos os formatos, entrando de casebre em casebre silenciosamente.*

*Que faria essa dama, nessa faina ininterrupta, nesse passeio sem horário, saindo quase que misteriosamente das casas dos mais humildes? Apenas fazendo um trabalho de*

*imensa significação: distribuindo gêneros aos que têm fome, remédios aos enfermos, tratando deles com desvelado carinho, mitigando-lhes o sofrimento, dando conselhos, trocando seus trapos por roupas limpas, ninando e acariciando a desgraça das crianças desamparadas, levando-lhes o conforto de sua infinita bondade, da bondade de seu enorme coração. E dentro daquela modéstia que a inspira, daquela generosidade que vai além de todos os seus sacrifícios, ela vai passando em linha reta pelo indiferentismo dos que fecham os olhos à claridade de seu sacerdócio.*

*Nós da imprensa de há muito vimos acompanhando e observamos os passos dessa mulher extraordinária através do seu devotamento aos pobres da nossa terra que são mais seus do que propriamente da cidade. Respeitamos os preceitos da sua modéstia para não ofendê-la nos misteres dessa função meritória que a tornou digna da admiração e da estima de toda nossa população. Mas hoje, o caso é diferente. A portuguesa que nasceu aos 19 de abril de 1894, em Minho D'Águia, Concelho de Leiria, completa hoje 59 anos de preciosíssima existência e nós devemos felicitá-la calorosamente. Naturalmente o leitor já sabe de quem estamos falando, trata-se de dona Elisa dos Reis Lourenço, a quem pedimos licença para beijar-lhe as mãos.*

Exemplo dignificante que enaltece qualquer intenção que se proponha a auxiliar o próximo, emanou de duas personalíssimas damas joaquinenses: dona Rosa e dona Elisa.

Ambas, sem diligências articulistas, no mais sublime ideal de se solidarizarem com os necessitados, nessa premência incrível que a classe pobre atravessa, lutando contra as agruras da inflação que, no momento, atinge em geral, principalmente, os pobres, em virtude da desigualdade de condições financeiras em que se acham, se propuseram a minorar, de acordo com as possibilidades e consciências dos que se dignaram, também,

a cooperar nessa eventualidade social, incentivando a distribuição de roupas e agasalhos aos pobres de nossa cidade, sem levar em conta os inúmeros problemas que enfrentaram para atender aos reclamos da pobreza, suplicando outros recursos, outros meios e outros lenitivos, aos seus sofrimentos dos mais variados, em razão da própria forma em que se corporificam, pois, aos pobres, as dificuldades se lhes apresentam múltiplas, invariáveis e indescritíveis, pela razão de que eles somente não invariáveis e indescritíveis; pela razão de que eles somente não vivem de agasalhos e roupas, mas necessitam de remédios, alimentos e condições sociais à altura do conformado meio de vida.

O Roupeiro de Santa Rita não é, como qualquer um de nós pode ver, uma sinecura ou uma outra fonte de renda; não tem recursos próprios e não conta com subvenções ou auxílios dos Serviços Públicos, porém, não deixa de ser um exemplo vivo de amor ao próximo, que dita normas de igualdade, fraternidade e solidariedade humana a muitos que fingem ignorar o sofrimento alheio, sem se preocuparem com as vicissitudes da sorte de seus semelhantes, que, colocados à margem da vida, somente contam com a diligente, altruística e filantrópica atitude de pessoas temerárias a Deus, como só sabem ser os cristãos.

Quando chegou o dia aprazado da distribuição de roupas e agasalhos, em louvor a Santa Rita de Cássia, a população assistia alegre a um espetáculo belo, maravilhoso e comovedor, de vez que, num verdadeiro ato de contribuição e respeito à moral da Igreja, sentiam a presença de Cristo em toda a plenitude de suas pregações de igualdade humana, entretanto, para se consumir esse maravilhoso ato de caridade cristã, torna-se necessário o trabalho incessante e laborioso, proífico, cansativo, na maioria das vezes, porque quantas famílias não são visitadas por aquelas damas no afã de conseguir os óbolos que tornarão felizes as criaturas que os afortunados esqueceram, os políticos renegam e os cétricos repudiam.

O desenvolvimento desses trabalhos caritativos não pode ficar esquecido pela sociedade joaquinense, porque representa os esforços

de uma parcela da população que se prestou a cooperar dentro de suas possibilidades financeiras com a doação de peças, medicamentos e dinheiro, e temos plena certeza de que os que assim fizeram estão, nesta hora, com suas consciências tranquilas, completamente despreocupados e cheios de convicção por saberem que suas ajudas foram beneficiar algum pobrezinho de nossa cidade.

Assim, fazendo nossas as palavras de reconhecimento das duas honoráveis damas joaquineses, externamos, em nome de dona Rosa e dona Elisa, os sinceros agradecimentos e desejando felicidades a todos os que prestaram apoios moral, material e espiritual na magnificente campanha pró “Roupeiro de Santa Rita”, levada a efeito em nossa cidade com tanto brilho e opulência.

No ano de 1952, na crônica da semana, A Girândola, Terezinha Isper assim escreveu:

*Hoje, quebrou-se dentro de mim, o desejo de pôr o mundo na palma da mão! Quebrou-se a alegria pueril de achar a vida boa é que olhando na rua, além do quebradiço da luz nas folhas verdes das árvores, o dourado sem cor do sol, o silêncio cheio de sons da cidade, eu vi o mendigo que me estendeu a mão para pedir uma esmola!*

*Foi-se então a magia da tarde, perdeu-se no meu íntimo o riso criança da criança que me fizera, para grave, de novo, atentar na mão suspensa, do velhinho encurvado.*

*Não sei porque há esta acessibilidade de emoções ao coração da gente! Não sei porque absorvemos sem querer a tristeza dos outros e sentimos, mesmo que diferentemente, o que outros sentem!*

*Caminhando nas ruas, feliz com os meus sonhos, não pude depois esquivar-me do patético daquela mão estendida. Muitas criaturas vieram-me à mente e percebi-me pronunciando dois nomes dona Eliza Lourenço e dona Rosa Ferrero.*

## PELA JANELA DO TEMPO

*Lembrei-me delas, em consequência da presença do andarilho de embornal sujo nos ombros... lembrei-me delas e do carinho com que tratam os pobres, não obstante, a correria habitual a que estão submetidas, pois, são ambas donas de casa; não obstante, os problemas que são seus, que lhes pertencem, porque quem não os tem? Veio-me à mente a vez que estive em casa da última e da preocupação que mostrou por não ter conseguido ainda, cobertores suficientes para os seus pobres de Santa Rita. Lembro-me da expressão de rosto que li em seu rosto quando me falava sobre eles. E não pude esquece-la e não consegui mais desuni-la do gesto triste dos que pedem esmola, porque ela e Dona Elisa consagraram-se incondicionalmente, ao amparo dos velhinhos tristes e recurvados.*

*Veio-me também à mente, a realidade espantosa do homem que trabalhou por conservar-se incógnito ao doar aos pobres daqui a quantia de vinte mil cruzeiros!*

*Este homem, (eu sei quem é) é de grandes realizações, muito tem feito para São Joaquim e é mesmo uma das estruturas mais sólidas dos feitos bons aqui processados. É um batalhador por excelência e eu achei verdadeiramente notável a sua modéstia, o senso dilatado e exposto de humanidade que o fez doar uma quantia grande, não desejando por isso, alardes, publicidades ou propagandas.*

*O gesto esboçado tremulamente do velhinho recurvado, roubou-me a sensação criança de pregar os olhos nas folhas pintadas do sol, mas, deu-me a circunspeção de quem descobre encantada a beleza do SER UTIL, a necessidade de quando não se tem primitivamente cultivado o sentimento caritativo de fazer o mais depressa possível, porque sabido é qualquer coisa que se dê aos pobres, é um esforço da gente, orientando-se em favor deles e refletindo-se novamente em nós.*

## 1952 - O ROUPEIRO SANTA RITA

*Dar aos pobres a nossa palavra, o pouco de conforto que desfrutamos é uma finalidade de vida a mais nobre, porém todos nós, desde que o queiramos, podemos imitar dona Elisa, dona Rosa e o Homem bom da cidade; porque, não é possível atentar somente nos desenhos de luz das folhas, e nem no dourado sem cor do sol, se está à nossa frente o embornal sujo, preso no braço sujo, do velhinho encurvado e triste!*

*No dia 7 de junho, uma quarta-feira de 1961, São Joaquim da Barra amanheceu de luto com o falecimento de dona Elisa. O comércio cerrou as portas em sinal de respeito à essa perda irremediável e o sorriso daquela gente alegre foi trocado por uma grande dor, profundo pesar e a tristeza ficou estampada no semblante de cada joaquinense. O seu enterro foi dos mais comoventes que São Joaquim tinha visto; uma verdadeira multidão a acompanhava, não se dava um passo sem trocar as pessoas que carregavam a urna mortuária, todos queriam render a derradeira homenagem àquela que soube cumprir sua missão aqui na terra. Está sepultada em São Joaquim da Barra entre seus entes queridos.*

*Um sino bate triste  
Uma cidade que chora  
Uma pobreza que clama  
A morte de uma senhora  
Dona Elisa Lourenço  
Que não vive mais agora  
Sua alma foi para céu  
Gozar no Reino da Glória  
De sua vida aqui na terra  
Sempre na igreja rezava  
Foi mãe da pobreza*



## PELA JANELA DO TEMPO

*Nunca deles descuidava  
Os famintos e esfarrapados  
Sempre ao seu lado estavam  
Porque todos já sabiam  
Que ali amparo encontravam*

*No dia 7 de junho  
A cidade entristeceu  
Quando a triste notícia  
Pela cidade correu  
Para dizer sinceramente  
O meu coração doeu  
Quando ouvi dizer  
A dona Eliza morreu*

*Durante o seu grande enterro  
Naquele triste silêncio  
Todo o povo pensando  
Assim também como eu penso  
Sua morte nos deixou  
Um sentimento imenso  
Adeus alma tão pura  
Adeus Eliza Lourenço*

1964

TODA DIFERENTE  
É UMA IGREJA

## PELA JANELA DO TEMPO

*A felicidade só existe em função do ato de dar e não de receber. Assim, o homem se realiza pelo que ele possa fazer pelo bem comum e não pelo que ele possa acumular em bens materiais.*  
(Geraldo Rodrigues Teixeira).

Graças ao extremo carinho e cuidado da senhora Maria Helena Damásio Leça Teixeira, é que podemos contar com detalhes sobre a construção da atual Igreja Matriz, iniciada em 1964.

Num velho caderno espiral, em folhas grossas escritas a punho, muito bem conservado, assim lemos:

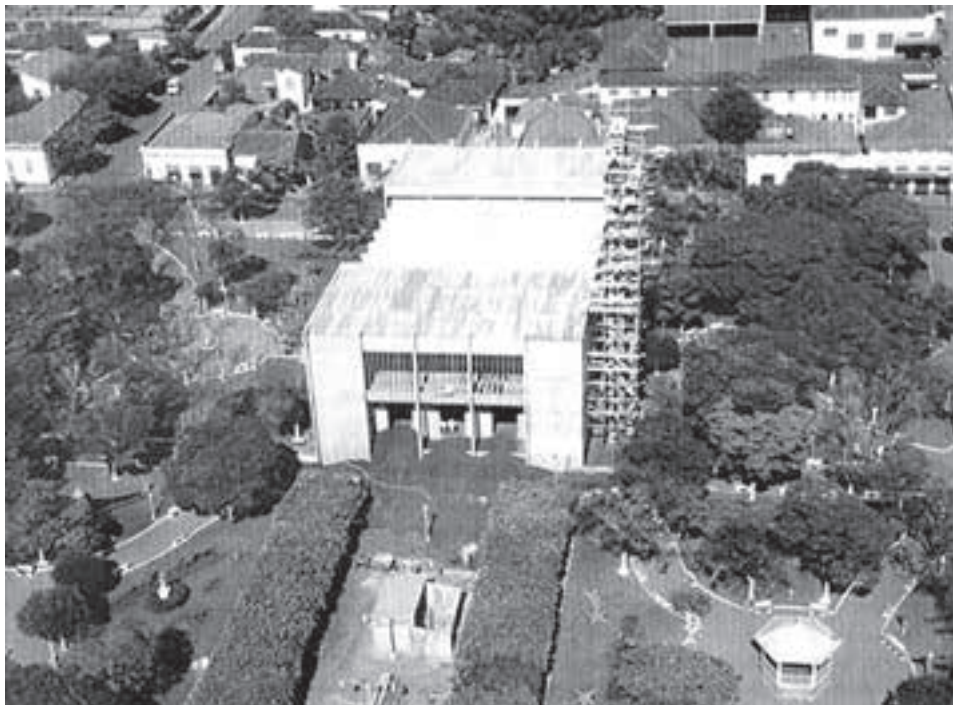
“Há muito tempo a nossa Igreja Matriz se tornara pequena demais, para conter os paroquianos. A população aumentava a olhos vistos e qualquer festividade, como missões, novenas, semana santa, vinha provar a urgência de se construir uma nova igreja. Era sonho de todos os párocos que por aqui passavam e que não se cansavam de pregar, em púlpito, pedindo a colaboração de todos. Eram enormes, porém, as dificuldades a transpor, e duas se agigantavam: a parte financeira e um presidente que encabeçasse a construção dessa igreja”  
“Deus escrito direito por linhas tortas”.  
Era nosso vigário (e graças a Deus ainda o é), o bondoso Pe. Mário Lano.



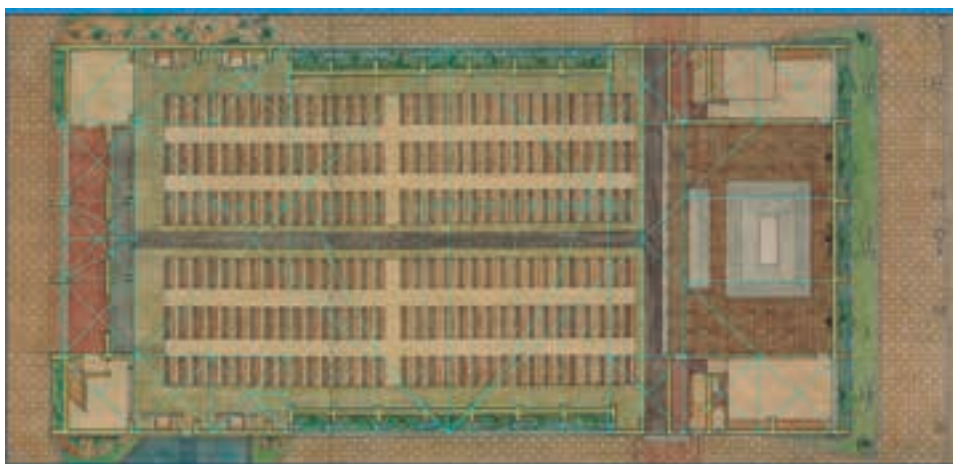
### **PADRE MÁRIO LANO NASCEU EM TREVISO D'ALBA,**

Padre Mário Lano nasceu em Treviso D'Alba, província de Cunico, Itália, aos 28 de junho de 1928, filho de Giovanni Lano e Virgínia Bodda; aos treze anos de idade entrou no Seminário de San Damiano D'Asti. Chegou ao Brasil em 24 de maio de 1957, indo direto para a cidade de Catanduva. Foi transferido para nossa cidade em 04 de janeiro de 1958. Conhecia todo o seu rebanho, a maioria pelo nome. As crianças do time de futebol dos Marianos, ele conhecia uma a uma e as queria nos primeiros bancos da Igreja, e “cobrava” a presença de todas na missa. Foi um exemplo de sacerdote, era um pastor por excelência, cumpriu fielmente sua vocação sacerdotal, e mais, exerceu em plenitude o que Cristo nos diz através do Evangelho de São Mateus: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”. Faleceu em 1985, e está sepultado em São Joaquim da Barra.

## 1964 - TODA DIFERENTE É UMA IGREJA



IGREJA MATRIZ, AINDA INACABADA – Foto de 1968.



PLANTA BAIXA da atual Igreja Matriz.

Como seus antecessores, sentia o enorme problema. Parece, porém, que achava mais difícil encontrar o presidente para a construção. Tanto assim, que pedia aos paroquianos que rezassem para Deus mandar o homem indicado para assumir a presidência da comissão pró Nova Igreja Matriz. Estávamos de viagem marcada para Santos e deveríamos partir dia 5 de junho de 1963.

Aconteceu que nossa filha Sônia queria inscrever-se no concurso de ingresso para o magistério, e só poderia fazê-lo mediante a apresentação do título de eleitor, provando que havia votado no “plebiscito”, cuja eleição seria no dia 6 de janeiro. Tentamos convencer Geraldo de que deveríamos ir no domingo cedo, logo após haver votado, pois assim o título dela ficaria aqui (ela se inscreveu por procuração), evitando o seu extravio.

Geraldo, que quando resolve uma coisa está resolvido (felizmente), não aceitou essa sugestão. Ficamos aflitos, não vendo outra solução. Ele, porém, no seu mutismo de sempre, estava arquitetando seus planos. Eis que surge no banco o Pe. Mário, que em conversa disse que iria a São Paulo dia 6, para levar a família do Prof. Ivo. E nesse exato momento, por linhas tortas, Deus indicou, na sua grande sabedoria, quem seria o tão longamente esperado presidente.

Geraldo, com muita naturalidade, pediu ao nosso pároco se poderia fazer o favor de ir até Santos a fim de buscar o título da Sônia. Pe. Mário, muito amigo e bondoso, mas também muito esperto, se prontificou a fazer esse favor, contanto que, em troca, Geraldo lhe fizesse outro: aceitar a presidência da comissão da Igreja. E Geraldo aceitou a proposta.

Dia 7, lá estava o padre Mário no lugar combinado para buscar o título, cumprindo sua palavra, e, por sua vez, Geraldo cumpriu a sua. Foi o início de uma longa jornada, que jornais, folhetos e fotografias contam em parte, neste arquivo. Planos inteligentes foram arquitetados por Geraldo e postos em prática por ele, parte da comissão e Pe. Mário Lano. Peço licença para deixar a modéstia à parte e declarar com toda a população joaquinese: Deus não poderia ter indicado melhor presidente.

Humilde, calado, mas de fibra, meu Geraldo tem posto, nessa grande obra, toda sua capacidade e boa vontade. Deus não me negou auxílio. O pároco, a comissão e, principalmente, o generosíssimo povo de São Joaquim, tudo têm feito para que tão grande empreendimento chegue ao seu término. E a grande matriz já se mostra em todas as suas magníficas linhas. E Deus, cada vez mais, tem cumulado nosso lar de bênçãos.

E, por isso, ainda agradecemos, por ter se lembrado de perpetuar o nome de Geraldo, junto a uma obra tão grande e tão santa. Obrigado, meu Deus.”

(Data desconhecida)

Iniciada em janeiro de 1964, a construção da Igreja Matriz de São Joaquim da Barra não sofreu nenhuma paralisação, até o seu término, graças ao apoio do povo mediante a promoção de diversas campanhas. Além disso, a nova Igreja contou sempre com a colaboração de 700 pessoas, que, durante 25 meses, contribuíram regularmente para o desenvolvimento das obras. A estrutura já estava erguida após 18 meses de serviços, mas a fase de acabamento prolongou-se por mais tempo. O projeto é de Ayrson Iabutti (1923-2017)<sup>13</sup>, de São Paulo; a construção foi confiada ao engenheiro Hélio Foz Jordão, de Ribeirão Preto; e os quadros da Via Sacra foram idealizados pelo escultor Lélío Coluccini, de Campinas.

---

<sup>13</sup> Ayrson Iabutti fez a vida como engenheiro civil em São Paulo, mas dizia que gostaria mesmo era ter se formado arquiteto. Se assim fosse, dizia, teria mais liberdade para trabalhar seus dons artísticos, que não eram poucos, conforme sua filha Claudia mencionou em reportagem à *Folha*, em fevereiro de 2017. Nascido no Rio, o nissei (filho de imigrantes japoneses, cresceu no distrito de Novo Oriente, que mais tarde se tornou o município de Pereira Barreto, onde seu pai tinha um mercado). Deixou a família ainda aos 12 anos para fazer vida na capital paulista, onde morou em uma pensão para jovens japoneses e estudou na Universidade de São Paulo (USP). Antes de deixar a construção civil e trabalhar até os 90 anos como perito técnico, construiu igreja em várias cidades do interior de São Paulo. Além da matriz de São Joaquim da Barra, construiu templos em Guaíra e Santa Rita de Cássia – Vila Mariana (São Paulo, capital), onde foi celebrada a sua missa de sétimo dia. Faleceu exatamente 48 anos após a inauguração da tão sonhada matriz de São Joaquim da Barra, no dia 30 de janeiro de 2017, aos 93 anos, vítima de infarto fulminante, deixando três filhas e dois netos.

A nova Matriz de São Joaquim da Barra conta com área construída de 1.250 metros quadrados; altura de 12 metros, e a torre onde está instalado um relógio eletrônico tem 33 metros de altura. Essa torre está separada do prédio por um lago e pode ser iluminada durante a noite. O prédio é revestido de pastilhas, em sua maior parte, e também de lito cerâmica. Para proporcionar melhor ventilação, foram colocadas 28 persianas.

Elaborado segundo os princípios da arquitetura moderna, nossa Igreja Matriz foi concebida tecendo relações simbólicas, geométricas e com os princípios da Geometria Sagrada. Observam-se os grandes quadrados em cada elevação lateral, ou, então, sua torre com 33 metros de altura.

A planta baixa também é elaborada a partir de um quadrado duplo, onde a diagonal de cada quadrado define o comprimento dos jardins elevados; o espaço definido é dividido em sete partes iguais (o número 7, na Bíblia, transmite a ideia de totalidade, interação, conclusão, perfeição e consumação), formando, em ambos os lados do edifício, as 14 estações.

Dividindo-se esse quadrado em cinco quadrados menores, (o número 5 representando as cinco chagas de Nosso Senhor), onde três deles formarão a entrada do Templo (o número 3 representando a Santíssima Trindade), e os dois outros, um de cada lado, também formarão três quadrados, até o jardim, em ambas as extremidades desse quadrado duplo. Esses quadrados menores, divididos em três partes, definirão a largura dos jardins mencionados. O espaço do altar possui relação com a divisão ímpar desse quadrado.

Os bancos de assento, organizados em duas fileiras de três, em ambos os lados, formam, em toda sua extensão, 33 unidades, assim como os 33 metros de comprimento do piso amarelo, onde os bancos estão inseridos. Observa-se que sempre ocorre o três ao lado do três, tanto no sentido numérico quanto no sentido geométrico, em planta ou elevações, concluindo-se, assim, que nossa Igreja Matriz foi concebida seguindo os princípios da Geometria Sagrada e tendo relações simbólicas com a idade de Nosso Senhor Jesus Cristo, ou seja, 33 anos.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Estudo da Arquitetura Sagrada realizado pelo arquiteto Antônio dos Reis Delmônaco.

Os vitrais, instalados no andar superior, no local destinado ao coro, não possuem figuras religiosas, e a variedade de cores, com a incidência da luz, produz efeito de movimento. Apenas três imagens figuram no novo templo. A maior delas é a de Cristo, com altura de 5 metros e 80 centímetros. As outras duas, São Joaquim e Nossa Senhora, contam 4 metros e 80 centímetros cada. A parte destinada aos fiéis foi construída em declive, com altofalantes em toda a volta. Próximo ao altar, no setor reservado à sacristia, há três amplos salões para reuniões e uma biblioteca de Liturgia. O Pe. Mário Lano, pároco de São Joaquim da Barra na época, lembrava que a matriz seguia todas as renovações litúrgicas introduzidas na Igreja Católica, após o Concílio Vaticano II (1962-1965). “Dessa maneira, o povo tem maior participação nas cerimônias e já temos sentido mesmo que o entusiasmo e o entrosamento entre a população e a igreja aumentaram sensivelmente”.

Explicava ainda que o altar, ao contrário das igrejas antigas, foi



Fonte: Acervo pessoal

**ESTUDO EM CRAYON SOBRE PAPEL VEGETAL**, do artista plástico Lélío Collucini, sobre a composição das três imagens do altar central. Confeccionada em terracota, a imagem mede 4,80m. Na conclusão da obra, foi removido o globo sob os pés da imagem de Nossa Senhora com o menino no colo, representando a Rainha dos Apóstolos, patrona dos padres doutrinários. A figura também faz menção à apresentação do Menino Jesus no templo.



colocado diante dos fiéis, assim como a pia batismal, o que possibilita a celebração de batizados durante a missa. “O moderno serviço de som permite que todos acompanhem as cerimônias e as palavras do sacerdote”.

O declive interior da igreja proporciona uma visão completa de todos os pormenores dos serviços religiosos. Seguindo, ainda, a renovação litúrgica, foram colocadas três estátuas. A de Cristo foi representada dentro de uma nova concepção, mostrando o momento da Ressurreição. Outra novidade é que o Santíssimo Sacramento está instalado fora do altar, que ficou exclusivamente destinado à celebração de missas”. Sobre os quadros que representam as 14 estações da Via Sacra, explicava, o vigário, que o artista Coluccini<sup>15</sup> pretendeu mostrar todas as etapas da peregrinação de Cristo, retratando unicamente as mãos.

---

<sup>15</sup> Lélío Coluccini nasceu na Itália em 3 de dezembro de 1910, numa pequena cidade que é província de Lucca, hoje conhecida como Valdicastello – Carducci. Em 1912, chegou ao Brasil acompanhado de seus familiares e estabeleceram-se em São Paulo; posteriormente, foram para Campinas. Família típica de artesões do mármore, razão pela qual seu pai e seus irmãos fundaram a Marmoraria Irmãos Coluccini. Tradicionalmente, as famílias italianas costumavam ensinar aos seus filhos todos os segredos da profissão. Artista plástico de fama internacional, fez seu nome no Brasil, onde até naturalizou-se, e muito contribuiu com seu trabalho, apesar de ter sido um homem muito modesto que sempre dizia: “sou um simples escultor, só isso sei fazer”. E fez muito para a cidade de Campinas, onde faleceu em 24 de julho de 1983.



Fonte: Acervo pessoal

**A IMAGEM ACIMA É O PADROEIRO SÃO JOAQUIM** com duas pombas no cesto, representando a apresentação de Nossa Senhora no templo.

Para o Sr. Geraldo Rodrigues Teixeira, presidente da comissão pró-construção da nova Igreja Matriz, “não seria fácil enumerar os grandes problemas de toda ordem que foram surgindo e que, graças a Deus e ao esforço de todo o povo, foram contornados”. Isso demonstrava “o quanto lhe foi concedido pela Divina Providência para a realização deste árduo trabalho”. E ressalta que “A felicidade só existe em função do ato de dar e não de receber. Assim, o homem se realiza pelo que ele possa fazer pelo bem comum e não pelo que ele possa acumular em bens materiais”.

Seguindo os ensinamentos cristãos, o Sr. Geraldo Teixeira demonstrava crer que todos nós temos uma dívida a pagar à sociedade em que vivemos, “pois sempre tem uma mão estendida aguardando o toque de outra mais generosa e pródiga”. Acreditava ele que, apesar das guerras, do egoísmo e da incompreensão, “possamos nós construir e distribuir tudo aquilo de bom que está dentro das nossas possibilidades de realizar. Desde o dia em que lançou a pedra fundamental do novo templo, o cardeal-arcebispo de São Paulo, então arcebispo de Ribeirão Preto, passou a fazer visitas inesperadas à cidade, para acompanhar o andamento das obras.

Nessas ocasiões, dom Agnelo Rossi costumava olhar os trabalhos e partir em seguida, deixando que somente operários da construção o recolhessem. Segundo o senhor Geraldo Teixeira, “apesar das dificuldades, houve paciência e compreensão dos problemas por parte do povo, o que permitiu realizar a obra sem interrupção”.

Conforme, ainda, suas revelações, a comissão ficou intensamente grata pela colaboração de todos, que em nenhuma fase faltaram interesse e apoio de todas as camadas da população. A comissão responsável pela construção da nova Igreja Matriz de São Joaquim da Barra, constituída em 1964, foi assim formada: Presidente, Geraldo Rodrigues Teixeira; vice-presidente, Osvaldo Dalpino; primeiro-secretário, Ivo Vanucchi; segundo secretário, Ivair Franco de Moraes; primeiro-tesoureiro, João Hyden; segundo tesoureiro, José Reis; José Teixeira da Silva, Francisco Carlos Rodrigues Junqueira, Osvaldo Rossini e Pe. Mário Lano.

## PELA JANELA DO TEMPO

Para a inauguração, o cardeal dom Agnelo Rossi foi aguardado pela população de São Joaquim da Barra, às 18h30 do dia 30 de janeiro de 1969, em frente à casa paroquial. Estava acompanhado dos arcebispos de Ribeirão Preto, dom Frei Felício César da Cunha Vasconcelos, e dom José Bernardo Bueno Miele. A bênção da nova igreja foi dada às 19h, seguida da celebração de missa por dom Agnelo Rossi.

Segue o discurso proferido pelo Sr. Geraldo Rodrigues Teixeira, presidente da construção da nova igreja matriz.

*São Joaquim da Barra em sua história em 30 de janeiro de 1969.*

*Uma data de grande significado para todos nós, que modesta e despretensiosamente colaboramos para a construção da sua nova Igreja Matriz, ora definitivamente construída e nesta data inaugurada. Não seria fácil e nem mesmo possível enumerar que os grandes problemas de toda ordem que foram surgindo e que graças a Deus e ao esforço de todo povo, foram contornados, uma demonstração sucinta de quando pode o homem unido e determinado a um fim e quando lhe foi concedido pela Divina Providência para a realização desse trabalho árduo, porém bem-intencionado. Todos nós temos sempre uma dívida a pagar à sociedade na qual convivemos. Há sempre uma mão estendida esperando o toque de uma outra mais generosa e pródiga; há sempre uma lágrima aguardando sorriso. A felicidade só existe em função do ato de dar e não de receber. O homem se realiza pelo que ele possa fazer para o bem comum e não pelo que ele possa acumular em bens materiais. Enquanto a guerra, o egoísmo, as incompreensões arrasam e destroem tudo do homem: a sua esperança, a sua fé e a própria vida (a vida preciosa que nos é dada por Deus para ser cuidada, burilada, e afinal devolvida) possamos nós construir, possamos nós distribuir tudo aquilo de bom que está dentro de nossas possibilidades.*

*É maravilhoso o que pudemos realizar em nossa comunidade em tão curto espaço de tempo. Não podemos esquecer o que nos foi dito por V. Em. dom Agnelo Rossi, no início dos nossos trabalhos: “as coisas de Deus são realizadas com paciência e devagar”. Paciência houve, sim, porém, tivemos a felicidade de ver os nossos trabalhos se desenvolverem aceleradamente e sem interrupção. Nesta data conseguimos, afinal, inaugurar com grande júbilo, o nosso templo de oração e meditação e que já tem sido admirado não só por nós (os corujas de casa) porém por todos aqueles que aqui aportam. Teríamos que ressaltar o bom gosto, a capacidade e honestidade profissional do Sr. Dr. Ayrson Iabutti, nosso arquiteto que, de São Paulo, nunca mediu esforços para acompanhar de perto o andamento das obras.*

*O empreiteiro construtor. Dr. Hélio Foz Jordão e seus capacitados auxiliares, que executa-os perfeitamente a contento o contrato assinado. O grande artista Sr. Lélío Coluccini, de Campinas. De nome internacional, deixando em nossa cidade o seu trabalho escultural, representado por 3 grandes imagens e uma via sacra sui-generis, onde mãos de detalhes impressionantes compõem os quadros de efeitos admiráveis. A nossa palavra de agradecimento aos humildes e prestimosos operários locais que executaram sem nenhum deslize ou omissão o seu trabalho de acabamento, dando o retoque e o brilho final.*

*Estendemos ainda nossos agradecimentos e uma palavra à parte às moças e senhoras católicas, a maioria delas ocupadíssimas donas de casa que, deixando os imprescindíveis afazeres domésticos, trouxeram auxílio e entusiasmo nas campanhas de fundos.*

*Aos prezados e incansáveis companheiros que compuseram a comissão de construção; ao Pe. Mario que conseguiu tudo (envolvendo tantos), fica o conforto da obra realizada, que ora submetemos ao julgamento de todos.*

## PELA JANELA DO TEMPO

*E, finalmente, para aqueles que generosamente contribuíram moral e financeiramente; ao povo em geral, reservamos o nosso maior reconhecimento. Tivemos exemplos comoventes de ajuda que nos deram a força suficiente para a conclusão da nossa missão. De nossa parte, não nos moveu nenhuma vaidade pessoal ou quaisquer outros motivos, mas tão somente o de bem servir a comunidade à qual pertencemos e da qual muito nos orgulhamos.*

*São Joaquim da barra, 30 janeiro de 1969*

*Geraldo Rodrigues Teixeira*

*Presidente da comissão de construção.*

No dia 14 de fevereiro de 1966, foi inaugurado o Seminário Rainha dos Apóstolos “Regina Apostolorum”, estabelecimento de ensino religioso dirigido pelos padres doutrinários. Os esforços para esse empreendimento devem-se muito a Rosa Consoni; Adolfo Ferrero e dona Thereza Vidal Consoni, que, com o esposo, doaram 4 alqueires de terras para a construção. Na ocasião, houve discussões para que o Seminário fosse construído em Ipuã, mas, com o esforço do nosso povo, ficou aqui mesmo, com a alegação de que o convento já estava em fase de acabamento, na proposta de suas estruturas atenderem às meninas e, o seminário, aos meninos. Com a saída dos padres doutrinários em 1992, a paróquia de São Joaquim ficou vacante até a chegada do padre Luiz Antônio Brentini. O seminário foi desativado e alugado para algumas entidades assistenciais por pequenos períodos, ficando grande parte do tempo abandonado. No ano de 2021, foi vendido e passará a abrigar a casa de Eventos Cristo do Lago que será inaugurado em junho de 2023.

**1969**  
**JANEIRO**  
**30**  
Quarta-feira

# INAUGURAÇÃO DA NOVA IGREJA MATRIZ de SÃO JOAQUIM DA BARRA

A Comissão Pró Construção da Nova Igreja Matriz de São Joaquim da Barra tem o prazer de convidar a Povo desta cidade e da região para assistir à inauguração da Nova Matriz no dia 30 de janeiro de 1969, às 19 horas.

Presidirá a cerimônia **S. Em. Rev.™**  
**DOM AGNELO ROSSI,**  
Cardeal Arcebispo de São Paulo.

O Povo esta convidado a comparecer às 18,30, em frente à Casa Paroquial para recepção e encerrada no local de São Paulo e os **INSIGNES ARCEBISPOS DE RIBEIRÃO PRETO,**  
**Dom Felício César da Cunha Vasconcelos**  
e **Dom José Bernardo Bueno Mielli**

São Joaquim da Barra, janeiro de 1969.

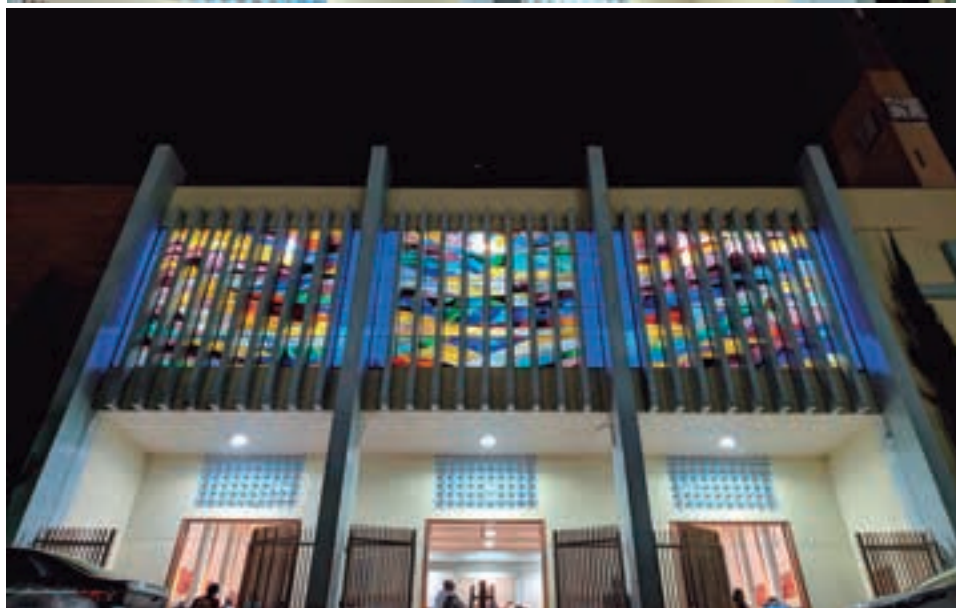
**A comissão:**  
Gervásio Rodrigues Teixeira  
Presidente  
Ezequiel d'Almeida  
Vice-Presidente  
Ivo Yonacchi  
1.º Secretário  
Domingos Franco de Moraes  
2.º Secretário  
Ivo Ruyten  
3.º Tesoureiro  
Lucio de Oliveira Falcões  
4.º Tesoureiro  
MEMBRAS  
José M. Masci, Antônio  
Leandro, José Reis, José  
Teodoro da Silva, Francisco  
Carlos Rodrigues Junqueira  
e Ezequiel Barros.  
Paulo Mário Lazz  
Vigário



Fig. Gustavo K. Sengler, 1969 - S. Joaquim da Barra

CARTAZ DE INAUGURAÇÃO DA IGREJA MATRIZ, que aconteceu no dia 30.1.1969.

## PELA JANELA DO TEMPO



ASPECTOS NOTURNOS DOS VITRAIS da Igreja matriz.

1967

SÃO JOAQUIM,  
A “CAPITAL DA SOJA”



## PELA JANELA DO TEMPO

Sem grande tradição de cultivo da soja, o Estado de São Paulo começou a despontar no final da década de 1960 como um dos mais importantes produtores do País. No Sul, o produto já era cultivado, em especial para o consumo da pecuária e também para exportação. A introdução do cultivo da soja na região foi feita pela colônia japonesa, por terem o hábito de usá-la como alimento. A imigração japonesa carregou consigo a semente dessa leguminosa para cultivo e consequente uso doméstico. Parece ter sido o Sr. Kindi Hayashibar o primeiro agricultor a plantar soja com objetivos comerciais.



*Fonte: Acervo do Autor*

**A PRIMEIRA FESTA DA SOJA ACONTECEU ENTRE OS DIAS 14 A 21 DE MAIO DE 1967**, com a bênção do Exmo. Revmo. Dom Bernardo Bueno Mielle – Arcebispo coadjutor de Ribeirão Preto.



**DR. CARLOS REZENDE ENOUT**, patrono de nossa Biblioteca Municipal.

A soja apareceu como cultura expressiva no ano de 1946, quando o Dr. Carlos de Rezende Enout plantou cinco alqueires na fazenda Aroeira, de sua propriedade, no município de São Joaquim da Barra.

A colheita era feita à mão e a soja era batida no terreiro. O engenheiro agrônomo José Gomes da Silva, auxiliado pelo seu colega Orlando Bartocci e outros, foi o grande incentivador do plantio dessa leguminosa.

A cultura da soja foi definitivamente instalada na região a partir de 1952.

Nos anos de 1952-53, a Companhia da Cultura da Soja promoveu um concurso no Estado de São Paulo e, pelo espírito e trabalho pioneiro da região, nessa década de 1950, aliado à produtividade dos fazendeiros joaquinenses, a cidade recebeu as seguintes classificações:

1ª lugar – Urbano de Andrade Junqueira – Fazenda Cachoeira Alegre;

2ª lugar – Nelson Rezende Junqueira – Fazenda São Luiz;

3ª lugar – Plínio Torquato Junqueira – Fazenda Santa Cecília.

São Joaquim foi o município pioneiro no plantio da soja, seguido de Guaíra, Morro Agudo, Guará e Orlândia. O grande sucesso no cultivo desse produto e o incentivo ao desenvolvimento de outros, como algodão e milho, deveram-se às inovações introduzidas no final da década de 1950 e no início de 1960, principalmente com a calagem e adubação do solo. A Festa da Soja 56 anos de tradição, foi um marco no calendário festivo da cidade de São Joaquim.

Pelo espírito e o trabalho pioneiro na região, aliados à capacidade produtiva dos fazendeiros joaquinenses, a cidade promoveu a 1ª Festa da Soja, que foi realizada entre os dias 14 e 21 de maio de 1967. A festa aconteceu ao lado dos terrenos da sede do São Joaquim Futebol Clube Espigão, na gestão do então prefeito José Abdalla Jabur. O presidente da comissão foi o Sr. Roberto Rezende Junqueira, assessorado pelo Prof. Luiz Olyntho Tortorello e por Wenceslau Teixeira (Lalau). Tortorello era vereador, na época e, com seu Projeto de Lei n. 57/1966, aprovado pela Câmara, instituiu a Festa da Soja em São Joaquim da Barra.

Cinquenta e seis anos decorridos e o evento continua alegrando os joaquinenses e toda a redondeza. No jornal *A Voz*, edição de 1ª de junho de 2001, consta o relato de um dos fundadores da Festa da Soja, contando um pouco de sua história.

*Um dos fundadores da festa da soja foi Alcides Mantovani, juntamente com José Olintho Tortorello que acompanharam a festa desde sua primeira organização.*

*Foram essas pessoas que deram início à festa e que cuidavam de todos os detalhes pessoalmente. De acordo com um dos fundadores da festa, Alcides Mantovani, a Festa da Soja era realizada em um terreno ao lado do clube do Espigão, onde depois da 3ª festa passou a acontecer na Lapa, na saída da cidade, e o prefeito naquela época era Roberto Rezende Junqueira. Naquele tempo todos os preparativos eram muito mais difíceis do que atualmente. Mantovani cuidava da parte administrativa enquanto que Venceslau Teixeira ficava encarregado de percorrer as fazendas trazendo cantores. “Naquele época era os violeiros que animavam a Festa da Soja”, ficava a cargo de José Olintho receber as autoridades que vinham prestigiar a Festa da Soja.*

*E os anos foram se passando e a tradicional Festa da Soja tinha que acontecer todos os anos em São Joaquim da Barra. Eram nove dias como se é hoje, tinha também exposições das empresas da Cidade, mas era de um tamanho menor do que se vê atualmente, com poucas condições, mas que a população também se divertia. Em 1971, entrou o prefeito Lair Loveran Deienno que continuou realizando a festa e que já foi melhorando as condições, no ano de 1978, foi a vez e José Abdalla Jabur que também foi um ótimo prefeito para a cidade de São Joaquim da Barra. Logo após foi a entrada de José Wagner Schmidt que continuou realizando a festa, e que devido a festa já ter se tornado uma tradição para a cidade, decidiu construir um local específico para a realização da festa da soja, foi quando construiu o Parque Permanente de Exposição Tancredo Neves. O parque de exposição foi construído no primeiro mandato de Schmidt, e que para mim foi um dos melhores prefeitos que São Joaquim da Barra teve, os outros também foram bons. Mas o prefeito Schmidt realizou muitas obras para a cidade.*

DEVOLVE O  
SANTO, BOY!

DEVOLVE O  
SANTO, BOY!

## DEVOLVE O SANTO, BOY!

O dia em que Rolando Boldrin roubou o santo da casa paroquial.

Uma boa história sempre provoca coceira na mente de um grande dramaturgo, né? Pode até dar filme, ou novela da Globo. Ao ouvir, um dia, contar a história do roubo de um santo padroeiro, uma de suas molecagens dos tempos de jovem, o dramaturgo Lauro Cesar Muniz vislumbrou logo um roteiro de longa-metragem: “Já pensou, Boldrin? Dito Preto, o seu amigo de São Joaquim, eternizado nas telas dos cinemas?”.

Qual o quê! Os anos voaram, meus cabelos nevaram, Dito Preto, achou de viajar fora do combinado e careceu essa pandemia pra que só agora eu arriscasse contar o caso exatamente como foi. É sabido que no interior, quando uma história cai na boca do povo, a metamorfose do exagero vem de lambuja. O povo gosta de dourar a pílula, enfeitar o pavão, como se diz.

Pra começar, não foi do altar da Matriz que eu, Dito Preto e o professor Alcir Pinhal, naquela noite, tivemos o ímpeto sacrossanto de convidar o padroeiro da cidade pra um romântico passeio pelas ruas boêmias de São Joaquim da Barra. Não. Foi da casa paroquial, mais precisamente do alpendre da residência do padre, na rua São Paulo. Lá estava ele solitário na parede, o meu santinho com os seus pombinhos nas mãos e uma velinha acesa, à espera do nosso honroso convite.

Violão nos braços, com o São Joaquim a tiracolo, todos juntos passamos a saudar como Folia de Reis, nas portas e janelas, os conterrâneos que



**BENEDITO VIGILATO DA SILVA**, o Dito Preto, inseparável amigo de Rolando Boldrin, faleceu em 1974. “Dito Preto, meu querido personagem enternecido. Engraxate do barbeiro. Ao Dito sou sempre grato, pois o ‘craque’ dos sapatos foi meu grande companheiro” – Rolando Boldrin.

comungavam das mesmas crenças musicais, regadas a caninha e cerveja. Depois de uma extensa via-sacra, meu São Joaquim passando por mares nunca dantes navegados, já de madrugada, tendo o querido amigo professor Alcir Pinhal seguido seu caminho, deixando agora ríamos a famosa saideira, somente dois irrecuperáveis boêmios à deriva, faríamos a famosa saideira.

O dono do único bar aberto, por tradição, era o Bar do Belarmino. O dono baiano era um exímio violonista e nas madrugadas nos brindava sempre com arroz e ovo frito e às vezes, de quebra, com um impecável solo de *Noturno n. 2*, de Chopin. No violão, Belarmino era, como diria meu pai, desassombrado. Ao nos abancarmos na única mesa de um desértico reservado do bar, Dito Preto solicita ao garçom: “Jantar pra três”, justificando assim, de forma brincalhona, a presença do terceiro e ilustre convidado que eu acabara de colocar no centro da mesa, meu abençoado padroeiro.

Ovos e arroz servidos por um garçom de má vontade, vem o brinde com a dita saideira bem gelada pra nossa já conhecida e emocionante despedida, com o sol já querendo lambar a cara da gente. Barriga cheia, pé na areia. O bar do Belarmino era conjugado ao posto de gasolina na rua São Paulo, onde às seis da manhã um ônibus que ia pra Capital pegava algum viajante retardatário. E lá fomos nós: meu santinho no bagageiro, embrulhado num papel de pão, e seu fervoroso devoto de ressaca cochilando, de volta pra São Paulo, deixando para trás o grande amigo Dito Preto a discutir com o garçom algum assunto sem importância.

Nos dias seguintes, preparei no capricho um nicho como santuário pra aquele que agora passaria a me proteger de corpo presente: o meu São Joaquim, santo padroeiro trazido diretamente da querida terrinha pro meu pequeno apartamento de solteiro. No sábado seguinte, obrigatoriamente voltaria a São Joaquim para o casamento de uma das minhas seis irmãs. Ao descer do ônibus na rodoviária, caminhando até a casa de meus pais, ouviria pelas ruas uns cumprimentos um pouco estranhos:

## DEVOLVE O SANTO, BOY!

- Oi, São Joaquim, como vai?

- Cadê o santo, Boy?

Tudo era muito estranho mesmo, pois ninguém flagrara o meu embarque solitário com o santo. Quem traduziria essa minha estranheza seria o meu irmão mais velho, o Tim, que deveras preocupado perguntou ao pé do meu ouvido:

- Cadê o santo?

- Que santo?

- O santo da paróquia. Padre Mário fez BO na polícia sobre o desaparecimento do santo e seu amigo Dito Preto desde então está preso na cadeia pública, denunciado por um garçom católico, congregado fanático.

O Dito nega-se peremptoriamente, heroicamente, a fazer uma delação premiada ou a confessar a autoria do tal roubo de São Joaquim

A fim de reparar essa injustiça, confirmo ao mano a molecagem e me disponho a devolver intacto, com pesar, o meu querido São Joaquim, tanto familiarizado com o meu jeito de vida em São Paulo.

Logo procuramos o querido e popular Pe. Mário, que compreendo inusitado da minha devoção justificada e se dispõe a mentir ao delegado, afirmando que o santo já se encontrava na casa paroquial e que tudo não passara de uma brincadeira inocente de um devoto fervoroso do milagroso São Joaquim. Assim, o Dito Preto ficou livre, já que palavra de padre é sagrada.

Quanto à cena da saída da delegacia, aí sim devo concordar com o meu querido dramaturgo, o Lauro Cesar Muniz, foi uma cena cinematográfica, felliniana. Tinha muita gente nas portas e janelas para assistir à passagem de quatro personagens perfilados: meu irmão, o Pe. Mário, este moleque e um Dito Preto de cabeça baixa, notoriamente envergonhado, claro.

O percurso felliniano terminaria na esquina do Bar Tupy, na praça central, quando num gesto de gentileza e gratidão ao querido Pe. Mario convidou todos para um drinque. O padre aceita. O Dito Preto não, é claro. Depois de tudo explicado, resolvido e perdoado, o bondoso Pe. Mário se despede e só aí, arrodado por uma multidão de curiosos no



## PELA JANELA DO TEMPO

Bar Tupy, o Dito Preto se põe a narrar do seu jeito inconfundível o caso da prisão, a partir da nossa emocionada despedida no Bar do Belarmino naquela histórica madrugada.



**FAMOSO BAR TUPY** (onde atualmente se encontra o Banco Itaú).

- Como estava com sono, acabei tirando uma pestana ali mesmo no bar, com a cabeça em cima das mãos. De repente ouço vozes por baixo dos meus pés e veio umas botas de soldados. Acho que, gente, uns três soldados, toda a corporação militar. Então escuto um berro.

- Cadê o santo que tava aqui? Onde está o santo que vocês roubaram?

- Que Santo, seu guarda? Nem sei do que tá falando. Tô dormindo sossegado.

O garçom fofoqueiro jura que era uma blasfêmia: “O santo tava comendo ovo frito e bebendo cerveja. Uma coisa absurda!”.

O senhor está preso.

Então, o Dito Preto continua: “Só fui acordar pra valer no outro dia numa fria cela da cadeia. Uma sede de matar, ressaca das boas. Eis que o carcereiro, o meu amigo Zeca, passa com balde e rodo pra limpar o chão e eu aproveito”.

## DEVOLVE O SANTO, BOY!

- Zeca, tô com sede. Vai me deixar morrer seco, meu considerado?

- Aí o Zeca foi legal. Bebi o balde inteiro. O mais duro na queda foi o delegado, que insistia: “Cadê o santo?” Ô mania de insistir com as coisas...

- Sei lá, doutor, nunca vi santo nenhum. Sou da linha do candomblé. Você estava em companhia de um outro rapaz. Quem é ele? Onde está ele?

- Sei lá, doutor, eu tava sozinho. Num ando mal acompanhado.

- Eu negando e o doutor apertando, fazendo visagem com um cassete nas mãos: “Você roubou ou não roubou o São Joaquim?”

Foi aí que ele deu a primeira cacetada com a borracha. E ele sabe onde bate, viu? Nem faz muito gesto pra bater, não. Foi bater e eu gritar: “Roubei a igreja inteira. Roubei todos os santos. Roubei o que o doutor disser que eu roubei”.<sup>16</sup>

Conclusão: Tempos depois, o próprio Dito Preto nos contou que um padre novo na cidade, substituto do saudoso Pe. Mário, enquanto engraxava os sapatos com ele na barbearia, teria perguntado por curiosidade: Benedicto, por acaso não foi você que, junto com um artista famoso da televisão, roubou o santo padroeiro da igreja? Seu vigário, recordar o passado é sofrer duas vezes. E tome cuspe no pano, pro brilho do sapato do padre.

**PADRE MÁRIO E O PROFESSOR NELSON SCHMIDT EM FRENTE À CASA PAROQUIAL E,** ao fundo, numa pequena peanha, ao lado da porta, o santo “roubado”.



<sup>16</sup> Rolando Boldrin Causos da Televisão “ao vivo” e... outras histórias, p.123.

2011

O CENTENÁRIO  
DA PARÓQUIA  
SÃO JOAQUIM

Nos últimos meses de 2010, às vésperas de completar o centenário da paróquia São Joaquim, o saudoso Pe. Evaristo de Oliveira, que esteve entre o rebanho joaquinense por 17 anos, havia sido transferido para a paróquia de São Sebastião, em Franca/SP, por provisão de dom Pedro Luiz Stringhini. A comoção entre os fiéis foi tamanha, pois muitos não aceitavam a decisão imposta, às duras penas, pelo bispo. “Como assim, às vésperas de nosso centenário retirar do nosso meio, o nosso mais antigo pároco?”

Muitas foram as comitivas até Franca, na residência do bispo que fica no Seminário, pedindo que o mesmo reavaliasse a provisão, ou que esperasse as festividades do centenário, todas elas sem sucesso. Palavra oficiada não se volta atrás, ainda mais do pastor responsável por guiar a porção desse rebanho.

Com a saída do Pe. Evaristo, chegou, entre o rebanho joaquinense, o Pe. Paulo Tavares de Brito, que seria responsável por dar continuidade às festividades do centenário. Nessa ocasião, fui convidado a participar da comissão organizadora. O brasão paroquial, que orna os paramentos, foi criado por mim e pelo Nathan Nozella, com o texto explicativo de Carlos Eduardo de Lima Nozela. As festividades religiosas ficaram ao meu encargo, da saudosa Marly Marteleto e do seminarista, hoje Pe. Adailson Ferreira de Oliveira, sob a direção do Pe. Paulo.

Nessa ocasião, conheci Rita Margarida Teixeira, hoje minha querida amiga, que produziu o hino do centenário da paróquia e outro poema. Ela também auxiliou-me no livro que lancei no mesmo ano, contando sobre o primeiro centenário. O livro foi patrocinado pela Usina Alta Mogiana e toda a renda arrecadada foi direcionada à Pastoral do Menor de São Joaquim da Barra.

Chegado o tão esperado dia pelo povo católico joaquinense, realizamos um tríduo preparatório que ficou organizado da seguinte forma: No primeiro dia, foram convidados os padres doutrinários que ficaram em São Joaquim de 1947-1992; no segundo dia, os padres que nasceram em São Joaquim; e, no terceiro dia, os padres diocesanos.

## PELA JANELA DO TEMPO

Na solenidade do dia 31 de março, a celebração foi presidida pelo bispo diocesano Dom Pedro Luiz Stringhini e todos os sacerdotes da diocese de Franca.

Encerrando as festividades daquele ano, no dia 26 de julho, tivemos a participação do Pe. Robson, reitor do Santuário do Divino Pai Eterno. A missa foi realizada no Parque de Exposições Tancredo Neves para aproximadamente 20 mil pessoas.

Dessas tantas memórias, o relato de Rita Teixeira, no *Jornal da Cidade*, traz vivo esse dia memorável de nossa paróquia.

*O olhar de quem não participa com regularidade talvez seja mais objetivo do que o de quem frequenta assiduamente os rituais da igreja católica. Foi o que pensei ao entrar no templo para assistir à última missa que fechava o tríduo de comemorações dos cem anos da paróquia. Dividia-me em duas pessoas: a redatora do jornal que levaria um ótimo tema, e a cidadã envolvida com as festividades por uma ponta de participação. Enganei-me! A objetividade necessária para transformar tudo aquilo em matéria jornalística não se manifestou. Meu coração, aos saltos, avisou que seria melhor esquecer o trabalho e concentrar-me apenas na extrema carga de emoções que se anunciava.*

*E, assim foi. O que segue, aqui, não é uma descrição concreta e objetiva do que foram aquelas quase três horas dentro da igreja; é mais, é subjetivo demais, porém com registros tão intensos, que me permitem narrar a beleza e a grandiosidade da festa, com fidelidade.*

*Igreja lotada, pessoas se movimentando, todos cantando o hino dos cem anos*

*(Minha ponta de participação). Nossa! Eu notava que a maioria sabia a letra de cor, e eu mesma, se resolvesse cantar junto, precisaria da folha, para ler. Senti que não poderia, o melhor era apenas observar de bico calado, porque as lágrimas*

*que já brotavam se transformariam num choro escandaloso que ninguém entenderia. Eu, anônima, desconhecida, chorando aos prantos ao cantar o hino da paróquia?*

*Nos primeiros minutos fiquei estática, apenas observando a parte física, aquele azul-céu tão lindo, tudo novinho, as três imponentes e maravilhosas esculturas do altar, em terracota, obras do artista italiano radicado no Brasil (Campinas), Lélío Coluccini; senti tanta saudade do meu amado sogro Geraldo Teixeira, que tanto batalhou por esta construção, e tanto orgulho senti pela obra pronta. O ritual de entrada, todos se preparavam para o início do ritual, os padres convidados posicionados na entrada, acompanhando o bispo dom Pedro Luiz Stringhini, a “estrela” da festa (permitam-me o termo profano).*

*Em seguida, entraram pelo corredor central, em linda e colorida procissão, apresentando do Bispo aos “noviços, novatos”, nem sei o termo adequado para os principiantes, passando por padres experientes que vieram enriquecer a festa. Entre eles (valho-me, aqui, da subjetividade que eu mesma me permito para esta matéria), Pe. Evaristo, tão querido. Notava-se a reação emocionada do público ao vê-lo entre os padres convidados. Poderia estar na liderança da festa, se não tivesse sido transferido, depois de 17 anos. Mas Pe. Paulo (que o substituiu), em seu pronunciamento durante a missa, foi respeitoso o bastante ao descrever sua chegada na comunidade joiaquinense.*

*Ambos, “operários de Deus”, apenas obedecem às determinações da cúpula da igreja, e seguem os caminhos determinados. Ovelha desgarrada que sou, ao me arrumar para o evento achava tudo inadequado, “esta roupa não combina com a situação; esta é perua demais; ih, muito pelada; calça comprida jamais”.*

*Só em uma coisa acertei em cheio: maquiagem quase zero, para não correr o risco de borrar tudo, e borrar! Com*

## PELA JANELA DO TEMPO

*isso, quase me atraso (para não fugir ao ritual mais comum de meu cotidiano). E, lá, surpresa, encontro mulheres vestidas informalmente, roupas coloridas, frescas, curtas, longas, calças compridas, sim. Tudo tão natural. “A igreja evoluiu, eu é que fiquei parada neste item”, pensava com meus botões. Dois momentos memoráveis: A leitura do ofício, de 31 de março de 1911, do bispo diocesano de Ribeirão Preto, dom Alberto José Gonçalves, que determinava a liberação para se construir a primeira paróquia da cidade, denominada paróquia São Joaquim, desligando-se assim da paróquia Divino Espírito Santo, de Nuporanga.*

*A leitura da mensagem do papa Bento XVI pelas comemorações do centenário da paróquia. Aplausos e cantoria uma festa verdadeira, sem economias. Os religiosos convidados foram efusivamente aplaudidos, anunciados por Pe. Paulo em seus graus na hierarquia. Os hinos, entoados por um grupo vocal admirável, afinadíssimo, lindas vozes. E a beleza se completava quando, ao iniciarem cada canto, a população entrava em uníssono, também afinada, e a igreja se enchia de um som verdadeiramente celestial. A tonta aqui apenas acompanhava as letras com os olhos, e arrepiava, arrepiava.*

*Presença das autoridades do Executivo, Legislativo, Judiciário, Tiro de Guerra, todos os setores representados por suas autoridades máximas: prefeita Maria Helena Borges Vannuchi; presidente da Câmara, vereador Rodrigo Borges Nicolau; juiz Dr. Alexandre Semedo de Oliveira: Pelo Tiro de Guerra, Wiliam subtenente, e Duarte Pistore, do Exército Brasileiro e chefe de Instrução do TG SJB. Também presente ao evento e integrado às outras autoridades, o ex-delegado seccional de SJB, Dr. Renato Tortorello. Meu “radar” que se pretendia objetivo, e cada vez mais subjetivo, captou dois momentos que merecem citação.*

*No primeiro, ainda no início, quando as pessoas chegavam ao recinto, observei um jovem entrar na igreja, impecavelmente vestido, fazer uma respeitosa reverência dirigida ao altar, e sentar-se em um dos últimos bancos, próximo ao meu. Tive a impressão de conhecê-lo, situação recorrente que vivo aqui, em minhas raras saídas pela cidade. Dirigiu-se a mim, Maysa Nicolau, e avisou de quem se tratava, e que ele deveria ser convidado a integrar-se às outras autoridades, posicionadas em seus lugares reservados na primeira fila de bancos. Claro que eu o conhecia, mas apenas por uma única foto sua divulgada: o juiz Dr. Alexandre Semedo de Oliveira. Fui falar com ele, apresentei-me e sugeri que ele fosse até o espaço reservado aos convidados especiais, e ele optou por ficar ali mais um pouco, em atitude de simplicidade rara. Óbvio que em poucos segundos alguém já o localizou, e o conduziu a seu lugar de honra. No segundo, a prefeita Maria Helena subiu ao parlatório para se pronunciar, e, em poucas palavras reverenciou as autoridades presentes: civis, militares, eclesiásticas; elogiou a grandiosidade da festa, resgatou a lembrança de seus momentos pessoais vividos na paróquia São Joaquim, e, sem nenhum receio de gerar melindres, citou o amado Pe. Mário Lano, figura absolutamente marcante na história desta paróquia.*

*O “novato” Padre Paulo, agora posso me referir a ele sem nenhum receio mais, pusemos nossos pingos nos is. Embora eu não seja membro da comunidade, posso afirmar que sua dignidade, seu jeito especial e alegre, sua postura firme, demonstram que será mais um a acontecer aqui, deixará marcas importantes. As palavras que ele usou para descrever sua chegada, e sua estada entre os joaquinenses, foram de tamanha sabedoria que não permitem interrogações. Valeu-se de passagem da bíblia, para comparar-se, e aos outros que aqui atuaram e atuarão, assim como o próprio povo, todos como “operários de Deus”.*



## PELA JANELA DO TEMPO

*E lembrou que identidades não se repetem, cada um tem à sua maneira única de interagir com o outro. E que faça o melhor de si para perenizar-se entre aqueles que lidera.*

*O ápice da subjetividade, em vários momentos, me senti um peixe fora d'água, e ninguém é culpado por isso, a não ser eu mesma, anarquista e descomprometida que sou. E muito me questiono se sou merecedora de alguns tantos milagres que posso constatar em minha vida. Mas a situação culminante se deu na segunda reza do Pai-Nosso, quando o bispo sugeriu que todos se dessem as mãos para rezar. Pensei, é agora! Rezar eu sei, mas esse negócio de dar as mãos. Senti-me como se estivesse numa tribo indígena e não soubesse os passos de seus rituais. Mas segui o ritmo, minhas mãos atadas à de uma mulher que não conheço, de um lado; e do outro, à de Ivani Florentino, que, por tabela, me passava a energia de seu Jaime, o único com quem já consegui conversar sinceramente sobre fé e religião.*

*Formaram-se vários cordões humanos unidos pelas mãos, e a oração começou. Cravei meus olhos nos olhos daquele “Cristo de braços abertos” (olha aí ele de novo, Padre Paulo), e nos trocamos muita coisa. Tomei, dei, pedi, devolvi, ouvi, agradei, questionei-me, arrependi, entreguei os pontos. Sou Dele, e passo-lhe o poder de tudo aquilo que minha pequenez humana é incapaz de resolver. Agora e para sempre, não importa quantas vezes nos vejamos fisicamente.*

*A festa no recinto da Lapa, ali, pude confirmar o quanto eu estava atrasada nos Costumes atuais, na relação do povo com seus líderes religiosos. Todos se beijam, se abraçam, brincam, dão risadas, alguns padres até ensaiaram uns passos de dança com mulheres da comunidade. E eu, em dúvidas se deveria me aproximar da mesa da prefeita, porque, com ela, estava o bispo, e eu não sabia se lhe beijava a mão ou elogiava seu traje fashion. Preferi evitar o mico. Comida farta, no capricho, música suave*

*pela linda voz de Beto Costa.*

*Parabéns entoado por todos, ao final, e os padres soprando as três velas dos 100 anos. Ensaiei resgatar um velho costume da antiga festa da Lapa, que frequentei “religiosamente” todos os anos de minha infância e adolescência, enviando um “correio elegante” ao padre Paulo, assim encerrando nossa “desavença” encerrando um novo pacto de amizade sincera. Ele merece, eu mereço. Parabéns à Paróquia São Joaquim. Parabéns a todos os religiosos que dela participaram e participam. Parabéns ao povo joaquinense, bondoso por natureza, cristão por merecimento. Ahh! Finalmente conheci o Fernandinho!*

## REFERÊNCIAS

- BACELLAR, C. A. P.; BRIOSCHI, L. R. **Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999.
- BARROS, Roque Spencer Marciel de. **Os poetas de Orlândia**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, ano 105, n. 33.461, 3 abril 1984, p.2.
- BASTOS, A. D. J. B. **Lendas e tradições da família Junqueira**. Orlândia: Hucitec, 1979.
- BOLDRIN, R. **Crônicas causos da televisão ao vivo e outras histórias**. Cotia: Câmara Brasileira do livro, 2021.
- CAMPOS, Américo de. **Inauguração de linhas férreas**. A Província de S. Paulo, São Paulo, ano 1, n. 185, 29 ago. 1875, p.3.
- CHIACHIRI, J. F. **Do sertão do rio Pardo à Vila Franca do Imperador**. Ribeirão Preto: Ribeirão Gráfica e Editora, 1986.
- ENOUT, C. R. **Genealogia da Família Enout**. São Joaquim da Barra: Bartira, 1964.
- FALLEIROS, L. O. **Memórias de São Joaquim, vol I**. São Joaquim da Barra: Ribeirão Gráfica e Editora, 1987.
- FALLEIROS, L. O. **Memórias de São Joaquim, Vol II**. São Joaquim da Barra: Legis Summa, 1995
- FALLEIROS, L. O. **Memórias de São Joaquim, Vol III**. São Joaquim da Barra: Legis Summa, 1998.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- IRMÃO, J. A. **Nuporanga minha terra**. Nuporanga: Editora Cúpulo, 1975.
- MARTINS, L. C. P.; KRILOW, L. S. W. **A crise de 1929 e seus reflexos no**

## REFERÊNCIAS

**Brasil: a repercussão do crack na bolsa de Nova York na imprensa brasileira.** História da Mídia Impressa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015, pag. 15.

MOLINA, M. M. C. **Jaburus e gafanhotos: disputas políticas na comarca de Orlandia (1917-1919).** Universidade Estadual Paulista, 2001. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual de São Paulo, Franca, 2001.

PRADO, A. A. **Crônica de Outrora.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.

ROSSINI, G. A. A. **Crise de 1929.** Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRISE%20DE%201929.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2023.

TEIXEIRA, R. L. **Casa Esperança.** Franca: [s.n.], 2021.

## Jornais

- **A Tribuna**, de 24 de dezembro de 1925, Diretor: Deodoro de Sá Macedo, pag. 04
- Artigos publicados no jornal **Cidade de São Joaquim da Barra**, sob a denominação de “Estórias do tio Assuero”, escritos a partir de janeiro de 1983;
- **O Nuporanga**, de 22 de fevereiro de 1901; De Domingos Cividanes.
- **O Nuporanga**, de 16 de fevereiro de 1901; De Domingos Cividanes
- **O Nuporanga**, de 10 de maio de 1902; De Domingos Cividanes, edição de 10 de maio
- **Folha Joaquinense**, de julho de 1962; publicações diversas
- **O Bandeirante**, de 19 de julho de 1938; Diretor Luis Borges, pag. 8
- **A Notícia**, de 11 e 25 de junho 1910; De Domingos Cividanes

## PELA JANELA DO TEMPO

- **A Notícia** de 17 de novembro do 1917; De Domingos Cividanes
- **A Tribuna**, de 22 de outubro de 1916; Diretor: Deodoro de Sá Macedo, pag. 03
- **O Município**, de abril de 1918; Diretor: Camillo De Figueiredo Dias, pag. 01
- **O Município**, de 26 de maio de 1918 Diretor: Camillo De Figueiredo Dias, pag. 04
- **O Nuporanga**, fevereiro de 1906; De Domingos Cividanes,
- **O Diário da Manhã de Ribeirão Preto**, de 10 de outubro de 1919;
- **A Tribuna**, de 30 de agosto de 1919; Diretor: Raul de Seabra, pag. 02
- **A Tribuna**, de 15 de outubro de 1919; Diretor: Raul de Seabra, pag. 04
- **A Tribuna**, de 04 de junho de 1922, Diretor: Deodoro de Sá Macedo, pag. 06
- **A Tribuna**, de 26 de abril 1925; Diretor: Deodoro de Sá Macedo, pag. 01
- **O Bandeirante**, de 31 de dezembro de 1950;
- **O Jornal**, de 8 de setembro de 1922; Diretor: Deodoro de Sá Macedo, pag. 01, escrito por: João da Rua
- **Correio Paulistano**, de 20 de março de 1933;
- **Correio Paulistano**, de 30 de maio de 1928;
- **O Jornal**, de 24 de julho de 1932; Diretor: Deodoro de Sá Macedo, pag. 01
- **A Tribuna**, de julho de 1932; Diretor: Deodoro de Sá Macedo, pag. 01
- **O Jornal**, de 3 de novembro de 1940 Diretor: Deodoro de Sá Macedo, pag. 01
- **O Bandeirante**, de 22 de abril de 1951; Diretor, Luis Meloni pag. 03, colaboradores diversos

- **O Bandeirante**, de 23 de dezembro de 1951; Diretor Luis Meloni, pag. 08, colaboradores diversos
- **Jornal Vitrini**, de 24 de junho de 2012; publicações diversas
- **A Gazeta**, de 18 de novembro de 1961
- **O Debate**, Vultos da cidade, de 19 de abril de 1953; Escrito por Sina Gôga, pag. 02.
- **A Voz**, de 1º de junho de 2001.

Os recortes e matérias utilizados dos jornais fazem parte do acervo pessoal do autor Fernando Antônio Dias dos Reis Júnior *A Gazeta*, de 18 de novembro de 1961.

## Revistas

- **Revista América de Ribeirão Preto**, ano 3, n. VIII, de julho de 1951.
- **América**, de Ribeirão Preto, ano 3, março de 1951.

Os recortes de revistas fazem parte do Acervo Pessoal do autor Fernando Antônio Dias dos Reis Júnior

Todas as imagens no livro fazem parte do acervo do autor, exceto:

- Pag. 70 – Acervo Usina Alta Mogiana;
- Pág. 204 – Acervo Silvia Barbosa de Freitas Sartorato;
- Pag. 205, 206 e 207 - Acervo Luiz Gustavo Junqueira Figueiredo;
- Pag. 238 – Acervo Santa Casa de São Joaquim da Barra;
- Pag. 240 - Acervo Santa Casa de São Joaquim da Barra;

*1ª edição* Junho de 2023  
*Projeto gráfico, diagramação e capa* Estúdio WIP  
*Revisão* Eva Barbosa  
*Tipografias utilizadas* Le Monde Livre STD e Ivy Presto Headline  
*Papel de miolo* Chambril Avena 80g/m<sup>2</sup>  
*Papel de capa* Cartão Supremo 300g/m<sup>2</sup>  
*Impressão* São Francisco Gráfica e Editora

Vivemos um tempo em que grande parte de nosso passado está se perdendo. O livro "Pela Janela do Tempo, Volume I", do historiador joaquinese Fernando Antônio Dias dos Reis Júnior, traz uma luz a esse túnel escurecido, abrangendo uma variedade de elementos como história, pesquisa, contos e poemas - todos relacionados à formação e ao desenvolvimento da cidade de São Joaquim da Barra, no interior de São Paulo, sua amada cidade natal. Com notável dedicação e empenho, o autor remonta às primeiras seis décadas de São Joaquim, desde sua fundação. O amor pela pesquisa levou Fernando Reis Júnior a se aprofundar, com rigor e ternura, nesta obra que atravessa as janelas do tempo, recontando o passado, conectando-o ao presente e acrescentando informações a fatos já relatados, com narrativas interessantes sobre personagens históricos e populares do lugar. "Pela Janela do Tempo" convida o leitor a explorar e imaginar um período essencialmente diferente, de maneira racional e afetuosa, sem distorcê-lo ou adaptá-lo.



Patrocínio



Realização



MINISTÉRIO DA CULTURA

